Leia Brasil
ONG DE PROMOÇÃO DA LEITURA

Prezado(a) Leitor(a).

Você está recebendo um livro em formato digital da Leia Brasil, Ong de promoção da leitura.
Este livro digital é somente para leitura e/ou consulta.
Nenhuma parte desta obra pode ser utilizada ou reproduzida, em qualquer meio ou forma, seja digital, gravação etc., nem apropriada ou estocada em banco de dados sem a expressa autorização da editora.

Obra protegida por direitos autorais.

Copyright © by Leia Brasil 2007.

Veja outras publicações da Leia Brasil em nosso site:
www.leiabrasil.org.br

Boa leitura

Ana Cláudia Maia
Editora

Jason Prado
Júlio Diniz
ORGANIZADORES

Vivências de Leitura

Quem são e o que dizem as pessoas que estão escrevendo a história da leitura no Brasil

Apoio
SESC
RIO DE JANEIRO
Leia Brasil
ONG DE PROMOÇÃO DA LEITURA

Vivências de Leitura

Jason Prado
Júlio Diniz
ORGANIZADORES

Vivências de Leitura

Quem são e o que dizem
as pessoas que estão escrevendo
a história da leitura no Brasil

SESC
RIO DE JANEIRO

Leia Brasil
ONG DE PROMOÇÃO DA LEITURA

Copyright © 2007 Leia Brasil

Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada
ou reproduzida, em qualquer meio ou forma,
seja digital, fotocópia, gravação etc., nem
apropriada ou estocada em banco de dados,
sem a autorização dos organizadores.

Capa/Editoração eletrônica
Fabio da Silva

Vivências de Leituras, Prado, Jason; Diniz, Júlio; Organizadores.
– Rio de Janeiro: Leia Brasil, 2007.
224 p. ; 22 cm .

ISBN: 978-85-61290-00-9

1. Depoimentos. 2. Literatura. I. Prado, Jason; Diniz, Júlio. II. Título.

Direitos exclusivos desta edição:
Leia Brasil, ONG de Promoção da Leitura
Praia do Flamengo, 100, Sala 902, Flamengo
CEP 22210-030 - Rio de Janeiro - RJ
Telefax: (21) 2254-7108
www.leiabrasil.org.br
leia@leiabrasil.org.br

Sumário

O lugar da leitura e suas vivências 7
SESC Rio

Porque "viver não é preciso..." 9
Jason Prado

Narrar é preciso 20
Júlio Diniz

Biblioteca Nacional: uma história por contar 25
Affonso Romano de Sant'Anna

Eventos que fazem pensar 43
Afonso Borges

Com licença, mas eu acredito em amor eterno 47
Ana Cláudia Maia

Balanço 52
Bartolomeu Campos de Queirós

Simpósio Internacional de Contadores de História:
um encontro para muitas vozes 56
Benita Prieto

Vivências de Leitura 63
Carmen Lozza

Nas entrelinhas da vida e do fomento à leitura 71
Cleudene de Oliveira Aragão

Meu Broto de Leitura: leitura de histórias, contos, poesias... para bebês ... 81
Creuza Soares

Cátedra Unesco de Leitura Puc-Rio: por uma rede de serviços
e informações online 89
Eliana Yunes

Entrtevista: Ezequiel Theodoro da Silva e o pioneirismo do COLE 94
Ezequiel Theodoro da Silva

Arraial alheio 100
Francisco Gregório Filho

Entre a universidade e a rua: experiências de um professor editor 111
José Castilho Marques Neto

A FNLIJ às vésperas dos 40... 121
Laura Sandroni

Formação de leitores: introdução ao mundo da leitura literária
Reflexão a partir de uma experiência 127
Magda Soares

Cidades leitoras: vivências de encantamento pelo livro 131
Marcelo Soares de Andrade

Leia Brasil – uma conexão com a educação: Relato de uma
coordenadora apaixonada 139
Maria Helena Ribeiro

Vivências de Leitura, algumas inquietações Um breve relato
sobre experiências de leitura no SESC Rio 148
Maria José Gouvêa / Vagner da Rosa Amaro

Como se fizesse um cavalo 153
Marina Colasanti

Fernando Pessoa, meu caro Watson... 162
Marisa Lajolo

Making of de Fernando Pessoa, meu caro Watson
(ou os bastidores de um conto) 166
Marisa Lajolo

Relato com livros, histórias e alumbramentos 175
Marta Morais da Costa

A leitura & eu 183
Paulo Condini

Lições de três escritores 189
Regina Zilberman

Paixão não se explica: quem experimenta sabe 198
Sueli de Oliveira Rocha

Entrelaçando minha história de vida com livros 214
Tania Mariza Kuchenbecker Rösing

O lugar da leitura e suas vivências.

As pesquisam nos informam que, e este não é um dado somente brasileiro, poucos lêem. Por este motivo, uma das possibilidades para o encantamento pela leitura é o uso da maior variedade possível de intertextualidades, multiplicando as possibilidades leitoras e as formas de captar em profundidade as emoções, transformando-as em vivências. Como diz o pesquisador Júlio Pimentel Pinto, autor de *A leitura e seus lugares*, toda leitura é definitiva, toda leitura é provisória. Aquilo que lemos — e como lemos — ficará inevitavelmente marcado. Mas pode ser revisado com facilidade. Basta, para isso, uma nova leitura. Daí a leitura ser tão interessante e o lugar do leitor, privilegiado.

As vivências de leitura do SESC Rio são norteadas por conceito amplo, expresso pela realização de práticas consistentes que visam à promoção da leitura e da literatura sem os limites habituais. Dessa forma, o Programa de Leitura e Literatura do SESC Rio baseia-se na transversalidade, por meio do trabalho com diversas linguagens e pela busca da qualidade, na forma e conteúdo, de sua programação. E ainda, pela otimização dos espaços - sejam eles bibliotecas ou não, renovação dos acervos e modernização tecnológica dos sistemas de recuperação, com ênfase no cunho socioeducativo e cultural de suas ações, contribuindo para a formação de leitores críticos e criativos. De livros e do mundo.

Investido destes princípios, o SESC Rio reafirma seu compromisso na consolidação de alianças que fortaleçam a democratização da leitura por meio de diferentes iniciativas. Como esta parceria na publicação *Vivências de Leitura*

com a ONG Leia Brasil. Acreditamos que ao reunir relatos de profissionais e pesquisadores, aumentamos o diálogo sobre o tema, aproximando iniciativas e traçando um painel de uma parte da realidade brasileira na área de promoção e difusão da leitura e da literatura. Acredite, ler os textos aqui reunidos pode ser uma boa e inspiradora vivência.

SESC Rio

Porque "viver não é preciso..."

JASON PRADO

"Cada um sabe a dor e a delícia de ser como é".
Caetano Veloso, em *Dom de iludir*.

A cadeia produtiva do livro no Brasil (maneira sofisticada para tratar a indústria editorial), é um dos maiores fenômenos deste planeta, não só pela quantidade, qualidade e preço dos livros que põe no mercado, mas principalmente pelos paradoxos que produz.

O mais gritante deles, sem dúvidas, é este: a indústria do livro vai bem, obrigado. Mas os índices de compreensão de leitura são cada vez piores, e atingem proporções de calamidade, de tão vergonhosos.

Antes de entrar nessa questão mais detalhadamente, apenas para justificar o que disse e roteirizar nossa argumentação, veja se não são realmente inusitadas e inconcebíveis algumas dessas situações vivenciadas com exclusividade no nosso país.

• Em outubro de 2003, o Governo Federal promulgou a Lei do Livro (nº 10.573), desonerando (acabando com impostos) a produção dos livros, com dois objetivos:

1. diminuir seu preço de venda ao consumidor, permitindo a compra por um maior número de pessoas; e

2. criar um Fundo de Incentivo à Leitura, com a contribuição espontânea de 1% do faturamento das editoras para a promoção dessa atividade.

O Governo abriu mão de aproximadamente 300 milhões de dólares em impostos anuais, que poderiam construir e abastecer centenas de bibliotecas, esperando arrecadar 20 milhões de dólares / ano para atividades de incentivo. De quebra, diminuiria o preço ao consumidor.

O que você acha que aconteceu?

• Apesar de ser um mercado com faturamento anual de aproximadamente US$ 3 bilhões, o único escritor brasileiro que pode viver de direitos autorais é Paulo Coelho. Todos os demais vivem franciscanamente, complementando suas rendas com palestras, artigos, conferências etc.

• A despeito de todo o avanço tecnológico da indústria gráfica, os editores – que são empenhadíssimos nas campanhas contra a pirataria e a fotocópia – não conseguem produzir cópias numeradas de suas edições, de modo a proteger seus autores.

• O Ministério da Educação é o maior comprador de livros do país. Somado a outras instâncias governamentais, atinge a média de 65% do volume vendido.

Ainda assim, das 240 mil escolas públicas brasileiras, apenas 20 mil são contempladas pelo PNBE – Programa Nacional de Biblioteca Escolar, e possuem um acervo mínimo de qualidade (com mais de mil títulos). As demais não sabem o que é livro de literatura na rotina escolar.

• Poderia se alegar que quem faz política de livro e leitura no Brasil são os governos. Porém, desde que D. João VI trouxe a prensa e a Biblioteca Real para os trópicos, quem indica os dirigentes desses departamentos são os empresários do setor editorial, sempre escolhidos entre eles próprios.

• Quem cuida do livro e da leitura no governo é o Ministério da Cultura, que não tem verbas, cuida de patrimônio, artes cênicas (incluindo cinema e audiovisual), artes plásticas, músicas e espetáculos.

Enquanto a educação tem um orçamento garantido constitucionalmente de 18% da arrecadação, a cultura trabalha com 0,2% e, mesmo assim, a maior parte decorrente de renúncia fiscal.

• Sob a alegação de que incentivam a leitura, as Bienais do Livro e demais Festivais Literários são sempre subsidiados (quando não promovidos) com dinheiro público.

O subsídio é dado sob diversas formas: cheques-livro, que não podem comprar nada sem que sejam complementados pela poupança do con-

templado; aquisições maciças de livros para as escolas e professores; excursões de crianças às feiras para que mobilizem seus pais...

• Por que, nas feiras literárias, onde os livros são vendidos diretamente pelas editoras, sem os custos de distribuição e varejo, os preços praticados nunca são inferiores aos de mercado?

• Por que um livro custa – em média – mais que 10% do salário mínimo?

• Os recursos incentivados na rubrica "livro" custeiam "*livros de arte*" (quase sempre relatórios de sustentabilidade empresarial, ou com temas correlatos à suas atividades econômicas), dados pelas grandes corporações como brinde a quem não precisa de subsídio para comprá-los. Mas não podem custear coletâneas de escritores, concursos, edições de literatura e assemelhados.

• Para sair do assunto sem cansá-lo, precioso leitor, mais umas poucas questões para as quais não encontramos respostas: onde estão os 400 milhões de livros produzidos e vendidos ano-a-ano neste país? Por que não temos o hábito de emprestar livros (como alugamos filmes ou assistimos a eles nos cinemas)? Por que não temos bibliotecas públicas em número suficiente? Por que as bibliotecas nunca têm os livros que as pessoas querem ler? Finalmente, a eterna dúvida: será que aumentar o número de leitores não aumentaria naturalmente o tamanho do mercado editorial?

Não se pense que o Leia Brasil seja contra os editores, os livros, os escritores ou os livreiros. Livros e editores são essenciais para a estruturação e formação cultural de qualquer ser humano. Por conseqüência, de povos e nações.

É claro que há editores e editores. Não se pode comparar 7Letras e Manati, por exemplo, com outras mais competitivas...

O julgamento que fazemos é do pensamento corporativista do negócio. Pensamento que se curva e se amesquinha diante da perspectiva de ganho imediato, e se exacerba frente a um estado omisso. Típico de um país que reclama da falta de livrarias, mas não se importa com a falta de bibliotecas; onde a escola privada se fortalece cada dia mais, indicando os gestores da política educacional, assim como os editores indicam os responsáveis pelas políticas públicas para o livro.

Há muito que se fazer pelo livro, pela leitura, pela educação e pela cultura neste país. O que não é nada elegante é ter a força para aprovar leis de isenção fiscal, e não fazer nada para que o Estado aumente a quantidade de bibliotecas. Ter o MEC como principal cliente, e não fazer nada para que os professo-

res tenham uma formação mais consistente em leitura e literatura. Publicar 400 milhões de livros por ano, e não fazer nada para que os novos e antigos escritores brasileiros, sequer vislumbrem viver de sua arte/ofício.

Tudo isto é próprio de um povo que foge do trânsito congestionado pelo acostamento.

Agora voltemos aos fatos: nossos índices de leitura!

Um ex-secretário executivo da Câmara Brasileira do Livro, precisando de um número que demonstrasse como se lê pouco no Brasil, mas partindo de uma lógica estritamente comercial, fez uma conta cartesianamente simples: dividiu a quantidade de livros vendidos durante o ano, pela população do país.

A conta é lógica, mas espelha outra informação, que é a relação de livros comercializados por habitante. Vem daí a frase cabalística: ***o brasileiro só lê 1,9 livros por ano***. Ficaria oco se fosse dito: o brasileiro ***só compra*** 1,9 livros por ano. Poderia suscitar outras considerações, como: e quantos tubos de pasta de dente? Ou: e quantos quilos de carne bovina? Ou rolos de papel higiênico?

Dita como foi, tornou-se fundamento de uma das grandes falácias brasileiras, repetidas à exaustão por autoridades, editores, pesquisadores e outros estudiosos do ramo. Esse dado consta, por exemplo, do arrazoado da Lei do Livro apresentada pelo Senador José Sarney, corroborado pelos Ministros da Cultura e da Educação, além do Presidente da República.

Na verdade ele nada tem de grave, a não ser justificar gastos públicos e a formulação de políticas tão equivocadas quanto ele.

Os números que de fato refletem os índices de leitura nunca foram produzidos no Brasil. Nem por estimativa, muito menos por amostragem. Aliás, nunca ouvi dizer que ele exista em algum lugar do mundo, dado que pode variar radicalmente de uma situação para outra, dependendo da função, do ambiente, da área geográfica, da condição social, do gênero, da faixa etária, e de diversas outras características do leitor...

Há muito pouco tempo (uns quinze anos), foi que se começou a medir uma outra coisa – esta sim, de suma importância –, que é a ***compreensão de leitura.***

É nesse índice que o país está ficando reprovado. Nada menos que **95,5 %**[1] dos alunos na quinta série do ensino fundamental (dizendo-se de outra forma: apenas quatro em cada cem), têm o mínimo de compreensão de leitura para o tipo de texto que é esperado deles, para serem qualificados como ***satisfatórios***. Equivale a uma nota ***três***, numa escala de ***um*** a ***cinco***.

No ensino médio, **67%**[2] dos alunos brasileiros com 15 anos de idade (apenas três em cada dez), independentemente da escola ou da série em que estudam, compreendem os textos para o nível de sua escolaridade.

Finalizando, **57%**[3] dos alunos que concluem onze anos de estudo (o tempo de duração dos níveis fundamental e médio) saem das escolas com índices insatisfatórios de compreensão, ou seja, não entendendo nada do que lêem. Como podem fazer contas, ler manuais, entender as leis e votar?

Esta situação é tão absurda quanto a proposta pelo filme *A escolha de Sofia*. É como se um, em cada dois brasileiros que entram na escola, estivesse condenado a sair dela, onze anos depois, reconhecendo os sons das palavras e sabendo apenas assinar o próprio nome, em contratos que poderiam estar impressos em mandarim arcaico.

Chega de paradoxos e questões difíceis. Não somos iconoclastas.

Esse preâmbulo foi apenas para situar nosso propósito com este *Vivências* não por acaso, **um livro**, que **nós estamos publicando**.

Acontece que, contra tudo e contra todos, algumas pessoas estão travando uma guerrilha silenciosa em favor do letramento[4]. Muitos, até, mais antenados, começaram este trabalho porque viram longe. Outros, por pura poesia e deleite...

O fato é que elas estão escrevendo a história da leitura no nosso país.

Ao contrário do que parece, entretanto, nossa proposta não é promover um culto à personalidade. Por mais relevância que nossos convidados tenham, por mais significativas que sejam suas obras, jamais pensamos em reunir seus depoimentos com o intuito de evidenciá-los como heróis, dando aos seus feitos ares de grandeza.

Estes, grandes ou pequenos, serão registrados – e possivelmente glorificados – a tempo e a hora, se já não o foram. Portanto, provar que "alguns animais são mais animais que os outros", como disse George Orwell em suas reflexões revolucionárias, não é nosso projeto.

O que pretendíamos fazer aqui era reunir experiências (em nossa opinião, algumas das mais significativas do Brasil nas últimas décadas), para que fosse possível compreender a motivação, o ambiente, as dificuldades e as gratificações que cada uma dessas pessoas comuns teve, ao se lançar na luta pela formação de leitores.

Estamos interessados em fazer um registro de ***como*** e ***porque*** essas pessoas se envolveram numa tarefa tão pouco valorizada quanto estimular a leitura.

O fato é que a leitura, ao contrário da escrita, só começou a ganhar relevos

de importância – principalmente no Brasil – há menos de uma década[5], e até hoje ainda não é encarada como deveria por nossa sociedade.

Em outras palavras, poderíamos dizer que as razões pelas quais o homem ***escreve*** foram debatidas à exaustão.

Platão, séculos antes de Cristo, citou Thoth, nome grego para Djehuty, deus egípcio da sabedoria, como o responsável pela invenção da escrita.

Derrida, na França do século XX, estudou Platão e teceu considerações sobre o uso político e ideológico que fazem dela.

A associação da escrita com a necessidade de perpetuação das idéias e do humano – "narrar é resistir", como dizem de Sherazade – também foi visitada exaustivamente pela humanidade. Uma coisa foi atrelada à outra e, a partir de então, tornadas indissociáveis: o homem escreve porque precisa transmitir; transmite porque não quer acompanhar a finitude de seu corpo na vida terrena...

O que muito pouco se sabe, até hoje, é ***por que os homens lêem***?

Evidências para esta afirmação tão definitiva?

Não fosse assim, Humberto Eco não teria escrito *Ensaios sobre a Literatura*. Paulo Freire não teria publicado, em 1992, um livro intitulado *A importância do ato de ler*. O Brasil não teria criado o Proler no mesmo ano; a Organização para a Cooperação e o Desenvolvimento Econômico (um dos muitos braços da ONU) não teria se empenhado em conhecer o grau de compreensão de leitura em mais de 40 países, no ano 2000.

Repetimos, então, a pergunta: por que lemos?

A resposta aparentemente óbvia – *lemos para obter informação* – deixa muito a desejar.

Principalmente porque, em pleno século 21, esta resposta seria excessivamente simplista: a informação já não pode ser vista como algo unívoco. O famoso pingo do i – que já foi letra para quem soubesse ler – pode e deve ser considerado como um saber enciclopédico. Os textos se superpõem em camadas de possibilidades infinitas, às quais estão apensas todo o conhecimento humano.

Então não podemos mudar a pergunta? Não seria correto perguntar que tipo de relação com a informação o sujeito leitor está tentando – ou lhe é permitido – estabelecer?

Talvez isso nos ajudasse a entender por que uns lêem, outros não. Ou por que não interessa a alguns que todos possam ler. Em última instância: por que isso não foi também debatido à exaustão como o ato que lhe precede?

Bem, estas questões ***também não cabem neste livro***, até porque, quando muito, mal sabemos formular as perguntas, quem dirá respondê-las.

Agora proponho trocar de assunto.

Nos últimos dezesseis anos, vivi altos e baixos como criador e gestor de um projeto de incentivo à leitura ao qual chamamos de Leia Brasil.

Não só pelo número de anos, mas pela enorme quantidade de pessoas que passaram por sua rota, e pelos desdobramentos que teve em outros projetos (Caravana da Cultura, Ver & Ler, Leitura Ampla, Cadernos de Leituras Compartilhadas, Trapiche das Artes, Curso de Agentes de Leitura, Bienal da Leitura de São Gonçalo, formação de bibliotecas, entre muitos outros), o Leia se tornou um dos eixos de minha vida.

A estrada que percorremos – sem metáfora com o percurso de nossos caminhões-biblioteca – foi marcada por um número inenarrável de outras vidas, a quem tocamos das mais variadas formas, provocando toda espécie de sentimento: do amor ao ódio; da repulsa à admiração. Mas quase nunca de indiferença.

Tivéssemos tomado nota (e aqui estou falando em nome de todos os que me ajudaram a fazer esse caminho), não teríamos espaço para guardá-las.

Algumas dessas pessoas estarão presentes neste Vivências, mas há muitas mais. Muitas outras que nos permitiriam, com seus relatos, construir um belo cenário do que tem sido promover a leitura nesta virada de milênio.

São tantas que até temos o projeto de publicar um segundo volume de Vivências, exclusivamente com os educadores que fizeram o Programa acontecer nas Secretarias de Educação e nas escolas por onde passamos.

Neste livro, não poderão faltar nomes como Alda, Gisele, Valmir, Laís, Eugênia, Georgina, Débora, Dorinha, Nádia, Pensilvânia, Telma e Zilma[6], representando mais de uma centena de professores, com lindíssimas histórias pessoais de dedicação à leitura para contar.

De vez em quando, os reflexos deste trabalho me põem em contato direto com o passado. Sempre tem alguém visitando nossa página na rede e nos mandando mensagens saudosas, sugerindo caminhos, narrando experiências ou simplesmente pedindo apoio para algum projeto. Talvez porque durante muito tempo tenhamos sido patrocinados com exclusividade pela Petrobras, ou porque temos Brasil integrado ao nome, há muita gente pensando que nadamos em dinheiro.

Há também os companheiros mais presentes, como o próprio Júlio, ou Ezequiel, Marina, Bartolomeu e Alcione, com quem tenho estado com muita freqüência nesses últimos cinco ou seis anos, peregrinando e perorando em busca de novos leitores país afora.

Normalmente em viagens, sobra tempo para conversa. Como não poderia deixar de ser, contamos casos, atualizamos informações, conspiramos, conjuramos o mal – sim, há um lado negro da força na leitura – e, invariavelmente, falamos em registrar esses relatos para a posteridade.

Alguns, como Affonso Romano de Sant'Anna, sempre me instigam a contar a história do Leia. Lutas que foram travadas com sua ajuda (ou sob sua proteção e influência), por exemplo, quando presidente da Biblioteca Nacional. Ou outras passagens mais pitorescas, como o Comitê Gestor que criamos para o Leia Brasil, com o propósito de institucionalizar suas ações, e que quase o implodiu totalmente "por pura inveja", como me disse dentro de minha sala o seu Presidente, Ottaviano De Fiore, então Secretário de Políticas Culturais do Ministério da Cultura.

Já outros, como Eliana Yunes, me deixam com vontade de publicar os "bastidores", em lugar deste "vivências". Ouvir Eliana é reconstruir minuciosamente o passado, com múltiplas perspectivas, como naqueles programas de televisão em que há câmaras espalhadas por todos os lados, gravando o tempo todo. A cada relato entendemos mais um movimento, percebemos mais uma peça se encaixando, compreendemos o quanto há de subterrâneo nesta cruzada.

Se consegui resistir até agora a essas duas orientações, foi muito mais por consciência de minhas limitações do que por falta de ambição.

A seguir a linha sugerida por Affonso, me faltaria a verve de pesquisador / narrador, necessária para tornar a peça minimamente interessante.

A tomar a iniciativa de Eliana, me faltaria a legitimidade de personagem de primeira grandeza nesse universo de estrelas e egos, que gravitam em torno de um mercado de mais de US$ 3 bilhões por ano.

Pois foi na confortável posição de estar publicando o resultado de uma pesquisa desenvolvida pelo Departamento de Educação da Universidade Federal Fluminense, realizada sob coordenação de Carolina Araújo[7], sobre os impactos do Leia Brasil nas escolas públicas do Estado do Rio de Janeiro, que resolvi organizar este livro com o Júlio Diniz.

Durante muitos anos, ouvi essa insistente pergunta: vocês têm dados que comprovem esses resultados?

O tempo todo costumamos dizer que, se uma única criança, ou uma única professora, se tornasse uma leitora apaixonada e, de fato, começasse a desenvolver um pensamento crítico no seu dia-a-dia, então teria valido a pena.

Pois bem, a pesquisa está publicada. De fato pudemos evidenciar, de maneira inequívoca, o que a leitura faz dentro do aprendizado; como ela instru-

menta a construção da identidade e da subjetividade, e de que forma seu emprego modifica as relações dentro da escola, envolvendo toda a comunidade em projetos extraclasse.

Por isso fica mais fácil falar de impactos intangíveis, colhidos na observação ou em relatos de pessoas emocionadas; aliás, esta é a chave para o que não se mede: emoção.

Não são poucas as demonstrações dessa natureza que testemunhamos. Professores que voltaram a estudar, dirigentes de ensino que passaram a apostar na educação continuada *em serviço*, crianças que começaram a ler poesia em hospitais, alunos que sentiram muita vontade de ir pra escola...

É com esse tipo de história impregnada de emoção que pretendo deixar você com os demais depoentes. Transcrevo a íntegra de uma carta (respeitando, inclusive sua grafia) que recebi de uma aluna de Sumaré, São Paulo, em 1998.

São coisas assim que dão sentido ao viver.

"Sumaré, 17 de setembro de 1998.

Diretor GERAL Jason Prado.

Ilmo Srs:

Tenho muita honra de estar escrevendo para dar meus agradecimentos.

Sou aluna da classe de aceleração II da professora Ruth Prolzo da E.E.P.G. Professora Cecília de Negri.

Tenho 14 anos e todos os anos e já ficava esperando, ou vou reprovar ou ter que ficar as férias escolares estudando.

Pois não tinha muito interesse em estudar parecia que não entrava na minha cabeça.

Eu não percebia que a leitura era o principal problema de minha vida.

Quando minha professora disse pela primeira vez que ia vim na escola um caminhão escrito Leia Brasil e que tinha vários livros que eu pidesse escolher para ler, fiquei tão curiosa – que não via a hora de chegar esse caminhão para ver o que tinha dentro dele.

Nos recebemos o caminhão com muita alegria música teatro balões, poesia foi a maior festa.

Eu fui uma das primeiro a conheceer o caminhão e pegar o meu grande livrinho para ler ja comecei a ler denro do caminhão era uma história de amor, fui para classe lendo o livro

a professora falava e eu nem prestava atenção colocava o livro embaixo da carteira eu puxava no colo e ia lendo para a professora não perceber que eu não estava prestando atenção na aula.

Fui para casa todo tempo que eu tinha eu lia o livro queria chegar no fim logo, tinha alguma coisa que eu não entendia eu lia de novo.

Terminei de ler eu troquei com meus colegas li vários livros do caminhão Leia Brasil. Eu não vejo a hora que chega para poder entrar lá dentro e ler outros livros.

Agora eu já sei escrever e ler bem várias cartas de amor.

Eu acho que vou passar de ano ano sem precisar de fazer recuperação em janeiro. E o caminhão do Leia Brasil que está me ajudando lá eu posso escolher o que eu quero, só que eu gosto só histórias de amor eu fico lendo os nomes dos livros até eu achar um nome que fala de amor. Minha professora falou que é bom ler porque quanto mais você ler mais você aprende.

Os moços que trabalham no caminhão o atendente Rodrigo e o motorista Alexandre da unidade 09 ajuda a gente pra caramba eles ficam ajudando a gente, orientando escolher, o Rodrigo depois ele anota o nome do livro, e fala para não perder e devolver para trocar por outros quando eles voltarem.

Essa idéia do caminhão é muito boa muitos colegas meu ficam doidinha para pegar livros no caminhão.

Na nossa classe nós estamos no projeto de escrever e ler cartas e temos que escolher alguém para escrever, perguntei para os moços do caminhão e fiz uma – entrevista – com eles, quem era dono do Leia Brasil, eles me explicaram tudo.

Eu escolhí o senhor para escrever e agradecer por eu ter essa oportunidade de conhecer esses monte de livros e aprender a ler mais e escrever acho que agora não vou ficar mais para trás eu vou para a 5ª série se Deus querer. Eu vou continuar lendo os livros do caminhão Leia Brasil.

Por aqui encerro minha carta e fico aguardando sua resposta o que achou da minha cartinha.

Vou escrever está frase que minha professora escreveu num cartaz para receber o caminhão para o senhor sentir o quanto o caminhão Leia Brasil pode ajudar e está ajudando a gente. Ser alguém na vida.

A leitura é uma das formas para educar a gente.

"Se educarmos as crianças hoje não será necessário punir os homens amanhã"(Pitágora).

E.T. Não esqueça de mandar a resposta preve estou esperando anciosa..

Atenciosamente

Luzinete Barbosa de Lima e Professora Ruth Prolzo

E.T. Sei que a Secretaria de Educação de São Paulo está envolvido no projeto Leia Brasil, poderia me mandar o nome e o endereço do responsável."

No cantinho inferior direito da folha:

"Eu que pintei essas folhas especialmente para o senhor verde amarelo Leia Brasil"

NOTAS

[1] Sistema de Avaliação da EducaçãoBásica (SAEB). Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. www.inwp.gov.br

[2] Estrutura de avaliação do PISA 2003: conhecimentos e habilidades em matemática, leitura, ciências e resolução de problemas/OCDE – Organização para a Cooperação e Desenvolvimentos Econômicos; [tradução B&C Revisão de Textos]. São Paulo – Moderna, 2004

[3] Indicador do Analfabetismo Funcional (INAF). Instituto Paulo Montenegro. www.ipm.org.br

[4] O termo foi proposto originalmente pela professora Magda Soares e define a capacidade de utilização da leitura e da escrita para as práticas sociais.

[5] O que insere a leitura na ordem do dia é o fato de que, na sociedade informatizada, o indivíduo que não lê deixa de ser agente econômico. Tanto pelo pouco que conseguirá produzir com seu esforço, quanto pelo esforço que terá que fazer para usufruir o que, eventualmente, conseguir consumir.

[6] Pela ordem, coordenadoras do Leia Brasil em: Mauá, São José dos Campos, Campinas e São Paulo, em SP; Betim, em MG; Macaé, Conceição de Macabu, Campos dos Goytacases e Niterói, no RJ; nos Estados da Bahia e Sergipe.

[7] Carolina Araújo é Doutora em Filosofia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, onde atualmente é professora. Foi professora adjunta do Departamento de Educação da Universidade Federal Fluminense.

Jason Prado é jornalista, criador do Leia Brasil e da Caravana da Cultura, e *publisher* dos cadernos de *Leituras Compartilhadas*.

Narrar é preciso

Júlio Diniz

Ah, mas para se chegar à mudez, que grande esforço da voz. Minha voz é o modo como vou buscar a realidade; a realidade, antes de minha linguagem, existe como um pensamento que não se pensa, mas por fatalidade fui e sou impelida a precisar saber o que o pensamento pensa. A realidade antecede a voz que a procura, mas como a terra antecede a árvore, mas como o mar antecede a visão do mar, a vida antecede o amor, a matéria do corpo antecede o corpo, e por sua vez a linguagem um dia terá antecedido a posse do silêncio.

Clarice Lispector

Walter Benjamin, um dos maiores pensadores do século XX, nos adverte sobre o abandono e gradual desaparecimento da *experiência* nas narrativas que envolvem a vivência do coletivo. A partir do impacto brutal das transformações da sociedade capitalista, o ato de narrar refugia-se na memória do indivíduo, afastando-se das comunidades e das suas tradições culturais.

Em seu conhecido ensaio denominado *O narrador*, Benjamin afirma:

> *A experiência caiu na cotação. E a impressão é de prosseguirá na queda interminável. Qualquer olhada aos jornais comprova que ela atingiu novo limite inferior, que não só a imagem do mundo externo, mas também a do mundo moral, sofreu da noite para o dia mudanças que nunca ninguém considerou possíveis. Com a Guerra Mundial começou a manifestar-se um processo que desde então não se deteve. Não se notou, no fim da guerra, que as pessoas chegavam mudas do campo de batalha – não mais ricas, mas mais pobres em experiência comunicável? O que dez anos mais*

> *tarde desaguou na maré de livros de guerra era tudo, menos experiência que anda de boca em boca. E isso não era de estranhar. Pois nunca as experiências foram desmentidas mais radicalmente do que as estratégias pela guerra de posições, as econômicas pela inflação, as físicas pela batalha de material bélico, as morais pelos detentores do poder. Uma geração que ainda fora à escola de bonde puxado a cavalos, ficou sob céu aberto numa paisagem onde nada permanecera inalterado a não ser as nuvens e, debaixo delas, num campo magnético de correntes e explosões destruidoras, o minúsculo, frágil corpo humano.*[1]

Quando Jason Prado me convidou para a honrosa tarefa de co-organizar um livro sobre *vivências da leitura*, minha primeira sensação apontava para a difícil tarefa e o complicado desafio de lidar criticamente com o tema. A constatação de Benjamin funcionava como uma necessária e imprescindível provocação.

Em um mundo marcado pelo niilismo imobilizante e pela ausência de projetos coletivos, reunir especialistas de campos do saber distintos e de diferentes regiões do Brasil parecia-me uma extraordinária oportunidade de fazer um balanço (mesmo e sempre precário) do estado da leitura no Brasil nas últimas décadas. Não imagino que tal iniciativa tenha como ambição "passar as vivências de leitura a limpo", nem que este livro possa representar um marco nos estudos e reflexões sobre o tema. Creio, sim, que a iniciativa tem por objetivo "sujar as mãos" com os materiais do cotidiano, as experiências afetivas e existenciais, os desejos de transformação do homem contemporâneo, tão solitário quanto silencioso sobre si mesmo.

Em um ensaio publicado em 2006, eu discutia a leitura como um desejo da *polis*. A inserção do homem moderno no mundo tecnicizado tem na sua capacidade de compreender, interpretar e transformar a ferramenta fundamental de construção da cultura e representação de seus bens materiais e imateriais. A noção de leitura aqui esboçada não diz respeito a uma concepção estrita do ato de ler como um mero exercício de decodificação de signos escritos. A leitura do mundo, como enuncia Paulo Freire, é anterior à leitura do texto. Leitor e eleitor, além de uma rima, podem ser uma solução.

A leitura pressupõe uma ação política, um projeto coletivo, um desejo social de poder se reconhecer naquilo que inventa e perpetua, naquilo que lembra e esquece, naquilo que constrói e destrói. Saber e sabor, palavras de mesma etimologia, definem a vontade humana de dar sentido à vida, de cartografar razões para o exercício da busca de si e do outro. Num mundo marcado pelo império dos signos e pela superposição de linguagens, ser (e)leitor requer um exercício de compreensão do hibridismo que marca o nosso tempo. Ser

(e)leitor é estar constantemente envolvido em uma "guerra de relatos", seduzido por uma rede incessante de novas informações, concebido como um corpo composto por palavras, sons, imagens e movimentos. A capacidade crítica de que o homem do nosso século necessita para dar conta dos espaços da realidade e da virtualidade é a base de uma concepção de leitura em consonância com as grandes transformações da nossa contemporaneidade.

Retorno a Benjamin:

> *A arte de narrar tende para o fim porque o lado épico da verdade, a sabedoria, está agonizando. Mas este é um processo que vem de longe. Nada seria mais tolo do que querer vislumbrar nele apenas um "fenômeno da decadência" – muito menos ainda moderno. Ele é antes uma manifestação secundária de forças produtivas históricas seculares que aos poucos afastou a narrativa do âmbito do discurso vivo, ao mesmo tempo que tornava palpável uma nova beleza naquilo que desaparecia.*[2]

A proposta de discussão do conceito de *leitura* aponta inicialmente para uma questão fundamental – como atribuir sentido e conferir significado a um bem simbólico num momento de desestabilização dos critérios de valor, legitimidade e permanência dos usos culturais?

Inúmeras são as questões que perturbam o homem do presente diante de todo o peso da tradição moderna que moldou sua conduta, seu olhar e sua leitura de mundo. Os tapetes que nos davam segurança (e ocultavam os problemas) foram arrancados, sem nada ter sido colocado em seu lugar. Pisamos no chão duro, sem ornamentos, maciez e leveza, pisamos desconfortavelmente numa superfície semovente, sem o brilho salvacionista dos discursos utópicos nem a firmeza dos conceitos totalizantes. O homem do novo milênio perturba-se com a impossibilidade de preencher em si e no seu mundo o vazio silencioso da palavra, a fresta enviesada do afeto, a falha geológica de uma identidade marcada nos limites de sua flutuação. Mas, apesar de tudo, ele resiste.

Entre a nostalgia da volta a um tempo perdido, que se sabe irrealizável como tarefa de apreensão do todo, e a luta por uma ação propositiva radical, optamos, nesta curta reflexão, pelo segundo caminho, o da leitura das ruínas como percepção da História, a descontinuidade e fragmentação como apreensão de um interpretante do texto cultural que nos encena no presente. Acreditamos que a narrativa é uma prática de persistência e constante reinvenção. Narrar a história, seja pessoal ou social, é sempre um exercício de resistência.

Como falar de leitura/comunicação como prática social em face da incomunicabilidade das estratégias discursivas tradicionais que silenciam o sujeito

contemporâneo? Como discutir construções identitárias no contexto de uma cultura globalizada que se caracteriza pela representação de simulacros, criação de mitologias e por uma postura cínica e narcísea diante da urgência de uma ética da tolerância e de uma estética da emoção?

Instaura-se na pós-modernidade uma crise de representação que não só desestrutura a figura do sujeito observador e formulador de possíveis interpretações do mundo, como também a apreensão do objeto observado. As enormes contradições de nosso tempo mostram-se potencialmente criadoras de novas percepções quando compreendidas como a exposição de um *sujeito-ator-social* diante do espetacularização da arte e da encenação da cultura. A concepção de leitura como uma paradoxal "máquina desejante" instaura um jogo interpretativo entre a *construção da representação* e a *representação da construção*, fazendo do autor o descontínuo e fragmentado sujeito que enuncia a voz da(s) diferença(s) na busca da alteridade, e do leitor não mais um recriador de sentidos e sim um encenador de linguagens. O sujeito criador, no vazio dos conceitos totalizadores e despido de verdades absolutas, se indetermina, morre como categoria de fundação, referência de origem, criação primeira e voz inaugural – a figura do pai. O sujeito leitor, despido de saberes arquivistas e olhares decifradores de sentidos ocultos, não mais representa o movimento complementar da interpretação, o preenchimento do vazio e do indecidível, o lado outro de um mesmo sem completude conceitual – o órfão do pai, o que herda a fala falha da falta e busca preenchê-la. A leitura ocorre no espaço da indecidibilidade, do fracasso do absoluto, da plural possibilidade de interpretação em superfície sob a lógica do suplemento – o deslocar-se por territórios de fronteira, a viagem como identidade nômade e plural.

Impulsionados pelo desejo de entender a leitura como produção de sentidos e provocação de diálogos, ou seja, como crise instaurada, convidamos profissionais de várias áreas para juntos pensarmos *experiências* e *vivências* da leitura no Brasil de nossos dias. Alguns especialistas não aceitaram ou não puderam aceitar por razões pessoais e/ou profissionais o nosso convite. Outros abraçaram a idéia desde o seu início. A escolha dos colaboradores seguiu de um modo geral os seguintes critérios: efetiva contribuição para as ações na área; visibilidade e impacto junto às comunidades de leitores envolvidas; constituição de um saber crítico específico sobre a leitura e seus sentidos afins.

O livro é uma tentativa de estabelecer um painel interdisciplinar e polifônico de algumas *leituras de leitores* e de alguns *leitores de leituras*. Explicando melhor a idéia, diria que o que nos movimentou na produção dessa coletânea de ensaios é a resistência política de não deixar a voz de Sherazade emudecer. Por

conta disso, vários dos textos aqui presentes apresentam e discutem projetos institucionais, lêem e relêem tradições narrativas, explicitam práticas leitoras, ativam, e não só preservam, a memória individual como também a coletiva.

Os textos podem ser divididos em quatro grandes vertentes: os que representam projetos institucionais em nível governamental, privado ou comunitário; os relatos autobiográficos que descrevem a formação, trajetória e transformação do leitor autor em autor leitor; os artigos que discutem teórica e analiticamente os atos de ler e as ações de leitura; e, finalmente, os ensaios que aproximam a discussão crítica da inventividade ficcional.

Os narradores aqui presentes são professores, escritores, contadores de história, produtores culturais, jornalistas, editores, coordenadores de projetos que falam de suas vivências, contam histórias pessoais, discutem academicamente o tema, relatam experiências, enfim, imprimem sua assinatura na necessária revisão de um assunto tão atual.

Finalizo esta curtíssima reflexão propondo aos leitores deste livro um exercício metacrítico e autobiográfico – recuperar suas *vivências* não como nostalgia de um mundo que passou, mas como vontade de potência de um desejo de transformação. E com Benjamin, meu leitor-guia, chego ao limite suportável da minha voz:

> *O narrador entra na categoria dos professores e dos sábios. Ele dá conselho – não como provérbio: para alguns casos – mas como o sábio: para muitos. Pois lhe é dado recorrer a toda uma vida. (Uma vida, aliás, que abarca não só a própria experiência, mas também a dos outros. Àquilo que é mais próprio do narrador acrescenta-se também o que aprendeu ouvindo.) Seu talento consiste em saber narrar sua vida; sua dignidade em narrá-la inteira. O narrador é o homem que poderia deixar a mecha de sua vida consumir-se integralmente no fogo brando de sua narrativa. Reside nisso o incomparável estado de ânimo que envolve o narrador, tanto em Leskow quanto em Hauff, tanto em Poe quanto em Stevenson. O narrador é a forma em que o Justo encontra a si mesmo.*[3]

NOTAS

[1] BENJAMIN, Walter. *Os pensadores*. São Paulo: Abril Cultural, 1980, p.57.

[2] Op. cit. p. 59.

[3] Op. cit. p.74.

Júlio Diniz é Doutor em Letras, professor de literatura comparada da PUC-Rio, pesquisador do CNPq, ensaísta e crítico.

Biblioteca Nacional: uma história por contar

Affonso Romano de Sant'Anna

1. Entrando na "selva selvaggia" da administração pública

Pedem-me um texto sobre minha experiência à frente da Fundação Biblioteca Nacional (1990-1996) relacionada à questão da leitura.

Penso as várias maneiras de enfocar o assunto. Faço anotações, remexo a memória e ponho-me a ler, reler os dois grossos volumes de relatórios elaborados durante a minha gestão, cujas cópias estão no acervo da Biblioteca Nacional à disposição de pesquisadores. Ponho-me arriscada e inevitavelmente a ler dentro e fora de mim.

Estou me lendo, relendo um período da vida brasileira. Estou folheando emoções vividas por uma equipe que fez história - a despeito da história (ou da contra-história?). Ler, então, é isso, uma operação complexa, multidirecional no tempo e no espaço. Uma ação reunificadora que lembra aquele "logos" heideggeriano.

Em 1990 o recém instalado governo Collor iniciou uma reforma (a que outros também chamam de desmonte) de várias instituições federais. O país assistia atônito e siderado ao que estava acontecendo. Mereceria um capítulo à parte a descrição desse trepidante período. Coisa que não me compete aqui fazer.

Mas, recolhendo-me ao tema proposto, posso dizer que estava eu tranqüilamente dando minhas aulas na universidade, escrevendo meus livros e artigos, quando em 1990 começaram rumores, até nos jornais, de que me queriam no Ministério da Cultura (que Collor transformara em Secretaria de Cultura). Alguns emissários vinham falar comigo, houve reunião informal num restaurante no Rio. E comecei a perceber a "selva selvaggia" em que estaria metido.

Em minha ingênua perplexidade, lembro-me de ter dito ao interlocutor, que diante daquele salário só havia duas possibilidades: ou o indivíduo que aceitava era um incurável idealista ou era um corrupto e sabia de onde ia sacar o lucro. Morar em Brasília seria sacrificar minha família, e isto eu não faria. O fato é que diante da nebulosidade do panorama, desinteressei-me do pretenso convite. No dia 6 de novembro o "informe JB" publicava: "*Consultado pelo governo Collor, o poeta Affonso Romano de Sant Anna repetiu o gesto da atriz Fernanda Montenegro, ainda nos tempos de Sarney. Disse não".*

Um dia, coincidentemente, Ipojuca Pontes - então ocupando aquela secretaria da Presidência da República e a quem não conhecia pessoalmente - me telefona oferecendo a direção da Funarte.

Por que teria isto ocorrido?

Em 15.09.1990 eu havia escrito uma crônica em *O Globo* fazendo considerações sobre a falta de um projeto cultural no governo Collor. A rigor, já havia feito algo semelhante durante o governo de Sarney. Tenho essa mania. Há muito.

O fato é que examinei o convite detalhadamente, examinei as circunstâncias e acabei recusando. E a coluna do Swann, em *O Globo*, noticiava: *"O escritor e poeta Affonso Romano de Sant'Anna decidiu ontem abrir mão da indicação para presidir o Instituto Brasileiro de Artes e Cultura (IBAC – sucessor da Funarte), o órgão mais poderoso da Secretaria de Cultura, para o qual fora convidado, a semana passada, pelo Secretário Ipojuca Pontes".* - Senti que estava caminhando em areia movediça.

Mas novas investidas foram feitas por pessoas da área da cultura, desta vez referindo-se à direção da recém criada Fundação da Biblioteca Nacional. Acabei aceitando.

Durante o governo Sarney, a pedido de Joaquim Falcão, eu havia feito parte de uma comissão que elaborou um amplo projeto para a área do livro. Isto tinha me dado maior intimidade com o assunto. (Fazia ali uma série de propostas sobre uma política do livro, que poria em prática na BN). Afinal, livro era um objeto com o qual tinha alguma intimidade, biblioteca não me era um espaço totalmente estranho e trabalharia no Rio de Janeiro. O que eu não conhecia era o purgatório ou inferno da administração pública. E por desconhecer essa parte, aceitei a missão. E "missão" é mesmo a palavra certa.

Fui-me dando conta naquele contexto histórico do significado e importância de ter aceitado a tarefa ao ver que o "Jornal Nacional" noticiou com destaque minha nomeação e, entre outros jornais, "O Estado de São Paulo" dedicou a primeira página do caderno de cultura para uma entrevista na qual expus os planos que tinha dentro daquela situação política e econômica tão insólita.

No regresso da posse em Brasília, vendo na tv do aeroporto um filme sobre atletas que levantavam toneladas de pesos com seus músculos potentes, fazendo tanta força que pareciam quase rebentar as hérnias, disse à Marina:

– "Não sei como a pessoa pode suportar um peso desses!".

– "Você não aceitou dirigir a Biblioteca Nacional? É parecido" – disse minha mulher, antevendo o que me esperava.

2. Subindo no telhado

Terminou no telhado da Biblioteca Nacional a primeira reunião da diretoria que eu acabara de nomear, logo que assumi a presidência daquela entidade em novembro de 1990. E terminou no telhado, porque precisava não só percorrer, mas mostrar concretamente aos meus auxiliares mais diretos, a situação de descalabro em que se achava a instituição. Problemas começavam no subsolo do edifício, quando chovia e a água de canalização do esgoto refluía, paralisando o elevador. Problemas estruturais continuavam no andar mais baixo, onde se acumulavam 200 mil volumes da famigerada "coleção paralela", que não haviam sido assimilados ao acervo. Nos vários andares dos grandes armazéns, livros e jornais estavam empilhados pelo chão e expostos à chuva, que vazava periodicamente do telhado. O ar refrigerado não funcionava, várias máquinas dos laboratórios quebradas e encostadas. Por exemplo, 11 dos 21 aparelhos de microfilmagem estavam parados, com defeitos. E o que havia de informatização era algo bisonho. Os livros que chegavam pela lei de Depósito Legal já não cabiam no prédio e a instituição pagava mensalmente à FINK um pesado aluguel por 6.954 caixas contendo milhares de publicações não incorporadas ao acervo. E o pior: a política desencadeada pelo governo Collor havia despedido 184 dos 661 funcionários, e um interventor, chamado de Inventariante, atravancava ainda mais qualquer iniciativa.

E isto era apenas a parte visível do iceberg à minha frente.

O quadro era de desmonte físico, moral e institucional. Do prédio-sede da Biblioteca Nacional caíam pedaços de reboco na rua - e um dia fui eu mesmo socorrer na calçada uma passante ferida. O sistema de alarme volta e meia soava prenunciando perigo de incêndio. Num dos primeiros fins de semana de minha administração, recebo telefonema de uma funcionária dizendo que a chuva da noite anterior havia molhado centenas de volumes. Os funcionários que a ajudavam, quando deu a hora do ponto, se mandaram para suas casas e ela já não sabia o que fazer. Desloquei-me imediatamente para lá e, de repente, me vi com rodo, vassoura, calça arregaçada puxando água e pondo plástico sobre livros.

A instituição era um grande navio largado num oceano de irresponsabilidades e inépcias, onde alguns heróis testemunhavam o vazamento de água por todos os lados. Com certeza, os dirigentes das grandes bibliotecas da França, Espanha, Inglaterra, Estados Unidos, que eu viria a conhecer posteriormente, não tinham aquele tipo de experiência. Da mesma maneira não tinham, também (como relatei em crônica), a experiência de estar em seu gabinete e ver cair a um metro de distância uma bala perdida que varara os cristais da janela depois de um assalto num banco próximo.

Daí que um jornal publicasse, já nos primeiros dias de minha administração espelhando essa situação, a seguinte nota: "*Do Presidente da FBN, Affonso Romano de Sant'Anna: descobri que na administração publica a roda é quadrada e a gente tem que fazer a carruagem andar como se a roda fosse redonda*".

Acrescente-se que o desmonte operado pelo governo Collor havia decretado também o fim do Instituto Nacional do Livro que funcionava num prédio de seis andares, com dezenas de funcionários, em Brasília. Lembro-me de um difícil, constrangedor e delicado encontro com dezenas desse angustiados funcionários no antigo prédio do INL, na capital federal. Atordoados, não tinham eles a menor idéia do que lhes podia acontecer. Ser funcionário público naquele momento era ser empestado, olhado com desconfiança. Extinto o INL, esses funcionários pareciam baratas tontas ou gado tangido, tentando ser alocados em qualquer ministério. De um lado, havia os já demitidos, de outro, os que haviam sido postos de quarentena em casa, e os que restavam viviam sob ameaça como se fossem ser fuzilados a qualquer hora. Por outro lado, a FBN incorporava a desamparada Biblioteca Demonstrativa de Brasília, chefiada heroicamente por Conceição Salles.

No lugar do INL, o governo mandava instalar um precaríssimo Departamento Nacional do Livro nos quadros da FBN, com apenas três ou quatro funcionários. Lá em Brasília o INL tinha num grande depósito cerca de 200 mil livros sobrantes, que haviam sido co-editados e estavam sem destino.

Começamos a enviar exemplares desses livros para bibliotecas de todo o país. E aí houve um fato que marca um dos aspectos insólitos do governo Collor. O presidente, sabendo desses livros em depósito ocioso, fez questão de doá-los pessoalmente às bibliotecas toda vez que visitava alguma cidade do país. Assim fazia uma conexão entre a sua imagem e a imagem do livro.

No entanto, naqueles primeiros dias, atendendo a pedidos de bibliotecários fora da BN, fui ver o que estava ocorrendo com as bibliotecas dos extintos IBC (Instituto Brasileiro do Café) e IBAA (Instituto Brasileiro do Açúcar e do Álcool). E vi como 40 mil volumes de cada uma dessas instituições estavam

sendo malbaratados, dispersados e destruídos. Tentei fazer gestões e contatos para reverter a situação, pois se perdia assim uma parte importante da memória nacional.

Portanto, a calamidade era de cima para baixo, de baixo para cima, e uma primeira reunião de diretoria da BN só poderia mesmo terminar no telhado. Ou para que dali se jogassem os novos diretores ou para que aceitassem o desafio de reerguer uma histórica instituição da cultura nacional.

3. Curto corte temporal

Em 1995, quatro anos depois, o *Jornal do Brasil* publicaria uma reportagem onde apontava a Biblioteca Nacional como a instituição que melhor funcionava no Rio de Janeiro. Era um evidente contraste com o que nos fora legado no final de 1990.

Alguns meses depois de nossa saída da FBN (junho, 1996), a Fundação Getúlio Vargas, SP, convidou-me para uma palestra sobre a experiência vivida naqueles seis anos, uma vez que o que ocorrera com a Biblioteca Nacional passou considerado pelos estudiosos de administração como um "case", um caso de êxito a ser examinado. Ela havia entrado para o *Guiness Book*, porque havia se transformado numa entidade emblemática da cultura brasileira.

A recuperação da imagem da instituição, no entanto, vai além dessas referências; vai além do fato de ter recebido da Associação Brasileira de Propaganda Prêmio Especial de Marketing-1994; mais do que isto, a metáfora da recuperação da BN, está testemunhada num fato insólito. Pessoas, até escritores que haviam levado livros da BN para casa, começaram a devolvê-los. Certo dia, por exemplo, recebo uma caixa de livros preciosos roubados, há anos, da Seção de Obras Raras. O ladrão, que dizia ter sido antigo funcionário da Casa, arrependido, milagrosamente os devolvia, dizendo que voltava a acreditar na instituição.

4. Ler e planejar

O que este panorama que estou descrevendo sucintamente tem a ver com a questão da leitura?

Ler - é ler o mundo. Ler - é refazer o real pelo imaginário, potencializando a realidade.

Ler - é reunir os signos dispersos, decodificar as informações, seja numa página, seja na estrutura de um prédio, na conjuntura de uma instituição ou no discurso que cada momento histórico expõe na fala e nas ações dos indivíduos.

Como resgatar, como reerguer, como reinventar uma Biblioteca Nacional com tão precioso acervo?

Saber ler é fazer um diagnóstico e a partir daí propiciar o desencadeamento de ações. Como dizia Guimarães Rosa, toda ação começa mesmo é por uma palavra.

Para conhecer melhor a instituição, tomei duas atitudes. Primeiro reunir-me com todas as antigas chefias durante duas semanas, oito horas por dia, ouvindo suas queixas e propostas. Esta ação parecia paradoxal, e o era. Os funcionários olhavam a situação intrigados. Ao meu lado nas reuniões, estava o Inventariante, uma espécie de representante da Santa Inquisição contra o funcionalismo. E do outro lado, eu, um dirigente recém empossado tentando candidamente entender o caos, destampar a repressão e erguer o ânimo dos descrentes funcionários.

A segunda iniciativa, feita concomitantemente, foi procurar os ex-diretores da Biblioteca Nacional, ir à casa deles para conversar ou trazê-los à BN para ouvir e aprender de sua experiência. Não se deve tentar inventar a roda. Há que aprender com os que acertaram e os que erraram. Assim é que me pus a ouvir atentamente Ronaldo Monegaz, Lia Malcher, Plínio Doyle, Janice Montemor, Célia Zaher e Maria Alice Barroso e diretores mais antigos, como Josué Montelo. Consegui até mesmo atrair a notável Janice Montemor para uma assessoria nos primeiros meses. A esses nomes acrescente-se o nome de duas figuras importantes na história da BN que atenderam ao nosso chamado: Mercedes Pequeno, personagem histórica no ambiente da pesquisa musical, e Ligia Cunha, pesquisadora e historiadora, ambas com passagens marcantes pela BN.

Estranhamente, além de certa patrulha de esquerda que, derrotada nas eleições, recomendava o boicote e a passividade em vez da ação, certos rumores começaram a surgir dentro do corporativismo das bibliotecárias/os, questionando a legitimidade de um escritor, e não um bibliotecário, ser o presidente da Biblioteca Nacional, agora convertida em Fundação. Estava começando a aprender que era entre alguns supostos "aliados" que iria encontrar dificuldades. E, ao contrário, seria entre pessoas estranhas ao mundo do livro, da leitura e da biblioteca, paradoxalmente, que descobriria grandes parceiros.

No entanto, onde outros dividem e segregam, minha estratégia era aglutinar, agregar. E como havia uma carência de funcionários, comecei a atrair para a FBN professores universitários e funcionários qualificados de outras instituições que tivessem afinidade com nosso projeto. Aos poucos, já não era necessário procurá-los, começaram a surgir espontaneamente, se ofere-

ciam, na medida que as modificações na BN iam se tornando públicas. Ocorreu então algo realmente insólito: voluntários começaram a surgir e, até mesmo, aposentados ofereceram-se para trabalhar na Biblioteca por amor aos livros e por empatia com o projeto que estava em curso e começava já a ganhar os jornais.

Assim como o instituto de pesquisas "Vox Populi", de Marcos Coimbra, aceitou fazer a nosso pedido (e gratuitamente) uma pesquisa publicada no JB sobre a situação da leitura no país, uma empresa de publicidade como a "Presença", produziu e colocou, também gratuitamente para a FBN, em vários jornais e revistas um anúncio em que estampávamos a urgência de uma parceria para restaurar o prédio-sede da BN. O slogan do anúncio era: "Procura-se um amigo culto". Esse anúncio, ao lado de gestões pessoais, acabaria atraindo a atenção do Banco Real e da Fundação Roberto Marinho; e alguns anos depois, tínhamos não só o prédio restaurado, mas uma série de outras inovações estava à disposição do público, como a digitalização dos mapas históricos e o acervo de partituras musicais.

Foi assim que um dia, a instituição que vivia numa semi-escuridão viu seus funcionários aplaudirem espontaneamente as luzes dos salões que pela primeira vez foram todas acesas.

Duas menções fazem-se necessárias aqui. A primeira é o inovador programa de treinamento dos funcionários para ajustá-los à nova realidade, realizado por Maria Cristina do Rego Monteiro Bonfim, desenvolvido em 24 cursos. Uma das provocações que eu dizia aos funcionários era esta: isto é uma empresa pública, mas tem que funcionar tão bem como uma empresa privada. Por isto, para desconforto do corporativismo, passávamos a fazer avaliações anuais sobre o desempenho de funcionários. Avaliações que revelavam coisas insólitas. Um dia, por exemplo, uma chefe de seção veio me dizer não sabia como avaliar um funcionário-escritor, que faltava muito e vivia dormindo em sua mesa. Quando ela certa vez lhe disse: — "Fulano, você precisa acordar, seus colegas estão fazendo seu trabalho", ele respondeu de dentro de sua preguiça: — "Estou defendendo meus direitos, eles que defendam os deles".

A segunda mobilização que mexeu com as estruturas da instituição foi a intervenção da diretora Ana Virginia Pinheiro, que, acumulando a direção do Departamento de Referência e Difusão e o Departamento de Processos Técnicos, criou uma Comissão para Qualidade Total de Serviços Bibliográficos. Entre outras coisas, desencadeou o Projeto Memória Bibliográfica e Documental Brasileira (registrado em vídeo), que usando 500 técnicos divididos em

56 equipes, durante 30 dias, numa eficiente ação relâmpago, conseguiu tratar mais de 2 milhões de peças e obras e localizar, só na seção de Iconografia, cerca de 70 mil obras que não tinham qualquer registro.

5. Projeto Biblioteca Ano 2000

Sempre achei que se deve trabalhar sistemicamente. Nunca me senti muito à vontade com ações aleatórias. O aleatório deve inserir-se no sistema regenerando-o, tornando-o mais flexível. Daí que, em 1900, no discurso de posse, lancei como pauta de trabalho o "Projeto Biblioteca Ano 2000", que tinha como atrator o ano 2.000, que se avizinhava com toda a sua carga mítica. Propunha-se o Projeto a ser não uma série de "eventos", mas um "continuum" sistêmico, baseado num tripé:

1 - a biblioteca;
2 - o livro;
3 - a leitura.

Era necessário pensar a longo prazo. Deixar de lado o imediatismo. Esquecer que os governos duram pouco e lembrar que as instituições permanecem. Enfim, pensar a Biblioteca Nacional (agora ampliada como Fundação), dentro da cultura nacional. Um dos princípios que passaram a nortear nossas ações era este: a BN tem que estar presente em todos os momentos importantes da literatura brasileira, seja no passado ou no presente. E tem que se projetar no futuro.

Com efeito, poucos dias depois de nossa posse, ocorria a morte de Rubem Braga, o inventor a crônica moderna. Abrimos, para centenas de pessoas, as portas e o saguão da BN para uma grande homenagem a ele, com leitura de seus textos, feita por Tônia Carreiro e Paulo Autran. A partir daí, a BN começaria a receber sistematicamente escritores brasileiros e estrangeiros e passaria a ser lugar de visita obrigatória para personalidades da vida pública nacional, incluindo ministros e presidentes. Por outro lado, ampliou-se tanto a freqüência de pesquisadores e leitores, que se tornou comum a formação de filas para entrar na biblioteca. Ao mesmo tempo, artistas de várias áreas e escritores começaram a freqüentar os sucessivos eventos que tornaram a BN um ponto cultural vivo.

Os intelectuais sempre são chamados a opinar sobre as relações entre cultura e poder. A maioria fala teoricamente de coisa que nunca experimentou. Nunca enfrentaram a hidra de várias cabeças, que é a administração pública. É mais fácil ficar teorizando na porta do castelo, sem provar da realidade.

Contudo, o "Projeto Biblioteca Ano 2000" era para mim a possibilidade de testar/reunir teoria e prática. E a primeira tarefa dentro desse projeto era redefinir o que é uma biblioteca como a nossa, num país como o nosso. Deveria continuar a ser uma enorme baleia ou prédio encalhado na "belle époque"? Ou deveria assumir seu papel de nau capitânea em relação à frota de dispersas bibliotecas boiando no país, e passar ativamente a constituir um sistema novo, reformulador do próprio conceito de biblioteca?

Dentro deste item, evidentemente, seria fundamental redefinir também o papel da bibliotecária/o. Uma coisa é ser bibliotecário na Noruega, outra no interior de Minas Gerais. Neste sentido, vários seminários e cursos foram desenvolvidos, como o realizado por Luiz Milanesi, nos primeiros meses de nossa gestão, para expor aos funcionários um novo conceito de biblioteca no contexto brasileiro. Para se ter uma idéia da necessidade de redefinir e dinamizar papel das bibliotecas no país, registro que Milanesi havia enviado cartas para 253 bibliotecas perguntando se queriam o recém criado programa "O escritor na cidade", pelo qual enviávamos, com tudo pago, escritores para conversar com o público. Só 50 responderam. Mesmo assim algumas dizendo que não tinham espaço para isto. E Milanesi, em resposta, ironicamente, lhes indagava: - "Mas não há clube? Qualquer salão? Mesmo uma funerária onde se possam reunir pessoas?".

Foi no sentido de construir uma nova consciência em torno das bibliotecas que posteriormente realizaríamos um encontro nacional intitulado "Fazer - Refazer bibliotecas", reunindo notórios bibliotecários, arquitetos, técnicos, educadores e funcionários da área da cultura. Ficava, assim, clara a idéia de que o fazer/refazer não se referia apenas ao aspecto material dos prédios dentro dos avanços tecnológicos, mas o desafio era fazer/refazer cabeças partindo do fato de que uma sociedade da informação tem no bibliotecário um personagem fundamental. E isto estava preso a um dos itens do Projeto Biblioteca Ano 2000, que pregava a urgência de se ter uma biblioteca, pelo menos, em cada um dos seis mil e tantos municípios.

Esse projeto integrativo do livro-leitura-biblioteca contou com outros braços de ação, às vezes fora da estrutura da FBN, que ampliaram e aprofundaram os resultados. Citemos, pelo menos, dois deles:

1. Programa "Leia Brasil", patrocinado pela Petrobras. Funcionou através de uma empresa particular — Argus. Dezesseis caminhões bibliotecas mobilizavam milhares de professores e alunos de Sergipe a Curitiba, emprestando livros em comunidades carentes e desenvolvendo programas de promoção de leitura em diversas escolas.

2. De igual maneira, o programa "O escritor na cidade", desenvolvido conjuntamente com o Sesi, atingiu também diversos estados. Utilizávamos escritores de prestígio regional e nacional nessas visitas, e só em 1992, por exemplo, cobrimos 75 municípios, sendo feitas 171 apresentações.

No que diz respeito a atividades internas na FBN, outras ações, projetos e eventos interagiam com o Projeto Biblioteca Ano 2000. Era necessário trazer os leitores e os escritores para dentro das bibliotecas. Fazer com que redescobrissem a BN, mas que também o público os conhecesse. Tratava-se de mostrar a literatura viva e ao vivo.

1. O "Teatro do Texto" ocorria às segundas-feiras na BN e se irradiava, depois, por várias bibliotecas públicas do país, utilizando atores para lerem textos de escritores brasileiros vivos, congregando grandes platéias. Dezenas de escritores nacionais e até mesmo alguns estrangeiros participaram desta atividade.

2. A criação de uma série de prêmios anuais (poesia, ficção, ensaio) para obras inéditas e publicadas fazia parte do programa de incentivo e apoio à literatura contemporânea.

3. A instituição de uma bolsa de criação para escritores que apresentassem projetos para elaboração de obras específicas possibilitou dezenas de autores de realizarem suas obras.

4. A criação da bolsa de tradução para divulgar no exterior a literatura brasileira possibilitou a divulgação de dezenas de nossos autores.

5. A realização, no Brasil, de encontros anuais com agentes literários estrangeiros, fez com que eles conhecessem melhor nossos autores e estimulassem a divulgação de nossa literatura.

6. A realização de encontro de editores de suplementos literários dos principais jornais do ocidente, para que conhecessem de perto nossa literatura e cultura.

7. A edição de publicações em diversas línguas, como *Brazilian Book Magazine*, para divulgar nossa cultura; confecção de um *clipping* de notícias de nossos suplementos literários, enviado sistematicamente aos principais brasilianistas no exterior; e a publicação da revista *Poesia sempre*, não só aglutinando os poetas nacionais, mas servindo como ponta de lança de divulgação deles no exterior.

8. A realização de oficinas literárias destinadas a um público externo, dirigidas por Suzana Vargas, dava atenção aos escritores jovens e aos principiantes.

9. Ao lado disto, o Proler lançou dezenas de textos, a exemplo da *Coleção Ler e Pensar*, que era utilizada pelos comitês espalhados pelo país. Dezenas de outros livros foram editados e co-editados com editoras comerciais, além de

ter sido lançada uma coleção de cópias fac-similadas de obras clássicas de nossa literatura, utilizando novas tecnologias de impressão eletrônica.

6. Sistema Nacional de Bibliotecas e o Proler

Se parece óbvio que há uma relação entre biblioteca, livro e leitura, por outro lado, o desafio era (e continua a ser) o de reativar esses conceitos e colocá-los em interação complementar. Daí que se iniciou a mobilização de funcionários e da comunidade para que a Biblioteca Nacional, agora convertida em Fundação, se despedisse de sua imobilidade. E mais, deixasse de ser passiva e apenas centrifugadora. Ela deveria sair de si mesma. Ela iria a todo o país. E, certamente, como se verificou, também projetaria sua imagem no exterior.

Essa estratégia dinamizadora só seria possível através de uma série de ações sistêmicas e de mão dupla: do centro para periferia, da periferia para o centro, até que centro e periferia interagissem tanto que já não soubesse onde o centro e a periferia.

Foi assim que, apesar de o orçamento da Fundação Biblioteca Nacional ser 10% do orçamento do Ministério da Cultura, que por sua vez tinha um orçamento que era apenas 0,035% do total do Governo, e apesar de se ter sistematicamente o precário orçamento contingenciado (retido) em cerca de 60%, conseguimos, procurando outras fontes, além de restaurar o prédio-sede, informatizar a instituição, incorporar novos espaços para expansão das instalações, melhorar a situação dos funcionários, aprimorar o atendimento ao leitor, aumentar o acervo, e, sobretudo, criar duas pontas de lança do Projeto Biblioteca Ano 2000:

1 - Sistema Nacional de Bibliotecas
2 - Proler

Com a criação do Sistema Nacional de Bibliotecas (criado ironicamente por alguém que não era bibliotecário), passou-se a ter um cadastro efetivo de cerca de três mil dessas instituições e a noção urgente de que era necessário desencadear um projeto para que os outros três mil e tantos municípios do país passassem a ter, pelo menos, uma biblioteca. Neste sentido, no discurso de posse na BN havíamos lançado o projeto "Uma biblioteca em cada município" procurando já alianças entre as instancias federais, estaduais e municipais.

Passamos, desde o primeiro ano, a fazer dezenas de reuniões sistemáticas: em plano nacional, regional e municipal, descentralizando ações e fazendo com que os diretores de bibliotecas se conhecessem e trocassem experiências. E mais,

começamos a atrair outras bibliotecas para esse sistema polarizador. Em breve, graças a um contato direto com o Conselho de Reitores, e com a coordenação do professor João Maia, que veio do CEFET[1] do Rio para trabalhar na FBN, cerca de mil bibliotecas universitárias começaram a interagir conosco e a participar de encontros; e numa reunião com o CRUB[2], foram tirados 13 projetos a serem desenvolvidos conjuntamente. Por outro lado, já os arquivos públicos dispersos pelo país igualmente começavam a perceber que a Biblioteca Nacional poderia ser o fulcro aglutinador de ações e pesquisas sistemáticas e sistêmicas. E quando saímos, em 1996, estava previsto o primeiro encontro internacional de arquivos e bibliotecas dos países de língua portuguesa.

Estabelecendo conexões transversais nesse sistema, atraímos os secretários de cultura de todos os estados para participarem das reuniões do Sistema Nacional de Bibliotecas e do Proler. Nem sempre esses secretários e presidentes de fundação são do ramo da cultura, não conhecem a questão do livro, da leitura e da biblioteca. Era importante que eles tivessem contato com essas bases, que descobrissem que tinham uma poderosa rede de informação e formação de cidadania através da leitura.

O esforço era fazer não apenas o público em geral, mas as próprias autoridades do país tomarem conhecimento da formidável BN que temos e, conjuntamente, despertar nessas autoridades a responsabilidade para com a questão do livro-leitura-biblioteca e a elaboração de projetos interministeriais. Um dos grandes problemas, no entanto, foi que nos seis anos em que passei na FBN, havia uma veloz e desnorteante troca de ministros. Em seis anos tive seis ministros da cultura e três presidentes da república. A cada troca da guarda, iniciava eu de novo a peregrinação para explicar tudo de novo aos meus superiores. Em geral me olhavam como quem olha um marciano. Dou dois exemplos. Logo no início de minha administração, em 1991, estou cruzando a Esplanada dos Ministérios para buscar apoio e financiamentos, porque não dava para esperar muita coisa do MINC. Lá vou eu ao MEC. O chefe de gabinete do ministro me recebe fumando um desatento cachimbo. Falo, falo, falo, explico. Caía tudo no vazio. Com Goldenberg, no MEC e Alceni Guerra, no Meio Ambiente, também no governo Collor, a recepção foi melhor. Com Paulo Renato (MEC), no governo Fernando Henrique, foi constrangedor. Ele me recebeu. Não disse uma palavra, exceto boa tarde. Ouviu, ouviu, ouviu. Nem sabia, como muitos ministros, onde ficava a Biblioteca Nacional. Contei-lhe dos formidáveis projetos em curso. Olhou-me sem me ver. Ouviu sem escutar. E, no entanto, estava lhe dando de presente, um projeto nacional de promoção da leitura, dentro e fora da escola.

Contrastivamente, ao conhecer as maiores bibliotecas do mundo e ser recebido pelos seus respectivos diretores, iria ver as clamorosas diferenças culturais. Não apenas assistia nesse período o surgimento das novas bibliotecas na Austrália, Londres, Paris, México, Venezuela, China e Argentina, mas durante a realização do seminário sobre a perspectiva das bibliotecas no século XXI, patrocinado pela New York Public Library, vi seu diretor, Paul Leclerc, por exemplo, anunciar que havia acabado de receber, como doação, dez milhões de dólares de uma grande empresa para a NYPL. Isto ali era uma rotina, mesmo porque aquela biblioteca tinha um setor com trinta funcionários especializados em captar recursos de empresas privadas.

7. O Proler: experiência inovadora

O novo perfil da Biblioteca Nacional receberia ainda um traço fundamental dentro desse projeto sistêmico (livro-leitura-biblioteca), que se expandia no espaço (abranger o país) e se lançava no tempo (preparar-se para o século XXI). A professora Eliana Yunes, que já vinha acumulando experiência nacional e internacional nas questões relativas à leitura, propôs a criação do Proler — um programa nacional de promoção da leitura. A idéia vinha complementar e deveria impulsionar o Sistema Nacional de Bibliotecas. Uma coisa é termos bibliotecas e incentivarmos a construção de outras novas em diálogo com governadores e prefeitos. Outra coisa, ainda, é valorizarmos o livro e o escritor. Mas não se pode esquecer que a leitura é o ato que vai dar vida às bibliotecas e ao livro. Ter bibliotecas e editar livros são apenas dois lados de um triângulo, os quais só se complementam com um programa que parta para a reinvenção do próprio conceito de leitor.

Deste modo, leitor/leitura deixavam de ser uma coisa passiva. O leitor é o agente ativo, dinâmico. É preciso entender sob novo ângulo o que seja "leitura". É esta a incrível dificuldade. Assim como tivemos que enfrentar a estranha reação do corporativismo de bibliotecárias/os, ocorreu o que em outros textos já relatei: para meu espanto, tinha que dizer, tanto a ministros da cultura quanto a dirigentes da Câmara Brasileira do Livro, que quando falava de leitura não estava falando de leitura, mas de "leitura". Não estava me referindo à alfabetização, mas a algo complementar e fundamental ao desenvolvimento, não apenas intelectual, mas econômico e social. Enfim, algo que todos os demais países desenvolvidos já haviam descoberto.

Numa reunião de presidentes de fundações do Ministério da Cultura, depois que expus todos os projetos em curso e abordei as dezenas de ações do Proler, ouvi (ouviram todos) o ministro Antônio Houaiss dizer: "Leitura não

é assunto prioritário do meu ministério, e sim do MEC". Isto me colocou na situação desconfortável de ter que explicar a um ministro da estatura dele, que alfabetização e programa de leitura não são sinônimos, mas atividades e políticas complementares.

Esse tipo de equívoco entre nossos intelectuais é mais comum do que se pensa. Edson Nery, que durante anos liderou os bibliotecários no país, conta que quando cobrou de Lúcio Costa o fato de não haver projeto para biblioteca pública na planta original de Brasília, ouviu do notável urbanista a afirmativa de que esse negócio de biblioteca pública nunca deu certo no Brasil.

Hoje, cerca de 16 anos depois que o Proler mudou a face da questão da leitura em nossa terra, já se pensa diferentemente. Seguiram-se inúmeras iniciativas de muitas entidades governamentais, empresas e ONGs que tomam a leitura como questão central. Dizem os jornais e revistas que já existem centenas de entidades no país batalhando pela leitura. E o Plano Nacional do Livro e da Leitura, que deve em nossos dias a sua existência ao antigo Proler, registrou em 2007 que há 306 projetos de leitura cadastrados movimentando cerca de 800 milhões de reais.

A "leitura" foi descoberta. A palavra "política da leitura" foi descoberta. Hoje qualquer técnico ou até político pode falar de "analfabetismo funcional". Hoje professores e políticos estão mais atentos às estatísticas da Unesco sobre o analfabetismo funcional e assimilou-se até a noção de "analfabetismo tecnológico". Enfim, passou-se a entender que incrementar programas de leitura é ajudar a ler o mundo, a interpretar, a tornar as coisas menos enigmáticas. E, sobretudo, até economicamente, percebeu-se que a habilidade leitora é um instrumento de economia e poupança de gastos públicos. E que numa sociedade sofisticada tecnologicamente, a leitura, enfim, não é um luxo beletrista, mas uma tecnologia indispensável à sobrevivência pessoal e social.

O plano posto em ação por Eliana Yunes, Gregório Filho e sua equipe tinha ainda duas outras dimensões. Pensava-se em médio e longo prazo. Não se trabalha com "eventos" e sim com "projeto". Mas, mais do que isto, esforçamo-nos de maneira até ousada para fazer chegar aos diversos presidentes da República com quem tivemos contato, que a questão da leitura tinha que ser algo em nível de "segurança nacional". Ou seja, tinha que ser um projeto da Presidência e uma ação interministerial. Essa questão, portanto, transcendia o Ministério da Cultura e o Ministério da Educação.

Devo relatar uma experiência ocorrida durante o governo Collor. Dos três governos a que servi, pasmem! foi o que mais se interessou pela questão da leitura. Quando Collor resolveu demonstrar uma nova postura em relação à cultura, fez uma visita oficial à BN e anunciou liberação de verbas. Mas, além

disto, o então presidente fez no Palácio do Planalto uma reunião de ministros para ouvir seus respectivos projetos. Sérgio Rouanet, que ocupava a Secretaria da Cultura, convidou-me a mim e a Eliana Yunes para participar da reunião ministerial, pois achou conveniente que expuséssemos os projetos em torno do livro-leitura-biblioteca. O Presidente ouvia as exposições dos ministros de forma séria e quase fria. Porém, quando terminamos nossa exposição e Eliana Yunes fechou sua fala, o rosto do Presidente se transformou e ele exclamou: "Bravo! Brilhante!" e deu ordens para que seus assessores apoiassem à iniciativa. Ele percebeu o alcance cultural e político do projeto e ordenou que provessem a iniciativa com dois milhões de dólares. No entanto, com o desenrolar da crise política, que culminou com sua saída do poder, isto não viria a se realizar.

Da mesma maneira devo ressaltar que, naquele complexo instante político, o ministro Alceni Guerra, que acumulou certa vez vários ministérios, havia entendido o alcance interministerial do projeto de leitura da FBN e, chamando-nos para várias reuniões, já havia acertado não só que os cinco mil CIACs[3] que estavam em construção, sobretudo nas periferias das cidades, teriam, graças à nossa insistência, suas bibliotecas ampliadas de 40 para 400 metros quadrados, mas também que os programas de promoção de leitura sob a orientação do Proler/ FBN deveriam ter mesmo um alcance interministerial.

Infelizmente, a crise política e institucional levou por água abaixo o que seria não só acrescentar cinco mil novas bibliotecas às três mil já existentes, mas a implantação de um original e eficaz programa de leitura que atingiria escolas e comunidades carentes, e que certamente ajudaria a transformar o país através da cultura e da cidadania, evitando que hoje assistíssemos atônitos a essas crises terríveis exibidas nos jornais.

Devo revelar, por outro lado, que a criação do Proler encontrou resistências, sobretudo onde deveria encontrar aliados, entre editores, entre bibliotecárias/os, entre um ou outro escritor e obtuso ministro da cultura. Nunca lhes havia passado pela cabeça que existe uma coisa chamada "formação do leitor". Para eles, a função do estado era só alfabetizar e comprar livros. É como se estivessem dizendo que o leitor é uma conseqüência. Bastaria editar e botar livros em livrarias e estantes e um milagre ocorreria. Não se apercebiam que o processo é complexo, exigindo a interação do livro, da biblioteca e do leitor, nem se apercebiam de que o leitor pode ser despertado e formado em qualquer idade e não apenas na idade infantil, como tolamente alguns apregoavam.

Instalamos a Casa da Leitura na rua Pereira da Silva, 82, no bairro das

Laranjeiras. Conseguimos aquela bela mansão (que estava abandonada), graças à intervenção do diplomata Carlos Garcia, então Ministro da Administração. Fizemos a restauração do prédio até com ajuda gratuita de particulares, como do construtor David Spielberg. Montou-se, sem orçamento previsto, uma equipe operosa, coordenada por Francisco Gregório Filho. O raio de ação do Proler ia das atividades no próprio bairro de Laranjeiras, como na favela do Pereirão, aos projetos que começaram a ser elaborados com a Rede Ferroviária Federal para a implantação do Trem da Leitura, e aos programas conjuntos com o Ministério da Marinha para a criação de bibliobarcos no rio São Francisco e na Amazônia. Outros projetos com o Ministério da Justiça previam um incentivo às bibliotecas nos presídios. Com o Ministério da Saúde, programas de leitura nos hospitais. Com o Ministério de Meio Ambiente, introdução de programas de leitura nos parques ecológicos. De igual maneira, programas de leitura para soldados e oficiais nas três armas. Em breve, progressivamente, todo o país e também o exterior iriam tomando conhecimento do Proler. Lembro-me, para citar apenas um exemplo, da mesa-redonda na Feira do Livro em Frankfurt (1994), na qual expus esses projetos, que despertaram de imediato o interesse de fundações alemãs de financiamento.

Não tenho dúvida nem vaidade alguma ao afirmar que a história da leitura no Brasil tem na criação do Proler o seu divisor de águas. Mais de quinze anos depois de sua criação, mais de dez anos depois que deixei a FBN e que a equipe original do Proler de lá saiu, em qualquer recanto do país – de Passo Fundo a Rondônia, de Uberlândia a Maceió, de Cuiabá a Fortaleza, sempre se encontram pessoas que tiveram sua vida modificada pelo Proler. Verifica-se também que centenas de núcleos esparramados pelo território nacional prosseguiram por conta própria seu trabalho tentando superar a descontinuidade administrativa. Até algumas teses já começaram a ser escritas, reavaliando o que foi esse feito. E assim vai se fazendo, aos poucos, uma história mais ampla desta iniciativa.

Nos relatórios deixados na BN, por exemplo, estão dados e mapas ilustrativos das ações em todo o território nacional, quando já havíamos mobilizado mais de 30 mil pessoas em cerca de 300 municípios.

8. Estórias na História

Se em pouco tempo o Proler atingiu o Acre, Roraima, Amapá e tinha agentes em todos os estados, isto era apenas a contraface de um projeto que começava, interna e domesticamente, com os encarregados de faxina no prédio

sede na avenida Rio Branco ou com a favela mais próxima à Casa da Leitura, em Laranjeiras.

Já relatei em crônica publicada o episódio da insólita "visita" que alguns marginais da favela do Pereirão fizeram o coordenador do Proler, Gregório Filho, comunicando-lhe que como líderes do tráfico no morro estavam "achando muito legal" o programa de leitura que nossos leitores-guias ali faziam. E advertiam: — "Podem continuar. Se alguém for contra, fala com a gente, que a gente dá um jeito".

Para nós seria incongruente pregar a leitura para comunidades longínquas esquecendo os próprios trabalhadores. Não apenas os operários da BN tinham a hora da leitura dentro de seu parco tempo de almoço e chegavam a apreciar até Machado de Assis, como desenvolvemos ações com os adolescentes estagiários que vinham de instituições onde eles eram postos para se ressocializarem, como a FEEM[4]. Uma das experiências ocorreu durante a Bienal no Rio, quando demos a chance a 40 desses adolescentes que faziam pequenos serviços na biblioteca, para que fossem àquela grande feira do livro. Antes que embarcassem para o Riocentro, foi feita uma palestra introdutória sobre o significado daquela feira. Receberam uma quantia para poderem comprar livros e circularam alegremente pela bienal. Era uma experiência única em suas vidas. Alguns compraram livros com seu próprio e minguado dinheiro. Na volta, tão excitados com a experiência estavam, que vieram cantando um "rap" relatando suas experiências. Fizemos um concurso de redação para eles descrevessem como se sentiram e o que viram. Demos prêmios aos melhores, numa cerimônia oficial.

Mas o prêmio melhor foi constatar que cinco, dez, quinze anos depois, volta e meia encontro com um desses adolescentes que me param na rua para lembrar com emoção aqueles tempos.

Na mesma linha, tendo a forte e sedutora imagem do prédio da BN como atração para a leitura, recebíamos até de outras empresas, visitas de operários. Uma das mais tocantes foi a visita de cerca de 40 operários da construtora ENCOL, que ficaram deslumbrados com o que viram percorrendo aquela catedral de livros. Um deles chegou a chorar de emoção. E de volta às suas casas descreveram para seus familiares a experiência como se tivessem tido uma revelação de outro mundo.

Esse outro mundo é o que a leitura pode desvelar.

Em vários textos apresentados no Brasil e no exterior, sustentei a idéia de que uma biblioteca é a metáfora do próprio país. A nossa não poderia ser diferente. Ao lado da riqueza patrimonial, com o fabuloso acervo aportado

aqui com a Família Real que fugia de Napoleão em 1808, houve uma época, no tempo da escravidão, em que a BN tinha escravos trabalhando em suas dependências.

O tempo passou, mas realidades dilacerantes ainda são ali dramatizadas. Lembro-me do dia em que funcionários vieram me trazer uns pedaços de papel escritos C.V., sigla do Comando Vermelho, que os adolescentes estagiários da FEEM costumavam colocar dentro dos livros quando esses desciam dos grandes armazéns para a mesa dos leitores.

Aquilo tinha um recado múltiplo. Era, sim, um aviso da presença ameaçadora da marginalidade dentro daquele espaço não mais segregado do cruel cotidiano. Mas bem podia ser também um pedido de socorro. A periferia e a marginalidade se faziam notar. E possivelmente aguardavam uma resposta. Inteligente, se possível.

NOTAS

[1] Centro Federal de Educação Tecnológica.

[2] Conselho de Reitores das Universidades Brasileiras.

[3] Centros Integrados de Assistência às Crianças.

[4] Fundação Estadual de Educação do Menor.

Affonso Romano de Santa'Anna é poeta, cronista e crítico. Foi presidente da Fundação Biblioteca Nacional.

Eventos que fazem pensar

Afonso Borges

Belo Horizonte é a Capital dos bares. E foi por isso que o "Sempre Um Papo" nasceu. Aos 23 anos de idade, eu era poeta e ganhava a vida tocando violão em bares da cidade, no melhor estilo "um banquinho e um violão". Durante o dia, era poeta; não só daqueles de apenas escrever, mas de andar pelas ruas buscando argumentos para um novo texto. A literatura estava diretamente ligada à minha rotina. E foi por acaso que ela se tornou o meu ideal de vida.

Em março de 1986, uma segunda-feira, dia monótono na provinciana Belo Horizonte, resolvi fazer um show diferente. Convidei um escritor para conversar com o público nos intervalos de minhas apresentações musicais. O padrinho foi Oswaldo França Jr. que, por amizade, aceitou meu chamado e falou sobre seu livro *Jorge, um brasileiro*. A casa ficou lotada. Duas semanas depois, foi a vez de Fernando Brant, papo que só acabou às duas da manhã. E assim vieram outros, até que Frei Betto – um ídolo distante para mim naquela época, mas que acabou se tornando um grande amigo – profetizou: "Isso aqui é sempre um papo".

Minha vida começava a mudar. Larguei o violão e passei a me dedicar exclusivamente aos livros. Não aos meus, mas os dos outros. Minha missão, a partir de então, era promover autores e títulos através da conversa, em um projeto batizado por Frei Betto, meio que sem querer.

Como todo projeto cultural que se fazia naquele Brasil, o maior desafio foi viabilizar o "Sempre Um Papo". Sem planejamento nem dinheiro, resolvi tocar minha idéia adiante, quase que na raça. Eu era um idealista – e acredito que ainda sou.

Aluguei uma pequena sala no Centro de BH e a transformei no quartel general da literatura em Minas, por onde vários escritores passavam para dar incentivo. Deixei o fazer poético um pouco de lado e comecei a usar meu tempo produzindo cartazes e panfletos, escrevendo matérias para a imprensa e buscando parceiros para viabilizar um evento que trazia escritores para conversar com o público sobre livros e idéias.

Nos primeiros anos, o projeto sobreviveu sem patrocínio oficial. Naquela época, os convidados do "Sempre Um Papo" formavam um time, no mínimo eclético, de diversas correntes políticas e estéticas. Logo nos seus primeiros anos de vida, o projeto trouxe os concretistas Décio Pignatari e Haroldo de Campos, e os poetas, adversários do concretismo, Ferreira Gullar e Affonso Romano de Sant´Anna.

Na fase em que era realizado em bares, o projeto terminou em conversas um tanto quanto acaloradas. O Brasil acabava de sair de um período de ditadura militar e o espaço para a discussão livre de idéias era uma oportunidade não desperdiçada.

Com cinco anos de vida e cerca de 100 eventos realizados, o "Sempre Um Papo" assumiu uma nova cara. Mudamos dos bares para confortáveis teatros e nos tornamos o principal projeto de lançamentos literários de Minas Gerais. Nesse momento, passei a entender a minha responsabilidade como idealizador do primeiro projeto de incentivo à leitura de Belo Horizonte. "A minha ficha caiu" e, junto com ela, aumentou a vontade de fazer o "Sempre Um Papo" crescer.

Acontece que essa tarefa exigia muito mais do que sonhos e boa-vontade. O meu idealismo passou a ser pouco perto da grandiosidade que o projeto tomou. Todos aqueles amigos que acreditaram em mim por cinco anos esperavam uma postura profissional; assim como a imprensa, meus apoiadores e, principalmente, o público.

Criei uma empresa, contratei funcionários e, claro, fui buscar formas de viabilizar o crescimento do projeto. Pela primeira vez planejei ações em curto, médio e longo prazo e me senti um executivo literário. Os livros eram meu passatempo, minha paixão e, daquele momento em diante, meu trabalho.

Em 1998, o "Sempre Um Papo" passou a ter filhos e, com eles, mais parcerias. O primeiro foi o "Sempre Um Papo nos Bairros", no qual um escritor conversava com o público durante uma semana em cinco bairros diferentes. Ao invés dos teatros, associações comunitárias, paróquias e até mesmo pequenos bares. A idéia deu certo e cresceu para o estado. Nascia aí o "Sempre Um Papo Minas", com a mesma didática do projeto de bairros – só que em cinco cidades do interior.

Sempre me diziam que era preciso vencer as montanhas de Minas Gerais com o "Sempre Um Papo", mas isso só aconteceu em 2003, ano em que o projeto atingiu a maioridade. Primeiro foi o Rio de Janeiro, depois Brasília. Na seqüência vieram Curitiba e interior do Paraná, São Paulo, Manaus, Rio Branco, Porto Velho, Belém e interior do Pará, além de outras cidades de Minas (Ipatinga, Nova Lima e Itabirito).

Quando completamos duas décadas, resolvemos ampliar a ação de incentivo à leitura do "Sempre Um Papo" através do fortalecimento das bibliotecas comunitárias da cidade. Por ano, adotamos cinco centros de leitura de BH e atualizamos seus acervos com livros novos. Nossa missão é mostrar para os moradores que a biblioteca é um lugar especial, não um depósito de livros velhos. Para isso, além das doações, levamos às comunidades escritores para dar seu testemunho sobre a importância da leitura em suas vidas. Marina Colasanti, por exemplo, foi recebida com festa pelos moradores da Vila Pedreira Prado Lopes, região mais violenta da capital mineira. Os contos de seu último livro estavam registrados em grafites nos becos e a biblioteca tornou-se o centro das atenções no morro.

São 21 anos de trabalho ininterrupto, com mais de 2,5 mil eventos realizados, com público superior a 900 mil pessoas. Para o "Sempre Um Papo", o que vale mesmo é incentivar a leitura, seja o texto tradicional ou contemporâneo. Produzimos eventos para 30 ou 3 mil pessoas, para intelectuais ou moradores de periferia. Nossos convidados são estudiosos, pesquisadores, jornalistas, enfim, doutores em dizer para as platéias: "eu não seria nada se não tivesse lido a minha vida toda".

Foi assim com José Saramago e Toni Morrison (Prêmios Nobel de Literatura), Mário Vargas Llosa, Jostein Gaarder, Chico Buarque, Jô Soares, Jean Baudrillard, Washington Olivetto, Alain Touraine, Brian Weiss, Theodore Zeldin, Alain Badiou, Raduan Nassar, Betinho, Mia Couto, Jung Chang, Fernanda Montenegro, Zuenir Ventura, Darcy Ribeiro, Zélia Gattai, Ruy Castro, Paulo Coelho, Hélio Pellegrino, Frei Betto, Luis Fernando Veríssimo e tantos outros.

Mais de mil escritores já passaram pelo "Sempre Um Papo". Alguns começaram desconhecidos e utilizaram o projeto como trampolim para divulgar seus trabalhos. Outros já chegaram consagrados pelo público e crítica. José Saramago, por exemplo, esteve pela primeira vez no "Sempre Um Papo" em 1999, antes de ganhar o Nobel e reuniu quase 2 mil pessoas no Grande Teatro do Palácio das Artes. Gostou tanto que voltou nove meses depois, com o prêmio literário mais importante do mundo. Casa lotada, mais uma vez. No

total, foram quatro eventos realizados com Saramago em BH. Ele ganhou amigos (fato que está registrado em um de seus livros) e o público mineiro pôde aprender com esse grande homem.

O ecletismo e a falta de conceitos rígidos sobre o que é bom ou ruim é o que faz do "Sempre Um Papo" evento diferente. Ele transmite idéias, divulga autores e aquece a venda de livros. Chego a dizer que inventamos uma nova mídia, que utiliza todas as outras (rádio, TV, jornais, cartazes) para divulgar um evento sem contra-indicações.

Encerramos 2006 com mais de 170 eventos realizados em 15 cidades brasileiras. Promovemos o saudável contato do autor com o público, numa interação natural entre o consumidor e o produto. Conseguimos quebrar o distanciamento através de uma ação de marketing casual e necessária. Afinal de contas, que leitor não quer conhecer seu escritor predileto? E que escritor (ou editora) não quer vender livros? Literatura também é pop.

Essa ação, patrocinada por empresas por intermédio das leis de incentivo, gera informação e forma opinião, além de criar a oportunidade de um contato direto do público que ouve e dialoga com grandes nomes da cultura de forma gratuita. Aliás, esse é mais um dos diferenciais do "Sempre Um Papo": são duas décadas de promoção de eventos literários com entrada franca.

O "Sempre Um Papo" também chegou aos lugares mais remotos através da TV Câmara, que já transmitiu mais de 70 programas para todo o país. Inovamos mais uma vez, sob a ótica de que é preciso renovar, com consciência e correção.

Cada um tem a sua forma de incentivar a leitura. Seja através de bibliotecas, doação de livros, campanhas de conscientização ou produção de textos. A minha é divulgar autores e conquistar novos leitores.

Afonso Borges é jornalista, produtor cultural e poeta. Idealizador do projeto "Sempre Um Papo".

Com licença, mas eu acredito em amor eterno

Ana Cláudia Maia

Cheguei ao Leia Brasil no ano em que ele chegava ao fim. Um fim pressentido por todos, mas nunca oficialmente anunciado pelo patrocinador. Nunca me esqueço da imagem daqueles 17 caminhões abarrotados de livros estacionados lado a lado dentro do antigo galpão do Santo Cristo, zona portuária do Rio de Janeiro. Foi assim que os conheci, parados. Mas repletos de histórias. Não só as dos milhares de volumes que continham, mas também de todos os que trabalhavam no programa, que falavam, já saudosos, de encontros, espetáculos, e do dia-a-dia nas escolas.

Vi muitas pessoas irem, e o programa ir também, lentamente, ao pó. Mas como a ave mitológica, também vi algo novo nascer dali, e é isto que se espera que eu conte. A razão de juntar meu depoimento a pessoas com um caminho mais extenso que o meu na promoção da leitura.

Traduzir letras em números. Acho que este foi o pedido mais constante que escutei nestes quase seis anos de ONG Leia Brasil. Patrocinadores, imprensa e mesmo em conversas informais com conhecidos (amigos não se atreveriam a fazer isto) sempre procuram saber para que serve um programa de leitura. Creio que é mesmo um pensamento geral, a leitura como um elefante branco, raro, valioso, mas que não tem uma real utilidade prática. Uma ONG que promove a leitura. Lindo! Mas melhora as notas? Garante emprego? Poderia mostrar resultados em frios dados estatísticos ou em uma tabelinha excel?

Bem, a importância da leitura para a cidadania e mesmo uma digna condição humana, não vou defender aqui. Com certeza é mais bem escrita e descrita pelas pessoas incomuns reunidas neste livro.

Aqui é a história de alguém que nunca pensou em trabalhar com promoção da leitura, que não é professora, pedagoga ou acadêmica em Letras. Simplesmente uma pessoa que um dia recebeu uma proposta de trabalho interessante e aceitou. E que teve sua vida e reflexão do mundo completa e irreversivelmente alteradas.

Então peço a generosa licença para contar como isso se deu, sem ocupar muitas linhas, pois me sinto profanando solo sagrado ao me inserir entre estas páginas.

Não sei se ciganas podem ler destinos. Mas acredito piamente que destinos podem ser esboçados pela leitura. O meu com certeza o foi. Pode parecer romantismo, quixotismo dentro de um país onde uma pequena parte dos jovens que passam pela escola se tornam cidadãos letrados.

A ansiedade me fez leitora cedo. Uma das lembranças mais nítidas e antigas que tenho é de uma conversa com meu pai pelas ruas tranqüilas de Paquetá, meu mundo físico por oito anos de existência. Naquela época já sabia contar meus quatro anos recém completados nos dedinhos da mão, mas não distinguia nem minhas iniciais. Foi o dia em fiz o pedido: quero aprender a ler. Esperar seis meses para poder ser matriculada na Escola Municipal Joaquim Manoel de Macedo me parecia tempo de mais.

Sempre vi meus pais lendo jornais, revistas, livros; e a mim nunca foi proibido folheá-los livremente, ainda que isso muitas vezes lhes trouxesse sérios danos. Confesso que meu interesse maior eram fotos e ilustrações, principalmente essas últimas, que até hoje me parecem extrapolar o texto e contar histórias novas. Não recordo de meus pais contando histórias para mim, apesar de saber que isto ocorria. Lembro com impressionante nitidez é de minha mãe me ninando ao som das canções de Cole Porter e Nat King Cole, e meu pai cantando, com voz empostada, Francisco Alves e Sílvio Caldas, o que talvez tenha ajudado a forjar um temperamento irrecuperavelmente romântico.

Na escola, o que a princípio pareceria uma vantagem, a fluência na leitura, se tornou um entrave para minha inserção dentro do ensino público da pequena ilha no fundo da Baia da Guanabara. E, aconselhado pela diretora da escola, mudamos para o Rio de Janeiro, à procura de um ensino mais "forte"...logicamente pago. Assim completei minha educação em carteiras de Colégio Marista e pude conquistar uma vaga em universidade pública.

A primeira vez que ouvi o termo *letramento* era estagiária da Fundação Biblioteca Nacional na gestão de Affonso Romano de Sant'Anna. Mesmo dividindo a sala, e o chá da tarde, com pessoas como o poeta Armando Freitas

Filho, e escrevendo notas sobre o recém-criado Proler, nunca pensei que meu futuro estaria ligado à promoção da leitura.

Demorou mais dez anos até chegar ao Leia Brasil, vinda de uma área profissional completamente díspar, encontrei uma nova ONG, de antigo percurso.

Novamente a leitura alterou minha biografia não lançada (e, fiquem tranqüilos, não lançarei). Conheci Jason Prado como amigo, quase cunhado, e depois de um ano e muitas e longas conversas sobre livros e filmes, recebi o tal convite de trabalho.

A idéia era a criação de uma revista que conseguisse falar sobre temas do cotidiano apresentando diferentes leituras, convergentes e/ou divergentes. Destinada a professores, mas sem a tentação de cair na receita de manual. O nome era fantástico e resumia seu conteúdo : *Leituras Compartilhadas*. Na verdade existiam dois números anteriores, mas muito distantes do que se pretendia fazer agora. O desafio era esse, fazer uma revista que seduzisse leitores, que despertasse, em quem folheasse suas páginas, o interesse em aprofundar conhecimentos. Para isso ela que tinha que ser atraente na capa, diagramação ilustração, linguagem.

No conselho editorial reencontrei o professor (é assim que o chamo até hoje) Affonso Romano de Sant'Anna que, junto com Paulo Condini,. nos ajudou a quebrar todas as regras editoriais de uma revista, muitas que nem sabíamos existir. E durante meses trabalhamos artesanalmente na criação de *Os Rios*.

Artesanalmente e carinhosamente ainda é a maneira como Leituras Compartilhadas é criada, juntando memória, preferências, pesquisa e trabalhos de todos os profissionais maravilhosos que já colaboraram com ela. Não poderia de citar especialmente Ricardo Oiticica, José Durval Cavalcanti de Albuquerque, Maria Clara Cavalcanti de Albuquerque e Júlio Diniz que moldaram seus números em memoráveis reuniões de pauta noturnas, além de Sueli Rocha que, muito mais que revisora, sempre ajudou muito com seus comentários, e que, como eu e Jason, está nesta empreitada desde o início.

Além da plena satisfação que sempre tivemos com Leituras, a sua repercussão entre os que tinham acesso a ela sempre nos encheram de orgulho. Não foram poucas as pessoas que relembram da publicação como algo realmente diferente e especial. Nem do número de pessoas que solicitam números através do site. Também o meio acadêmico deu seu aval, por meio da Faculdade de Educação da UNICAMP e dos nossos "divulgadores" espontâneos, entre eles, o professor Carlos Lessa.

Com o tempo, comecei a participar de outros projetos do Leia Brasil. Aos poucos a nova fênix foi crescendo e ganhando parceiros e patrocinadores. O

seu trabalho sempre foi diferenciado por não recebermos um tostão de patrocínio particular ou governamental para sua estrutura. Cada centavo chega aqui já com seu destino e projetos determinados, o que nos garante transparência, além da conclusão dos projetos. E foram muitos nestes seis anos: Programa de Leitura da Petrobras nos estados do Rio de Janeiro, São Paulo, Paraná e Sergipe, O Rio tem Histórias, Leitura Ampla anos 1 e 2, Compartilhando Leituras no SESC (nascido da nossa querida revista) e a inesquecível Bienal da Leitura de São Gonçalo.

Essa última deixa uma lembrança especial, talvez porque tenha nascido tão desacreditada. Uma Bienal de Leitura em uma cidade sem livrarias e sem tradição nesse tipo de evento, com um dos piores IDHs do estado e considerada dormitório!

Pois por quatro dias vimos o Sesc de São Gonçalo lotado de adultos, crianças – do próprio município e de cidades próximas – , assistindo a teatro e cinema, participando de oficinas, debates e encontros com autores, tudo de graça. E sem cheque-livro!!!

O mais emocionante era o orgulho que víamos na população, ao receber autores e visitantes. Os encontros com autores eram particularmente marcantes, principalmente daqueles que, diferentemente de Marina Colasanti e Ferreira Gullar, não têm um público cativo. Quinze minutos antes parecia que as cadeiras na platéia ficariam vazias, mas aos poucos, dezenas de pessoas iam se achegando, olhando e sentando para ouvir e conversar com aquele autor que elas, na maioria, desconheciam, mas que, na totalidade, demonstravam muito querer conhecer.

Durante a realização de todos esses projetos duas idéias foram se construindo em minha mente:

1. Que mais importante que distribuir livros é dar acesso a seu conteúdo, pois isto é um patrimônio a qual todo cidadão tem o direito de conhecer. Este conteúdo é poderoso e, portanto, muito negado. Distribuir livros, sem abrir para os que devem/realmente precisam receber seu real poder transformador é uma maneira cruel e hipócrita de se manter o establishment.
2. Que, como ouvi na palestra de Jean Hébrard, Inspetor Geral do Ministério de Educação francês, enquanto houver uma escola para o rico e outra para o pobre, podem-se esquecer os termos democracia e fim do abismo social. Enquanto pais (como os meus) escutarem de educadores que procurem uma escola particular para o melhor futuro de seus filhos, é este país que não terá nenhum digno desse nome.

A cada dia é o acesso ao conhecimento o objetivo real do Leia Brasil, apesar do caminhão, ainda figurar como uma encantadora garota-propaganda.

Hoje trabalho para que outras pessoas descubram realmente a paixão da leitura. Cada revista que faço, cada título que escolho para o acervo de uma biblioteca volante ou de uma sala de leitura é como uma carta endereçada a alguém que não conheço. Penso diariamente se uma frase ou poesia dita em um encontro, se a fala de um escritor vai tocar uma professora.

Através de meu cotidiano, redescobri a maravilha da dita literatura infantil, tão subestimada, mas tão encantadora, com autores como Lygia Bojunga Nunes, Sylvia Orthof, Bartolomeu Campos Queirós; e com ilustradores como Roger Mello, Elisabeth Teixeira e Mariana Masarani, por exemplo. Relembrei o encanto que é descobrir a poesia na concisão de autores que dizem tanto a criaturinhas capazes de imaginar mais ainda.

Por isso acredito tanto na descoberta da leitura na infância. Creio que é assim mesmo. Como toda história romântica, a parte mais interessante é quando ocorre a paixão avassaladora. O amor maduro que vai se conquistando já é previsível e confortável. A infância é a melhor fase para essa descoberta. Quanto mais trabalho com isso, mais acredito.

Penso se uma criança, como a que eu fui, vai encontrar refúgio nas páginas dos livros e descobrir que, se a leitura não pode mudar sua vida, pode lhe dar outras. Porque a vida é muito intensa para ser vivida unicamente com o dia-a-dia real, ela pode ser vivida muitas vezes dentro de nós. Recordo-me que, em menina, acordava sempre com a mesma paisagem deserta da casa isolada na ponta da ilha, e aprendi com ajuda da leitura, a olhar todo dia de um jeito diferente o que era sempre igual. Gosto de pensar que sou um dos cupidos de novas histórias de amor com a leitura. E que serão histórias de amor eternas. Pode parecer emotivo sobremaneira, piegas até, e talvez seja, mas em minha defesa lembro que nunca os enganei. Sempre me afirmei romântica demais.

Ana Cláudia Maia é jornalista, pós-graduada em Literatura Brasileira pela PUC-Rio e editora dos cadernos de *Leituras Compartilhadas*.

Balanço

Bartolomeu Campos de Queirós

Sou escritor. Ao escrever procuro elaborar um texto que permita a leitura também dos mais jovens. A infância sempre me seduziu pelo que existe nela de possibilidades. A infância é o nó inicial para se estabelecer uma trama que perdura pela existência inteira. Se frouxo o primeiro nó, todo o resto do tecido estará comprometido. A liberdade, a fantasia, a espontaneidade, a inventividade inauguram a infância. Assaltar esses elementos é desconhecer a vida como um único fio e que a antecedência assegura o depois.

Meu primeiro trabalho, quando ainda jovem, foi com as crianças. Todo pouco que sei aprendi com elas. Como professor, vivi a felicidade de praticar meu desejo. A escola começava em mim. Soube, naquele tempo, que professor é aquele que professa uma crença. Meu primeiro exercício foi de indagar – a mim mesmo – porque estava naquela escola e o que desejava realizar, tendo as crianças como companhia de viagem. Companhia tem o mesmo prefixo que compaixão, compromisso.

A escola era experimental, ligada ao Ministério da Educação. Tinha como função pesquisar novas técnicas educacionais. A liberdade conduzia suas atividades por não se afastar da curiosidade natural dos alunos pelo universo – gratuito e misterioso a todos os olhares. Criar era, pois, o meu ofício. Mas a minha criação partia da necessidade primeira de escutar. Tentar fluir a poesia no nosso encontro. Eu não ensinava apenas como era o mundo mas como poderíamos alterá-lo a partir do conhecimento. Eu carregava a crença de que a escola era um espaço de informar a tradição e do convite à transformação. E escutar era tomar posse tanto da história já vivida por cada aluno, como pela vida sonhada por cada um deles. Era necessário saber de onde vinham e onde sonhavam chegar.

Minha tarefa era de intermediar essa passagem. Realidade e fantasia se equivaliam ao perceber que o mundo ganha mais dimensão com a força da fantasia. Todo real que admiramos é uma fantasia que ganhou corpo. Marcamos nossa presença no mundo se acrescentamos a ele o que nos é particular.

Como professor, meu ofício consistia, ao lado das crianças, em sonhar um mundo, sem esquecer que as diferenças promovem os avanços e que o sujeito não deve apenas se sujeitar ao estabelecido. Fazer o que já está feito não nos tornava sujeitos, mas apenas cúmplices. Tornar-se sujeito demanda coragem e trabalho. Por ser assim, eu procurava ser cúmplice das crianças, na intenção de desvendarmos o real existente com os instrumentos que ao nascer nos foram dados. Estudar era brincar de conhecer as coisas e fantasiá-las em outros estágios. Sem perder de vista os homens e mulheres como seres de relações, pensávamos à luz do coletivo. E como seres de relações, nada nos interditava de falar sobre o amor, a fome, a justiça, a solidariedade, a fraternidade. Valores que não podiam ser mensuráveis, mas de fundamental importância para a dignidade dos humanos. Minha felicidade, naquele tempo, era feita de resto da felicidade que deles sobrava nesse jogo de reinventar a realidade.

Quando já professor, muitas vezes, buscava lembrar, mas nem a memória mais sabia quem fora a diretora, a orientadora, a supervisora do Grupo Escolar onde estudei. Nem sei se andaram por lá. Menos sei quem era o governador, a secretária de educação e o ministro. Mas me lembro com firmeza de Maria Campos, minha primeira professora. Aquela que preservou a minha infância e permitia primeiro que a minha fantasia inventasse as respostas para os meus não entendimentos. Ela reformulava meus conceitos só depois de ouvi-los. Ela sabia que, ao entrar para a escola, eu já sabia falar e que só se fala ao possuir o que dizer. Ela derramava claridade depois de escutar minhas incoerências. Assim, eu jamais esquecia do real e nem do imaginado. Estudar era também cultivar a esperança e torná-la concreta. E da conversa travada entre o real e minha fantasia, nascia um terceiro tempo que, mais tarde, me disseram se chamar aprendizagem. Eu aprendia sem negar o que já possuía.

Foi na horta da escola, cavando os canteiros, que Dona Maria me exemplificou a mais importante das lições: havia nascimento e morte. Ela me ensinava a proteger e bem cuidar das sementes para que os tomates fossem belos e fortes. E para tanto, era preciso bem adubar, podar os excessos de galhos para nutrir os frutos e dar firmeza aos caules. E se existia tempo de nascer e tempo de morrer, havia o momento de replantar as sementes. Assim, a horta estava sempre viva. Nunca precisei me esquecer dessas suas lições, Elas são definitivas ainda agora quando me afirmam que os tempos mudaram.

E quando nosso trabalho ia sendo colhido e reservado na cantina da escola, tudo era "somado" para ser "dividido". Nossa fome era "subtraída" e nossa alegria "multiplicada". Aprender as quatro operações passava a ser coisa simples. Aprendia-se experimentando o sabor quente da sopa cultivada por todos.

Não sei se o que aprendi na minha escola, naquele outro tempo, deve ser totalmente ignorado. Quando professor já desconfiava que existem lições que duram a vida toda, independente dos rumos dos tempos. Eu reconhecia, espiando as descobertas dos alunos, que a maleabilidade, o constante movimento, o eterno vir-a-ser do mundo é que o tornava mais sedutor. Eu via a mutação das sociedades, as invenções das tecnologias, mas desconfiava que os problemas humanos eram os mesmos desde que a matéria tomou consciência de si: o medo da morte, a lágrima pela perda, a busca do encontro, a dúvida sobre o depois. E no susto que meus alunos sentiam com os trovões, na surpresa com a argila queimada, na descoberta dos animais cambiantes que as nuvens formavam, no silêncio para não espantar o pássaro que chocava no ninho, eu acreditava que, na escola, era o mistério da vida que merecia estar em questão.

Eu sou escritor. Para bem exercer minha tarefa foi preciso não ignorar o que ganhei ao nascer: a liberdade, a espontaneidade, a fantasia, a inventividade, e mais as dúvidas. Mas não tomo como assunto o que os jornais falam, as televisões divulgam, as ruas mostram. Nego, no meu texto, a falar de sexo, droga, violência, intolerância. Deixo tais temas para os estudos sociais, a ética, a história. Eu me certifico do real para respondê-lo com a perspicácia da fantasia.

Prefiro fantasiar um outro destino para o real. Se me foi dado a faculdade de fantasiar, de realizar aquilo que não foi feito ainda, me recuso a desprezar esse presente. Mas assim faço, não por nostalgia ou por uma atitude romântica. Uso da fantasia para amenizar um pouco a minha grande culpa. É que a fantasia, tomada como elemento para a construção literária, passa a adjetivar as coisas na perspectiva de estabelecer a beleza. Navego na cobiça de um mundo mais bonito.

Não faz muito tempo, visitei uma escola. Os alunos haviam lido um livro meu e queriam me conhecer. Entrei. Vi os meninos assentados, com uniformes bem cuidados, com cadernos abertos, vaidosos da professora que lhes ensinava. Eu me assentei e os olhei de frente. Um grande susto me atordoou. Meu desejo, naquele momento de confrontação, era de pedir desculpas àquelas crianças pelo mundo que ajudei a construir para elas. Fiquei calado. Falar, naquele momento, era o que menos eu queria. Eram dois tempos distintos: um já muito vivido e outro inteiro por viver. Minha vontade era lhes pedir para que não deixassem ninguém lhes roubar a infância. Os elementos que fundam a infância são um presente da natureza dada e que jamais podem ser assalta-

dos. É preciso carregá-los com cuidado, vida afora. Não deixar que a lógica fria e formal substituísse suas intuições criadoras.

Mas eles queriam saber da minha idade, quanto tempo levei para escrever o livro, quantos filhos eu tinha, se a família me incentivou, se gosto de ser escritor, qual o livro que mais vendeu. Todas as perguntas esbarravam no tempo, no amor, na origem, na felicidade. Quando me perguntaram se eu gostaria de ser outra coisa, não vacilei. Sim – respondi – gostaria de ser vocês. Silenciosamente pensei, e quase pedi, que eles mudassem o mundo que eu havia deixado em suas mãos. Eu gostaria de um mundo novo.

Eu os invejava por eles terem nascido num tempo tão rico, em que a tecnologia diminuía as distâncias, em que o saber era democratizado. Num momento em que a sociologia, a psicanálise, a antropologia melhor falavam das finitudes, melhor compreendiam as diferenças, os preconceitos e a liberdade, esta era solicitada para que os homens melhor realizassem seus destinos. Num mundo em que os dogmas podiam ser questionados, e a verdade é a dúvida.

Deixei a escola entre a culpa e o perdão. Percebi que, no meu texto, buscava, pela arte, amenizar meu pecado de haver participado da construção de um mundo precário, uma vez que o sujeito ficara esquecido. Ter concorrido para a construção de uma sociedade em que excluídos são aqueles impossibilitados de consumir. Surpreendido por ter sido operário na edificação de um mundo em que cada um se tornou apenas uma ameaça para o outro.

Dias depois, em casa, abri o computador. Na tela uma ave branca de Picasso, voava sobre a palavra Paz, diante de meus olhos. Reparei e inferi que a paz não virá do nada, num dia de céu azul. A Paz é telúrica. Ela nasce da terra e cultivada por nós. Para vivê-la, faz-se necessário afastar de suas raízes a injustiça, a mentira, a desigualdade, a ganância, a inveja. A Paz é uma construção contínua e coletiva.

Fazendo de conta que seria novamente professor, me transportei para a sala de aula. Passei a me perguntar o que ensinaria agora aos meus alunos ou se ficaria esperando o que "eles" me ordenam fazer, como se eu não tivesse desejo. O silêncio se instalou em mim de maneira definitiva. A pedagogia afirma que os tempos são outros e o que penso está em desuso. E novamente encontrei na poesia "Interlúdio", de Cecília Meireles a resposta:

"As palavras estão muito ditas
e o mundo muito pensado.
Fico ao teu lado."

Bartolomeu Campos de Queirós é escritor

Simpósio Internacional de Contadores de História: um encontro para muitas vozes

Benita Prieto

Nos últimos anos tenho me dedicado ao ofício de narrar histórias, o qual parece recente, mas talvez seja um dos mais antigos do mundo. E já se passaram muitos verões desde que o Grupo Morandubetá[1], do qual faço parte, optou por desenvolver uma atividade que naquele momento estava ligada principalmente às bibliotecas e escolas. Poucos conseguiam entender o que era contar histórias fora desses ambientes. Também duvidavam que alguém sairia de sua casa para escutar contos, mas o tempo nos mostrou o contrário.

Para entender o simpósio internacional que atualmente é o evento mais importante do movimento de contadores de histórias brasileiro, precisamos viajar ao nosso passado.

Corria o ano de 1987, eu havia sido engenheira eletrônica e trilhava o promissor esboço de uma carreira de atriz e produtora cultural. O cenário era complicado, pois mesmo trabalhando muito, o retorno financeiro custava a chegar. E para sobreviver, dava aulas de Matemática e Física. Foi nesse quadro que entrou em minha vida a querida Maria Lúcia Martins que trabalhava para FNLIJ[2]. Lá também estava Eliana Yunes, que eu admirava e respeitava como crítica de teatro e literatura para infância e juventude do Jornal do Brasil.

Na Fundação, fui tentar uma vaga como supervisora num belíssimo projeto que se chamava "Meu Livro, Meu Companheiro" e seria implantado em 10 hospitais públicos do Rio de Janeiro. Estava motivada pelo salário, mas ao participar da primeira oficina com Maria Lúcia, meus olhos se abriram para o universo da leitura que eu já amava e jamais tinha pensado que seria meu caminho.

Para abreviar a história, o Hospital dos Servidores do Estado, que estava sob minha responsabilidade, teve grande êxito e fui convidada a fazer o mesmo trabalho no INCA[3]. Relutei a princípio, pois sou muito covarde para lidar com a morte, mas quando entendi a importância dos momentos de vida que o projeto proporcionaria, aceitei o desafio. Era o ano de 1991.

O grupo Morandubetá de Contadores de Histórias já existia na FNLIJ, dando seus primeiros passos. Estava composto pela exuberante bibliotecária Lucia Fidalgo, pela deusa da leitura Eliana Yunes, pelo multitalentoso Celso Sisto e pela amorosa Maraney Freire. Eu conhecia a todos e os convidava, como grupo ou individualmente, a fazer alguma ação de leitura no INCa. E sempre era um sucesso, tanto que o grupo, depois de fazer uma apresentação no dia da inauguração da biblioteca infantil do hospital, passou a contar histórias lá todas as terças-feiras, como atividade fixa do projeto.

Um dia, Celso Sisto sugeriu que eu entrasse para o grupo, já que era atriz, mas deveria primeiro fazer uma oficina com o Morandubetá que seria realizada no INCa, pois havia necessidade de formar mais contadores para o hospital. Topei o desafio e fui aceita. Nesse período, Maraney Freire decidiu sair do grupo e nós, como cavaleiros de sonho, galopamos em busca do nosso espaço e independência. Com uma carta de agradecimento à FNLIJ por ter sido nossa primeira casa, nós nos desligamos dela e resolvemos nos profissionalizar.

Por essa época, pelas mãos de Eliana Yunes e Affonso Romano de Sant'Anna, surgia o Proler[4], e o Morandubetá passou a viajar pelo país formando e incentivando novos contadores de histórias. Também foi criado, no mesmo período, por Jason Prado, o Programa de Leitura Leia Brasil. E nossos caminhos se enovelaram.

O trabalho prosseguia. Abriram-se novas portas, recebíamos convites para contar em escolas, creches, hospitais, teatros, centros culturais, feiras de livros, e nós íamos em frente.

Eram momentos de descoberta. Aos poucos, contadores profissionais e amadores – de cuja existência sabíamos, mas que ainda não conhecíamos, e outros que estavam escondidos por esses rincões do Brasil e já encantavam crianças e adultos nas suas comunidades – descobriam seus pares. Para coroar todo esse esforço, surgiu no Rio de Janeiro a Casa da Leitura, que passou a ser a sede do Proler, e onde os contadores de histórias tinham dia fixo e horário para se apresentar.

Na verdade, esse foi o despertar de algo que é latente no povo brasileiro: nossa formação cultural já tem uma forte expressão de oralidade. Somos con-

tadores de histórias por excelência, precisávamos apenas dar destaque a essa arte dentro da sociedade.

A partir daí, não era possível começar qualquer evento de leitura, pelo Brasil, que não tivesse a apresentação de uma história. O público se emocionava e nos contava das suas memórias de leitura, dos contos ouvidos dos avós, pais, professores, amigos. E os livros saltavam das estantes através das vozes que narravam, tal qual eram, as histórias da literatura oral e autoral. Muitos escritores ficavam felizes ao verem seus livros contados e outros nos pediam que memorizássemos alguma de suas histórias.

Muitos percebiam que contar histórias era uma grande estratégia para chegar ao livro. Teóricos nacionais e internacionais escreviam sobre o tema ressaltando a importância dessa prática. Assim, a promoção de leitura ganhava como aliado o narrador oral.

A passagem do tempo trouxe vitórias e dúvidas. Em 1996 havia tantos contadores de histórias pelo país que era necessário criar alguma estrutura que possibilitasse o encontro dessas pessoas.

Novamente a FNLIJ entra nessa história. Eu era votante do prêmio anual dado aos autores e, lendo um boletim da Fundação, vi que haveria o I Encuentro de Narración Oral do Rio da Prata, em Buenos Aires. Percebi que ali estava uma ponte fundamental para a evolução do trabalho. Fui para o encontro por conta própria, queria ver como era. Contei histórias como participante, falei do movimento no Brasil e recebemos nosso primeiro convite internacional para ir ao II Encuentro de Narración Oral Argentino y Latino-Americano.

Assim, em 1997, partimos para Argentina, todo o grupo Morandubetá. Lá descobrimos novos amigos contadores de histórias, vozes que estavam, como nós, buscando outras vozes, para compartilhar suas culturas. Um deles era Ernesto Rodriguez Abad que nos levou nesse mesmo ano para o II Festival Internacional del Cuento, em Tenerife, Ilhas Canárias, Espanha. E a partir daí os convites se multiplicaram. E nada mais foi como antes.

Desde a ida à Argentina, tive o desejo de fazer no Brasil algo semelhante. A cada nova saída pensava que o meu país precisava estar conectado a esse movimento mundial e que os contadores de histórias se sentiriam mais fortes ao conhecer as experiências externas.

Foram três anos de expectativa e conversas. Enfim, em outubro de 1999, o Programa de Leitura Leia Brasil, que era patrocinado pela Petrobras, acreditou na proposta e com o apoio do SESC Rio e SP, fizemos nosso primeiro Encontro Internacional, no Rio de Janeiro, São Paulo, Maceió, Aracajú, Salvador, Santos, Macaé, São José dos Campos e Belo Horizonte. Nasceu grande e com

cheiro de sucesso. O público, basicamente de professores, participou ativamente das apresentações, mesas redondas e oficinas. Nossos convidados foram contadores, escritores e especialistas em leitura de vários estados brasileiros e da Argentina, Espanha, Inglaterra e Venezuela.

O êxito do evento me fez acreditar que a Petrobras seria para sempre o patrocinador. Mas, por mais que a equipe do Leia Brasil tentasse que o patrocínio saísse, não houve acordo. Naquele momento, pensei em nunca mais fazer outro encontro, e segui minha vida de contadora.

Acontece que nossas idéias contaminam outras pessoas e as tocam definitivamente. Foi assim que um dia recebi um telefonema de Maria Helena Ribeiro, minha querida amiga, que havia trabalhado comigo no Encontro promovido pelo Leia Brasil. Ela agora estava no SESC Rio e me perguntou se eu gostaria de produzir um evento como aquele por lá. A chama se acendeu. Na mesma hora respondi que sim e começamos os preparativos.

Mas ainda não era o momento e nossa tentativa no ano de 2001 foi fracassada. O SESC Rio atravessou um período difícil e teve que suspender a execução do projeto. No entanto, nós não esmorecemos e ficou acertado que no ano seguinte faríamos o evento.

Finalmente, em maio de 2002, aconteceu o Simpósio Internacional de Contadores de Histórias, com o tema *Um encontro para muitas vozes*. Como eu tinha a intenção de continuar com novas edições, sugeri que fosse temático para que todos os anos conservasse o frescor do novo, como se fosse a primeira vez. E Eliana Yunes propôs que passasse a se chamar Simpósio, pois assim teria força dentro do círculo universitário, sem o peso que trazem as palavras seminário e congresso.

Foi difícil de produzir, porque o evento aconteceu em três espaços diferentes. Na PUC, que fica na Gávea, fizemos as mesas-redondas; no SESC Copacabana, as oficinas e apresentações noturnas; e na Biblioteca Pública do Estado do Rio de Janeiro, no centro da cidade, duas minimaratonas de contos. E também apresentações nas unidades do SESC Engenho de Dentro, Madureira, Nova Iguaçu, Ramos e Tijuca.

Mas o resultado foi positivo. O público, basicamente formado por profissionais da área de ensino, teatro e amantes da literatura, esteve presente em todos os espaços. Mais do que traçar um painel dos contadores de história em evidência, o encontro pôde discutir os benefícios de uma prática tradicional resgatada para o desenvolvimento da leitura dentro e fora da escola.

Ao término do evento, tive medo de que o SESC Rio também abandonasse o movimento de contadores de histórias, mas eles haviam gostado e me

pediram uma nova edição em 2003. Surgiu então *O Mar e o caminho*, pois foi por ele que os contos circularam entre Brasil, África e Europa.

Como produtora, eu sabia que era necessário inovar e propus que fizéssemos, além das oficinas e mesas-redondas, uma inédita Maratona de Contos, com 24 horas ininterruptas de histórias. Todos me olharam com surpresa. Daria certo essa empreitada? Alguém estaria de madrugada, num teatro em Copacabana, ouvindo histórias? Eu também tinha dúvidas, mas produzir é ousar e, confiante, apostei.

Foi um sucesso estrondoso. Tivemos que improvisar a entrega de senhas. Um público novo participou do evento, gente informada pela imprensa foi saber que loucura era aquela. Gostou tanto que voltava em outros horários trazendo a família, os amigos. A mídia também se interessou fazendo ótimas matérias em todos os veículos de comunicação.

Nesse glorioso ano de 2003, o SESC Rio decidiu colocar o evento no seu planejamento estratégico e passou a ser o realizador. Isso muito nos orgulhou, pois conquistamos uma parceria para os nossos sonhos e um evento especial para a nossa cidade. O melhor é que continuaríamos no Espaço SESC, em Copacabana, que nos recebeu de braços abertos, além de fazer ações pelas outras unidades.

Os novos temas brotaram de conversas e desejos de discutir certas questões importantes para a narração oral e a promoção de leitura. Sucederam-se: *Histórias que o povo conta*, com ênfase na cultura popular; *Minha Terra tem Histórias*, uma homenagem aos escritores que falam de suas aldeias; *Histórias da mãe Terra*, os mitos de formação do mundo e dos seres, e, conseqüentemente, a ecologia em todos os seus sentidos; *Histórias de quem faz História*, a vida dos anônimos e o que está por trás da criação artística.

Além da variedade temática, fomos mudando a forma, para que o público dissesse ao final: "*Esse é o melhor simpósio de todos os anos*". E também para acomodar a quantidade de gente que participa hoje em dia, uma média de quatro mil pessoas, pois além dos cariocas recebemos de outros estados: caravanas que vêm de universidades; funcionários de diversas unidades do SESC; servidores de secretarias de educação e cultura; escolas e grupos de artistas. Uma verdadeira festa da palavra, transformando a cidade maravilhosa na capital mundial dos contos.

Já estiveram por aqui contadores de histórias de todas as vertentes, escritores e especialistas de leitura, representando todos os estados brasileiros e convidados da Espanha, Portugal, Itália, França, Peru, Moçambique, Inglaterra, Argentina, Venezuela, Japão, Colômbia, Uruguai, Equador, Gana, Cabo Verde, EUA, Cuba, México, Marrocos e Camarões.

Nosso Simpósio é conhecido de norte a sul do país, e incluiu o Brasil no circuito internacional de eventos dessa natureza, oferecendo a oportunidade de contato com outras culturas e a troca de experiências nos campos da narrativa e da literatura. E por isso recebeu a chancela da Unesco em 2004, além do apoio de muitas empresas e instituições. Motivo de pura felicidade, pois essa é uma floresta plantada por muitas pessoas que, com suas vozes, fizeram do contador de histórias um profissional de respeito dentro da sociedade brasileira.

Essa continuidade fez com que o movimento se fortalecesse e, assim, outros contadores também criaram eventos, como o Grupo Mil e Umas, Daniela Chindler, Almir Mota, Gilka Girardelo, Regina Machado, Marô Barbieri... O que ajudou muito a difusão da arte de contar histórias nesse país continental.

Claro que muitos, antes de nós, contribuíram para que o contador de histórias fosse respeitado, como por exemplo Rolando Boldrin, que com o seu programa Som Brasil, na TV Globo, nas décadas de 70 e 80 contava "causos" aos domingos pela manhã. Também Bia Bedran e seu programa Canta Conto, nas décadas de 80 e 90 na TV Educativa do Rio de Janeiro, eram uma resistência contra a imbecilização que impunham às crianças brasileiras. E não podemos deixar de falar do Grupo Granada de Contadores de Histórias que, trabalhando com contos da tradição sufi desde os anos oitenta, despertaram em muitas pessoas o desejo de serem contadores de histórias.

Atualmente temos várias ações dentro do Simpósio: as mesas-redondas, para atingir estudantes e profissionais da área da narração e da leitura; as oficinas, nas quais se dá a troca de experiências entre os contadores nacionais e internacionais, além de servirem como estímulo para quem está interessado em ingressar nessa área; o Mercado da Palavra, que é um espaço cenográfico de homenagem ao universo de um autor com seus personagens e seus livros; o cantinho da leitura, com mediadores, apresentações dos contadores de histórias, livraria, espaço livre para as pessoas que queiram contar; a Maratona de Contos, como uma grande mostra de espetáculos e performances de narradores orais. A ampliação do público se dá com as atividades em outros espaços que possibilitam a popularização do contar em todas as faixas etárias e classes sociais, além da utilização de novos meios de transmissão (Internet, rádios, tvs...), tanto para atingir pessoas que não podem se deslocar para o Rio de Janeiro, como para sanar a curiosidade que o evento criou pelo mundo.

Assim vamos dando dignidade ao narrador oral, seja profissional ou amador. E dessa maneira, pouco a pouco, estamos conseguindo mapear, no nosso Brasil, uma fabulosa rede de contadores de histórias.

NOTAS

[1] Palavra tupi, que significa coleção de histórias.

[2] Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil.

[3] Instituto Nacional do Câncer.

[4] Política Nacional de Leitura.

Benita Prieto é contadora de histórias do Grupo Morandubetá, atriz, escritora, produtora cultural e de cinema, especialista em leitura, Literatura Infantil e Juvenil. Idealizadora e produtora do Simpósio Internacional de Contadores de Histórias realizado pelo SESC Rio.

Vivências de Leitura

CARMEN LOZZA

Tempo curto chama escrita sobre o mais familiar, sobre aquilo que pode fazer brotar mais facilmente as palavras, que pode provocar o espírito, trazendo à tona mais afoitamente as lembranças. Com menos de uma semana para escrever (Este é o prazo!), a opção para falar sobre ***vivências de leituras*** não se faz tardar e vem logo surgindo, viva, com certeza, pela vontade de se anunciar e de encontrar o mundo, abrindo-se ao outro, pelo que delas eu possa dizer. E é disto mesmo que falarei – da experiência com a formação de professores, com quem tenho compartilhado, nos últimos 20 anos, o debate em torno de uma leitura crítica da mídia impressa, dos jornais, mais precisamente. Disso vivo, a isso valorizo, disso falarei agora.

O início, em julho de 1989 – Meu trabalho com capacitação de professores em torno da leitura de jornais nas escolas teve início em 1989, quando Laura Sandroni me convidou para fazer parte de sua equipe, na Fundação Roberto Marinho, então encarregada de criar um modelo de orientação pedagógica para o programa do *Globo*, o Quem lê jornal Sabe mais. À medida que fui estudando o quanto é imprescindível cada jovem leitor ter uma clareza maior sobre a importância da mídia na configuração de sua individualidade, fui adotando o Quem lê como central em minha atuação profissional. As palavras sempre me seduziram e dedicar-me a estudar com os professores o discurso do jornal pareceu-me uma possibilidade de trabalho extremamente profícua. Já amparada numa perspectiva histórico-crítica de educação e com a prática que se foi configurando – encontros intercolegiais com professores, reuniões pedagógicas nas escolas inscritas, oficinas e cursos ministrados aos

participantes – as idéias foram se clarificando: se as empresas jornalísticas queriam formar leitores para garantir seus negócios, nós poderíamos formar leitores pelos próprios benefícios de se formar leitores, ou seja, pelo que a leitura, em si, poderia trazer para cada leitor. O Quem lê jornal sabe mais, portanto, precisaria ser um programa de leitura, definido como tal e com nossa orientação dando sustentação para que assim fosse.

A realidade de então – Representando o Quem lê nos encontros nacionais que a Associação Nacional de Jornais passou a promover desde o início da década de 90[1], pude ir percebendo que a marca dos demais projetos brasileiros era basicamente a de promover a utilização do jornal como recurso didático. Tratava-se de uma utilização de caráter mais imediatista, o jornal se prestando para ensinar algum tema, ligado a algum conteúdo do currículo. Se queríamos formar leitores críticos de jornais, seria necessário ultrapassar esse formato e avançar, em busca de uma utilização combinada do jornal nas escolas – uma leitura que partisse dessa trajetória mais usual (e que era a que mais atendia aos professores em suas necessidades mais imediatas) – para promover também a sua leitura, mais ampla e aprofundada. Necessitaríamos, então, estruturar uma nova prática, um tipo de ação que envolvesse a leitura do jornal como objeto de estudo, a sua leitura crítica propriamente. As matérias jornalísticas poderiam chegar às salas de aulas envoltas em propostas mais utilitárias, sim, mas cada uma delas passando também por uma análise que ajudasse o jovem leitor a perceber mais nitidamente a forma de ser da notícia. Ler jornal na escola deveria alcançar uma dupla dimensão: o seu uso e o conhecimento do veículo como objeto, inteiro, sua natureza contraditória, suas características, sua linguagem, a sua influência na configuração da individualidade de cada qual.

A criação da LEITORES E LEITURAS – Com o passar dos anos, cada vez mais me certificava da importância dos estudantes discutirem no interior de suas escolas os seus próprios limites e possibilidades frente aos elementos institucionais formadores de opinião e que tanto os influenciam. Debruçando-me sobre o tema, percebia que o espaço da escola deveria deixar-se entranhar pela alfabetização em mídia impressa, quase como condição para que os alunos pudessem ser formados efetivamente como seres éticos, a partir do seu re-encontro com a capacidade de serem autores de seus singulares modos de ler, interpretar, conhecer e interferir. Para perceberem os próprios limites e possibilidades frente à sociedade, deveriam, em nosso entender, analisar a imprensa e a influência exercida por ela. O professor, então, precisaria estar

junto a seus colegas, aprendendo a cada vez mais realizar a crítica dos mass media. Assim ele poderia ajudar seus alunos numa análise que fosse além da primeira impressão, superando os dois mitos tão comuns entre nós: ou de que a imprensa, por si só, é boa ou de que ela, por si só, é ruim. Jornais em sala de aula são bastante interessantes, pois contribuem para dinamizar o currículo (fazendo com que passado e presente dialoguem, por exemplo), desde que se façam exercícios de análise sobre eles, empreendendo um verdadeiro "vasculhar" sobre os efeitos de seu conteúdo e de sua forma, articulando, buscando complementos, analisando tendências, percebendo contrastes, repetições e omissões, verificando fontes etc.

Dessa inquietação nasceu o Grupo de Consultoria em Educação LEITORES E LEITURAS, por mim dirigido, desde 1998. Desde então, sua intenção vem sendo a de contribuir para que os professores auxiliem os alunos a reconhecerem, no seu jeito de ser e viver, a influência das leituras que fazem, principalmente dos jornais, apropriando-se das raízes de sua individualidade. Cada aluno, reconhecendo-se como fruto – mesmo que de forma não absoluta – da influência da mídia, poderia rever a própria forma de agir e pensar e ganhar autonomia nas suas escolhas pela vida afora.

É importante destacar que, pela escolha do próprio nome do Grupo, queríamos evidenciar o caráter plural de nosso entendimento a respeito da Leitura, anunciando nosso empenho em ajudar a formar leitores que, mesmo sendo basicamente leitores de jornal, pudessem ter ampliado o seu prazer de ler da forma mais ampla possível, pela articulação do jornal com outros suportes de textos, com destaque para os livros de literatura. Enfim, múltiplos leitores, infindáveis leituras...

A reflexão crítica, na prática – Divulgar, debater, compartilhar uma compreensão do que é a crítica passou a ser nosso desafio. E desde o início de nossa atuação, o problema com o qual nos defrontamos passou a ser o de conseguirmos construir um tipo de diálogo com os professores para não negar a sua prática mais usual, de tal modo que eles pudessem ir além, trabalhando o jornal como objeto de estudo. Mas, como fazer a travessia entre o que o professor costumeiramente fazia – ou queria fazer – e uma perspectiva crítica da presença do jornal nas escolas? Estávamos convencidas de que o trabalho coletivo no interior da escola seria sempre o que conseguiria promover mudanças. Sozinho, cada qual se enfraquece. E quando o assunto é jornal na escola, o que fomos verificando com o tempo é que não se tratava de negar o trabalho já feito pelos professores, mas de dividir com eles a nossa concepção de mundo, de educação e de leitura, de tal modo que aproveitassem o uso que

já vinham fazendo de matérias jornalísticas em suas salas de aula para realizarem uma leitura mais ampla e aprofundada dessas mesmas matérias. Seria imprescindível que estudassem o sentido da crítica, que não se esgota na mera opinião sobre as coisas, mas que significa realizar um exercício que possa ir além da primeira impressão que se tem do objeto (ou texto). Seria necessário estudar, já que as mudanças não surgem por obra do acaso.

Reunimos algumas "Atitudes de Investigação" como eixo dos nossos processos de interação com aqueles que pretendiam trabalhar com jornais em suas escolas. Mesmo não havendo uma fórmula única de se fazer a crítica, pois que isto negaria a própria natureza de um processo de reflexão que se pretendesse crítico, passamos a conversar com os professores para que, diante das páginas de um jornal, pudessem ter alguns cuidados, de modo que:

– não se sentissem satisfeitos com a primeira impressão. Reler, comparar, analisar, buscar outras fontes deveriam ser procedimentos usuais;

– estabelecessem vínculos entre as várias impressões que pudessem surgir diante de um dado texto. A tentativa deveria ser a de superar, pela reflexão, os pontos aparentemente desconexos e incoerentes (ou extremamente coerentes, vistos por apenas um ponto de vista). Perguntas sobre o que os aproxima e afasta, deixando de lado os raciocínios maniqueístas (do tipo "ou isto ou aquilo") deveriam ser feitas. Às vezes, numa mesma edição de jornal existem outras matérias (artigos, charges, editoriais etc.) a respeito do assunto lido que o complementa ou questiona. Veríssimo chama a isso, muito apropriadamente, de "Coincidência conveniente";

– com relação ao jornal como um todo, tentasem perceber os destaques e os não-destaques. Deveriam ser buscadas semelhanças e contrastes e seria preciso estabelecer vínculos entre as notícias;

– sobre as causas apresentadas para um dado acontecimento, deveriam procurar outros possíveis fatores condicionantes para o mesmo, ou em outras notícias do próprio jornal ou em outras fontes;

– diante da informação sobre "o que houve", deveriam se indagar sobre "o que não houve". Ou sobre o que "pode ter havido também". A atenção deveria estar voltada para se olhar os fatos "pelo avesso";

– verificassem se a informação dava conta da simultaneidade de fatores determinantes para um dado fato. Necessário seria lembrarem-se de que a vida não é linear, mas um tecido no qual fatores e estruturas, simultâneos ou não, pesam e interferem. Seria importante, então, evitarem a tentação de fazer relações mecânicas ou simplistas. Um fato pode decorrer de vários fatores, mesmo que o jornal não dê conta de abordá-los todos;

– na forma de conhecer o jornal, seria preciso que buscassem um conhecimento interpessoal, na troca de idéias com outros leitores;
– uma atitude básica seria a de abandonarem as generalizações apressadas e as afirmações categóricas e absolutas sobre o texto que liam. Retornar ao texto deveria ser uma regra permanente. O conteúdo da matéria, afinal, significa, de fato, um detalhamento do seu título?
– verificassem quem foi fonte para a montagem da matéria e indagarem-se sobre seus perfis e/ou filiações a grupos ou correntes de pensamento. A consulta às fontes atendia a um pluralismo genuíno ou aparentemente se contava com várias fontes mas nem sempre com diferenciadas visões a respeito do fato?
– como nossa sociedade é bastante marcada pelo individualismo, pelo imediatismo, pelo consumismo, procurassem verificar até que ponto o Jornal, como parte dela, confirma tais valores ou tenta superá-los.

Tais procedimentos, sempre renovados, ampliados, revistos, são centrais no modo como encaminhamos os processos de formação de professores...

Ainda sobre a crítica – Todo o tempo, ora com maior aprofundamento, ora de maneira menos intensa, deixávamo-nos conduzir pelo entendimento que tínhamos a respeito da urgência em se fazer a crítica. Percebíamos – e este sempre foi conteúdo central de nossos encontros com professores – o quanto há uma viva relação entre o sujeito e o objeto do conhecimento. O jornal – na condição de objeto que irá ser conhecido – e o sujeito que o conhecerá são fruto de uma mesma sociedade, ambos sujeito e objeto, tendo a característica comum de serem situados e datados, produtos histórico-sociais e, enquanto tais, incorporam determinados valores e detêm determinados limites e determinadas possibilidades frente à sociedade na qual se inscrevem.

Marilena Chauí sempre foi autora básica em nossos momentos de estudo com os professores, fosse em seus textos em que afirmava ser a crítica um trabalho intelectual, feito com a intenção de encontrar aquilo que está sendo silenciado no discurso que se analisa (uma forma de trabalhar que faz falar o silêncio), fosse no detalhamento que apresentava sobre a tomada do aparente como ponto de partida para, a partir dela, o sujeito ir se apropriando do objeto, pelo conhecimento que elabora a respeito.

Seria preciso se entender, no entanto, que não se consegue fazer a crítica de um dado objeto sem articulá-lo com outros objetos, com o seu contexto histórico-social, com o todo do qual emerge. "Olhar" um objeto isoladamente é pouco, se se quer ter dele um conhecimento mais completo. Seria preciso,

então, se perceber que é a crítica, feita de forma metódica, que não pode ser confundida com opiniões sem base científica sobre o objeto, que vai permitir que sejam estabelecidos os nexos entre a totalidade, em suas múltiplas dimensões, e a forma de ser do objeto, no caso, o Jornal.

Tal compreensão significaria entender de maneira mais completa o veículo, exigindo o estudo da relação entre tal veículo e a sociedade – o conjunto das forças que nela se antagonizam, a distribuição do poder que nela se verifica, a identificação dos detentores do poder ideológico, ao contrário de um organismo homogêneo e harmonioso – e o Jornal, condicionando, mesmo que de forma não absoluta, a forma dele ser e se estruturar, na medida em que o Jornal se vincula à estrutura de poder vigente.

Do ponto de vista do leitor, o Jornal traz a realidade ainda "crua" e irrefletida, à espera de um pensar mais orgânico sobre a mesma, capaz de torná-la mais compreensível em seus determinantes e características de maior peso. É como se, de saída, se tivesse sobre ele uma visão imediata e desorganizada e que, com a crítica, atingíssemos uma forma de elaboração superior, forma esta que faz nos aproximarmos de nossa condição de sujeitos históricos. O jornal é uma versão da realidade que precisa ser desmontada, analisada, criticada, superada em sua aparência, articulada ao todo sócio-econômico-político, de forma a permitir que venha à tona uma outra realidade, aquela que foi pensada e que foi construída por quem a conheceu com a sua crítica. Na verdade, se o jornal apresenta determinada interpretação da realidade, o leitor, ao lê-lo "criticamente", deve interpretar a interpretação do Jornal. Criticando, conhecemos. Conhecendo, optamos. Optando, construímos saídas, alternativas, estratégias propícias à humanização do Homem.

O amadurecimento_– Passados tantos anos, o que podemos perceber, hoje é que, ao lado dos professores, aprendemos que:

– não devemos esperar pelo leitor-aluno ideal, que sabe e lê o que o queremos que ele saiba e leia;
– devemos procurar ouvir e observar o aluno-leitor para que ele indique por onde começar a leitura;
– precisamos ir além deste ponto;
– não devemos deixar que a informação que o jornal traz seja suficiente para a compreensão da realidade. Conversar – e muito – sobre ele;
– devemos colocar o jornal inteiro nas mãos dos alunos, nunca utilizando apenas um veículo.

E mais (ou principalmente):

– não somos vítimas ingênuas de um contexto perverso;
– nem somos autônomos em nossas escolhas nem somos passivos diante das escolhas que são feitas em nosso nome;
– apesar da força dessas escolhas que vêm prontas para cada um, cada qual pode produzir escolhas alternativas;
– não desistindo de produzir escolhas, podemos exercitar o direito de querer para nós outras coisas e de continuar sonhando com um mundo menos perverso, mais humanizado, mais generoso;
– tal conquista é árdua e a leitura pode funcionar como instrumento que facilita construir melhor o caminho;
– dentre os materiais de leitura, destaca-se o jornal, cuja leitura, por certo crítica, é muito importante de ser feita, já que tal veículo é um dos instrumentos que nos faz pensar como pensamos, querer o que queremos, sonhar com o que sonhamos, agir como agimos.

Disso tudo, concluímos: **nem vítimas nem sujeitos – idealizados e a qualquer custo – da História!** Seremos sujeitos da História, de verdade, se olharmos bem como esta História se desenrola, suas forças, seus personagens, seu movimento, suas tendências, suas versões, seus discursos, sua multiplicidade... Aí, sim, com base nos nossos sonhos, poderemos – e sempre coletivamente – ir transformando o *status quo*, estruturando uma nova forma de viver, melhor para cada um e para todos nós. Mesmo conscientes de que uma coisa é certa: caminhamos em busca de probabilidades, mas nada é garantia de nada...

NOTAS

[1] Desde 1980, jornais brasileiros passaram a criar projetos que levavam seus veículos a escolas, com ou sem orientação pedagógica. Eram tempos em que a Internet começava a ameaçar o jornal de papel e tais iniciativas ganhavam espaço entre as empresas jornalísticas. Hoje já são 60 delas que possuem ações similares.

BIBLIOGRAFIA

ABRAMO, Perseu. *Padrões de manipulação na grande imprensa*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 1ª. reimpressão. 2003.

BAKHTIN, M. M. *Marxismo e filosofia da linguagem*. São Paulo: Hucitec, 1986.
CHAUÍ, Marilena. *Convite à Filosofia*. São Paulo: Ática, 1994.
MARCONDES FILHO, Ciro. *A linguagem da sedução*. (2ª edição). São Paulo: Perspectiva, 1988.
_____. *O capital da notícia*. Jornalismo como produção social da segunda natureza. São Paulo: Ática, 1986.
_____. *Quem manipula quem?* (5ª edição). Petrópolis: Vozes,1982.
FIORIN, José Luiz. *Linguagem e ideologia*. (5ª edição). São Paulo: Ática, 1997.
FREIRE, Paulo. *A importância do ato de ler*. (34ª edição). São Paulo: Cortez, 1997.
KOTSCHO, Ricardo. *A prática da reportagem*. (3ª edição). São Paulo: Ática, 1995.
LAGE, Nilson. *Linguagem jornalística*. (5ª edição). São Paulo: Ática, 1997.
_____. *Estrutura da notícia*. (4ª edição). São Paulo: Ática, 1998.
LAJOLO, Marisa e **ZILBERMAN,** Regina. *A formação da leitura no Brasil*. São
Paulo: Ática, 1996.
_____. *Do mundo da leitura para a leitura do mundo*. (3ª edição). São Paulo: Ática: 1997.
ORLANDI, Eni Pulcinelli. *Discurso e leitura*. (3ª edição). São Paulo: Cortez, 1996
SILVA, Ezequiel Theodoro da. *De olhos abertos* – reflexões sobre o desenvolvimento da leitura no Brasil. São Paulo: Ática, 1991.
_____. *A produção da leitura na escola* – pesquisas propostas. São Paulo: Ática, 1995.
_____. *Leitura na escola e na biblioteca*. (5ª edição). Campinas: Papirus, 1995.
_____ . *Ato de ler*. (7ª edição). São Paulo: Ática, 1996.
SODRÉ, Muniz. ***O social irradiado:*** violência urbana, neogrotesco e mídia. São Paulo: Cortez, 1992.
VALENTE, André. *A linguagem nossa de cada dia*. Petrópolis: Vozes, 1997.

Carmen Lozza é Mestre em Educação pela Universidade Federal Fluminense e professora aposentada da Faculdade de Educação da UFF. Dirige, desde 1998, o Grupo de Consultoria em Educação Leitores e Leituras e coordena a parte pedagógica do programa de leitura Quem lê jornal sabe mais, do jornal O Globo. Foi diretora do programa Jornal e Educação da Associação Nacional de Jornais.

Nas entrelinhas da vida e do fomento à leitura

Cleudene de Oliveira Aragão

Gosto de pensar que sou uma "biblioamante". Vivo um tórrido caso com os livros há muitos anos, quase minha vida inteira. Minhas primeiras lembranças sobre a leitura são aquelas em que me vejo, menina ainda, indo ao centro da cidade de Fortaleza com minha mãe, a guerreira dona Cleide, e sempre voltando para casa com um livro nos braços. Ainda conservo com carinho um deles: uma história sobre um brinquedo que fugia da casa do seu dono opressor, mas era recuperado pelo carinho e a amizade. Aos nove anos, no antigo primário, a professora Virgínia me perguntou o que queria ser quando crescesse e respondi: escritora. Claro que nessa idade não sabia ainda o quanto isso pode custar de desprendimento, aventura, despudor e talento.

Muitos anos mais tarde, a trajetória profissional que escolhi, de professora do Curso de Letras (Espanhol) da Universidade Estadual do Ceará (UECE), proporcionou-me um contato direto e contínuo com a Literatura, reforçando minha paixão pelos livros, reanimando dia a dia meu prazer de *voyeuse*, enquanto não começo a fazer amor com a Literatura diretamente, como já desejava em criança.

Quatro anos passados em Barcelona, indo aos eventos literários e às magníficas livrarias e fazendo doutorado na Universitat de Barcelona para pesquisar sobre o ensino da Literatura na Universidade, também me conduziram, por outros caminhos, a aproximar-me um pouco mais do objeto dos meus desejos. Minha tese de doutorado avaliou a maneira como se dá na UECE a formação literária e leitora de futuros professores de Espanhol como língua estrangeira. Defendo que a Literatura na Universidade deve ser oferecida aos aprendizes de mestres como um objeto de estudo interessante e motivador, como um fértil recurso para o ensino e como eficaz formadora de leitores.

Seguiremos trabalhando para que isso se converta em realidade para nossos alunos e, por conseguinte, para seus futuros alunos na escola brasileira.

De volta a Fortaleza, a vida me ofereceu e eu agarrei uma oportunidade incrível: em setembro de 2003, "virei" uma gestora no mundo da leitura. Tive a possibilidade de ser Coordenadora de Políticas do Livro e de Acervos da Secretaria da Cultura do Estado do Ceará. Um mundo novo abriu-se ante meus olhos, pois até então eu tinha sido uma admiradora, uma consumidora de leitura, uma sedutora de leitores (quando podia) e agora tinha a possibilidade de ser uma promotora de leitura no meu estado.

As funções políticas são instigantes e desafiadoras: por um lado, todo um universo imenso de pessoas a quem atender e beneficiar e, por outro, um reduzido grupo de pessoas a quem atender e satisfazer. Nessa guerra diária, o idealismo de alguns sonhadores quase sempre vence as batalhas da falta de recursos suficientes (sobretudo para a cultura), dos egos ilustríssimos dos intocáveis, dos temperamentos irascíveis, da revolta dos que perdem privilégios, do "você sabe com quem está falando?", da falta de experiência, da urgência dos prazos, dos enormes desafios a enfrentar, da necessidade da ação imediata. Mas aquela equipe de loucos da Cultura era muito boa e entusiasmada e tocamos o barco adiante.

Tive muitos sonhos nesse cargo: realizei vários deles com meus companheiros durante minha temporada e certos projetos me deram muitas alegrias já que pude ver seus frutos; outros, só foram realizados depois que saí, o que também me deu satisfação; uns quantos não saíram do papel, como é natural, já que não se pode fazer tudo numa só gestão. Posso contar umas quantas vitórias ao longo do período em que me dediquei a essa aventura.

Há um evento em Fortaleza, a Festa do Livro e da Rosa, que criei em abril de 2003, antes de entrar na SECULT, inspirada na festa catalã de Sant Jordi (São Jorge na *Catalunya*) que celebra o dia mundial do livro, 23 de abril. Por ter vivido essa festa em Barcelona há alguns anos, pareceu-me interessante reproduzir na minha cidade essa celebração da leitura na qual as ruas principais amanheciam cheias de banquinhas de livros e de rosas e as pessoas passeavam, compravam livros e encontravam seus escritores favoritos. Em 2003, inaugurei a Festa no Centro de Humanidades da UECE; em 2004, ela aconteceu na Biblioteca Pública Governador Menezes Pimentel e no Centro Cultural Dragão do Mar; em 2005, teve lugar na Praça dos Leões, no centro de Fortaleza, e em dois bairros da periferia; em 2006 e 2007, a Festa foi novamente realizada nas dependências da Biblioteca Pública.

Passo a contar com mais detalhes a Festa do Livro e da Rosa de 2005, pois considero uma das experiências mais interessantes que já vivi. O esquema

básico dessa festa a cada ano é o da realização de atividades de fomento à leitura, como: encontro de leitores com autores, lançamentos de livros, debates, contação de histórias, palestras, recitais, oficinas de contos, cordel, ilustração, quadrinhos, café com leitura etc., sempre com a participação entusiasta de artistas e intelectuais cearenses. Além disso, promovemos a venda de livros, com a participação de alguns livreiros da cidade; e, durante as atividades, distribuímos rosas para quem compra livros ou os doa para a Biblioteca Pública.

Em 2005, a Festa contou com o patrocínio dos Correios, através do seu edital para a promoção de ações culturais. Com a verba do patrocínio, pudemos fazer um evento muito bem preparado durante dois dias (22 e 23 de abril) e realizamos um sonho, pois levamos as atividades para dois bairros bem pobres da periferia de Fortaleza.

O núcleo central da Festa foi a Praça dos Leões, no centro de Fortaleza. Para fazê-la nesse local, tivemos que vencer vários tabus: a falta de segurança, a falta de costume da população, a "má fama" da praça. Belíssima, a Praça dos Leões conta com um entorno muito relevante, pois nela estão situados o Museu do Ceará, a Igreja do Rosário e a Academia Cearense de Letras. Decidimos assumir os riscos e montar ali a feira de livros, o palco para os espetáculos musicais, uma tenda para as atividades da Secretaria de Educação do Estado, uma tenda para que a comunidade conhecesse alguns setores da Biblioteca Pública Governador Menezes Pimentel e uma tenda para a realização de algumas oficinas. Outras atividades, como uma exposição de livros, palestras, debates e peças teatrais, ocorreram com o apoio da Academia e algumas oficinas foram realizadas no Museu, que também nos acolheu alegremente.

O programa na praça e nos equipamentos culturais circundantes foi muito interessante. Os freqüentadores do centro que passavam e viam a paisagem transformada pelos pranchões com livros e rosas e aquelas atividades em curso perguntavam se era algum programa permanente de revitalização da praça, se na semana seguinte haveria mais, se seria agora toda semana. Infelizmente tínhamos que dizer a verdade, mas todos aderiam animados, mesmo sendo apenas daquela vez. Havia gente que nunca havia pisado nem na Academia de Letras nem o Museu do Ceará e que teve "coragem" naquela ocasião. Imagens de famílias passeando com suas crianças, de lixeiros parados ouvindo a música, de gente comprando livros e saindo com suas rosas, de gente recebendo rosas e o convite para a festa pelas ruas e nos ônibus do centro, de comerciários e estudantes circulando pela praça, nos fizeram crer que tudo valera a pena. Mas o melhor estava nos bairros.

Optamos por fazer a Festa em dois bairros carentes de Fortaleza, com pouco acesso a atividades culturais: Tancredo Neves e Maranguapinho. Contamos com o apoio das duas comunidades e realizamos a Festa em espaços públicos que eram uma espécie de centros sociais, que recebiam crianças e jovens para atividades extracurriculares. Com uma logística de transporte dos artistas e escritores, montamos uma estratégia de revezamento para atender aos dois bairros, um em cada dia de festa. Promovemos em cada bairro praticamente as mesmas atividades: oficinas de desenho, poesia, conto e crônica, contação de histórias, esquetes teatrais, espetáculos dos próprios jovens e crianças da comunidade, distribuição de rosas, leituras. Em reportagem no dia 24 de abril de 2005, o jornal Diário do Nordeste comentava o que acontecera em um dos bairros:

> Karine Barros, uma das coordenadoras do evento nos ABCs, diz que a atividade de contar histórias é uma forma prazerosa de escutar e um estímulo à leitura. Lembra que as crianças ficam empolgadas com a atividade e são atraídas para a leitura. Querem saber em que livro está aquela história para ler.
> A distribuição de rosas, um dos atrativos do evento, foi um elemento a mais para a felicidade da criançada. "Eles querem guardar as rosas e entregar às mães no dia delas", diz a Gerenciadora do ABC Lagamar, Simone Fernandes.
> Segundo ela, a unidade, durante todo o mês de abril, realizou atividades de leitura e escrita, daí a grande aceitação e entusiasmo das crianças que fecharam o mês com a complementação do trabalho desenvolvido.
> Além do ABC Lagamar, outros equipamentos sociais abrigaram atividades da Festa do Livro e da Rosa, como a Academia Cearense de Letras, Biblioteca Pública Menezes Pimentel, Museu do Ceará e Praças do Centro de Fortaleza.

Era incrível ver aqueles locais tão cheios de crianças, todas tão entusiasmadas com as atividades e ver também alguns pais gratos pelo que estamos proporcionando aos seus filhos. Temos uma foto, da nossa "turma" de sonhadores sentados no chão, na frente das crianças, na qual parecemos mais felizes até do que elas. Depois dessa experiência, mais uma vez vimos que esse tipo de esforço vale a pena.

Outra experiência marcante de minha pequena contribuição nesse universo fabuloso da leitura foi a organização das duas últimas bienais do livro do Ceará: em 2004 e 2006. Não posso me referir a esse trabalho hercúleo sem mencionar o nome de Vania Vasconcelos, curadora e coordenadora do evento comigo nas duas ocasiões, e o de Nixon Araújo, o braço direito em todos os eventos.

No final de agosto de 2004, ocorreu a Sexta Bienal Internacional do Livro do Ceará, com o tema "Da Ibéria à América: Travessias Literárias." O mote havia sido esboçado por minha antecessora e mestra Ângela Gutiérrez, mas lhe dei a feição definitiva, inspirada na herança ibérica presente em nossa veia nordestina. Vejamos o que se diz sobre o tema no livro de Memórias da Bienal:

> Pelo mar, chegaram não só os textos e homens que se misturaram a nossos antepassados indígenas, edificando o que somos, mas, trazidos talvez pelas vozes do vento, chegaram também as lendas, os sonhos, as dores, os fantasmas, as personagens e, sobretudo, o sentimento de incompletude, o desejo insaciável de busca que lançou o aventureiro ao mar por 'mares nunca dantes navegados'. Navegar, portanto, além de ser perfeita representação da história de nossa origem literária, é também a metáfora para a sede que rege os que escrevem e os que lêem. A busca de um tesouro que não se sabe se há, mas não se pode deixar de buscar. Algo escrito em páginas alheias que se parece conosco. Pessoa sabia esse desespero marinheiro, por isso abre o livro em que tenta entender e definir Portugal — Mensagem — com as marítimas e fortes palavras do pórtico. A busca é a navegação. Guimarães também dimensiona a busca por uma travessia que nunca acaba e, Riobaldo — seu jagunço barranqueiro — vive o momento definidor de sua busca enquanto atravessa, na infância, o rio São Francisco.
> Sendo os escritores marinheiros ou náufragos dessa busca, pensamos neles e lembramos que, em águas de hoje, a travessia muito se estendeu. Textos, histórias e seres vieram até nós e tantos outros, nossos, foram, atlântico afora, ou mesmo a outros oceanos, acalentando quem vive em ilhas de outras paragens.

Em 2004, a Bienal renovou seu formato em muitos aspectos, mas nos parece mais importante chamar atenção para um programa, criado por Vania e eu, chamado "Bienal fora da Bienal". Essa proposta nasceu para alargar horizontes e levar as atividades da Bienal até aqueles que talvez jamais fossem

visitá-la. Temos que enfatizar o papel fundamental de Júlio Lira, escritor e agitador cultural, que organizou a maioria dos encontros e foi o mediador entre as comunidades que receberam os escritores 'marinheiros'. A Bienal fora da Bienal levou a discussão literária e o encantamento com a leitura para além dos muros do Centro de Convenções, fazendo com que a Bienal transcendesse o caráter de mero evento comercial literário e acontecesse em lugares diferentes e de formas inusitadas.

A programação no Centro de Convenções inovou principalmente com a atividade que chamamos de "Travessias Literárias", encontro entre um autor convidado e um autor cearense. As travessias empolgaram pela riqueza dos encontros entre a tradição e a modernidade, o conhecido e o alheio.

Organizar a sexta Bienal foi uma experiência muito enriquecedora, já que aprendemos, com muitos erros e acertos, como tentar driblar as formas convencionais dos eventos literários e apresentar algumas inovações segundo nosso critério de aproximar a leitura a todos os públicos e, sobretudo, porque esperamos ter contribuído para abrir novos caminhos na formação de leitores.

A Sétima Bienal Internacional do Livro do Ceará, realizada em agosto de 2006, contou com a colaboração de Fabiano dos Santos, naquela ocasião o novo Coordenador de Políticas do Livro e coordenador geral do evento. O tema dessa bienal, novamente esboçado por mim foi: "Era uma vez... Mil e uma histórias". Nascido em primeiro lugar da inspiração advinda da obra "Mil e uma noites", o tema propunha revisitar a legião de narradores revelados ao longo dos tempos e entrar em contato com uma literatura desconhecida para nós, a do mundo árabe. Essa é parte do texto que escrevi para o livro da sétima bienal:

> A Bienal, nas últimas duas versões, quis também transformar o Ceará em Babel de leituras, onde todos os povos tinham línguas diferentes, mas ao mesmo tempo se uniam pelo código comum da imaginação. Para isso vieram a nossa terra gentes de falares outros, de culturas outras, de leituras outras. Durante a última Bienal tivemos a possibilidade de conhecer algumas Sherazades modernas do Egito, do Iraque, da Tunísia, da Síria, mas também do México, do Peru, da Argentina, de Cabo Verde. Para isso encontraram-se, também no mesmo lugar, gentes de mesmos falares, de vários recantos do Brasil, de culturas irmãs, de leituras tão ricas que às vezes não vemos porque estão muito perto... mas a Bienal quis descerrar véus próximos e distantes, reais e imaginários.

> A Bienal de 2006 quis ainda recordar o papel da Palavra como Vida. O valor da Palavra que salvou Sherazade da morte e salvou o Califa de uma vida sem sonhos. A Palavra que seduziu, que teletransportou, que renasceu, que metamorfoseou, que ludibriou, que corrompeu, que resgatou, que se perpetuou... A Bienal quis render uma homenagem a toda a estirpe de contadores de histórias que descendem de Sherazade e que continuam a cada dia o labor encantatório de seduzir leitores de todas as idades (...)
> Na verdade, quem a Bienal convida com mais insistência e espera com mais ansiedade (pelo menos dentro do meu coração) são aqueles que ainda não tiveram o privilégio de entrar nesse mundo. E é por isso que a Bienal mais importante é aquela que acontece antes e depois dos 10 dias de celebração da leitura: a Bienal de todo dia, a Bienal do cotidiano, a Bienal da luta pelo acesso ao livro, a Bienal da criança que quer saber o que fazer com o livro quando o tiver nas mãos, a Bienal da leitura mesmo sem possuir um livro, a Bienal da leitura do mundo, a Bienal das bibliotecas públicas, a Bienal da formação de professores leitores que formam leitores, a Bienal dos meninos da Escola Pública, a Bienal das ONGs que lutam por dar asas às crianças, a Bienal da imaginação de um mundo mais aberto à leitura das pessoas e dos lugares que nos rodeiam.

A Bienal fora da Bienal de 2006 foi um sucesso inacreditável. Num esforço intenso de organização, conseguimos levar os autores e algumas atividades da Bienal para cinco bairros pobres de Fortaleza, contemplados com o projeto Agentes de Leitura, e para dez municípios distribuídos por todas as macro regiões do Ceará. No Centro de Convenções, vivemos encontros inusitados nas Travessias com autores árabes, uma explosiva visitação de escolas públicas, e uma mais que expressiva participação no espaço infantil.

Outro projeto no qual colaborei, embora não tenha concluído sua execução, foi a Festa do Livro e da Leitura de Aracati de 2005, idealizado pela Secretária da Cultura, como opção de evento literário em uma cidade do interior com vocação turística, Aracati. Criei o nome, o conceito da Festa e seu tema **Um rio de livros, Um mar de leituras**, mas foram Fabiano dos Santos, Nixon Araújo e a saudosa Andréa Havt Bindá que conduziram a realização do evento de maneira eficaz e delicada. Vejamos um trecho do convite para a Festa:

> Você precisa saber de Aracati, com seus velhos sobrados coloniais que marcam um cenário prenhe de belezas arquitetônicas e históricas; com o encontro do rio Jaguaribe com o mar Atlântico, onde meninos, homens e mulheres - pescadores, marisqueiras, navegantes, jangadeiros - tecem a trama do tempo do lugar.
> Mas você precisa saber também da I Festa do Livro e da Leitura de Aracati, onde comemoraremos em especial os 140 anos da primeira edição do romance Iracema – a lenda do Ceará, de José de Alencar. Uma festa de ampliação do acesso ao livro, uma viagem de aventura pela leitura.

Participei daquela Festa também como convidada para uma mesa-redonda e lá tive o imenso prazer e privilégio de conhecer Jason Prado e o trabalho da Leia Brasil, que têm me inspirado desde então em minhas reflexões sobre a necessidade, cada vez mais urgente, de permitir o acesso à leitura a todos os brasileiros e também na concepção de ações futuras.

Vivenciar a organização desses eventos de promoção da leitura me fez compreender que o caminho que leva à leitura não depende apenas da realização de eventos literários, mas tem relação com ações muito mais profundas e estruturantes. Os eventos têm seu papel de divulgação, de primeiro contato, mas não são suficientes para formar e manter seduzidos os leitores. Temos que pensar na escola, na família, nos professores, na facilidade de acesso aos livros, na organização da sociedade civil, na abertura de novas vias criativas para a população em geral.

Nesse sentido, um grupo de amigos e profissionais que compartilham comigo e com Vania Vasconcelos as mesmas inquietações estamos investindo em um novo sonho: a implantação do INSTITUTO TRAVESSIAS PARA A EDUCAÇÃO, A CULTURA, A CIDADANIA, A COOPERAÇÃO, E O DESENVOLVIMENTO. Queremos que a nossa ONG seja uma nova ferramenta para forjar um mundo mais justo a partir dos esforços pela Educação e a Cultura.

Os principais objetivos do Instituto Travessias são, entre outros: 1) Promover e impulsionar iniciativas transformadoras nas esferas educacional e cultural, interagindo com atores sociais, visando à formação e consolidação da cidadania; 2) Executar e avaliar projetos, programas, planos e ações correlatas, e gerenciar sua implementação por intermédio da prestação de serviços intermediários de apoio e consultoria a outras organizações sem fins lucrativos, a órgãos do setor público e à iniciativa privada, afins com o obje-

tivo do Instituto; 3) Atuar na identificação de talentos e potencialidades para o desenvolvimento artístico e cultural; 4) Conduzir o processo de capacitação de comunidades para a gestão cultural, por meio de metodologias educacionais específicas; 5) Apoiar o desenvolvimento das cadeias criativa e produtiva do livro e mediadora da leitura, enfatizando a produção cultural local; 6) Desenvolver ações voltadas ao aumento dos índices de leitura em comunidades de baixo I.D.H.; 7) Realizar estudos e pesquisas nas áreas educacionais e culturais, com especial atenção a temas como letramento, analfabetismo funcional, competências leitora e literária, promoção da leitura, literatura na sala de aula, a leitura na comunidade, entre outros; 8) Produzir e divulgar informações e conhecimentos técnicos e científicos adquiridos através dos estudos e pesquisas realizados pelo Instituto no campo do desenvolvimento humano através da Educação e da Cultura; 9) Contribuir para a formulação, desenvolvimento e avaliação de políticas públicas de desenvolvimento educacional e cultural; 10) Apoiar comunidades na criação e manutenção de bibliotecas, salas de leitura, clubes de leitura, centros culturais e outros equipamentos para difusão da Cultura; 11) Promover intercâmbios educacionais e culturais de âmbito nacional e internacional entre o Instituto e grupos artísticos, editoras, escritores, centros culturais, universidades e outras instituições afins; 12) Realizar eventos de caráter educacional e cultural de âmbito nacional e internacional, tais como: Seminários, Simpósios, Congressos, Palestras, Debates, Conferências, Feiras, Festas Culturais, Bienais, Semanas Culturais, Festivais, Encontros e outros eventos afins; 13) Editar obras de caráter educacional e cultural, de âmbito nacional e internacional, inclusive em versões bilíngües; 14) Traduzir obras estrangeiras e verter obras brasileiras a outras línguas e divulgá-las em todos os âmbitos de atuação do Instituto;15) Promover o conhecimento e a apreciação de outras culturas no Brasil, através de atividades de difusão de suas línguas, tradições, textos, linguagens, manifestações artísticas e culturais em geral, através de Cursos, Exposições, Espetáculos, Seminários, Cines-Clubes, Festas Culturais e outras atividades afins. De acordo com a mesma estratégia, difundir ainda a cultura brasileira em outros países.

Estamos ainda em fase de organização e planejamento, mas esperamos chegar a cumprir um importante papel junto à sociedade no que se refere à criação de novas oportunidades de crescimento para as comunidades mais carentes. Sonhamos também, claro, celebrar dentro de alguns anos um aniversário tão fecundo e alvissareiro como o da Leia Brasil, um dos exemplos a imitar.

Cleudene de Oliveira Aragão é Doutora em Ensino de Línguas e de Literatura pela Universitat de Barcelona. Atualmente é professora de Língua e Literatura Espanholas no Curso de Letras e coordenadora da área de Espanhol do Núcleo de Línguas da Universidade Estadual do Ceará. Autora do livro *Xosé Neira Vilas e Rachel de Queiros: fabuladores artífices*, publicado na Espanha em 2000. Foi coordenadora de Políticas do Livro e Acervo da SECULT. É presidente do Instituto Travessias, ONG para a Educação e Cultura.

Meu Broto de Leitura: leitura de histórias, contos, poesias... para bebês.

Creuza Soares

O trabalho com a leitura e a escrita para os bebês sempre foi motivo de grande interesse por parte daqueles que trabalham diretamente ou indiretamente com estes pequenos notáveis. A bibliografia existente é bastante escassa e o que vemos é um estudo aqui e outro ali, os quais sempre procuram determinar um aspecto com o qual desejam evidenciar ou determinar que a forma positiva de trabalhar com os bebês é, ou não, essa. Por outro lado, há estudos que estimulam, sim, a leitura como fazendo parte do desenvolvimento da criança, devendo, portanto, ser oferecida desde os menores.

Com esse tipo de preocupação, iniciamos o ano de 2006 procurando fazer estudos que pudessem orientar a prática na gestão de um trabalho sério, envolvendo os bebês, de tal forma que esses estudos tivessem significado para todos. Encontramos poucos textos que trabalham com essa fase. Percebemos que a leitura sempre foi um aspecto que está sendo estudado e interpelado já nas etapas finais da educação infantil, como meio para que a alfabetização se torne algo comum nas crianças que deixam essa etapa e iniciam seus estudos nas chamadas escolas de ensino fundamental. Encontramos alguns trabalhos voltados à leitura para bebês na área da saúde, em hospitais, em unidades de terapia intensiva (UTI), o que demonstra o cuidado que os administradores de tais ambientes têm em garantir uma estadia tranqüila àqueles que estão como acompanhantes e que têm, portanto, um tempo maior para ficar na companhia da criança que está, na verdade, se restabelecendo de um problema de saúde.

O acompanhamento desse trabalho rendeu muitos frutos bons que merecem estar aqui explicitados, de forma a pautar e indicar caminhos para uma

nova realidade – que é possível, desde que as pessoas, a professora, a equipe que acompanha os bebês, a direção e toda a comunidade escolar se envolvam de forma séria para que o trabalho realizado seja consistente e desafiador. Consistente, na forma de observarmos o bebê como um ser pensante, que pode apreender o conhecimento, desde que esse lhe seja trazido de maneira a respeitar suas individualidades e potencialidades. E desafiador, na medida que o que é oferecido ao bebê pode fazer com que o conhecimento que ele possui seja utilizado na superação de suas hipóteses, respondendo questões internas e favorecendo o estímulo para que o novo conhecimento venha se somar ao antigo, buscando, assim, o pleno desenvolvimento desse bebê.

Ao propor este projeto, que foi desenvolvido no Berçário Municipal Mãe Cristina, na cidade de Marília, interior de São Paulo, não tinha ao certo o resultado. Por ser uma experiência nova, ele sempre foi permeado por sugestões e questionamentos que foram se tornando cada vez mais relevantes com o decorrer dos dias, por observarmos as reações e respostas de nossos bebês a tudo o que estava sendo oferecido. No decorrer do projeto, tivemos o apoio das famílias, da direção e de todos aqueles que acabaram por se envolver nessa caminhada. Dificuldades? Tivemos algumas, mas elas serviram de estímulos para nosso aprimoramento e procura de novas respostas.

O Berçário Municipal Mãe Cristina se localiza na região urbana da cidade de Marília, atendendo cerca de noventa crianças que nele permanecem em regime integral, no horário das 07h30 às 18 horas. Por ficar na região central, recebe crianças cujos pais trabalham no comércio, em consultórios, escritórios, residências e fábricas e moram nos mais diferentes pontos da cidade. Nosso espaço físico é bem amplo: contamos com duas salas fixas para as turmas do B I (Berçário Um – 04 meses a 8 meses) e B II (Berçário Dois – 09 meses a 1 ano e 1 mês), uma sala de estimulação, uma sala de TV e um dormitório, que comporta cerca de 40 crianças, que ali repousam após o almoço. As turmas do B III (Berçário Três – 1 ano e 2 meses a 1 ano e 5 meses) e do B IV (Berçário IV – 1 ano e 6 meses a 1 ano e 10 meses) não possuem salas fixas, porque os bebês já são maiores e, por isso, com eles, temos maior possibilidade de fazer rodízio nas outras áreas do berçário. Na parte externa, há um solário, um galpão coberto, que dividimos entre galpão maior e galpão menor, um quiosque, uma lousa e um mural de azulejos, inaugurado em 17 de agosto de 2006, pela turma do B III da Profª Kaneyo. Ainda temos um parque com diversos brinquedos, em sua maioria adequados ao tamanho dos bebês. E lá existem árvores que fazem uma bela sombra e dão muita alegria e prazer aos nossos pequeninos.

O berçário conta com uma cozinha e um refeitório que comporta sempre duas turmas. Para a higiene corporal, na área interna há um banheiro ocupado pelas turmas do B I, B II e B III, e, ao lado do galpão menor, existe outro banheiro, ocupado pela turma do B IV.

A área da administração é formada pela sala da direção e da assistente, um depósito com materiais pedagógicos e de uso comum, um com os materiais de limpeza. O berçário possui uma sala para atendimento médico. Um pediatra nos visita nas segundas e quintas-feiras, sempre no período da manhã, a partir das 10 horas e atende aqueles bebês que estão apresentando algum problema de saúde detectado, seja pelos pais, que então pedem que o filho seja examinado, seja pelos profissionais que convivem diariamente com essas crianças e observam qualquer alteração no aspecto relativo à saúde delas.

Para mantermos o contato com os pais, a acolhida a eles e aos bebês no período da manhã é sempre feita pela diretora e pelas atendentes, que estão sempre dispostas a escutá-los, a esclarecer dúvidas e a receber alguma orientação específica para aquele dia. Outro contato entre pais/professores é feito por meio de uma agenda (caderno capa dura) onde ficam registrados os avisos gerais ou alguma ocorrência com o bebê durante sua permanência no berçário. Essa agenda serve também de canal de comunicação, quando os pais querem questionar ou mesmo enfatizar algo.

O relato do projeto pode ser lido em pequenas doses, conforme seja necessário, mas provavelmente será difícil àqueles que trabalham com bebês correr os olhos por estas páginas sem querer saber como ele pôde ser realizado. A experiência gerou muitos frutos e, por esse motivo, foi incentivada a ser divulgada, para chegar cada vez mais longe, nas mãos daqueles que acreditam na educação, que acreditam na leitura como algo que pode despertar encantamentos e alegrias, desde que nós, professores, nos disponhamos a fazê-lo, mas de forma a encantar, maravilhar olhos que estão ávidos de conhecimento e de procura. Mas para isto, precisamos que o professor, que segura o livro, também esteja apaixonado pela leitura, pelas histórias e pelas poesias, para que do outro lado, onde estão os nossos bebês, eles também possam apreciar e se deixar encantar, para neles nascer o hábito que, como um broto, precisa ser cultivado ...

Durante os meses de dezembro (2005) e janeiro (2006) procurei fazer uma pesquisa bibliográfica a respeito da leitura voltada para bebês. Como já afirmei, encontrei pesquisas em hospitais, experiências em países como a Espanha, mais especificamente na cidade de Andaluzia, que demonstrava a iniciativa de se criar "bebetecas", e em Portugal, que desenvolve um projeto intitula-

do "o meu brinquedo é um livro", segundo o qual cada criança que nasce em determinada localidade recebe um kit composto de uma almofada, um livro e um guia "Por que ler ao meu bebé?". Esse projeto me emocionou e me deu a idéia de que seria necessário "adequar" a biblioteca que eu estava propondo, para que chegasse assim, da mesma forma, para os meus bebês, pois queria criar um vínculo entre o "objeto" livro e o berçário. Então surgiu a idéia da sacola de tecido, pois ali eu poderia acondicionar a carteira da biblioteca juntamente com o livro, que ficaria protegido. E com o decorrer dos meses, o bebê poderia criar a relação sacola/livro/berçário.

A partir da pesquisa, comecei a fazer um levantamento de material, de livros de que dispunha em minha biblioteca particular, de casa, e organizei uma pequena biblioteca na sala de aula. No dia 10 de março de 2006, comecei a enviar aos pais os primeiros livros às sextas-feiras. Dentro da sacola de tecido, coloquei um texto com algumas orientações a respeito do projeto, a carteira de biblioteca e uma ficha de avaliação de leitura, para que os pais pudessem escrever suas impressões em relação à atividade de leitura com seus filhos. Esses livros deveriam ser devolvidos na segunda-feira (conforme data impressa na carteira), pois no final de semana os pais dispunham de um tempo maior junto aos filhos.

Durante a semana, procurava oferecer diversos gêneros textuais, como poesias, contos tradicionais e de fadas, histórias, canções, leitura de imagens, gibis, panfletos, jornais etc., enfatizando cores, formas, texturas, avaliando mesmo as capas de livros, ilustrações e nomeando autor, ilustrador...

Nas segundas-feiras, os kits voltavam. Após três semanas fizemos uma nova reunião de pais e uma prévia avaliação do projeto. Percebi que alguns pais estavam fazendo a leitura por prazer, mas havia alguns com dificuldades ou com resistência para preencher a avaliação. Combinei então que mandaria os kits para todos os bebês, mas enviaria a ficha de avaliação alternadamente a alguns pais, mas com a condição de que esses lessem e preenchessem as fichas, ficando os outros pais à vontade, se quisessem relatar suas impressões todas as semanas.

Após três semanas, observei que todos os pais, mesmo os que no início do projeto estavam resistentes, preenchiam a avaliação e relatavam com entusiasmo as reações que observavam nos bebês durante a leitura dos livros,.

Durante o desenvolvimento do projeto, toda a escola se interessou. Fizemos, então, uma campanha com todos os pais para que doassem livros, cujos títulos foram indicados por nós. A colaboração foi muito positiva e toda a escola se beneficiou com essa iniciativa.

Durante a semana, eu trabalhava a leitura utilizando as canções do repertório deles. Apresentava a escrita da música em letra do tipo bastão. No início do ano, deixava sempre a música com um trecho inacabado, para completar as frases com eles. Com o tempo, cada vez mais eles tinham oportunidade de presenciar situações de escrita com real significado e perceber sua função social. E, a cada vez, eu deixava mais trechos inacabados. No final do ano, eles já se acomodavam e eu escrevia músicas inteiras. Esse trabalho apresentou resultados positivos, pois ficavam atentos à forma da letra e já reconheciam algumas palavras associadas a figuras, principalmente nos painéis que colávamos na parede, sempre procurando manter na altura deles, para que pudessem "ler". Quando cantávamos ou falávamos algo alusivo a determinada música ou parlenda, lá estavam eles, apontando e "lendo" a escrita desta.

De acordo com a música ou história com que trabalhávamos, confeccionávamos algum objeto para os bebês poderem levar para casa, juntamente com a escrita da música ou da história. Dessa forma, os pais podiam acompanhar em casa e ler novamente para eles. Assim fizemos com a música da "cobra", confeccionando uma cobra de tecido e com pintura de dedo feita por eles; com a história dos três porquinhos, em que fizemos uma maquete com as casas, o lobo e os três porquinhos, e cada um levou para casa a "sua" casinha – que confeccionamos com uma caixa de sapato – os personagens e a história, na forma como era lida no berçário. E assim foi feito com muitas outras histórias.

Fazíamos também apresentações quinzenais, para as quais convidávamos previamente todos os pais da instituição, para que participassem de um momento de leitura com seus filhos. As apresentações eram feitas sempre no início do período, impreterivelmente às 08 horas, não só para não prejudicarmos o horário de entrada dos pais no trabalho mas também para garantirmos a participação de toda a comunidade escolar, que se envolvia na preparação. Sempre fazíamos um convite a um dos pais ou a um dos membros da comunidade escolar para que lesse um texto e, em seguida, apresentávamos esse mesmo texto para os bebês, utilizando recursos diversos como música, teatro de vara, de sombra ou de fantoches.

No mês de maio, iniciamos a implantação do varal de poesias, que foi colocado no corredor da entrada. Nesse dia, houve uma apresentação na qual explicamos aos pais o objetivo da atividade, para que levassem, cada um, uma poesia para ser lida em casa. Foi explicado aos pais que as poesias estariam à disposição deles quinzenalmente, para que pudessem compartilhar de mais uma atividade de leitura com seus bebês.

Neste mesmo mês, tivemos a oportunidade de visitar com nossos bebês a biblioteca da *Fundação Bradesco* em nossa cidade: Nessa ocasião, a bibliotecária Edilaine dos Santos Amorim fez para eles uma representação com a história do livro: "A casa sonolenta", de Don e Audrey Wood. Em seguida, ela apresentou fantoches com alguns personagens e também leu o livro, mostrando as ilustrações da história. Nossos bebês se encantaram. Houve momentos para também eles manusearem os livros dessa biblioteca. Depois fizeram uma pequena "excursão" por outros ambientes da escola, como uma visita à sala da série inicial, onde puderam presenciar atos de escrita sendo realizados. No mês de agosto, visitamos também a Biblioteca Móvel Itapemirim, que estava instalada em uma das praças da região central. Lá os bebês puderam participar da situação de leitura de um conto de fadas, que estava sendo realizada pela monitora responsável, e também manusearam os títulos ali oferecidos.

Desenvolvendo um projeto realizado a partir da leitura do livro de Eunice Braido, intitulado *A semente e o fruto*, fizemos o plantio de sementes de feijão. Depois, acompanhamos o crescimento, cuidamos, regamos, da mesma forma que fazemos com as flores que plantamos nas floreiras que enfeitam nosso corredor, abaixo de nosso "varal de poesias".

Algumas atividades relacionadas à leitura de mundo também se fizeram presentes: oferecíamos semanalmente alguns trabalhos de pintores que temos em nosso berçário. São livros de Tarsila do Amaral e Cândido Portinari: nossos bebês já reconheciam algumas das pinturas, identificando-as e nomeando-as.

No mês de outubro, fizemos uma "Parada dos Brotos": para valorizar a compra de livros como presente no dia das crianças, criamos um poema para essa ocasião e o reproduzimos. Depois entregamos as cópias dele para a população que passava em frente ao berçário, na calçada, e para os motoristas que também transitavam por ali. Nossos bebês participaram ativamente, entregando os poemas nas mãos de cada um.

No dia 10 de outubro, desenvolvemos o projeto "Brotos de Leitura em Ação": com cópias desse mesmo poema, fomos até o shopping Aquarius em nossa cidade; e ali também nossos bebês entregavam o poema aos consumidores, comerciários e comerciantes, em mais uma iniciativa de valorização da leitura. E, acreditem, nossos bebês se comportaram muito bem. Foram motivo do encantamento de todos os que por ali passavam. A preocupação deles era, com toda a certeza, entregar a cada vez mais pessoas... sua poesia!!!

Nosso trabalho foi sempre permeado por muitas surpresas boas: recebemos visitas das emissoras locais de televisão, que vieram registrar a experiência; fizemos reuniões com outros dois berçários da cidade, para explicar como

foi realizado o projeto, que superou nossas expectativas e transpôs os muros do berçário, chegando a ser um dos cinco finalistas do Prêmio Viva Leitura, na categoria de escolas públicas e privadas; também fizemos reuniões com outras unidades escolares e professoras, contagiando muitas, incluindo as da própria escola, onde todas as professoras, de todas as turmas, fazem agora o trabalho de biblioteca de classe. Recebemos convites para apresentação e debate sobre o projeto no Rio de Janeiro (TV Escola), São Paulo, Uberaba e Porto Alegre.

O trabalho diário é sempre cheio de muitas surpresas, muitas novidades. O êxito desse projeto se justifica pelo envolvimento de toda uma equipe: pela força, apoio, incentivo de uma direção comprometida, na pessoa da sra. Mara Sílvia Gonçalves Herculian, que não mediu esforços para auxiliar no que fosse necessário; justifica-se também pela dedicação da assistente de direção Hilda, do meu grupo de apoio – formado por três atendentes de creche (Cristina, Michele e Neuza) e uma estagiária remunerada do curso de Pedagogia (UNESP), a Mariana –, e dos pais de meus bebês, que se empenharam, me ajudaram e com certeza, se entusiasmaram, se emocionaram, se envolveram e tiveram, assim como nós todos, uma bela surpresa: seus filhos com comportamentos de leitores – envolvidos, encantados, maravilhados.

O projeto demonstrou a necessidade de repensarmos a questão do oferecimento de leitura para as crianças pequenas. Devemos, pois, partir do pressuposto de que a leitura não é pura decifração, mas uma construção de significados, na qual as atividades permanentes podem alcançar propósitos sociais da leitura, principalmente se pudermos contar com a colaboração da família ou de todos aqueles que têm contato com a criança. O que cabe a nós, educadores, é sensibilizar a família para a importância da leitura enquanto forma de prazer, de conquista. Enquanto observávamos as reações de nossos bebês, víamos que eram inéditas e emocionantes: ficavam encantados quando eu pegava os livros, sentavam sem eu ter que pedir, bastava me enxergarem com algum livro na mão, para já dizerem: "Istóia". Reconheciam os livros, antecipavam as figuras, demonstrando interesse e alegria e já escolhiam, muitas vezes, que livro gostariam que fosse lido.

Por esse motivo, vemos que muitas das dificuldades que tivemos se encontram na resistência, por parte de alguns pais. Não por não perceberem sua importância, mas por desconhecimento – seja por considerarem o universo de leitura como algo distante de sua realidade, seja por não terem a leitura como hábito ou possibilidade.

Temos em nossas mãos instrumentos riquíssimos, que são as crianças pequenas, que se deixam seduzir diante de uma boa leitura, uma boa história.

Deste outro lado do livro, também existe alguém que se encanta com o poder das palavras e que não tem a preocupação de controlar a plena compreensão de cada um, mas quer apenas mostrar um universo rico, onde a leitura é fonte de encantamento, alegria, prazer, diversão e que, como hábito, só deve ser cultivada como um broto ... um broto de leitura ...

Creuza Soares é pedagoga, há 14 anos atua como professora da rede pública municipal, há três anos especificamente com berçários. Foi finalista do Prêmio Viva Leitura 2006 na categoria de escolas públicas e privadas, ministrou cursos em São Paulo (Casa de Livros), em Uberaba (X Encontro Regional do Proler), no Rio de Janeiro (Simpósio Internacional de Contadores de História) e participou do VI Seminário Linguagem, Discurso e Ensino como palestrante em Porto Alegre.

Cátedra Unesco de leitura Puc-Rio: por uma rede de serviços e informações online

Eliana Yunes

Podemos nos perguntar como um país como o Brasil detém efetivamente há um quarto de século pelo menos, uma vanguarda qualitativa nos estudos sobre leitura, em se tratando de formação de leitores?

Embora os estudos históricos e sociológicos tenham razão de ser avançados na milenar Europa e na tradição letrada da colonização na América do Norte, a condição dos países latino-americanos exibe hoje pesquisas de ponta diante da demanda de uma alfabetização universal que sustente o desenvolvimento humano e econômico. O atraso, imposto por um modelo predatório como o das relações entre as culturas pré-colombianas e as metrópoles, teve como instrumento brutal a violência que, além de extorquir os bens dos autóctones, mesmo distribuindo-lhes uma tradição religiosa com base em sagradas escrituras, impediu seu acesso à alfabetização e à impressão gráfica, e de modo muito mais grave no caso brasileiro. Mas o fato de os incas terem uma universidade ainda no século XVI, não descomprimiu o controle pesado que a censura espanhola manteve sobre o pensamento das populações submetidas.

Podemos admitir o quanto a palavra escrita, porque propicia uma reflexão mais detida sobre o verbo que a oralidade - esta mais dependente dos recursos mnemônicos das rimas e ritmos -, ajuda a estruturar o pensamento crítico e a emersão de uma subjetividade consolidada identitariamente nas comunidades de resistência cultural. A independência política foi movida e firmada na circulação de textos, circulação esta que, mesmo entre uma população ágrafa, disseminou idéias de afirmação nacional, conforme acompanhamos entre os "inconfidentes" mineiros.

Em conseqüência daqueles obstáculos, a educação como um todo, e sobretudo como condição de domínio e produção de conhecimento, sofreu um retardo dramático na história da assunção das populações enquanto condutoras dos caminhos de seu desenvolvimento, segundo interesses e necessidades próprios.

A educação para inserção na vida social, política e econômica, conferindo meios para qualificar as condições de vida, ampliar a produtividade no cenário da globalização, sem detrimento de distribuição de renda, deve fomentar mais que realização pessoal e, segundo aponta Hanna Arendt, facilitar a apropriação do saber consolidado pela tradição, permitindo sua renovação pelas novas gerações. Do contrário, estaremos desperdiçando esforços e sofrimentos, conquistas e reflexões que fazem a humanidade caminhar para oportunidades mais equânimes para todos.

A conquista da escrita, que alterou as estruturas do pensamento com sua lógica sintagmática, teve um impacto extraordinário na civilização, forçando inclusive uma oralidade segunda, corrente entre leitores. Assim, o letramento inclui mais que a decifração do alfabeto porque o seu significado e seu sentido dependem do contexto e abarcam a cultura da qual nasce o discurso.

O exercício reiterado da leitura provoca uma percepção maior das expressões, automatizadas ou não, da linguagem – do dito e não-dito – que parece dar forma ao que é a realidade, a história, o cotidiano. Isto se o leitor ao invés de lutar com as letras, descobre o jogo dos sentidos, responsável tanto por nossos mal-entendidos, quanto por nossos achados criativos.

Felizmente neste país, há muitas histórias pessoais e institucionais bem sucedidas de esforços em prol da formação de leitores, com ênfase nos mediadores, leitores convictos e comprometidos com este conceito que refunda o ato de ler como uma ação de fato interativa e ao mesmo tempo formadora do pensar para agir. Aqui vão muitos registros. No ano passado, acompanhei a seleção do VivaLeitura, com mais de três mil experiências inscritas, cinco vezes mais do que em 1996 coletamos no Proler/Centro de Pesquisa e Documentação, relação que foi entregue ao Cerlalc, mas não chegou a ser divulgada no Brasil pelo aborto do programa original na Biblioteca Nacional/Casa da Leitura.

Dez anos depois do Proler ter tomado outros rumos, um grupo remanescente na PUC-Rio, com alunos da pós-graduação, insistia em pensar uma nova rede Brasil de leitura, mas com registros e trocas, com informações confiáveis e não a miscelânea sem avalistas em que veio a se constituir o serviço do googlemania. Aos poucos, a Reler, sonho ainda do Proler foi tomando outra

forma e se expandindo como um projeto virtual, com pesquisas de software e certos modelos de ação online que pudessem fortalecer uma rede de consultas e respostas que mutuamente ampliassem os horizontes seguros de circulação de informação e experiências. Mais que um banco de dados que se automultiplica com consultores avalizados, precisávamos de um serviço de atendimento personalizado que abrigasse pouco a pouco as necessidades de apoio e assessoramento para professores deste continente, os quais muitas vezes dispondo da Internet carecem de orientação específica para suas ações de promoção da leitura.

Professores com tradição de pesquisa nesta área, oriundos dos departamentos de Letras, Educação e Artes, a princípio, podendo agregar mais adiante outros das Ciências Humanas e Sociais, deram origem a um trabalho de caráter interdisciplinar, fomentando teses, pesquisas e atividades-piloto, no ensino e na extensão cultural dentro do campus. O fortalecimento do diálogo se revelou original para uma atuação integrada e deu passo a uma interlocução com a Unesco, que buscava criar em seu programa internacional de Cátedras Unesco, algo muito próximo das nossas aspirações.

Em agosto de 2006, com a presença de autoridades da Unesco de Paris e Brasília, passamos à ação com apoio da Finep/MCT, além do abrigo espacial da PUC-Rio, constituindo-se um eixo capaz de trançar, sem monopolizar, laços entre pesquisadores e promotores de leitura a serviço da disseminação apurada de conhecimento e experiências em torno da leitura.

O projeto abriga o compromisso de consolidar uma base de dados referenciada e avalizada por pesquisadores que integrem a RELER, rede com indicação dos currículos, especializações, campos de estudo, publicações de cada membro, com o contato para os consulentes. Este quem é quem seletivo com base na experiência e na qualidade do fazer, reconhecido na área de formação dos leitores e da leitura, envolvendo aportes teórico-metodológicos poderá dar uma ampla dimensão do que se faz no Brasil nestes campos.

Pesquisadores associados e assistentes dos projetos ajudarão a montar a base de dados do SÍTIO DA LEITURA, homenagem evidente a Lobato, onde ficarão disponíveis textos, vídeos, filmes, bibliografias, seleção de obras para contadores, problemas propostos e soluções sugeridas, projetos com registro de resultados, lista de organismos financiadores, sites importantes e fidedignos, links recomendados, consultores segundo especialidades, revista da Cátedra online, depoimentos, entrevistas etc.

Mas a grande conquista certamente envolve a criação de um software que permitirá ao ELO, Estação de Leitura Online, atender em tempo real as de-

mandas de consulta de quaisquer interessados em assessoria para as dificuldades no magistério, nas ações e práticas de fomento à leitura. A orientação indicará onde e como chegar às informações buscadas, permitindo que cada um se torne pesquisador e criador de soluções. O material ficará arquivado no Sítio da Leitura, propiciando uma memória das consultas, um mapeamento das principais questões que envolvem a formação do Leitor.

Com links para os principais programas de promoção da leitura em instituições brasileiras e latino-americanas e relação por área dos pesquisadores renomados em diversos países com suas publicações, a Cátedra Unesco de Leitura PUC-Rio cria e se insere em uma rede que difere do disponível na Internet por avalizar e referendar apenas o que seus pesquisadores responsáveis consideram recomendável a seus consulentes.

Além dos serviços online, oferece assessoria direta e específica em cada caso, através de convênios e contratos, a secretarias de educação e cultura, escolas privadas, instituições e organismos que trabalham com o compromisso de formar leitores como forma efetiva de mudar a qualidade de vida e a profissionalização de gerações de brasileiros, muitos excluídos da vida social, não enquanto campo de realização individual apenas, mas como espaço de construção da condição humana em sua mais ampla possibilidade.

Há projetos em curso, com base na experiência do Proler e de seus pesquisadores, que envolvem uma diversidade de ações pontuais, assistidas por integrantes do corpo da Cátedra, dentro e fora do campus da PUC-Rio. O empenho em fundar suas atividades em horizonte interdisciplinar vem obviamente do conceito de leitura redimensionado com que se trabalha e das contribuições oriundas de campos do conhecimento que incluem desde a física-ótica até a filosofia da linguagem, das imagens aos comportamentos, da educação e da literatura à política.

Parceiros consolidados, será possível agir politicamente integrados na realização de uma cobertura das ações desencadeadas aqui e acolá, com eficiência, dificuldade, modéstia e muitas vezes sem reconhecimento, promovendo visibilidade e ação organizada da sociedade civil em colaboração com o poder público. O modelo é implementado pela associação que uniu os pesquisadores Tânia Dauster, da Educação, Luiz Antonio Coelho, de Artes e Design e Eliana Yunes, de Letras, e resultou na abertura da Cátedra Unesco de Leitura PUC-Rio, juntando esforços, recursos, pesquisas e habilidades que, integrados podem estender suas ligações a tantos outros pesquisadores, fortalecendo o modelo de trabalho em rede que dispensa protagonismos.

A PUC-Rio, a Unesco e os pesquisadores associados já realizaram um encontro nacional e têm em vista outros anuais, assim como bianualmente um de amplitude internacional, de modo a reunir e contribuir com o movimento internacional de valorização das modalidades de leitura e escrita no mundo que se estreita, com faces positiva e negativa, mas que não pode dispensar o uso qualificado da palavra falada e escrita.

Eliana Yunes é Doutora em Letras pela PUC-Rio, com Pós-Doutorado pela Universidade de Colônia. É professora do Departamento de Letras da PUC-Rio, Vice-Decana do CTCH e Co-coordenadora da Cátedra Unesco de Leitura. Ensaísta, crítica, especialista na área de Leitura e Literatura Infantil, foi a criadora do PROLER.

ENTREVISTA

Ezequiel Theodoro da Silva e o pioneirismo do COLE

EZEQUIEL THEODORO DA SILVA

Algumas pessoas estão de tal forma identificadas com leitura e leitores no Brasil, que suas histórias se confundem. Ezequiel Theodoro da Silva é, por assim dizer, o decano da área. Ninguém menos que Paulo Freire, em seu já célebre pronunciamento *A importância do ato de ler*, tornado livro e referência no assunto, cita e agradece ao Ezequiel por sua militância em prol da leitura. Não era pra menos. O pronunciamento foi feito na abertura do 3º COLE, Congresso Brasileiro de Leitura, realizado em 1981 pela ALB – Associação de Leitura do Brasil: ambos foram criados e eram dirigidos por esse pesquisador da Unicamp.

Quando o procuramos para este *Vivências*, ele estava às voltas com a 16ª edição desse Congresso. Não seria razoável disputar seu tempo com o COLE. Abrimos uma merecidíssima exceção para este incansável e abnegado guerrilheiro da leitura, e fizemos por merecer dele outra. Concordamos que suas vivências seriam registradas aqui sob a forma de uma entrevista à editora dos *Cadernos de Leituras Compartilhadas*, Ana Claudia Maia.

Com vocês, o Professor Ezequiel:

Como surgiu o COLE? Como foi organizar um encontro sobre leitura em uma época em que não era um tema tão falado quanto hoje?

O COLE surgiu em 1978, ao final do ciclo das ditaduras militares. Foi uma iniciativa de um grupo ligado à Faculdade de Educação da Unicamp,

com o apoio da Prefeitura Municipal de Campinas. À época, além da necessidade da reconquista da democracia no Brasil, também se apresentava a urgência de trazer de volta para o Brasil os educadores que haviam sido exilados pela ditadura, dentre eles Paulo Freire. O contexto da leitura era tão ou mais vergonhoso quanto o de hoje e muito pouco existia de literatura especializada e de investigações na área; além disso, grupos e linhas de pesquisa, alocados dentro das universidades, eram raríssimos. Outrossim, o quadro brasileiro na área das bibliotecas era também vergonhoso - tanto assim que o 1º COLE aconteceu junto com o 1º COBI - Conferências para Bibliotecários, mas prosseguiu sozinho nos anos posteriores (1979, 1981 e assim bianualmente desde então) em decorrência de uma série de dificuldades de planejamento e implantação do evento. Os três COLEs iniciais serviram para mostrar que havia um forte interesse dos educadores pela problemática da leitura - isto pôde ser constatado tanto através do número de inscritos como pela origem ou procedência dos mesmos em termos das regiões brasileiras.

O COLE sempre foi temático?

Para todos os COLEs sempre houve um temário para dar unidade à programação. O que variou com o tempo foram as dinâmicas: de palestras e mesas-redondas, partiu-se para a introdução de seminários paralelos (os de 2007 são em número de 15), conferências internacionais e a criação de uma Feira de Cultura e Arte, envolvendo a venda de livros pelas editoras e a apresentação de espetáculos artísticos. Importante destacar que todas as atividades assentadas no COLE têm uma relação direta com o tema geral; por exemplo, a organização do ciclo de conferências (nacional e internacional), os seminários, as palestras e mesas-redondas são planejados a partir da "idéia geradora" que leva em conta o momento histórico e os principais problemas existentes no seio das práticas de leitura no Brasil.

E a ALB (Associação de Leitura do Brasil), se derivou do COLE. Foi um processo natural?

Em 1981, no auge da reorganização da sociedade civil e da "febre" das associações, foi percebido que havia a necessidade de uma entidade que se encarregasse pela organização e execução dos futuros COLEs. Isto, considerando a relativa burocratização dos organismos públicos (universidade, prefeitura etc.) e,

muitas vezes, os conflitos surgidos em decorrência das colorações partidárias, ideologias, crenças, paradigmas científicos etc. A ALB foi fundada com o objetivo precípuo de lutar pela democratização da leitura no território nacional - essa meta continua firme até hoje porque foram muito pequenas as transformações positivas no quadro geral da leitura brasileira. Convém destacar que a ALB ainda produziu a *Revista Leitura: Teoria & Prática*, publicada semestralmente desde 1982 e hoje (2007) comemorando 25 anos de serviços prestados à educação e à cultura brasileira. Trata-se de um rico acervo constituído no tempo através de muitos esforços das diretorias e de intelectuais interessados na mudança, para melhor, da leitura no Brasil.

Na década de 70, a promoção da leitura passava fundamentalmente pela divulgação do próprio texto escrito num momento em que havia poucos espaços de publicação e de informação. Quais as mudanças estruturais do COLE nesses quase 30 anos, e quais são as principais dificuldades da promoção da leitura hoje?

Não resta dúvida de que os espaços, meios, suportes, veículos etc. para a circulação do texto escrito cresceram significativamente a partir da década de 1970, abrindo perspectivas para o consumo e a fruição de obras e similares. Veja-se, por exemplo, a chegada da Internet, que abre um horizonte imenso para a leitura da escrita, agora virtual, mas ainda escrita. Entretanto, ainda que a diversidade de publicações tenha aumentado e reforçado o pólo da produção, principalmente no que se refere a "livros" (muitos jornais cerraram as suas portas...), o pólo da recepção ou da leitura permaneceu desigual, acompanhando a própria divisão desigual das classes sociais. Esse fato faz com que a razão de ser da ALB e, conseqüentemente, do COLE aumente ainda mais a sua força e a sua projeção. Nestes termos, não podemos afirmar uma mudança estrutural do evento nas dimensões política e filosófica, a não ser no nível da sua própria organização, hoje de caráter muito mais multidisciplinar para atender a complexidade dos processos e práticas de leitura no Brasil e no mundo contemporâneo. Há que se dizer ainda que a dívida dos governos brasileiros para com a democratização da leitura foi se acumulando com o passar dos anos e hoje ela é extremamente volumosa - somente o trabalho de muitos braços, a partir de grandes investimentos governamentais em infraestrutura, será capaz de extirpar a chaga da não-leitura, do analfabetismo, do não-letramento, da falta de bibliotecas e assim por diante. Cabe enfatizar que o COLE é um evento, um espaço de reflexão, um fórum para exposições e

debates. Ele não pretende reformar o Brasil, mas sim impulsionar o pensamento na área da leitura, adensando-o, qualificando-o para que o trabalho pedagógico possa ser também melhor qualificado naqueles contextos nos quais a leitura deve ou deveria se fazer, como é o caso do contexto escolar.

Tanto o COLE como a ALB falam da leitura como um direito de cidadania imprescindível para que se usufruam os bens materiais e culturais produzidos em sociedade. Fale um pouco deste conceito.

O cidadão tem garantido na Constituição brasileira o direito à educação, à cultura e à informação. Da letra da lei para a realidade social há uma grande distância, como acontece nestas terras tupiniquins há um bom tempo. Mais especificamente, os direitos de cidadania vêm sendo recorrentemente burlados em função da própria estrutura da nossa sociedade, hoje ainda dividida entre uma elite detentora de privilégios e uma imensa camada de explorados ou, pior, de excluídos. Daí a necessidade de bater nessa pedra recorrentemente, incessantemente de modo que os direitos de cidadania não sejam provisórios eternizados no contexto brasileiro. Para a ALB, o cidadão é, fundamentalmente, um ser que toma decisões ao longo da sua existência numa determinada sociedade - sempre que possível, tais decisões devem ter o leme da criticidade do sujeito, de modo que ele não seja engolfado pelas ideologias e pelos mascaramentos da realidade que se originam de diferentes fontes. Entendemos que a leitura, se democratizada e concretamente praticada em sociedade, é capaz de refinar, esmerar as competências críticas dos sujeitos, ampliando os seus conhecimentos e permitindo decisões mais bem fundamentadas, menos ignorantes, menos co-optativas e/ou reprodutoras do status quo.

E como você vê o espaço que a sociedade e a mídia dão à leitura e às discussões sobre ela hoje no Brasil?

Vem aumentando, mas se repetindo mesmo porque a mídia, principalmente a televisiva, adota uma visão romântica e por vezes beletrista das práticas de leitura. Isto sem dúvida tem uma razão de ser, considerando a co-ocorrência e a concorrência dos veículos e linguagens nas sociedades contemporâneas. E por detrás desse fenômeno, existe um mercado para ser atendido e abastecido pelo consumo dos indivíduos, ou seja, os veículos e as linguagens servem também para a venda de produtos e serviços - daí a briga ferrenha para trazer

a atenção e os comportamentos dos consumidores para determinados veículos em detrimento de outros. Nessa parada, sem dúvida que a TV está levando a melhor por ter encontrado, quando de sua capilarização no Brasil, um povo iletrado, analfabeto, não muito afeito a livros e textos, facilmente seduzido por imagens.

A ALB se propõe a reunir estudos e pesquisas sobre leitura, educação e cultura escrita, provenientes de todas as regiões do país, proporcionando espaço para a sua apresentação/discussão bem como promovendo a sua ampla divulgação. Você acredita que já exista um progresso quanto a isso? O que mais pode ser feito?

A ALB, através dos seus eventos e publicações, reuniu um acervo significativo a respeito das práticas de leitura no Brasil. É uma marca nada desprezível, constituindo um repositório científico que pode fornecer suporte e apoio aos estudos que venham a se fazer na área. Outrossim, o próprio COLE serve como agente propulsor dos trabalhos e serviços da entidade. O progresso pode ser medido, por exemplo, pelo número de inscritos nos eventos: em 2005, mais de 4.000; e agora, em 2007, mais de 1500 comunicações de trabalhos de todo o Brasil, o que nos leva a prever a presença de um público recorde no 16º COLE (10 a 13 de julho de 2007). O que mais pode ser feito? Temos repetido que os problemas na esfera da leitura nacional são tão vastos e complexos que se impõe a urgência de um número muito maior de eventos, projetos, programas, ações etc. que venham a fazer frente às necessidades que se acumularam ao longo do tempo. Um retrato menos feio da leitura brasileira exige um concerto de ações bem seqüenciadas e implantadas nos diferentes espaços, contínuas no tempo e suportadas por investimentos condignos. Ações isoladas, homeopáticas, fragmentárias etc. não vão mudar absolutamente nada! A história do nosso país é a melhor demonstração do que é aqui afirmado.

Este livro traz iniciativas privadas feitas por organizações e, algumas vezes, pessoas isoladas, para a promoção da leitura. Mas a triste situação brasileira, expressa em pesquisas nacionais e internacionais como SAEB e PISA, pode significativamente mudar sem uma real ação governamental?

Sou cético quanto às ações governamentais, depois de mais de 30 anos de lutas em prol da leitura. Porém, entendo ser uma responsabilidade do Governo organizar, financiar e acompanhar a mudança dessa triste realidade. Já afirmei que andamos para trás ao invés de para frente em termos de ações educacionais e culturais nessa área. Estamos em 2007 - terceiro milênio, sociedades

do conhecimento e da informação, com um quadro drástico na esfera da leitura: 15 milhões de analfabetos, 60 milhões de analfabetos funcionais, um mundão de iletrados, consumo de 1,8 livro habitante-ano, 50 por cento de escolas sem bibliotecas, cidades sem bibliotecas públicas e outras tristezas apontadas nas avaliações de desempenho escolar. Uma outra constatação é que os eventos e os serviços de maior efeito na esfera da leitura estão fortemente centrados em pessoas; apenas algumas poucas em entidades e instituições. Dessa forma, se essas pessoas baterem em retirada, muito possivelmente as ações deixem de existir, infelizmente. Assistindo ao esforço sobre-humano desses abnegados e ao parasitismo dos governos, creio que não seria demais asseverar que o que falta no Brasil é muita vergonha na cara da nossa classe política.

Ezequiel Theodoro da Silva é doutor em Educação, professor aposentado (colaborador voluntário) da Unicamp. Foi Secretário de Educação e Secretário de Cultura, Esportes e Turismo de Campinas - SP.
Um dos fundadores e atual presidente da Associação de Leitura do Brasil (ALB), é autor de inúmeros livros sobre a questão da leitura, entre eles: *A leitura nos oceanos da internet*, *Conferências sobre leitura*, *Leitura em curso* e *Unidades de leitura*.

Arraial alheio

Francisco Gregório Filho

Permitam-me, prezados leitores, ou melhor, ouvintes, por ora umas conversas afiadas ou umas boas notícias produzidas e narradas por este leitor, determinado leitor.

Vindo de experiências como produtor cultural na área das artes cênicas e em rádios, fui convidado para fazer parte da equipe do Proler-FBN em 1991, pelos professores Affonso Romano de Sant'Anna e Eliana Yunes, articuladores da proposta teórico-metodológica e também organizadores do grupo de estudos e de trabalho. O PROLER funcionava no porão do prédio da Biblioteca Nacional onde permaneceu até a inauguração da Casa da Leitura, em 13 de agosto de 1993.

Éramos seis pessoas, inicialmente. Em meio a inúmeras reuniões para estudo dos documentos até então produzidos, bem como para discussões sobre outros em produção, a equipe foi sendo ampliada no Rio de Janeiro e em outros estados. Partimos para os encontros com diversos segmentos organizados da sociedade civil. Com algumas entidades e instituições, os entendimentos eram imediatos; com muitas outras, porém, as conversas aconteciam sob total desconfiança.

Como? O governo interessado em promover e incentivar a leitura? Surpreendiam-se nossos interlocutores com freqüência. E a partir de que motivação e de que premissas? Quando nos apresentávamos como funcionários da Biblioteca Nacional demonstravam grande simpatia e boa acolhida.

Percebíamos que a FBN era respeitada, mas considerada por alguns grupos da sociedade como uma instituição que atendia a poucos e ainda muito longe de se envolver com as questões primordiais de interesse da maioria da

sociedade brasileira. Em cada oportunidade, em conversas com possíveis parceiros, salientávamos o desejo do presidente da BN, professor Affonso, e de toda a sua equipe, no sentido de empreender esforços para que a Biblioteca se comprometesse mais com as questões pertinentes à sua área de atuação: a memória, o livro, a biblioteca, a leitura e o leitor. Os debates se apresentavam positivos e as sugestões eram encaminhadas aos setores responsáveis por tais assuntos.

No dia 13 de maio de 1992, o Programa foi oficializado com publicação no *Diário Oficial*.

Tínhamos também iniciado já, então, a rede de parceiros para o deslanchar de ações do Programa Nacional de Incentivo a Leitura e para a mobilização e construção de uma política nacional de leitura.

Ouvíamos as autoridades dos órgãos de cultura, educação e saúde, estaduais e municipais; as universidades e seus pesquisadores; as associações de profissionais e as entidades populares. Propúnhamos um grande movimento de difusão e promoção da leitura a partir dos leitores - educadores sociais – como multiplicadores e incentivadores da leitura em suas áreas de atuação e em seus diversos espaços sociais – a casa, o trabalho, os transportes coletivos, o clube, o sindicato, a escola, a biblioteca, os centros culturais, as praças, os quartéis, as quadras de esportes, entre outros.

Em alguns municípios, as autoridades apresentavam projetos apenas para a construção de prédios, pedindo recursos para obras. Sabíamos que em muitas localidades não existiam prédios abrigando acervos de livros e outros materiais que pudessem ser chamados de biblioteca, de centro estudantil ou algo semelhante. Em algumas cidades, encontrávamos os prédios e até os acervos, mas as autoridades pediam dinheiro para a compra de equipamentos – todos queriam informatizar as bibliotecas. Em outras, o interesse direcionava-se somente para a compra de livros. O desafio era imenso. Como encaminhar e considerar esses e muitos outros interesses? Quais os recursos disponíveis para tais atendimentos?

Precisávamos articular um movimento na sociedade que considerasse as múltiplas questões em torno do incentivo à promoção da leitura. Reunir pensadores, educadores, bibliotecários, escritores, jornalistas, editores, livreiros e demais interessados na formação de uma rede solidária, crítica e inventiva, fortalecendo todas as iniciativas que propusessem ações verticais, no sentido de melhorar o acesso da população aos materiais suscitadores da produção de leitura e a qualificação de agentes multiplicadores e formadores de leitores. Estas questões foram e continuam sendo complexas.

Como sensibilizar as autoridades, os políticos, os empresários e os trabalhadores para a importância de se criarem fundos para arrecadar recursos de diferentes fontes legais para aplicação na formação e na constante formação de educadores leitores? Recursos para aquisição de livros, vídeos, revistas, jornais, objetos de arte e computadores para equipar salas de leitura, bibliotecas, museus, centros culturais, centros comunitários, clubes, escolas e outros espaços de convivência?

Faz-se necessário muito esforço, mas muito mesmo, para que a sociedade, como um todo, compreenda e reivindique aos responsáveis a urgência na implantação de medidas eficazes de distribuição de renda e no planejamento de programas destinados a qualificar o exercício de discernimento dos cidadãos e aumentar sua participação e inclusão social. A leitura pode ser uma excelente porta. Os desafios permanecem, e as complexidades também.

É importante registrar a quantidade expressiva de ações existentes em todo o país, envolvendo recursos financeiros, pesquisas e agentes culturais, tanto as vinculadas a instituições públicas ou privadas, como as iniciadas por grupos independentes e/ou pessoas comprometidas em suas comunidades. Alguns desses projetos precisam apenas de apoio para se contatar e trocar experiências, intercambiar. Todas e quaisquer medidas verdadeiras que envidem esforços para a difusão e a consolidação desses programas são bem-vindas. A meta é a transformação do Brasil em uma nação leitora e sem exclusão.

Foi com o mapeamento gradual deste quadro de possibilidades que o PROLER assentou sua estratégia política. Evidente que narro aqui do meu ponto de vista.

Os comitês regionais e os seminários do PROLER

Os comitês locais, compostos por representantes de entidades e instituições, desenvolviam as linhas de ação escolhidas como prioritárias na região e organizavam seminários de atualização e formação de agentes promotores de leitura - professores, educadores sociais, artistas, escritores, poetas, bibliotecários, animadores culturais, agentes de saúde, agentes do meio-ambiente, pais, alunos, carteiros, agentes de turismo, militares, cantadores e cordelistas, pesquisadores, editores, livreiros, distribuidores, cineastas, gráficos, ilustradores, garis, psicólogos, teólogos e todos os que se interessassem.

Os seminários ou encontros reuniam trezentas, quinhentas, oitocentas e até mil pessoas – dos populares às autoridades do lugar. Entre as muitas atividades desenvolvidas nesses encontros, os participantes interagiam com falas, apresentações, debates, conferências, pesquisas, espetáculos, exposições, feiras, oficinas,

sessões de cinema e vídeos, festas folclóricas, rodas de leitura, recitais de poesia, contação de histórias, danças, cantorias, informes dos projetos e das teses sobre produção de leitura, produção de textos e leitura livre de muitos livros.

Especialistas convidados, com diferentes formações e vindos dos mais diversos lugares do país, orientavam os trabalhos com abordagens distintas e fundamentadas em práticas mobilizadoras e estudos técnicos e teóricos.

Ao término de cada seminário, as propostas de ações e de planejamento eram discutidas, aprovadas, e os compromissos e as responsabilidades para execução e acompanhamento assumidos. O intercâmbio entre os grupos e seus projetos era incentivado. Às vezes, algumas dessas ações iniciadas a partir dos planejamentos davam com os burros n´água, mas os fracassos repensados apontavam novas linhas de ação, corrigindo equívocos e eliminando obstáculos. Outras, no entanto, são ações vitoriosas e permanecem até hoje, operadas por grupos independentes comprometidos com suas comunidades. Como dizia Paulo Freire, "é uma boniteza" reencontrar essas pessoas, esses profissionais e esses projetos em pleno desenvolvimento em muitas regiões brasileiras.

Meu coração se alegra em constatar a potencialidade e a capacidade dos brasileiros de se organizarem em torno das ações positivas de inclusão social e cidadania. A leitura é o fermento dessas notícias. Boas notícias articuladas pelos comitês regionais de promoção da leitura. No entanto, faz-se necessária a decisão política das autoridades federais, estaduais e municipais para o efetivo desenvolvimento. E é claro, destinação de recursos.

Uma casa amorosa

O professor Raimundo Romeu, à época Reitor da Universidade Federal Fluminense, de Niterói, no Estado do Rio de Janeiro, sabendo do interesse da equipe do Proler em buscar um espaço digno para instalar o Programa, levou-nos a notícia de que uma casa estaria sendo leiloada pelo Ministério da Administração e Planejamento. A casa, localizada na Rua Pereira da Silva, número 86, no bairro de Laranjeiras, na cidade do Rio de Janeiro, realmente fora levada a leilão várias vezes, sem que fosse arrematada. Estava em péssimas condições, cercada por prédios de moradia de classe média e pela favela da comunidade do Pereirão. Conhecida na vizinhança como mal-assombrada, a casa havia sido, tempos atrás, sede de uma instituição social. Segundo o imaginário da população vizinha, almas penadas e fantasmas habitavam aquele prédio. Alguns populares juravam "de pés juntos" terem visto essas personagens passeando pelos cômodos da casa madrugada adentro e dizendo, a boas línguas, os motivos pelos quais os interessados não conseguiam arrematá-la.

Numa argumentação convincente, elaborada pela professora Eliana e equipe, a solicitação seguiu assinada pelo Presidente da Biblioteca Nacional, Affonso Romano de Sant'Anna. Meses depois, a casa era repassada à Biblioteca por meio de comodato, por um tempo de 99 anos, com possibilidade de renovação por outro tanto. No documento está explicitado o destino do imóvel: sediar o Programa Nacional de Incentivo a Leitura - PROLER. As obras necessárias foram desenvolvidas com recursos do Fundo Nacional de Cultura, transferidos à Biblioteca Nacional, gerenciados pelo seu Departamento de Administração, sob os cuidados técnicos do arquiteto Luis Antonio.

Com um pequeno jardim, jarros com flores e alguns livros, no dia 13 de agosto de 1993 – uma sexta-feira – a Casa da Leitura foi inaugurada com festas e solenidades que contaram com a presença de autoridades das áreas de cultura e educação, escritores e poetas, editores e livreiros, professores e bibliotecários, integrantes da Associação de Moradores do Bairro de Laranjeiras, funcionários da Biblioteca Nacional, muitos leitores e curiosos.

Muitas histórias foram contadas por alguns contadores para adultos, jovens e crianças. Um padre, um pastor, uma mãe de santo e outros religiosos celebraram as bênçãos, testemunhadas por todos, inclusive por aquelas almas penadas e aqueles fantasmas.

Usei um terno azul, camisa branca e gravata azul-marinho; foi um dia marcante em minha vida.

Nesse dia ainda, reunido com um grupo de mulheres, homens e crianças, moradores da Rua Pereira da Silva, narrei muitos causos de minhas vivências no Proler. Causos que continuei contando por mais exatos três anos para público de leitores e educadores que se reuniam para as oficinas de Práticas Leitoras e Contação de Histórias nas salas da Casa. Em agosto de 1996, pedi minha transferência para outra instituição, mas esta é uma outra história. Permaneço pertencendo ao quadro de funcionários da Biblioteca Nacional, porém, cedido ao Centro Cultural Paço Imperial, onde atuo no Setor Educativo, na promoção de oficinas de Práticas Leitoras e Contação de Histórias junto a educadores, alunos e público em geral. Gostaria de contar aqui, alguns daqueles muitos causos referidos, numa escolha do coração, para compartilhar com os amigos leitores um pouco das minhas alegrias por esse Brasil querido e alheio. Em outras oportunidades, contarei umas outras boas notícias, lembrando sempre de agradecer aos professores Affonso e Eliana e aos companheiros da equipe pelo vigoroso exercício de produção de sentidos e responsabilidade social em políticas públicas.

Minha gratidão aos especialistas e parceiros pelos pensares, saberes e fazeres e os comprometimentos: Geysa, Leandro, Adélia, Chico, Santinho, Glória, Ana, Antonio, Ângela, Jackeline, Fani, Lucelena, Affonsina, Affonso, Marina, Amauri, Carol, Alexandre, Maria, Cristina, Lúcia, Amir, Nilda, Wladimir, Eliana, Marta, Valéria Edith, Marcelo, Oswaldo, Marilu, Nelly, Teresinha, Amélia, Aurélio, Virginia, Clara, Inês, Rita, Luis, Silvina, Jesus, Rodrigo, Bartolomeu, Augusto, Sérgio, Raimundo, Rosana, Júlia, Irineu, Rangel, Rosane, Goiandira, Andréia, Eloísa, Teresa, Claudia, Rogério, Maurício, Ebe, Manoel, Nanci, Helena, Dolores, Ricardo, Rubem, Mariana, Fernando, Silvio, Tânia, Julinho, Mauro, Paulo, Geraldo, Milton, Gisela, Vera, Mônica, Francisco, André, Cecília, Eduardo, Pedro, Renato, José, Rose, Roberto, Clarice, Leandro, Roseana, Victor, Pompeu, Rosa, Álvaro, Rosângela, Silvia, Laura, Sônia, Marília, Miriam, Lílian, Vilma, Amarília, João, Lígia, Raquel, Marcos, Ruth, Genésio, Rui, Célia, Regina, Luciana, Roger, Celso, Joel, Mirela, Iracema, Luiza, Isabel, Mara, Flávio, Carmem, Luzia, Esther, Marisa, Jorge, Heleusa, Milena, Vânia, Denize, Mario, Zélia, Carlos, Lívia, Fátima, Letícia, Olga, Cilon, Milene, Angélica, Rafael, Ronaldo, Armando, Francisca, Nelson, Sandra, Virgílio, Lídia, Vera, Telissa, Joaquim... e tantos outros.

Canteiros de obras

Contos Tradicionais do Brasil. Livro publicado pela editora Ediouro. O autor, homem potiguar e brasileiro, Luís Câmara Cascudo. Pesquisador do folclore junto a narradores e a comunidades culturais do nordeste, registrou os diversos contos, mitos e lendas narrados em diferentes cantos do país por contadores de histórias – mulheres e homens que, com muita graça, repassam por meio da oralidade os saberes populares.

Recebi convite de um empresário da construção civil, atuante na cidade do Rio de Janeiro, para desenvolver um programa de incentivo à leitura com operários em canteiros de obras. Topei e mergulhei nos exercícios diários de ler junto com os trabalhadores o livro de contos. Uma escolha arbitrária, a princípio, considerando apenas a coincidência de repertórios. A proposta para essas práticas seria, a partir da leitura de alguns desses contos, suscitar boas conversas em que as pessoas pudessem ler e contar, também, outras versões dos mesmos. Considerando, ainda, que a maioria dos operários era de nordestinos e alfabetizados, pressupunha-se uma intensa empatia com o livro.

A empresa fez uma compra de 100 livros. Um exemplar para cada operário envolvido no programa. Pagou a quantia de 10,00 (dez reais) por exemplar,

num total de R$1.000,00. Uma professora leitora foi convidada, recebendo R$1.000,00, como salário mensal, para um encontro de leitura de uma hora por semana com cada grupo de vinte trabalhadores. A construtora pagou também, a título de hora extra, R$10,00 para o trabalhador presente em cada encontro. Cada um dos 100 recebeu por mês R$40,00. Os gastos com esse tipo de ajuda de custo somaram R$4.000,00 mensais. A proposta foi realizada em três meses, custando para a empresa, nesse período, R$ 20.000,00.

100 livros	1.000,00
1 leitora guia	3.000,00
100 trabalhadores-leitores	12.000,00
consultoria	3.000,00
registro	1.000,00
total	20.000,00

Assim, em 3 meses todos os 100 funcionários da construtora leram o livro *Contos Tradicionais do Brasil*. Como presente, levaram para suas casas o livro e as leituras realizadas em grupo. Momentos inesquecíveis, geradores de paixão de ler. Todos incluídos nessa viagem mágica com as palavras. Claro que alguns demonstraram mais desenvoltura que outros nos exercícios de ler em voz alta, de contar e recontar em grupo as histórias lidas e até de escrever alguns dos contos trabalhados. Todos festejaram, dançando e cantando com os amigos.

A empresa diminuiu um pouquinho o seu lucro, mas o saldo social foi animador. A energia positiva criada, como uma rede, envolvendo os trabalhadores, certamente resultará em ganhos imediatos e a médio e longo prazos.

Todo o processo contou com a participação e a supervisão da senhora esposa do proprietário da empresa. O empresário é só entusiasmo e já declarou que a experiência vai continuar em duas frentes: em primeiro lugar, formação de outros grupos de operários para participar de processo semelhante; em segundo, continuação do projeto com o grupo dos 100 primeiros leitores, em outra etapa, já agora envolvidos com poesia. Um poeta contemporâneo foi escolhido a partir da sugestão de todos os comprometidos. *O Livro das Ignorãças*, do poeta Manoel de Barros, circula em mãos e corações desses trabalhadores leitores.

Biblioteca do sal

Areia Branca, Rio Grande do Norte, região de salinas. Grande produtora de sal. Largos pátios cheios de grãos cristalinos retirados das águas do mar. Sal

grosso, sal refinado. Das águas com iodo. Indústrias que processam esse sal, comercializam por todo o Brasil e exportam para outros países.

Muitas mulheres e muitos homens trabalham nesses processos de extração e refinamento do sal. Outros empregam suas forças e energias na distribuição e venda do produto. Nessa região da costa atlântica, muitas famílias dependem da industrialização e do comércio dessa mercadoria.

O mar, em sua generosidade, e o sol, com sua luz, ajudam os homens a temperarem seus pratos, a salgarem suas comidas, a se nutrirem.

Uma imensidão de pátios, agrupando os grãozinhos brilhantes sob o sol escaldante pode ser vista por olhos que visitem a região.

Também os trabalhadores expõem suas vistas a esses espelhos cintilantes, no manuseio dos equipamentos exigidos para o processamento, em todas as etapas, desse elemento tão fundamental na alimentação e na degustação.

Expondo seus olhos à claridade do sal por longo tempo, mulheres e homens salineiros acabam por comprometer sua visão. Muitos chegam a experimentar cegueira temporária; outros tantos acabam literalmente cegos. Alguns desses operários sofrem profundamente na tentativa de recuperar a visão.

Uma boniteza é saber dos esforços e das ações desenvolvidas pelo movimento dos salineiros por meio de sua organização política. Seus sindicatos representativos são atuantes em suas reivindicações e nas lutas por direitos e amparos. Grandes embates acontecem nas negociações desses direitos com as organizações que representam os patrões. Às vezes algumas conquistas são asseguradas.

Pois bem, fui encontrar um tio-avô meu cumprindo um mandato na presidência de uma dessas entidades representativas dos trabalhadores salineiros, lá em Areia Branca. Um tio-avô cego. Fui visitá-lo no sindicato. Fiquei contente em vê-lo e saber de sua atuação junto aos companheiros nos encaminhamentos das lutas de interesse da categoria e ainda nas realizações de atividades sócio-culturais, envolvendo familiares dos salineiros.

Conheci uma dessas atividades que muito me entusiasmou – foi um programa de promoção de leitura. No prédio do sindicato, em uma das salas, organizaram uma biblioteca pequena, com apenas dez estantes contendo publicações de editoras brasileiras. Livros de literatura em língua portuguesa. Autores brasileiros, portugueses e africanos. Aproximadamente uns 3.000 exemplares. Familiares dinamizavam esse acervo, desenvolvendo diversas práticas leitoras.

Em outra sala, por iniciativa de meu tio-avô, mais 10 estantes foram instaladas e o sindicato comprou 3.000 cadernos, uns com pautas, outros sem pautas. Arrumaram esses cadernos nas prateleiras das estantes. E, mais ainda,

uma mesa grande e 10 cadeiras. Pronto o espaço, acrescentaram sobre a mesa canecas cheias de lápis, borrachas, apontadores e canetas esferográficas. Anunciaram que cada trabalhador e seus familiares teriam direito a um caderno, com ou sem pautas, para que pudessem escrever suas histórias com as próprias mãos, caligrafias, palavras e desenhos. Lá mesmo na sala, ou retirando o caderno e levando-o para casa, ou para o trabalho, de modo que, nos momentos que desejassem e nas oportunidades de intervalo do trabalho, registrassem suas lembranças, seus causos, suas experiências de vida e de operários do sal.

Pois muitos cadernos foram preenchidos com letras, palavras, textos e muitas passagens de vida em família e de vivências com os companheiros no trabalho.

Esses cadernos com escritas – essas escrituras – constituem uma biblioteca das mais ricas e inusitadas que eu já encontrei por esse Brasil. Os cadernos estão lá e as vidas das pessoas também, em suas incompletudes, idiossincrasias, diabruras e virtudes. Todos são leitores dos cadernos e dos mundos ali ensaiados. Todos juntos podem construir melhor esses mundos e transformá-los a partir dessas imbricações contidas nos textos, do real e do ficcional, tecidos e emaranhados um no outro, ou melhor, um com o outro.

Biblioteca viva

Durante minha visita ao sindicato dos salineiros, deixei escrito em um dos cadernos uma história e minha impressão sobre essa idéia.

Enquanto eu escrevia, um menino de aproximadamente 11 anos de idade, sentado em outra cadeira, também escrevia em um dos cadernos da Biblioteca. Registrava, com um texto seu, a travessia para outros mundos de sua avó. Escrevia nas últimas páginas do mesmo caderno onde se lia a história de vida da avó expressa por ela mesma. Ali, a caligrafia que reunia palavras narrava as peripécias de uma mulher trabalhadora do sal em suas dores e alegrias. Suas vitórias.

O menino, o neto, também deu início aos escritos em um novo caderno. Depois, curioso, fui ler a primeira página do caderno desse menino. Está lá, na primeira linha: "Quando eu crescer quero trabalhar com o sal e participar do Sindicato".

Caldo de Caridade

Caldo de caridade. Água na panela para ferver. Algumas ervas colhidas nos quintais e em terrenos próximos às casas das famílias dos bairros do São Francisco, 6 de Agosto, Cadeia Velha e Cerâmica. Entre eles, o rio Acre, que atravessa a cidade de Rio Branco, capital do Estado do Acre. Água temperada com

ervas, folhas e sal. Acrescenta-se um punhado de farinha e, depois de bem mexer, servem-se às crianças com fome e desnutridas. Refiro-me à farinha de mandioca, a milagrosa.

Pois assim, uma mulher, professora e mãe, atua junto a outras mães daqueles bairros, no combate à fome e à desnutrição. Isso acontece à noite. Caldos de caridade, tão necessários para o bom sono das crianças. Não sei lhes dizer o porquê de algumas mulheres adicionarem ao caldo a pimenta. O soro da pimenta de cheiro, esmagada numa colher com o tucupi, complementa o tempero do caldo. Os irmãozinhos mais velhos dessas crianças precisadas do caldo já freqüentam as escolas públicas e se alimentam da merenda escolar.

Mas o que eu queria trazer aqui, com a história dessa professora, é o outro trabalho que ela também vem realizando. É que observando nessas casas vizinhas a presença de alguns livros, iniciou um movimento de leitura com as mulheres, mães das crianças.

Os livros estão nas casas, guardados dentro das petisqueiras, dos armários, debaixo das camas, por cima dos aparelhos de televisão e misturados às panelas em prateleiras das cozinhas.

Foram levados pelas meninas e meninos em idade escolar. Doados pelo Governo Federal e outras instituições governamentais estaduais e municipais. Programas de doação de livros que proliferaram pelo país inteiro, como medida para solucionar a questão da grande parcela de brasileiros "não leitores".

Pois bem, essa professora, que também é mãe de sete filhos, arranja tempo para incentivar grupos de mulheres a abrirem, folhearem, conhecerem e lerem esses livros. Isso porque, em sua observação, eles nunca tinham sido abertos, sequer folheados, por nenhuma das mães ou outros membros da família.

Desde então, percorre as casas para ensinar o preparo do caldo de caridade e para comentar sobre as leituras e sobre os livros.

Uma vez por semana reúne-se com grupos de mães, avós, irmãs e vizinhas para uma sessão de leitura em voz alta e conversas sobre os sublinhados das leituras silenciosas. Durante uma, duas e, às vezes, até três horas. Esses encontros acontecem com as vozes de todas as mulheres envolvidas nesse movimento. Assim, por meio dessas leitoras, as crianças estão se interessando pelos livros e pelas leituras.

Um leitor contagia o outro e a vida segue inaugurando novos mundos e novas redes de relações.

O que essa professora mostra, com o seu movimento, é que não basta somente a presença de livros nas casas das pessoas para deflagrar e sustentar o interesse por esse tipo de leitura:

– É preciso promover os diferentes caminhos da produção de leitura; reconhecer a pluralidade de materiais de imagens; considerar as diversas maneiras de organizar, de pensar, agir e criar em comunidade; estimular o escutar, o ouvir e o contar histórias; brincar, cantar e festejar desde as pequenas até as grandes conquistas de cada um dos participantes do grupo; respeito, muito respeito pelos muitos discursos, diminuindo a ansiedade e as interpretações precipitadas das falas alheias, e mais a soma da poesia e ternura com a construção da capacidade de suspender o real e retornar a ele, alterado para transformar o entorno.

Francisco Gregório Filho é escritor r contador de histórias. Foi diretor do PROLER e Secretário de Cultura do Acre.

Entre a universidade e a rua: experiências de um professor editor

José Castilho Marques Neto

O título deste inspirado livro – *Vivências de Leitura* – talvez seja o que melhor traduza o meu percurso individual e institucional no mundo das letras, páginas, colas, cadernos, capas, tipos, e tantos outros incontáveis elementos literários, gráficos e culturais encontrados no dia-a-dia de um professor editor como eu. Vivi e ainda vivo como *fazedor* de livros, embora me considere fundamentalmente um professor, este, por definição, um amante dos livros e do conhecimento.

Como professor tive muitas experiências de fomento à leitura em sala de aula, mas seria demasiado enumerá-las aqui, porque o interesse maior de minha contribuição talvez seja a do editor e a do dirigente de instituições públicas que têm no livro e na leitura a base de seus fundamentos.

A leitura, assim como os livros, são quase invisíveis no nosso cotidiano. De tão presente, a leitura torna-se invisível aos nossos sentidos. Lemos funcionalmente o tempo todo e não nos damos conta disso. Entendo que essa invisibilidade só não existe para a imensa massa de brasileiros que não têm acesso à leitura. E eles são muitos! Essa parte significativa da população sequer consegue compreender o letreiro de um ônibus ou o anúncio de uma vitrine, quanto mais um texto literário ou acadêmico.

A complexidade do quadro de leitura no Brasil demonstra que mesmo os que não trabalham com o mercado livreiro ou em bibliotecas sabem que o brasileiro lê pouco. Menos de dois livros por ano. As razões para esse quadro também são apontadas com certa facilidade, estando entre as principais a dificuldade o acesso ao livro e o alto índice de analfabetismo absoluto ou funcional.

Participo desta discussão como professor universitário e editor há quase 30 anos. E foram várias as experiências. Tive a oportunidade de estar no vér-

tice da construção de uma editora universitária reconhecida por sua qualidade e presença – a Editora UNESP – assim como de estar à frente do início do processo de requalificação de uma das mais importantes bibliotecas do país – a Biblioteca Pública Municipal "Mário de Andrade", em São Paulo. Na liderança de associações de editoras universitárias – no Brasil, a ABEU (Associação Brasileira de Editoras Universitárias) e no exterior, a EULAC (Associação de Editoras Universitárias da América Latina e Caribe) –, pude vivenciar experiências múltiplas e compartilhar esforços com meus companheiros editores acadêmicos sobre o ofício de fazer livros na universidade brasileira e iberoamericana. Antes disso tudo, uma experiência que marcou todas as posteriores: sócio-fundador da *Kayrós Livraria e Editora*, em São Paulo no final dos anos 70 até 1982, tive o batismo essencial na área do livro e da leitura e a predestinação dita por um velho linotipista quando editei meu primeiro livro: "Você criou um compromisso para toda a vida. Jamais conseguirá sair dele".[1] Esta frase me foi dita em 1978 e, apesar de ter tentado sair desse círculo uma única vez, ela se mantém como verdade em minha vida.

Encontrei essa mesma predestinação em muitos outros colegas editores e livreiros, e essa crença de que o livro é parte de uma vida inteira de compromissos para com ele, talvez faça parte dos muitos símbolos que envolvem esse ofício secular.

Não é objetivo deste meu artigo, nem desse livro, creio eu, explorar as simbologias que envolvem o ofício do editor ou do livreiro. Há textos interessantes sobre isso, mas o papel distinto que o editor tem na sociedade, inclusive no mundo dos letrados, talvez tenha me proporcionado experiências interessantes no mundo do fomento à leitura e é nelas que pretendo me expor aos leitores. Explico-me. Há uma *desordem* no cenário perfeito e harmônico do editor, verdadeiro curador das letras, ordenador do que será ou não será publicado, portanto, do que será ou não será lido pelo restante da humanidade. Esta aura arrogante e ao mesmo tempo, encantadora e fetichizada do editor, convive com algo que é assustadoramente material: a necessidade de se fazer ler o que se edita. O que é um livro se ele não for lido? Um objeto, charmoso talvez, mas um objeto, assim diz a dura realidade. Essa *desordem* se amplia no mundo perfeito do editor quando ele se depara com a necessidade de vender e de encarar o livro como produto. A indústria editorial é peculiar, mas é uma indústria e como tal vive da venda de seus produtos. E é esta indústria, cada vez mais complexa, que finalmente aproxima o editor daquele que cria aquela *desordem* original: o leitor e o não leitor. É claro que o profissional ou o apaixonado pelos livros e as letras encontram o leitor e o não leitor de várias maneiras, mas

eu o encontrei como editor, inicialmente na Kayrós e depois na UNESP. Essas duas experiências me levaram a exercer outros papéis, não mais como editor, mas como dirigente público que busca ganhar o leitor e o não leitor, ainda de maneira mais intensa do que a do editor que busca vender e distribuir seus livros. Refiro-me às funções que exerci como Diretor da Biblioteca Mário de Andrade e a que ainda exerço como Secretário Executivo do Plano Nacional do Livro e Leitura - PNLL.

Será, portanto, baseado nessas três experiências que procurarei dar minha contribuição a este livro. O vértice de todas as três experiências é o que chamo de "rua", ou seja, o mundo além das academias e dos escritórios dos editores, o leitor a conquistar, o leitor a preservar, o desenho do futuro do livro e da leitura conforme as conquistas que conseguimos obter com esses personagens essenciais no presente.

A experiência como editor na UNESP

Antes mesmo de eu chegar à Editora, a UNESP, universidade extremamente voltada para a comunidade na qual se insere, já desenhava um perfil editorial que tinha como objetivo chegar ao leitor e não apenas publicar por obrigação acadêmica, burocratizando o que não deve ser burocratizado: o conhecimento. Fundada em agosto de 1987, a Editora publicou seus primeiros títulos naquele ano com projeto gráfico de bom nível, marca própria de excelente artista gráfica, projeção em mídia etc. Constituía-se como editora que saía da Universidade para a Sociedade. Atraído por este perfil, fui convencido pelo primeiro Diretor da Editora, Marco Aurélio Nogueira, a aceitar o posto de Editor Executivo em abril de 1998. Eu ainda não completara quatro anos como professor na UNESP e já traía um propósito de anos atrás quando havia vendido a Kayrós em 1982: "nunca mais voltar a trabalhar na área". O presságio do setor, expresso pelo meu primeiro linotipista, se concretizava. Voltei a editar, no início apenas como uma espécie de consultor, depois e rapidamente, como editor que, na orientação democrática de meu diretor, acompanhava e participava dos rumos que a Editora UNESP tomava. Os primeiros anos na Editora foram importantes para reafirmar o que eu já havia aprendido na Kayrós – devíamos construir uma editora que tivesse como meta o leitor. Auxiliar do artífice de todas as letras – o autor –, cabe ao editor ter o mesmo propósito que os autores perseguem: serem lidos.

Foi pensando nos leitores que a UNESP construiu seu catálogo, hoje com mais de mil títulos. Procurando sempre o melhor autor para o tema mais necessá-

rio à conjuntura ou à contribuição para a cultura e a ciência brasileira, a Editora não se restringiu aos autores da própria universidade, mas constitui-se como uma editora moderna, ágil, voltada para a difusão do conhecimento produzido pela Unesp e por outros centros acadêmicos. No momento em que a Editora UNESP comemora 20 anos de criação (transformada em Fundação desde 1996), a reflexão que aqui se faz é no sentido de compartilhar os caminhos pelos quais ela se tornou uma das mais importantes editoras universitárias da América Latina e atingiu o objetivo de conquistar leitores para esse mundo particular das editoras: o leitor de texto universitário que não necessariamente está na universidade.

Como isso foi possível? Acredito que o perfil que a Editora construiu é parte integrante desta resposta. Desde o início, ela já se afirmou com uma personalidade própria, destacando-se de outras editoras universitárias brasileiras. Estas se configuravam então, para dar uma idéia resumida do contexto, como grandes co-editoras de empresas privadas ou então como gráficas universitárias que imprimiam livros desordenadamente, sem critérios editoriais. Na época, formavam-se também pequenos núcleos de publicações voltados para atender a demandas exclusivamente domésticas e endógenas das respectivas universidades.

A Editora Unesp elaborou nos seus primeiros anos um conceito muito forte de autonomia e o tornou seu objetivo permanente. Desenvolveu-se a idéia de que, para obter o sucesso almejado, a editora universitária deveria conquistar três autonomias: a editorial (liberdade para publicar sem pressões burocráticas ou políticas), a administrativa (ter condições de gerenciar e planejar seus próprios negócios) e a financeira (gerir sua receita, própria ou recebida da Universidade). Neste tripé, ela se estabeleceria como instituição forte, cumprindo seu papel junto à Universidade.

E foi isso que aconteceu. Hoje, a Fundação Editora da UNESP possui autonomia editorial, administrativa e financeira. Com um catálogo de mais de mil títulos, diversos deles premiados, é hoje modelo no país e referência internacional, em termos de títulos, qualidade editorial e presença no mercado, o que significa conquistar cotidianamente mais e mais leitores. Direcionando suas ações estratégicas para sua vocação de vincular a produção intelectual com a *rua*, torna acessível a um público mais amplo o que é tradicionalmente restrito à academia. Entende que cumpre uma das finalidades da academia, que é produzir e difundir saber e conhecimento para a sociedade que a sustenta.

Outra ação particularmente notável da Editora UNESP, e que tem proporcionado um conhecimento do mundo da leitura e de seus agentes, foi a inauguração da Universidade do Livro (Unil), em 1999. Braço educacional da Editora Unesp, a Unil foi inspirada na emblemática Escola do Livro de Frankfurt,

com o objetivo de oferecer aos profissionais e futuros profissionais da área editorial e livreira e de bibliotecas oportunidades de aperfeiçoar-se, introduzir-se ou progredir em seu campo de trabalho. Mais de cinco mil alunos já passaram pelos cursos ministrados, testemunhando o papel importante que a Universidade do Livro tem exercido na formação continuada de profissionais para este segmento da indústria cultural.

Cada vez mais voltada para experiências com o mundo do livro e da leitura, a Unil agora se volta também para a área de criação e desde março de 2007 realiza Oficinas de Criação Literária, para crianças de 8 a 12 anos e jovens de 13 a 17, de escolas públicas de São Paulo. As oficinas têm como objetivos o desenvolvimento da criatividade coletiva no âmbito da língua, a aproximação dos participantes com a cadeia produtiva do livro e o incentivo ao hábito da leitura e da escrita. O projeto foi premiado em 2006 pelo Programa de Ação Cultural (PAC), da Secretaria do Estado da Cultura de São Paulo e tem sido bastante útil também para a Editora poder refletir sobre o seu papel social para além das atividades exclusivamente editoriais.

Acrescente-se ainda à experiência editorial e de ensino e treinamento, a atividade como livraria exercida pela Fundação Editora da UNESP. Inicialmente instalada na Alameda Santos, nos térreos do então edifício da Reitoria, a Livraria UNESP será reinaugurada na Praça da Sé, sede da Editora, como livraria especializada em livros universitários e com um projeto arrojado de se tornar uma Livraria-Escola, com a realização de cursos introdutórios para a formação de livreiros. Os alunos receberão treinamento profissional e poderão colocar em prática na Livraria-Escola os ensinamentos adquiridos.

Todas essas faces da Editora UNESP que procurei aqui demonstrar sinteticamente dão conta de um projeto editorial vitorioso que conquista leitores, e que, formador por missão e característica institucional, consegue cumprir o objetivo central de seus autores que é o de conquistar leitores. Talvez a grande lição universal que soubemos compreender na UNESP e que pode ser lida na Editora é a de que uma empresa editorial precisa ter um projeto completo de catálogo, de estrutura, de nitidez sobre seus objetivos, senão será impossível conquistar leitores e, portanto, cumprir seu papel social, cultural e econômico no mundo atual.

A experiência como gestor público.

Necessitaria de mais páginas do que se permite neste artigo para transmitir as muitas experiências com leitura acumuladas como gestor público na Biblioteca Mário de Andrade e, mais recentemente, como Secretário Executivo do

PNLL. Procurarei apenas concentrar aqui o que considero lições essenciais dessa caminhada e o que entendo ser o essencial do PNLL. Essas lições situam-se no plano simbólico e também nas ações materiais que possibilitam o feliz e nem sempre casual encontro entre o leitor e o autor, sempre intermediados por esse objeto de desejo: o livro, em suas várias plataformas materiais.

> *"O livro é o meio principal e insubstituível da difusão da cultura e transmissão do conhecimento, do fomento à pesquisa social e científica, da conservação do patrimônio nacional, da transformação e aperfeiçoamento social e da melhoria da qualidade de vida". (Item II do Art. 1º, Capítulo I, Lei 10.753 de 30/10/2003 – Lei do Livro)*

Ao sancionar a Lei do Livro em 2003, o Presidente Luiz Inácio Lula da Silva criou o instrumento legal para deflagrar no nosso país a necessária revolução da cultura letrada, até aqui dominada pelo arcaísmo das discriminações sócio-econômicas históricas do Brasil, que resultou, nesse início do século XXI, numa sociedade ainda maculada por uma taxa de 13,6% de analfabetismo absoluto e 38% de analfabetismo funcional. Dados como esses são fatores objetivos para o rebaixamento do país na atual sociedade da informação e do conhecimento e claramente discriminatórios na promoção da igualdade social e no desenvolvimento econômico.

Em dezembro de 2004, o Governo Federal desonerou de impostos toda a cadeia produtiva do livro, abrindo espaços para o reaquecimento de parcela do setor editorial e livreiro; em 2005 promoveu, em parceria com os governos estaduais e municipais e a sociedade civil, o maior movimento sinérgico de promoção do livro e da leitura – o VIVALEITURA - ação integrada ao Ano Iberoamericano da Leitura, que envolveu 21 países e que contou com milhares de iniciativas pela leitura no país; ainda em 2005, foi criada a CÂMARA SETORIAL DO LIVRO LITERATURA E LEITURA (CSLLL), enquanto instância do Conselho Nacional de Política Cultural, voltada para a permanente reflexão e negociação de todos os segmentos e instituições relacionadas ao livro e a leitura; em 2006, em inédito reencontro entre o Ministério da Cultura e o Ministério da Educação, reaproximando cultura e educação, foi lançado o PLANO NACIONAL DO LIVRO E LEITURA (PNLL). Programas de acessibilidade ao livro, como o LIVRO ABERTO, criado para zerar o número de 1.300 municípios brasileiros que em 2002 não possuíam bibliotecas, foram implementados pela Fundação Biblioteca Nacional (FBN).Hoje restam 613 municípios ainda sem bibliotecas, e se pretende atingi-los até 2008. No âmbito da FBN também foi reativado o PROLER – Programa Nacional de Incentivo à Leitura – instituído

em 1992. No MEC, iniciativas fundamentais para o desenvolvimento das ações do Estado na área da leitura se ampliaram significativamente em programas diversos: Programa Nacional da Biblioteca Escolar (PNBE), Programa Nacional do Livro Didático (PNLD), Programa Nacional do Livro no Ensino Médio (PNLEM) e o Programa de Formação do Aluno e do Professor Leitor, atingindo milhões de alunos, professores e famílias brasileiras.

Elaborado a partir do movimento pela valorização da leitura, lançado em março de 2006 e institucionalizado em agosto de 2006, o PNLL estrutura-se em quatro eixos principais que orientam a organização do Plano: 1) Democratização do acesso; 2) Fomento à leitura e à formação de mediadores; 3) Valorização do livro e comunicação; 4) Desenvolvimento da Economia do Livro.

O Plano é produto do compromisso do governo atual de construir políticas públicas e culturais com base em um amplo debate com a sociedade e, em especial, com todos os setores interessados no tema. Sob a coordenação do Ministério da Cultura e do Ministério da Educação, participaram do debate que conduziu à elaboração deste documento representantes de toda a cadeia produtiva do livro – editores, livreiros, distribuidores, gráficas, fabricantes de papel, escritores, administradores, gestores públicos e outros profissionais do livro –, bem como educadores, bibliotecários, universidades, especialistas em livro e leitura, organizações da sociedade, empresas públicas e privadas, governos estaduais, Prefeituras e interessados em geral.

Uma verdadeira concentração de iniciativas, a exemplo do que já vem sendo realizado pelo PNLL entre o Estado e as diversas instâncias da Sociedade, deve dar consistência às políticas públicas sobre o livro e a leitura, priorizando em minha opinião três pontos essenciais**:**

1) Fortalecer e atualizar aceleradamente o Sistema Nacional de Bibliotecas Públicas, proporcionando democraticamente a acessibilidade à cultura escrita na formação de uma rede de bibliotecas de acesso público.

Somos um país com baixo poder aquisitivo na maioria da população e a biblioteca de acesso público – formada pela rede de bibliotecas públicas, escolares, comunitárias e de empresas – é a fonte privilegiada e acessível para a disseminação da informação e a elaboração do conhecimento ao conjunto dos cidadãos. **Com otimização de recursos e priorizando o acesso, é possível revolucionar a oferta de leitura à população.** Exemplos de ações:

– Consolidar, modernizar e aferir recursos necessários para as bibliotecas públicas, garantindo-lhes dotações permanentes para renovação e amplia-

ção de acervos, de equipamentos e de serviços, assim como da promoção de atividades formadoras de bibliotecários e mediadores de leitura;
– Atualizadas e equipadas, dotar cada biblioteca pública com um projeto de ambições nacionais para torná-las centros de informação e cultura, mas pautado para atender os interesses de fomento e preservação das identidades comunitárias e regionais, assim como a diversidade e a riqueza da cultura escrita do local em que está inserida;
– Promover o intercâmbio e a interação de objetivos entre as bibliotecas públicas, as bibliotecas escolares, as bibliotecas comunitárias e as de empresas, criando uma rede nacional de bibliotecas com acesso público;
– Incorporar o uso de tecnologias da informação e comunicação, em especial na informatização e criação de bibliotecas virtuais e centros de leitura multimídia, somando-se essas ações às tradicionais, dentro da convivência necessária e saudável entre o tradicional e o inovador.

2) Investir na formação, reciclagem e suporte dos Recursos Humanos para a área de mediadores de leitura, tanto na Cultura quanto na Educação.

Incrementar sinérgicamente a formação de pessoas que possam conquistar novos leitores, revertendo drasticamente os baixos índices de leitura e melhorando a compreensão da capacidade leitora. Exemplos de ações:

– Fortalecer e consolidar as redes de formação de leitores já existentes, como o PROLER, dando-lhes condições e estrutura para aumentarem consideravelmente suas ações de formação de leitores e de incentivo à leitura;
– Implementar os programas de formação de mediadores de leitura existentes, inclusive por meios eletrônicos e de ensino à distância, e estender seu alcance a todos os profissionais que têm alguma atividade relacionada ao livro e à leitura – educadores, bibliotecários, professores, profissionais liberais, líderes comunitários, voluntários de programas culturais e sociais etc.;
– Incentivar e apoiar estudos e pesquisas acadêmicas, envolvendo universidades e institutos de pesquisa, que busquem o melhor conhecimento sobre o livro e a leitura no país e no mundo, tornando-a fonte de inspiração e bases conceituais para projetos e programas a serem implementados na área, além de se constituírem em forte elemento de avaliação e de crítica permanente às políticas em andamento na área.

3) Estimular estratégias de desenvolvimento da indústria nacional do livro.

Em todos os seus suportes materiais e em todas as suas instâncias criativas, produtivas e distributivas, apoiando sua inserção no acelerado processo de mudança pela qual esse segmento da indústria cultural passa em todo o mundo globalizado. **Considerar o uso e a disseminação da língua portuguesa escrita como política de desenvolvimento econômico e de identidade cultural da nacionalidade, estimulando seu uso e circulação.** Exemplos de ações:

– Estabelecer redes de estímulo à produção artística e intelectual de obras em português, valorizando o idioma e a diversidade de manifestações culturais de todos os setores e regiões do país, incentivando e apoiando escritores novos e consagrados a interagirem com os leitores e a engajarem-se na conquista de novos, inclusive com o uso das tecnologias;
– Buscar o equilíbrio entre os direitos de propriedade intelectual e o interesse comum no acesso à cultura e à educação por intermédio da leitura, mantendo um constante diálogo e aperfeiçoamento de mecanismos reguladores que interessem ao Estado e ao desenvolvimento econômico dos criadores e da indústria editorial e livreira;
– Incentivar as ações empresariais do setor que busquem a democratização de acesso à leitura, buscando o barateamento do livro por intermédio de políticas de preço justas e projetos especiais que atendam o baixo poder aquisitivo da população, considerando-se, inclusive, o empenho pela aprovação de instrumentos legais e reguladores propostos pelo setor produtivo e criativo que atendam aqueles objetivos.

Relegada historicamente à prática de poucos, discriminada como atividade complementar e dispensável conforme a estratificação social, a política do livro e da leitura teve um tratamento irregular e oscilante do ponto de vista institucional na nossa história pátria. Estamos hoje vivenciando um novo momento que ainda está nascendo e precisa ter a vigilância do cidadão para que não feneça no nascedouro.

Ao tomar a decisão política de transformar o livro e a leitura em Política de Estado inclusiva e cidadã, identificada com o desenvolvimento econômico e social do país, este governo não deve prescindir de trabalhar sobre marcos legais e institucionais modernos, assim como deve procurar formas criativas e permanentes de dar sustentabilidade econômica àquela política, de maneira que ela se torne efetiva. Reunir e otimizar recursos financeiros provindos do Orçamento da União, dos diversos programas e ministérios, de fundos públicos e privados, de instituições nacionais e internacionais, todos voltados para o desenvolvimento da capacidade leitora, é tarefa imprescindível.

Igualmente é fundamental uma profunda revisão de missões e de competências dos órgãos governamentais que hoje se responsabilizam pela condução de políticas para o livro e a leitura, principalmente nesse período em que os Ministérios da Cultura e o da Educação voltaram a atuar juntos por intermédio do PLANO NACIONAL DO LIVRO E LEITURA (PNLL), cuja primeira institucionalização como Política de Estado é a Portaria Interministerial MinC/MEC 1442, de 10/082006. Refletir sobre o PNLL e a ação sinérgica que ele representa ao unir Estado e Sociedade em prol da leitura será um caminho a seguir para a construção de um novo modelo de gerenciamento dos destinos desta área da cultura.

Otimizar os recursos, buscar novas formas de financiamento público e privado, reorganizar os órgãos públicos existentes ou criar nova instância para gerenciar a política para o livro e a leitura serão medidas urgentes e fundamentais para implementar eficientemente o PNLL e implantar a perenidade cidadã de uma Política de Estado para a leitura e o livro.

A ambição dos pontos aqui apresentados requer uma ação inovadora do Estado, também do ponto de vista administrativo e financeiro, que possa dar conta tanto da dramaticidade do quadro a ser enfrentado quanto da contemporaneidade das velozes mudanças que hoje enfrenta o mundo do livro e da leitura.

Se o Brasil conseguir dar esses passos, estaremos, finalmente, quebrando grilhões centenários, filhos primogênitos da colônia e do escravismo. Nesse Brasil que vislumbramos, a leitura como direito se tornará uma realidade a serviço da promoção humana dos brasileiros, incorporando milhões à cidadania que historicamente lhes foi negada.

NOTA

[1] Uma análise mais ampla da experiência da Kayrós pode ser lida no mestrado defendido recentemente na FFLCH-USP pelo editor da Fundação Perseu Abramo, Flamarion Menezes.

José Castilho Marques Neto é Doutor em Filosofia pela USP, é professor de Filosofia Política na UNESP (FCL/Araraquara); Diretor Presidente da Fundação Editora da Unesp/Editora UNESP; Presidente da EULAC (Asociación de Editoriales Universitárias de América Latina y el Caribe); Secretário Executivo do PNLL (Plano Nacional do Livro e Leitura) do MinC e MEC.

A FNLIJ às vésperas dos 40...

LAURA SANDRONI

A Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil (FNLIJ) foi oficialmente criada no dia 23 de maio de 1968; está portanto às vésperas de completar 40 anos. Seus objetivos estatutários visavam: a) incrementar a produção de livros infantis e juvenis; b) promover estudos e pesquisas sobre todos os aspectos do livro para crianças e jovens; c) incentivar autores e ilustradores do gênero; d) estimular a ampliação da rede de bibliotecas infanto-juvenis; e) divulgar e promover o livro infantil e juvenil de qualidade.

Desde o início contou com o apoio do MEC através do Centro Brasileiro de Pesquisas Educacionais, sob a direção do Dr. Péricles Madureira do Pinho, que cedeu uma sala e uma secretária para que a FNLIJ se instalasse na bela casa da rua Voluntários da Pátria, 107, onde funcionou até o início de 1977, quando se mudou para o Palácio Gustavo Capanema, hoje sede do Ministério da Cultura.

Com a estreita colaboração dos poucos editores que então atuavam na área e de professores interessados, a Fundação começou a desenvolver suas atividades graças ao trabalho voluntário de Maria Luiza Barbosa de Oliveira, pedagoga dos quadros da CBPE[1], Ruth Villela Alves de Souza, bibliotecária com especialização em biblioteca infantil e Laura Sandroni, bacharel em Administração Pública.

Duas ações propostas por Ruth foram imediatamente iniciadas. A primeira foi a edição de um *Boletim Informativo* trimestral contendo artigos de fundo sobre literatura destinada a crianças e jovens, noticiário nacional e internacional, crítica de livros recém-lançados. Esta publicação manteve-se de fevereiro/março de 1969 até outubro/dezembro de 1984, melhorando sempre sua feição gráfica à medida que mais pessoas e instituições colaboravam, associan-

do-se à FNLIJ. É hoje documento indispensável aos que desejam conhecer o desenvolvimento da literatura infanto-juvenil entre nós.

A outra sugestão não menos importante foi que escrevêssemos aos editores solicitando que nos enviassem um exemplar dos livros publicados nesta área. O resultado é possuirmos hoje o maior acervo do gênero na América Latina.

O desenvolvimento da Fundação deu-se de forma lenta e contínua: criamos representações estaduais da entidade, promovemos o Dia Internacional do Livro Infantil a 2 de abril – aniversário de Hans Christian Andersen, patrono da Literatura Infantil – incentivamos a criação de concursos e prêmios, a fim de atender ao crescimento da produção nacional estimulada pela Lei de Diretrizes e Bases de 1971 (que tornava obrigatória nas escolas de 1º grau a leitura de obras de autores brasileiros), iniciamos a participação do país na Feira de Bolonha (Itália), única no mundo dedicada aos livros infantis e juvenis, estimulamos as feiras de livros em escolas, participamos de mesas-redondas e organizamos seminários sobre o tema em bibliotecas públicas, escolas e universidades.

O primeiro seminário internacional que organizamos ocorreu em julho de 1972 por solicitação da Câmara Brasileira do Livro, dentro da programação da II Bienal Internacional do Livro no Pavilhão do Ibirapuera, em São Paulo.

Ainda em outubro de 1972, Regina Yolanda, conhecida autora, ilustradora e professora carioca, organizou para a FNLIJ a "I Exposição retrospectiva da Ilustração no livro Infantil brasileiro", que se realizou no saguão da recém-inaugurada sede da Caixa Econômica Federal, na Av. Rio Branco. Expostas 399 ilustrações originais selecionadas, 219 livros mais bem ilustrados dos últimos anos, destaque para as edições de *O tico-tico* e outras "relíquias" da ilustração brasileira.

A Fundação desde seu nascimento foi ligada ao IBBY – International Board on Books for Young People, fundado por Jella Lapman em 1953 com o propósito de estimular os bons livros infantis e fazê-los circular em todo o mundo, através de boas traduções, de maneira a tornar conhecidas de todas as crianças as diferentes culturas, o que, em última análise, concorreria para o fim das guerras. Uma visão idealista e de grande beleza.

Em 1973 entramos em contato com o INEP[2] buscando financiamento para nosso primeiro grande projeto, o qual com o apoio do Instituto Nacional do Livro (INL) tornou-se realidade em 1977, com a publicação do I volume da *Bibliografia Analítica da Literatura Infantil e Juvenil publicada no Brasil 1965-1974*, co-editada pela Ed. Melhoramentos. O trabalho teve continuação e em 1984 publicamos o II volume abrangendo os títulos publicados

entre 1975 e 1978 co-editado pelo INL e a Editora Mercado Aberto, de Porto Alegre.

Para isso reunimos uma equipe de leitores que foi preparada por competentes professores e realizamos encontros com consultores para preparação de uma ficha-roteiro de leitura. Esse trabalho, remunerado, permitiu que a equipe da FNLIJ iniciasse a preparação de seu primeiro grande momento de importância nacional e internacional: a realização, no Rio de Janeiro, do 14º Congresso do IBBY que completava 20 anos de vida e decidiu realizá-lo, pela primeira vez, fora da Europa, escolhendo o Brasil para a realização do evento.

Por essa época, já contávamos com a presença de Leny Werneck como representante da Fundação no Comitê Executivo do IBBY (cargo que já pertencera a Ruth Villela Alves de Souza) e, com o entusiasmo de todo o nosso Conselho Superior, decidimos aceitar a proposta que ela nos trouxe. Com o apoio de vários órgãos oficiais como o Ministério da Educação, através de sua Secretaria da Cultura, (naquela época ainda não havia sido criado o MINC), a Riotur, o SNEL[3] e a CBL[4] realizamos, no Hotel Glória, o seminário que se intitulou "O livro como instrumento na formação e no desenvolvimento da criança e do jovem".

Com mais de 400 pessoas inscritas, os maiores especialistas de todos os continentes como palestrantes e a presença dos dois ganhadores do Prêmio H. C. Andersen (ilustrador e autor) que foram recepcionados no Palácio Guanabara pela extrema gentileza do Governador Chagas Freitas e sua incansável esposa, a educadora Zoé de Chagas Freitas. Os Anais do Congresso encontram-se no acervo da FNLIJ.

Outra novidade do mesmo ano de 1974 foi a criação de um prêmio que se chamou "O melhor para a criança", visando estimular a melhoria dos nossos livros infantis. Hoje o prêmio já é dado a 14 diferentes aspectos dos livros, como por exemplo "O melhor para o jovem", "As melhores traduções", "Poesia", "Imagem" etc. A premiação se ampliou seguindo o crescimento do mercado. Ela não envolve dinheiro, mas apenas um diploma e significa um selo de qualidade a orientar pais e professores, além dos próprios editores e demais envolvidos na produção. O júri é formado por cerca de trinta especialistas de todo o país.

Enquanto seguíamos no dia-a-dia de atividades rotineiras da Fundação, programamos em 1980 duas atividades pioneiras que tiveram grande importância para os estudos da Literatura Infantil e Juvenil brasileiras. A primeira, realizada de 30 de junho a 4 de julho daquele ano, intitulou-se "I Encontro de

Professores Universitários de Literatura Infantil e Juvenil". Obteve financiamento do Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE) e sua organização foi feita pela equipe da FNLIJ juntamente com professores da Faculdade de Educação da UFRJ.

O Encontro objetivou a troca de experiências entre os professores universitários de literatura infantil e juvenil de todo o país e reuniu vinte deles que proferiram conferências de temática variada. Houve ainda uma mesa redonda com a participação de cinco críticos atuantes, que falaram sobre suas experiências nos vários periódicos nos quais publicavam.

Além da riqueza das falas, foi elaborado um documento enviado ao Conselho Federal de Educação, fundamentando o pedido de que a disciplina fosse incluída nos currículos de Educação, Letras, Comunicação, Biblioteconomia, Psicologia e demais áreas interessadas. Os Anais deste Encontro foram impressos e encontram-se no acervo da FNLIJ.

A outra ação visou reunir pessoas de todo país que, em situações diversas, realizavam experiências de estímulo à leitura com crianças e jovens. Realizou-se no Rio de Janeiro em novembro do mesmo ano, com recursos da UNESCO e do CERLALC (Centro Regional para o fomento do Livro na América Latina e Caribe). Essas experiências foram relatadas em livro publicado pela Ática com o título *A criança e o livro, guia prático de estímulo à leitura*, organizado por Luiz Raul Machado e Laura Sandroni.

Em 1982, a Fundação conseguiu o apoio da Fundação Roberto Marinho e o patrocínio da Hoechst do Brasil, para realizar o primeiro grande projeto de distribuição de livros a 35 mil escolas públicas de todo o país. A parte de produção ficou com a Fundação Roberto Marinho, enquanto a seleção dos títulos foi da equipe da FNLIJ.

O projeto consistia na distribuição de 15 títulos abrangendo livros adequados a crianças do 1º grau de ensino, das pequenas escolas rurais e da periferia urbana, durante quatro anos consecutivos. O projeto chamou-se "Ciranda de Livros" e reuniu 60 diferentes autores, na maior parte ainda pouco conhecidos, ajudando a divulgá-los, principalmente por dispor de inserções de 30 segundos na TV Globo, em horários variados, anunciando a chegada de novas cirandas enviadas às Secretarias de Educação, para distribuição nas escolas previamente selecionadas.

Um fato da maior importância nesse mesmo ano de 1982 foi a escolha de Lygia Bojunga como ganhadora do Prêmio Andersen, recebendo a medalha de autor pelo conjunto de sua obra. Foi a primeira vez que um latino-americano recebeu essa láurea, que é chamada na Europa de "O pequeno Nobel". A

partir daí, os autores brasileiros começaram a tornar-se mais conhecidos e traduzidos em diversos idiomas.

Quando deixei a Diretoria Executiva da FNLIJ foi eleita para o cargo a professora Glória Pondé, substituída pela professora Eliana Yunes. Dessa época, datam os projetos "Viagem da leitura", distribuição de 60 livros de literatura para jovens às bibliotecas públicas do país, com o apoio do Instituto Nacional do Livro e da Fundação Roberto Marinho e recursos da Ripasa Indústria de Papéis (1987-1988); e "Meu livro, meu companheiro", criação de mini-bibliotecas para crianças e jovens em hospitais públicos com o apoio do Ministério da Previdência Social (1988-1991).

Em 1992 Elizabeth Serra, que já trabalhava na Fundação, assumiu sua Secretaria-Geral e, em 1996, iniciou a elaboração de programas de tv que divulgam livros de literatura em canais educativos.

O projeto Ateliê do Artista (1997-1999) estabeleceu contato direto dos autores-ilustradores com seus leitores e teve apoio do jornal *O* Dia, enquanto as "Bibliotecas Comunitárias Ler é Preciso" tiveram início em 1999 e são uma bem-sucedida parceria com o Instituto Ecofuturo, da Suzano. Hoje 52 bibliotecas estão funcionando sob a orientação da Fundação em seis estados brasileiros.

Uma das grandes realizações desse período foi o início do "Salão do Livro Infantil e Juvenil" realizado em 2000 no Galpão das Artes do Museu de Arte Moderna, no Rio de Janeiro, que neste ano se encontra em sua 8ª edição. Dele participam inúmeros editores com títulos apenas de ficção e informativos, são feitos inúmeros lançamentos e há a presença constante de autores e ilustradores, que conversam com seus leitores. Há ainda uma biblioteca onde todos podem consultar as melhores obras e ouvir histórias. As escolas públicas e particulares visitam o salão e as crianças recebem um livro de presente. Nos fins de semana, as famílias comparecem com seus filhos, num espetáculo de grande beleza.

Há ainda na programação do Salão um seminário de três dias, manhãs e tardes, no qual se discutem os mais diversos aspectos da literatura destinada a crianças e jovens, e ao qual comparecem professores da rede municipal de ensino.

Outro momento importante deu-se no ano 2000, quando Ana Maria Machado recebeu o Prêmio Andersen; portanto o Brasil foi agraciado pela segunda vez. Ainda nas relações com o IBBY, a Fundação continuou a ter sempre um representante no Comitê-Executivo e no júri do Prêmio Andersen, apoiando outras seções latino-americanas da entidade e participando de en-

contros em diversos países do continente, além de fazer-se presente nos congressos do IBBY a cada dois anos.

A importância da FNLIJ no Brasil também segue crescendo, pois ela se torna cada vez mais conhecida e respeitada pelo trabalho que realiza com o apoio de todas as áreas envolvidas na produção de livros para crianças e jovens.

Entre os muitos prêmios recebidos e que comprovam este fato, citamos: Menção Honrosa do Prêmio de Alfabetização, da UNESCO, pelo projeto Ciranda de Livros (1984); Prêmio Estácio de Sá, do Governo do Estado do Rio de Janeiro, em 1989; Prêmio Jabuti – Amigo do Livro, da CBL em 1997; Prêmio Golfinho de Ouro, do Governo do Estado do Rio de Janeiro, em 2000.

É impossível esquecer todas as pessoas que ao longo desses quase quarenta anos colaboraram, de forma voluntária, para a consolidação do ideal de um pequeníssimo grupo que, crescendo, tornou-se um importante fator do desenvolvimento da produção editorial para crianças e jovens, trabalhando sempre pelo estímulo ao gosto pela leitura, seja junto à família, ao professorado ou às bibliotecas públicas e escolares. Lembramos especialmente aqueles que mais de perto nos acompanharam nos diversos Conselhos que dirigem a Fundação.

A todos eles, nosso muito obrigada.

NOTAS

[1] CBPE: Centro Brasileiro de Pesquisas Educacionais.

[2] INEP: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais.

[3] SNEL: Sindicato Nacional dos Editores de Livros.

[4] CBL: Câmara Brasileira do Livro.

Laura Sandroni é membro do Conselho Curador da FNLIJ e Membro Honorário do IBBY.

Formação de leitores: introdução ao mundo da leitura literária

Reflexão a partir de uma experiência

MAGDA SOARES

Os que somos dominados pela paixão da leitura e nos esforçamos para incutir essa paixão em outros – crianças, jovens, adultos – andamos sempre à procura de meios de "contaminação": como transmitir o gosto e o prazer da leitura?

Essa questão se colocou com força e urgência a um grupo de escritores e educadores que participamos da avaliação de obras literárias inscritas no concurso Literatura para Todos, instituído, em 2006, pelo Ministério da Educação, através da Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade – SECAD, com o objetivo de introduzir, no mundo da literatura, jovens e adultos recém-egressos do processo de apropriação da escrita[1].

A dúvida: quais seriam as características de obras literárias que tivessem a potencialidade de transmitir, a esses jovens e adultos recém-chegados ao mundo da escrita, a paixão, o gosto, o prazer da leitura?

Pensando na literariedade do texto: que este não depreciasse o jovem ou o adulto recém-chegados ao mundo da escrita, infantilizando-os; que não confundisse clareza vocabular e sintática com pobreza estilística; que não menosprezasse, na escolha do tema e dos conceitos, as possibilidades e expectativas de quem já carrega um passado rico de vivências e experiências.

Pode-se perguntar: em que um texto com tais características difere de muitos daqueles que já circulam no campo da literatura brasileira? Por que, em lugar de provocar, por meio de um concurso, a produção de uma literatura especificamente destinada a *neoleitores*, não se seleciona, entre os livros e auto-

res já existentes e já consagrados, aqueles que se julgasse adequados para esses novos possíveis leitores?

Acontece que já se tentou assim fazer, sem resultados compensadores[2]. Talvez porque haja uma trajetória a ser percorrida na formação do leitor, uma trajetória que não se define em função da idade – literatura para crianças, literatura para jovens, literatura para adultos – mas se define por algo que se poderia denominar de *amadurecimento literário*: a construção progressiva de familiaridade com o texto literário, com temáticas, com estilos; um caminhar em direção à conquista de percepção e sensibilidade literárias: da concretude do enredo ao abstrato dos sentimentos e emoções; do explícito dos fatos ao implícito de suas motivações; da narrativa, dos diálogos, das descrições aos pensamentos, às reflexões; do circunstancial ao permanente – dos fatos à condição humana, do personagem ao ser humano... Esta trajetória de *amadurecimento literário* pouco tem a ver com idades, tem a ver com o *quando* o indivíduo é introduzido no mundo da literatura e o *como* se realiza essa introdução.

Fundamento essa minha hipótese da necessidade de respeitarmos, nós, os que pretendemos formar leitores, uma trajetória de *amadurecimento literário* em experiência recente com um grupo de mulheres adultas, professoras alfabetizadoras, mas com escolaridade precária e não leitoras. Talvez alguns aspectos que se revelaram nessa experiência possam colaborar com a reflexão sobre as características de uma literatura capaz de fazer, de recém-chegados ao mundo da escrita, *neoleitores*, momento inicial da trajetória que poderá levá-los a se tornarem leitores plenos.

Após várias tentativas fracassadas de despertar o interesse das alfabetizadoras por autores da literatura brasileira, cuidadosamente escolhidos por critérios que eu supunha que atenderiam ao propósito de envolvê-las na leitura, uma reflexão sobre a minha própria trajetória de *amadurecimento literário* levou-me à hipótese de que talvez a leitura adequada, para essas mulheres não leitoras, seria a daqueles livros que me fascinaram quando eu saía da infância e da leitura dos contos de fadas, de *Reinações de Narizinho*, de *Cazuza*, de *A ilha do tesouro*... (livros do meu tempo de criança...) e entrava na adolescência: *Poliana*, *Poliana Moça*, *As filhas do doutor March* (ou *Mulherzinhas*), *Meu pé de laranja lima, O menino do dedo verde*... Decidi começar com *Poliana* e foi uma revelação: encantamento geral, o livro correndo de mão em mão, comentários de que não conseguiam desprender-se da leitura, que liam no ônibus, em todos os intervalos de tempo, que tinham de disfarçar as lágrimas que vinham aos olhos, que o marido, os filhos estavam se queixando de que só queriam ler... O mesmo aconteceu com os outros livros que fui sugerindo e apresentando: lágrimas com *Meu pé de laranja*

lima, protestos contra o casamento da filha do doutor March com um parceiro que julgavam não ser a melhor escolha... E mais: os livros chegando à família, porque a mãe, a irmã, até o pai se deixaram contagiar, também queriam ler, reclamação das colegas, que estavam "na fila" esperando o livro que ficava preso na família... E o pedido insistente de mais livros, mais livros, sempre com a recomendação "que fossem do tipo desses"...

As discussões que fizemos sobre cada livro – ou por quem o tinha lido e o apresentava às companheiras, ou por todas, quando todas tinham já lido um determinado livro – foi-me revelando o que têm esses livros que tão rapidamente conquistaram aquelas mulheres, adultas, quase todas mães, professoras. Prendiam-se basicamente ao enredo, avaliavam sempre os comportamentos dos personagens, manifestavam admiração ou repúdio por esse ou aquele, reclamavam do destino dado pelo autor a esse ou aquele. Interessante que várias vezes uma ou outra dizia não ter gostado de um livro, e quando eu me surpreendia, porque tinha testemunhado com que sofreguidão o tinha lido, respondia que não gostara do destino final dado a este ou àquele personagem, que não concordava com a morte do português de *Meu pé de laranja lima*, pois ele era o único amigo do menino... ou seja, não era do livro que não tinham gostado, mas de fatos do enredo, de personagens; e sempre se manifestavam com emoção, davam-me a impressão de que tinham incorporado os personagens à sua vida, quase eu os sentia ali, em volta de nós, participando da conversa...

Tendo a concluir que, na trajetória de *amadurecimento literário* de jovens e adultos neoleitores, há um momento inicial em que o livro que os conquista é, basicamente, aquele que conta uma história, que envolve o leitor em emoções, que fala de dores e amores e alegrias e tristezas da vida cotidiana. De certa forma, o adulto neoleitor está na adolescência de sua trajetória de leitor...

Penso também que adultos neoleitores, antes de ser introduzidos no mundo da escrita, vivenciam intensamente o mundo da oralidade, e este é, fundamentalmente, o mundo da narrativa, da emoção... por isso talvez seja preciso, na transição da narrativa oral para a leitura literária, que esta se aproxime bastante daquela.

Em síntese, a sugestão que fica é que, quando buscamos incutir no outro a paixão da leitura, da leitura literária, seria necessário respeitar o momento em que se encontra esse outro em sua *trajetória de amadurecimento literário*; nem sempre os caminhos para a inserção no mundo da leitura literária serão aqueles que escolhemos quando tomamos como guia as obras "canônicas", aquelas que se costuma caracterizar como "alta literatura".

NOTAS

[1] A comissão julgadora das obras inscritas foi formada por Antônio Torres, Heloisa Jahn, Jane Paiva, Lígia Cademartori, Magda Soares, Marcelino Freire, Milton Hatoum, Moacyr Scliar e Rubens Figueiredo. Mais informações podem ser obtidas no portal do MEC, página da SECAD.

[2] Em 2003, O FNDE – Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação, no contexto do Programa Nacional Biblioteca da Escola – PNBE, distribuiu aos alunos da última série do ensino fundamental de cursos de educação de jovens e adultos - EJA, uma coleção composta de seis volumes de obras da literatura brasileira. Críticas à dificuldade de leitura das obras e queixas quanto ao pouco interesse que despertaram entre os alunos partiram tanto destes quanto de seus professores.

Magda Soares é Doutora em Didática pela Universidade Federal de Minas Gerais e Professora Titular da UFMG. É membro da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação e do Comitê Assessor do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). É consultora da CAPES e conselheira da Communitee Economique Europeen. E especialista na área de Leitura, Educação, com ênfase em Ensino-Aprendizagem.

Cidades leitoras: vivências de encantamento pelo livro

Marcelo Soares de Andrade

Primeiras vivências

Como a literatura entrou na minha vida? Inicialmente, como leitor que fui desde criança e, depois, pela vertente do teatro. Pois faço teatro também desde os cinco anos. Mais tarde, comecei a dirigir e a criar espetáculos com literatura brasileira de autores vivos, isso tudo em Viçosa (MG). Atuei, dirigi, produzi e adaptei *O Grande Mentecapto*, de Fernando Sabino. Adaptei para dança, em seguida, *Capitães de Areia*, de Jorge Amado. Para o teatro, *Anarquistas, graças a Deus* e *Um chapéu pra viagem* foram adaptados num espetáculo chamado *Zélia Gattai*. Além de *E por falar em amor*, de Marina Colasanti. Já *Hilda Furacão*, do Roberto Drummond foi feita em Belo Horizonte, e *Comunhão de Bens*, do Alcione Araújo, no Rio de Janeiro, esses dois últimos com elenco profissional. E vários textos de Affonso Romano de Sant'Anna, no espetáculo *Projetos para um dia de amor*. Isso eu fazia com grupos de pessoas variadas. Viajávamos pelo Brasil inteiro. Além disso, eu era professor de Matemática, nos colégios da rede particular de ensino. De Matemática e também de Teatro. Interessante é que as alunas que iam melhor em Matemática, eram as que faziam teatro. Há 15, 20 anos, havia muito preconceito contra teatro, por isso os meninos não faziam muito. Então, comecei a pensar em como ajudar em Matemática o pessoal que não fazia teatro. Tive a idéia de ler crônicas nos meus cinco primeiros minutos de aula. Na época, eu lecionava para o segundo grau e cursinho. Era um conjunto de 50 crônicas de jornal e poemas, sem assunto específico. Coisas de que eu gostava, coisas da minha intuição. Antes das leituras, eu tinha uma média de 50% de aprovação nas minhas turmas e era um professor rigoroso em termos de nota, de corrigir prova. 20% dos alunos ficavam reprovados. Depois que

comecei a fazer as leituras, comecei a ter 95% de aprovação e ninguém ficava reprovado! Até no cursinho, no dia em que eu não lia as crônicas e poesia, a aula não rendia, os alunos pediam. Até hoje, pelo Brasil inteiro, sempre encontro algum antigo aluno que vem falar das aulas de Matemática e das coisas que eu lia. Como professor de Teatro e leitor, percebi obviamente, como a Cultura ajuda no aprendizado. Creio que era o inusitado da situação, imagine os jovens ali e um professor de Matemática lendo poemas, crônicas... Criava uma ponte entre Ciência e Arte; eles relaxavam, eu também e era uma coisa muito boa.

Fui convidado, em 1993, para ser Secretário de Cultura de Viçosa, onde fiquei 12 anos e meio. Criamos lá um Centro Experimental de Artes, com oficinas de cultura para jovens de baixa renda, e onde trabalhei muito a questão da leitura. Na Biblioteca Nacional, eu procurei o presidente Affonso Romano de Sant´Anna, que tinha assumido o cargo. O ProLer estava sendo criado e era dirigido pela Eliana Yunes e pelo Francisco Gregório. Viçosa foi a segunda cidade do Brasil a implantar o ProLer e viajei muito com eles. Comecei por conta própria a fazer Fórum de Cultura em Minas Gerais. Viajei umas 40, 50 cidades, sempre pedindo que alguém do ProLer fosse falar do Programa, fazer contação de histórias. No ProLer aprendi como trabalhar política pública na área de leitura, essa leitura nos diversos segmentos, nas diversas manifestações que a leitura pode ter, leitura através da dramatização, da música, leitura do ambiente.

Programa TIM ArtEducAção

Em 2001, a TIM – empresa de telefonia celular – me convidou para implantar o TIM ArtEducAção, programa que consiste em promover oficinas de cultura para jovens e adolescentes de baixa renda, em diversas cidades mineiras. São crianças, jovens e adolescentes cuja família ganha de um a, no máximo, cinco salários mínimos. Geralmente a média é de um a três salários mínimos. Pedimos prioridade para essas crianças e acompanhamos os resultados através de pesquisas. Vemos obviamente que eles melhoram o rendimento escolar, a auto-estima, o desenvolvimento, o espírito crítico. Atualmente, o Programa atinge 10 mil jovens e adolescentes em vinte e cinco cidades, sendo doze em Minas Gerais, doze na Bahia e um em Sergipe. Fazemos parceria com Prefeituras, pois sabemos o que as Prefeituras precisam para se desenvolver. Com isso, alavancamos políticas públicas da área da cultura em diversas cidades que nem tinham secretaria e que passaram a ter. As Prefeituras, os prefeitos começam a perceber a Cultura de maneira diferente.

Programa TIM Grandes Escritores

Em 2002, estava levando o escritor Fernando Sabino para falar em Viçosa, pois ficamos muito amigos. Havia trezentas pessoas no auditório ouvindo o Fernando e umas três mil lá fora, querendo ouvi-lo. Então, uma pessoa da TIM estava lá, falou: – "*Marcelo, vamos fazer um programa de leitura, de escritores, também*". Nascia o Programa TIM Estado de Minas Grandes Escritores, uma parceria da TIM com o jornal O Estado de Minas, viabilizado pela Lei Estadual de Incentivo à Cultura de Minas Gerais. Começamos em 2002 com doze cidades. Hoje nós estamos com trinta e três cidades de Minas Gerais, oito do Rio de Janeiro e três do Espírito Santo. E, neste ano, vamos iniciar o programa em doze municípios na Bahia e em um no Sergipe. Fazendo um balanço de resultados, desde que começou, em 2001, o Programa TIM Estado de Minas Grandes Escritores já viajou por 34 municípios, com 18 escritores. Foram quase 170 palestras e 9235 mil livros doados ao acervo das bibliotecas públicas, beneficiando cerca de 60 mil pessoas.

Mas o que é o Programa TIM Estado de Minas Grandes Escritores? Na verdade, levamos um escritor no primeiro semestre, outro no segundo, doamos livros para bibliotecas públicas municipais, fazemos parcerias com as Prefeituras, que, por sua vez, fazem parcerias também com as universidades. No caso das cidades mineiras do Programa, fazemos uma entrega dos livros em Belo Horizonte na Biblioteca Pública, onde estão os representantes de todas as cidades. Os Secretários vão buscar os livros, depois há o lançamento em cada cidade, no gabinete do Prefeito ou na biblioteca pública. É importante ressaltar que a entrega dos livros é na presença do Prefeito. Porque, nesse momento, é selado o compromisso político da cidade com a questão da leitura. Para que eles valorizem as bibliotecas, valorizem os bibliotecários, façam as bibliotecas tornarem-se vivas.

Quanto à dinâmica do Programa: nós o iniciamos ao chegar à cidade na parte da tarde, fazendo uma entrevista coletiva com a imprensa, seguida de cerimônia de entrega de livros no gabinete do Prefeito ou na biblioteca pública. Às 19h30, o escritor fala sobre sua vida e obra, justamente para aproximar o leitor do escritor, e isso funciona muito bem. Essa fala deve durar cerca de cinqüenta minutos e é seguida de debate, de geralmente uma hora, no máximo, duas horas. Depois há o jantar de confraternização.

Sobre o perfil do escritor: ele tem que ser um artista que encante pela fala e que tenha disposição para viajar pelo interior do Brasil. Tem que ter um olhar muito particular, tem que acreditar nessa viagem. Tem que ter um olhar humano para o ser humano. São escritores muito variados na fala. Por exem-

plo, no caso do Rio de Janeiro, no segundo semestre de 2007, nessa nova etapa, trabalharemos com o Sérgio Cabral e com o Nelson Motta a questão da música, da história da música. Ou seja, essa é uma outra forma de leitura, porque o Brasil é um país muito musical, todas as cidades são muito musicais. Assim, você já vai alcançar as escolas de música, vai atingir os músicos da cidade, vai além dos estudantes.

As pessoas do interior jamais teriam oportunidade de ver e ouvir nomes com que temos trabalhado, como Affonso Romano de Sant´Anna, Marina Colasanti, Zuenir Ventura, Luis Fernando Veríssimo, Fernando Morais, Rose Marie Muraro, Maria Adelaide Amaral, Adélia Prado, Frei Betto, Roberto DaMatta, Alcione Araújo, Carlos Herculano Lopes, Bartolomeu Campos Queirós, Adriana Falcão, Sérgio Cabral, Moacyr Scliar, Nelson Motta, Inácio de Loyola Brandão. De acordo com uma pesquisa que realizamos no ano retrasado (2005) para saber o que as pessoas sentiam na saída do evento após ouvir os escritores, 85% respondeu "encantamento". Então, através do encantamento com o escritor, com as palavras do escritor, formamos leitores. Fizemos pesquisas também nas bibliotecas: muita gente vai às bibliotecas procurando "os livros da TIM", que começou a atrair quem nunca ia à biblioteca, porque geralmente ela é mais procurada para trabalhos escolares. As pessoas começaram procurar leitura, literatura.

Em relação à escolha dos municípios, aparentemente se prioriza o aspecto de *marketing*. A TIM escolhe as cidades por uma questão de visibilidade. Mas é bom lembrar que a cidade sai imediatamente.do Programa, se não produzir o retorno esperado, que é o comprometimento da Prefeitura com o Programa. Não é uma questão numérica, de espectadores. É de comprometimento.

Outro aspecto interessante é o apoio, a participação da empresa, que tem mesmo um olhar de comprometimento, não só de *marketing*. Há o comprometimento com a questão da leitura: a qualidade de ver que ali estão, de fato, agregando parceiros, que estão efetivamente trabalhando leitura nas escolas.

Setenta por cento do público é de estudantes e professores. Os professores estão chegando aos poucos. Primeiro, eles vêm das universidades, pois talvez a Prefeitura fique com receio quanto à lotação e conclame os alunos e professores das faculdades de letras, que já são público garantido. Porém, os funcionários de dentro da Prefeitura começam a se apaixonar pelo Programa e a buscá-lo. Quando notamos que, passado o primeiro ano, o segundo, o terceiro e a cidade não está buscando novo público, saímos, mesmo que o local lote.

Como há muitos pedidos de universidade, agora em 2007, em Sete Lagoas e Pouso Alegre (MG) tentaremos fazer mais um projeto piloto: entrar na cida-

de via universidade, mas com os livros doados para a biblioteca pública, já que em Carangola (MG), essa maneira deu muito certo. A universidade terá que procurar a Prefeitura, para fazer parceria, de modo que, assim, a universidade se desencastele. Em Tiradentes, por causa do Programa, a biblioteca hoje está situada no Casarão Nobre, na rua principal. Por exemplo, no município fluminense de Resende, o evento foi dentro da faculdade e houve uma articulação por parte da Prefeitura, para a presença da comunidade. Então, devido ao sucesso de Carangola, em Minas, vamos entrar em Sete Lagoas e Pouso Alegre pela via das faculdades, duas universidades; não vamos entrar pela Prefeitura. Mas pedimos que elas entrem em contato com a Prefeitura, que haja a doação de livros para a biblioteca e que a entrega seja na própria biblioteca ou no gabinete do Prefeito. Geralmente quando é a primeira vez que o Programa vai a uma cidade, eu peço que a entrega dos livros seja no gabinete do Prefeito; a segunda vez, na biblioteca, para dar visibilidade a ela. É como no caso de entregar o livro em Belo Horizonte e fazer com que as outras cidades o peguem lá. E é também para dar visibilidade à questão do livro, pois quando você leva o livro à biblioteca, há uma cobertura da imprensa da capital. Ao entregar na biblioteca ou no gabinete do Prefeito, quando da primeira vez, você também dá visibilidade ao livro. Na verdade, a prioridade é o livro.

Alguns exemplos

Lavras, cidade que fica no Sul de Minas, não possuía uma livraria antes da chegada do Programa, hoje tem duas. Inclusive, pedimos que uma livraria da cidade esteja presente. Não levamos livros, justamente para fazer com que a livraria também se torne parceira e as pessoas a conheçam.

Três Corações é uma cidade que é outro exemplo. A Secretária de Educação e Cultura também trabalha na universidade e conseguiu unir a cidade em torno da leitura. Quando os escritores chegam lá, os alunos da rede municipal já trabalharam suas obras. E o mais importante, de forma interdisciplinar. Lá, o salão tem 600 pessoas, já não cabe mais gente. É preciso fazer um sorteio, quatro alunos por escola. Entre aqueles que fizeram o trabalho e foram bem, ela sorteia quatro para irem ao evento, para poder atender todo mundo.

Uberlândia é uma grande cidade, a segunda maior de Minas Gerais, com mil habitantes. É muito interessante que numa cidade desse porte haja uma união tão forte entre os Programas ArtEducAção e Grandes Escritores. Por exemplo, os arte-educadores pegaram o jornal O Estado de Minas, fizeram com os alunos uma leitura nas áreas de política, economia, cultura, esportes,

juntamente com a crônica do Affonso Romano de Santa´Anna, "Que país é este?". Depois fizeram a pergunta: o que aconteceu no país nos últimos anos? Fizeram todo o espetáculo: tinha dança de rua, que predomina e que é a grande força de Uberlândia, tinha teatro, artes plásticas, coral e capoeira. Então, todas as modalidades de arte estavam presentes num espetáculo chamado "Que país é este?" A TIM os premiou como melhor mostra. Quer dizer, juntaram a literatura de Affonso Romano e com a leitura do país, por intermédio do jornal, e fizeram um grande espetáculo. Então, onde tem ArtEducAção e Grandes Escritores, o ideal é que fosse assim: que as mostras artísticas, que são feitas no final do ano com todas as crianças atendidas pelo ArtEducAção, fizessem esta interação dos dois programas. Mas também não induzimos para que isso aconteça. Tem que ser uma coisa natural, partindo deles. Eles é que têm que escolher o tema que desejam. Quando começamos esse Programa, geralmente as cidades sempre escolhiam as músicas estrangeiras. Nós fomos induzindo o olhar deles aos poucos. Hoje todos querem música brasileira. Eles mesmos pegam temas nacionais ou temas da cidade, geralmente usam a história da cidade, quer dizer, fazem um resgate da história pessoal e passam pela leitura, porque os alunos têm que pesquisar, têm que ler.

Em Araxá, a questão da biblioteca é prioridade, é muito sério o trabalho... Araxá já se mobiliza para se transformar num pólo de leitura. Eles estão totalmente preparados para isso, inclusive o pessoal da Associação Comercial, que me convidou para desenvolvermos a questão da leitura.

Já no estado do Rio de Janeiro, Volta Redonda foi uma das cidades que mais indicaram aumento de leitores de literatura, procurando livros. A diretora da biblioteca de lá disse que virou uma coisa chique ir ao Programa TIM Grandes Escritores. Então houve uma mudança. As pessoas às vezes vão porque uma amiga falou: – "*Ah, eu quero os livros da TIM*". Às vezes, a pessoa nem sabe quem é o escritor, mas vai porque virou meio que moda.

O município de Vassouras transformou um vagão da Rede Ferroviária em biblioteca. Dizem que fica aberto mais no fim de semana, já que o vagão da leitura virou uma atração turística da região inteira. Macaé fez uma feira de livros com grande sucesso, depois da entrada do programa no ano passado. Em Cabo Frio tem sido exemplar a articulação da prefeitura com a faculdade e as escolas públicas. O mesmo ocorrera em Minas, nas cidades de Patos de Minas, Patrocínio, Congonhas, Ubá e Ouro Preto.

No Espírito Santo, Colatina é o caso exemplar. O prefeito falou que ia priorizar a questão da leitura. A biblioteca, que era num antigo galpão da Vale

do Rio Doce, foi reformada e transformada. Ele afirmou que vai transformar Colatina na "cidade leitora" do país. Para isso, já procurou pessoas aqui no Rio, e até a ONG Leia Brasil, a equipe Cátedra Unesco de Leitura, a PUC-Rio de Leitura também, junto com Affonso Romano de Sant´Anna. O Prefeito está trabalhando para fazer de Colatina uma cidade de referência nessa área. Ele sempre leva um deputado estadual, um deputado federal para ver as atividades de leitura, pensando no próprio Espírito Santo. Isso é o principal, o como o Programa Tim Grandes Escritores o despertou politicamente e fez com que ele mobilizasse a cidade, através de uma política na área da leitura. Em Cachoeiro de Itapemirim, com a entrada do programa, a casa onde nasceu Rubem Braga foi transformada em uma biblioteca.

O TIM ArtEducAção se desenvolve em doze cidades mineiras, doze da Bahia e uma do Sergipe, e em muitos desses municípios existem oficinas de contação de história. No caso da Bahia, há oficina de literatura de cordel, crônica, dança, teatro, artes plásticas, percussão de tambores, circo, fantoches, enfim de vários tipos.

Próximas vivências

A idéia é justamente aprofundar e partir para uma nova etapa da formação de leitores através de parcerias. Muitos prefeitos querem fazer do seu município uma cidade leitora, como o Prefeito de Colatina. Partiu dele a idéia de vir ao Rio, de conversar com o Affonso Romano de Sant´Anna, com a Eliana Yunes, com o Jason Prado... Nem todos os governantes têm essa disposição e disponibilidade. Então, é preciso apresentar essa ferramenta para eles. Por isso, o programa passa a se preparar para dar um salto, que já era mesmo a terceira etapa pretendida. Coincidentemente ou por uma questão de sincronia, houve a criação da Cátedra Unesco de Leitura PUC-Rio.

Quando vimos a criação da Cátedra, a Cátedra misturada com aquele ProLer que conhecemos, que nos fez ver e entender como trabalhar política pública na área de leitura... Tudo bem, eu era um leitor, eu trabalhava com leitura na minha aula de Matemática, mas se eu não tivesse o Proler, nunca saberia como fazer isso. Como? Acontece que eu já era da área, era Secretário, já tinha uma visão sobre o assunto. Se não houvesse o ProLer, como é que eu ia fazer? Podia querer e não conseguir fazer. Então, a função do Programa, e a minha função particularmente, é fazer essa ponte, costurando os contatos, articulando as cidades. Se aos poucos, formos fazendo essa ponte, vamos transformar. Se você puder ficar sob o selo de alguma empresa, melhor ainda. Porque no caso de Minas Gerais, havia tanto ArtEducAção como Grandes Escritores. O Programa estava em onze cidades, das quais nove prefeitos perderam o man-

dato, só dois foram reeleitos e nenhum município parou. Em algumas, até melhorou. Ficar sob o guarda-chuva de alguma empresa torna tudo muito mais fácil. Tendo o guarda-chuva de alguma empresa, a empresa assinando, fica melhor, há maior proteção contra as ingerências locais.

No caso do TIM ArtEducAção, por exemplo, contratamos um profissional com a função de articulador, uma pessoa com contatos na prefeitura para unir as três secretarias, Cultura, Educação e Desenvolvimento Social. Contratamos arte-educadores, mas as prefeituras também mandam currículos para que a Humanizarte escolha.

A OSCIP Humanizarte é sediada em Viçosa e cuida desses programas: o ArtEducAção e o Grandes Escritores, além de outros, como o Minas Olímpica, que executamos para o governo de Minas Gerais na área de Esporte, mas com a função de unir esporte e leitura. É voltado para jovens e adolescentes de baixa renda, atingindo 40 cidades mineiras. Por exemplo, eles já estão comprando livros de esportes para as crianças do Programa. Uma maneira de entrar para o universo da leitura é ler para descobrir a vida do atleta que se admira. Então, já há um começo. O Grandes Escritores é viabilizado pela Lei Estadual de Incentivo à Cultura, tanto em Minas, como na Bahia e no Rio. No caso de Sergipe e Espírito Santo, é viabilizado com verba própria. Então, é preciso trabalhar as políticas públicas de leitura, com no caso de Minas. Os responsáveis pela área de Esportes acompanham o Programa Grandes Escritores, e eles próprios tiveram a idéia de comprar livros para as crianças que participam do Minas Olímpica, conjugando arte e esporte, cidadania e criatividade.

Marcelo Soares de Andrade é fundador e diretor presidente da OSCIP Humanizarte. Ex-Secretário Municipal de Cultura, Esporte, Lazer e Patrimônio de Viçosa (MG).

Leia Brasil – uma conexão com a educação:

Relato de uma coordenadora apaixonada

Maria Helena Ribeiro

Foi como colaboradora do PROLER – Programa de Incentivo à Leitura, da Biblioteca Nacional, que fui chamada pelo professor Affonso Romano de Sant'Anna a participar de uma nova empreitada, que, à época, não imaginava que seria a razão da minha vida durante seis anos.

Na mesma ocasião da mudança do Proler para a Casa da Leitura, tive o privilégio de ser escolhida para elaborar o diagnóstico de um projeto de leitura que se iniciara no Município do Rio de Janeiro, patrocinado pela Petrobras e administrado pela empresa Argus. Jason Prado era o seu Presidente.

Segundo a empresa, o Projeto Biblioteca Volante da Petrobras, que tinha o Clube de Leitura do Petrolino, precisava passar por uma reformulação, pois não estava atendendo satisfatoriamente aos alunos das Escolas Públicas. O professor Affonso Romano de Sant'Anna havia sido procurado para compor uma parceria com a Argus. Antes de aceitá-la, solicitou ao Proler um apurado estudo da sua viabilidade. Vera Varella e eu fomos, então, convidadas para essa tarefa.

Com poucos dias de observação do Projeto nas escolas, logo verificamos qual o motivo da insatisfação: os professores não eram leitores, não se apaixonavam pelos livros que o Projeto oferecia aos alunos e a eles próprios. Portanto, não poderiam ser promotores de Leitura.

Uma vez por mês, a Biblioteca Volante ficava estacionada dentro da escola, durante todo o dia, com um acervo de 15 mil livros. Emprestava cinco livros para cada criança durante esse mês e, então, ela vinha novamente trocá-los. Quase ninguém se interessava, a não ser pela novidade da primeira visita.

Os professores aproveitavam a hora que seus alunos tinham para visitar o caminhão – que seria a ocasião de fazer as escolhas dos livros – para bater papo na sala dos professores, tomar cafezinho, telefonar para casa e até mesmo vender roupas ou bijuterias para outros colegas. Eles não entravam na biblioteca com seus alunos; não participavam da novidade, nem os orientavam na escolha. Não se preparavam para esse dia. Observávamos e víamos que, além deles não entrarem no caminhão nem participarem da escolha, também não retiravam livros para eles próprios e nem participavam das atividades culturais. Triste constatação: os professores não se interessavam pelo Projeto.

No início, os alunos se entusiasmavam com a biblioteca por ser linda e representar uma novidade. Folheavam os livros e escolhiam alguns. Com o correr do tempo, não tendo com quem compartilhar suas leituras nem a alegria das suas escolhas, iam-se desanimando e deixando de fazer os empréstimos de livros. Ressentiam-se por não terem ninguém para contar as histórias e as experiências adquiridas nos livros que liam. Com algum tempo, já nem queriam mais entrar no caminhão por ocasião da sua visita à escola.

O que ainda os encantava – mais tarde com mais intensidade – eram as atividades culturais que acompanhavam a Biblioteca Volante, como os contadores de histórias, por exemplo. Tais atividades despertavam em alguns alunos mais sensíveis o interesse pela leitura e pelos livros.

Detectado o principal ponto de estrangulamento do Projeto e apresentados os devidos relatórios, a Biblioteca Nacional assinou o convênio de parceria com a Petrobras, e o Proler passou a assinar e a coordenar o Programa Pedagógico do Leia Brasil.

Depois da parceria com o Proler e da sua política de ampliação, continuidade e sustentação, o Projeto ficou batizado de "Leia Brasil – Programa de Leitura da Petrobras", tornando-se um dos principais Programas de Leitura com Bibliotecas Volantes do país. Seguiu, à época, as orientações conceituais e metodológicas do Proler.

Escolheram-me para intermediar essa parceria, como Coordenadora Geral Pedagógica. Foi a mais feliz das minhas realizações!

O Programa propôs-se, em primeiro lugar, a formar o professor-leitor, capacitá-lo para a dinamização dos acervos e das práticas leitoras, Sem isso a leitura não chegaria às crianças e jovens. Em segundo lugar, ampliar e melhorar a qualidade dos acervos das Bibliotecas Volantes – selecionando e indicando diferentes e melhores títulos para novas aquisições.

Planejamos e realizamos, como atividade inicial, o 1º Curso de Capacitação de Professores do Município do Rio de Janeiro para o trabalho com a Leitura.

Foi um mega-seminário, realizado em pólos de diversas áreas do Rio de Janeiro. O seminário foi de alta relevância para a história do Leia Brasil: nele, testou-se pela primeira vez a estrutura de módulos, definida como metodologia do Proler. A diferença era que o objeto do interesse do Leia Brasil era o professor, e o do Proler, qualquer cidadão brasileiro.

Nessa jornada de trabalho, estiveram conosco, além de Eliana Yunes e Francisco Gregório, outros especialistas como Maria de Lourdes Soares, Vera Souza Lima, Sonia Rodrigues, Lúcia Fidalgo, Celso Sisto, Maria Teresa Gonçalves, Roseana Murray e ainda outros mais. O nome foi "jornada", pela engrenagem bem complicada e pelo trabalho árduo, nem sempre respaldado pelas escolas-pólo. Lembro-me bem que, em cima da hora das oficinas, o marido da especialista Maria de Lourdes Soares fez a ligação elétrica de uma escola-pólo para podermos exibir um filme e fazer o som funcionar. O Leia Brasil era assim: nosso entusiasmo contagiava todos, inclusive a nossa família.

Considero importante essa experiência nova porque demonstrou, pelo resultado que obteve, que estávamos no caminho certo. Era preciso começar todo o processo de mudança de comportamento dos professores em relação à leitura com um seminário de sensibilização em que eles vivenciassem, por meio de palestras, debates e oficinas, tudo aquilo que o Proler já vinha pesquisando, discutindo e conceituando nos cinco últimos anos. A importância da oralidade, da memória, dos acervos, das ambiências, das diversas linguagens (em especial a da literatura e a da imagem), das práticas leitoras inovadoras, e de tudo o mais que possibilitasse conformar um campo teórico da leitura com o objetivo de transformar a visão e o comportamento dos leitores foram temas trabalhados ao longo do programa.

Capacitamos, nesse momento, com 32 horas/aula, mais de 1.500 professores da rede oficial de ensino. A estrutura organizacional do encontro – uma palestra com debate na abertura do dia e depois as oficinas – continuou sendo utilizada nos módulos do Proler, que se estendiam por uma semana, a cada seis meses.

Para mim, é difícil falar sobre o Leia Brasil sem falar do Proler. As histórias de ambos se confundem no meu coração e na minha mente. Foi o Proler que deu alma ao Leia Brasil. No início, havia uma perfeita simbiose, e até os especialistas não identificavam bem em que programa estavam trabalhando. Nos anos em que o Proler cuidou do Leia Brasil, vi ambos crescerem com a mesma força e impacto na sociedade. Isso comprovava o espírito democrático dos dois programas. Eles incentivavam e apoiavam todas as iniciativas em prol da leitura sem fazer questão de brilhar mais – o importante era que a leitura alcançasse o maior número possível de brasileiros, e que chegasse para ficar.

Ao mesmo tempo em que assumimos essa enorme responsabilidade para com a Prefeitura do Rio e a Petrobras, nós, do Proler, estávamos vivendo o processo de mudança para a Casa da Leitura. Para a nossa Casa da Leitura...

O dia da mudança chegou. Transportamos para ela um pouquinho de cada um de nós: livros, objetos de paixão, móveis, redes, baús, tapetes, panelas, quadros, nossas fotos de família e muito mais. Além desses bens materiais, levamos a nossa alegria, idéias, o amor pela leitura, entusiasmo, competência e, principalmente, nossa fé e o empenho. Queríamos que desse certo! Tínhamos a certeza de que podíamos fazer dar certo. Precisávamos trabalhar e ter muita perseverança, porque as dificuldades eram enormes. No início faltava tudo: recursos financeiros, materiais e humanos. Só o Leia Brasil, que conosco se mudou, tinha esses recursos garantidos.

A linda Casa da Leitura ficou sendo a sede pedagógica do Leia Brasil. Era nela que nasciam todas as idéias e estratégias para incentivar o professor a gostar de ler, a torná-lo um leitor tão apaixonado a ponto de descobrir caminhos para também apaixonar seus alunos.

À ocasião, surpresa fiquei quando tive acesso aos dados diagnósticos que o Proler levantara sobre a condição da leitura no Brasil. Conhecia seu alarmante número de analfabetos, mas não imaginava o alto percentual de alfabetizados chamados "funcionais" - aqueles que só dominavam o código da língua, limitados à leitura de apenas algumas ordens, normas de conduta, avisos, pequenos anúncios em jornais. Isso foi instigante para o trabalho. Esses dados confirmavam a necessidade de se ter um projeto, com a relevância do Leia Brasil, para a Educação.

Ser coordenadora desse grande Projeto. Como seria? Pensei que inicialmente devia me aproximar do professor: conversar, conversar, conversar. Escutar mais do que falar. Conhecer sua formação, sua relação com o livro, suas histórias de leitura (traumas ou prazeres). Simultaneamente, conhecer muito bem o público-alvo: os alunos. Estudar a fundo o acervo da Biblioteca Volante: saber se os livros eram adequados ao público a que se destinavam. Pesquisar com as editoras e instituições afins novos lançamentos, livros premiados, altamente recomendados, e fazer uma relação desses para as próximas aquisições.

Para esse contato com os professores, visitava as escolas, as salas de aula, realizava palestras, promovia oficinas de leitura dinamizadas pelos mais renomados especialistas na área e participava pessoalmente dessas oficinas. Nas visitas da Biblioteca Volante, ajudava as escolas na preparação: sugeria, criava com eles outras atividades paralelas, ficava presente, contribuindo para o melhor aproveitamento desse dia. O dia da visita do caminhão era importantíssimo para seduzir os alunos para a leitura.

À medida que ia conhecendo as dificuldades e desejos dos professores, sentia necessidade de produzir (no início, quinzenalmente) um documento que chamei "Conversando com o Professor". Em tom de conversa, tocava em todos os pontos nevrálgicos da formação do leitor, sugerindo estratégias e possibilidades que eles deveriam experimentar, por exemplo: como escolher um livro para o aluno, como fazer esse aluno ter prazer na leitura, como contar uma história de um livro, como encantar o aluno pelas imagens do livro, como criar uma relação de afeto com o livro, que ambiências de leitura deviam ser criadas em sua sala de aula, como dialogar com os alunos após ambos lerem um livro e outras dicas mais. Além dessas orientações de leitura, faziam parte do documento também alguns textos pequenos, bastante interessantes, para serem lidos e degustados e, por último, uma sugestão de títulos de livros infantis e juvenis de qualidade, últimos e recomendados lançamentos.

O "Conversa com o Professor" também apontava as razões que afastavam os alunos definitivamente da leitura, como: livros de péssima qualidade literária; não ler o livro antes de o indicar para o aluno; não apresentar (não falar sobre) o livro antes da leitura; fazer prova e dar notas na leitura dos livros de literatura; usar a gramática funcional a partir dos textos literários, mutilando poesias, crônicas e contos para ensinar análise sintática ou tempos de verbo.

De um modo geral, todos gostavam desse Documento. Elogiavam e diziam que ajudava bastante nas visitas do caminhão e no dia-a-dia da sala de aula. Nas oficinas, ao mesmo tempo, os especialistas ofereciam a prática das várias possibilidades para o professor tornar-se um bom leitor, sentir prazer na leitura e poder promovê-la com seus alunos.

Aí estava todo o segredo do sucesso que começou a fazer o Leia Brasil: apaixonar o professor pela leitura a ponto de ele se tornar um bom leitor-promotor de leitura junto aos alunos! A proximidade e o apoio que dávamos ao professor passaram a ser copiados pelas Secretarias de Educação, que implantavam essa metodologia nos seus programas de capacitação.

O "Conversando com o Professor" chegou a ser criticado por alguns especialistas. Pensavam que era como as antigas apostilas da Orientação Pedagógica, que tiravam do professor a criatividade, a autonomia e davam tudo "mastigado" para ele atuar em sala de aula. A proposta dele era exatamente instigar para criar. E assim, ele foi se aperfeiçoando e cada vez se aproximando mais do professor. Nele desenvolvemos temas como "A Leitura e o Meio Ambiente", "A Leitura e os Medos", "A Leitura e a Poesia", "Afinando o olhar para as imagens", "Contos da Carochinha" e outros. O conteúdo do documento compunha-se de uma conversa com o professor sobre o tema (as possibilidades de enriquecimento do

próprio tema), de alguns textos literários pequenos e de uma listagem de livros de literatura, altamente recomendados, que abordavam o tema.

Com o crescimento do Projeto, cada município passou a ter um coordenador, e o documento passou a se chamar "Conversando com o Coordenador Local". A sua chegada aos professores apenas por meio do coordenador do seu município, não garantia que eles fossem lê-lo e utilizá-lo. Planejei uma melhoria: passei a visitar as escolas para divulgá-lo e fazia oficinas dinamizadas por especialistas sobre o próprio tema do mês. Nelas, os professores vivenciavam as práticas leitoras possíveis para o mesmo tema. Foi um sucesso esse novo esquema!

Com a aceitação dos professores e com a melhoria do rendimento escolar, os municípios começaram a se interessar, cada vez mais, por essa metodologia e pelo Projeto. E o número de Bibliotecas Volantes começou a crescer! Logo, eram duas, que se estenderam para a Baixada Fluminense e, em 1994, já eram quatro que, além dos municípios do Rio, de Niterói e da Baixada Fluminense, visitavam os municípios do Norte Fluminense: Campos, Macaé, Casimiro de Abreu e Quissamã.

O Proler deu credibilidade ao Leia Brasil, fazendo-o crescer aos olhos da Petrobras, que foi ampliando sua ação pelo País, chegando a atender em apenas quatro anos, a 89 cidades, de 6 estados, com 16 Bibliotecas Volantes. Esses eram os números de quando saí do Programa, em 1998.

Criamos, nos Estados, uma rede de professores-promotores de leitura, de primeira linha, que se destacavam em seminários, cursos, bienais, eventos culturais, conseguindo implantar nas suas cidades um trabalho exemplar nessa área, pioneiro nas Secretarias de Educação.

Considero a abertura do Leia Brasil em São Paulo um marco na sua história! Foi quando ele se tornou adulto, encorpado, forte e, conseqüentemente, sujeito à curiosidade e observação das universidades, seus teóricos e pesquisadores. O Programa era tão eficaz, transparente e simples que, ao invés de termos concorrentes, tínhamos amigos e parceiros nas universidades e nas Secretarias de Educação, que somavam com suas críticas, contribuíam com suas sugestões e acabavam trabalhando conosco nas oficinas e nos cursos de capacitação. Fizemos amigos, trocamos muitas experiências.

A participação nas atividades de leitura, além de contribuir para meu domínio da fundamentação teórica, foi responsável pelo meu crescimento profissional e pessoal. Mas, foi na convivência com diferentes pessoas das muitas cidades, dos diversos estados do país por onde o Leia Brasil passou, que fiz minhas grandes descobertas. Exercitando a leitura dessa gente – que parece

não ser igual à gente —, aprendi a respeitar as diferenças, vencer preconceitos, assumir um olhar mais social para o mundo: solidário e generoso.

O Leia Brasil contribuiu com os professores não só para transformá-los em leitores e promotores de leitura, mas também para mudar as suas vidas. Nas nossas oficinas trabalhávamos também a ética, a cidadania, alfabetizávamos seu olhar para o mundo, e os víamos crescer como pessoas, como participantes conscientes da sociedade. Conseguimos, até, que chegassem a cargos mais elevados na Educação e na Política.

Nas reuniões com os professores, falávamos sobre a relação de prazer que devíamos ter com a leitura e com os livros e a estimulávamos por onde passássemos. Livro, além de sua função precípua, era para se manusear, cheirar, acolher. Tinha que ser consumido, e não exposto só em vitrines ou estantes para serem apreciados.

Na década de 70, no meu tempo de professora, quando houve o estouro da edição de livros de literatura infantil e juvenil de melhor qualidade, existia um projeto chamado Ciranda de Livros. O projeto apresentava nas escolas os melhores livros editados à época, num painel com umas sacolas plásticas, nas quais os livros vinham aprisionados. Os painéis ficavam pendurados nos corredores das escolas, apresentando capas maravilhosas, cheias de lindas imagens. Quando passávamos por eles, nosso olhar era o de uma criança quando lhe tiram da boca uma bala bem gostosa: "— Os livros são só para serem vistos", diziam as diretoras. Para não sujar ou estragar, não podíamos pegá-los, conseqüentemente, nem lê-los.

Lembro-me bem que, quando o governo doava livros para as escolas, os diretores mandavam guardá-los no depósito por não saber o que fazer com eles. Ali ficavam adormecidos até se estragarem. Contava essas histórias para mostrar como foi tratado o livro durante muito tempo no Brasil. Sempre houve no país uma política de leitura baseada, equivocadamente, na distribuição de livros e nunca na formação do leitor, daí essas arbitrariedades.

O que mais me entusiasmava no Leia Brasil era a construção do novo. Criava-se o tempo inteiro: novas relações com livros e com a leitura, novos conceitos, novas posturas e atitudes para os pais, professores, bibliotecários, e até a própria universidade era questionada. Não nos era permitido repetir os erros do passado em relação à leitura.

Com o crescimento, criamos a coordenação descentralizada: cada Estado tinha uma coordenadora estadual e, em cada Município, uma coordenadora local. Esta era escolhida pela Secretária de Educação com a minha orientação sobre o perfil desse profissional. Procurávamos trabalhar muito integradas.

Logo entendiam o significado do Programa e, assim como eu, também se apaixonavam por ele. Realizava reuniões constantes com os coordenadores estaduais e, mensalmente, os estaduais reuniam-se com os coordenadores locais, com a minha participação e a de um especialista convidado para falar sobre o tema do mês.

Tentava mostrar aos coordenadores que era possível, pela leitura, realizar uma mudança na sala de aula e na escola, para que os alunos se sentissem mais esperançosos, alegres e felizes. Pela leitura, a escola podia transformar-se num lugar mais atraente, agradável, menos pesado e entediante; que o trabalho do professor podia reverter-se numa tarefa igualmente mais prazerosa e eficiente se fosse pelo viés da leitura; que a leitura podia mudar para melhor as relações entre os alunos, pais e professores e, principalmente, entre a direção e a escola.

O objetivo do dia da "visita do caminhão" (falavam assim, carinhosamente) era exatamente mostrar uma escola diferente. Nesse dia, não podia haver prova, nem castigos, nem noção nova: era um dia de festa – a festa da leitura! Já enfileirados no caminho da entrada do caminhão na escola, os alunos, com bandeirinhas nas mãos, faziam uma alameda para ele passar; e acenavam felizes para sua chegada: riam, cantavam, gritavam e se alegravam. Compunham até músicas para a sua chegada. Os professores, com antecedência, já sabiam as atividades que a biblioteca traria e se preparavam. Planejavam uma aula nova, criativa, atividades prazerosas com a leitura, contação de histórias, momentos culturais, jogos e brincadeiras com livros e textos, dramatizações com personagens das histórias, enfim, ficava realmente uma "escola diferente".

Viajei muito nesse tempo, em ônibus, aviões, barcas, trens e até em boléia de caminhão. Conheci a cidade de Alagoinha, na Bahia, que me fez lembrar uma querida cantiga da minha infância: "Tatu Bolinha", de Dorival Caymmi.

Subi serras, atravessei rios, andei a pé por estradas desertas, freqüentei refinarias, espaços culturais, escolas, universidades e Secretarias de Educação – sempre carregando muitos livros às costas e nas mãos. Passava semanas sem ver a família. Saía de um lugar para outro sem descanso, sem fim de semana. Trocava tanto de cidade que um dia acordei e não sabia onde estava.

A perspectiva de estar levando a leitura para as pessoas deste país e a paixão por esse trabalho fizeram-me uma pessoa corajosa. Fui capaz de enfrentar tempestades em pequenos aviões (como uma vez, com Nanci Nóbrega e Celso Sisto, para Campinas), hospedar-me em pequenos hotéis e não temer a solidão dos seus quartos. E, por fim, saber conviver com pessoas que criavam dificuldades e problemas para o bom andamento do Programa.

São muitas as histórias que vivi no Leia Brasil. Em cada cidade por onde passei, aprendi muito com as histórias do seu povo e com as minhas próprias. Mas dois eventos me ficaram na memória e no coração para sempre: o concurso de redação promovido entre os professores de todo o Brasil, que me levou a Paris, acompanhando os três professores vencedores, e o mega-evento cultural que o Leia realizou em São Paulo, na Feira Escolar de 1998, no Pavilhão do Anhembi. Oferecemos ao professor o que de melhor da cultura tínhamos no País, à época: de Marina Colasanti a Denise Stoklos, de Cida Moreira ao Grupo Giramundo, de Belo Horizonte, recital de música de câmera, contadores de histórias e muitas outras atrações.

O Leia Brasil revolucionava, de fato, as escolas por onde passava. Professores passaram a ler, contar histórias e falar de livros. Promoviam troca-troca de livros, dialogavam sobre livros e histórias com os alunos. Além disso, havia caminhão~biblioteca cheio de alunos e professores e círculos de leitura de professores fora do horário de trabalho; alunos promoviam círculos de leitura com os livros que tiravam do caminhão; diretores elogiavam a melhoria do relacionamento dos professores com os alunos; professores comemoravam a melhoria dos resultados dos alunos.

E eu, com a sensação de missão cumprida!

Maria Helena Ribeiro é pedagoga, promotora de leitura, e foi Coordenadora Pedagógica do Leia Brasil de 1992 a 1998.

Vivências de Leitura, algumas inquietações

Um breve relato sobre experiências de leitura no SESC Rio

Maria José Gouvêa

Vagner da Rosa Amaro

O ser humano parte sempre, e todas as suas ações o dirigem para tal caminho, em busca da liberdade. Então, quando se considera que a liberdade é uma desvinculação total do poder a que se é submetido, dentro do universo lingüístico não há maneiras de ser livre. Só resta, pois, ao homem, a fuga da linguagem por meio de uma trapaça lingüística utilizando-se da própria língua: essa trapaça, salutar, essa esquiva [...], eu a chamo, quanto a mim: literatura.

Roland Barthes

Pelo menos duas possibilidades se abrem quando nos propomos a fazer um relato sobre vivências de leitura no SESC Rio. A primeira é a de escolhermos entre as ações ou projetos aqueles que, de forma mais abrangente, expressariam o compromisso institucional em promover, difundir e democratizar a leitura e literatura, na maioria das vezes em suas próprias unidades, como também fora delas. A outra é, a partir das diretrizes do Programa de Leitura e Literatura do SESC Rio, identificar a articulação entre seus conceitos e metodologias e as tendências contemporâneas que vêem na leitura e literatura contribuições importantes para o desenvolvimento humano.

Entendendo que vivenciar não é somente ter a experiência "concreta" ou desenvolver uma "ação prática", optamos pela segunda possibilidade, acreditando, no entanto, que dela faz parte a primeira. Ou seja, para que as vivências se transformem em práticas concretas e produtoras de sentido, promovendo mudanças individuais e coletivas, estas não devem ser dissociadas de um pro-

cesso de construção e formulação de idéias e princípios. Acreditamos estar vivenciando leituras quando propomos as diretrizes para que os projetos aconteçam, quando refletimos sobre quais caminhos percorrer e a partir de quais conceitos e, principalmente, quando apostamos na intrínseca e fértil relação entre pesquisa-reflexão-ação/vivências-reflexão num processo contínuo, de avanço e emancipação, não-circular.

Nos últimos anos, o aumento de ações para a promoção da leitura e da literatura em nosso Estado tem sido uma gratificante realidade. Contação de histórias; rodas de leitura; encontros e debates com escritores; leituras dramatizadas de trechos de livros por artistas de grande apelo midiático; lançamentos de livros com performances; adaptações da literatura para o teatro, dança e televisão; oficinas; workshops; saraus poéticos; espetáculos litero-musicais e feiras de livros das mais diversas especificidades, além de todas as outras formas de interação possíveis da literatura com outras linguagens por meio de grandes produções, têm recebido um grande retorno de público e mídia.

O trabalho desenvolvido pelo SESC Rio encontra intercessões nesse cenário, na medida em que podemos nele identificar sua contribuição para que as pessoas leiam, conheçam os autores, estabeleçam relações mais ricas e prazerosas com a literatura e pratiquem uma leitura mais crítica das histórias e do mundo que as cercam. Esses objetivos são efetivados pela Instituição nos campos socioeducativo e cultural, no sentido de promover e democratizar a leitura e a literatura por meio de propostas que contemplem a qualidade de forma e conteúdo, e investimento na otimização dos espaços de leitura, renovando acervos e modernizando os sistemas de recuperação e acesso aos catálogos e obras literárias.

Assim, as atividades contempladas no Programa SESC Rio de Leitura e Literatura não diferem das que já mencionamos. São rodas de leituras - prosa, verso, dramaturgia, poesia, narração de histórias - lançamento de livros com debates; exposições literárias; oficinas com autores consagrados e novos autores; seminários, fóruns e simpósios; e oficinas com especialistas em leitura. Mas, antes de prosseguir, parece-nos interessante (ou apropriado) abrir parênteses para uma breve reflexão sobre como essas atividades, muitas vezes traduzidas em eventos, vêm nos últimos tempos constituindo o cenário que se apresenta.

É agradável perceber a profusão de atividades de promoção da leitura, e o quanto ela reflete a valorização da literatura no mercado de bens culturais. Essa valorização, porém, traz algumas implicações, pois *sendo a literatura a utilização da linguagem não submetida ao poder*[1], quando intricada com questões *merca-*

dológicas, como equilibrar os apelos midiáticos, de consumo e do espetáculo, com as nossas intenções mais francas?

Quando falamos de espetáculo, estamos nos referindo ao termo cunhado por Guy Debord (1967) em seu livro *A Sociedade do Espetáculo*. Para o autor, o espetáculo está além da onipresença dos meios de comunicação, que seriam seu aspecto mais visível e superficial. O espetáculo seria uma forma de sociedade em que a vida real é pobre e fragmentada, e os indivíduos são obrigados a contemplar e consumir passivamente as imagens de tudo que lhes falta na vida real.[2] A *literatura como espetáculo* seria uma "flexibilização" que aqui propomos para o termo *cultura como espetáculo*. Estes termos tratam da conversão da cultura em economia e da economia em cultura. Para Frederic Jamenson (1995), esta conversão é uma imensa "desdiferenciação", na qual as antigas fronteiras entre a produção econômica e a vida cultural estão desaparecendo.[3] Não se trata aqui de pensarmos nos megaeventos quando falamos de literatura como espetáculo, pois o espetáculo possui características mais complexas e absorsivas. Falamos de todas as atividades realizadas, seguindo a lógica da economia do entretenimento. Seria, neste sentido, a "entretenização" da literatura nublando o que poderíamos entender como sua função social e cultural.

Não pretendemos aprofundar essas idéias, mas elas nos servem como reflexão, ou ao menos como uma "inquietação" (e poderíamos citar tantas outras) sobre o papel das diferentes iniciativas que se apresentam no âmbito da leitura e literatura e seus desdobramentos. Essas inquietações são compartilhadas por meio de um intenso diálogo traçado entre o SESC Rio e vários mediadores, especialistas, teóricos, contadores de histórias, artistas, escritores e produtores culturais na idealização, acompanhamento e realização de nossos projetos. Existe assim uma permanente disponibilidade institucional em acompanhar os movimentos e transformações do mundo, e suas interfaces com a leitura são evidentes se considerarmos a evolução das teorias e pesquisas de promoção da leitura, os usos do livro, as novas tecnologias de acesso à informação, a democratização da Internet e a fragmentação das narrativas pessoais, provocando uma nova (re)leitura acerca do conhecimento e sua complexidade, que exige, cada vez mais, a interação das diferentes linguagens e seus conteúdos, interdisciplinarmente.

Feitas essas considerações destacamos três projetos que, por suas características diferenciadas, podem ilustrar algumas das contribuições do SESC Rio para a área de leitura: *Jornadas de Leitura; O Sertão é o mundo: desbravando Guimarães Rosa e o Simpósio Internacional de Contadores de Histórias.*

Jornadas de Leitura é um conjunto de oficinas e atividades em que temas como cinema, ilustração, cultura popular, estilos literários, expressão corporal,

entre outros, são orientados por pesquisadores, promotores de leitura, artistas, ilustradores, bibliotecários e escritores. Conteúdos estruturados para oferecer aos jovens das diferentes comunidades onde o SESC Rio atua a possibilidade de ampliarem seu universo social e cultural e, principalmente, idealizarem e desenvolverem recursos e instrumentos para difundirem e promoverem ações em suas comunidades, a partir dos conhecimentos adquiridos. Pela capilaridade do projeto – realizado em sete municípios, foram atendidos até o momento, 200 jovens – seus desdobramentos foram bastante expressivos. Em diferentes municípios, a partir das propostas empreendidas por esses jovens, grupos literários e de contadores de histórias foram formados, bibliotecas comunitárias criadas e, ainda, prefeituras, escolas, universidades e organizações da sociedade civil absorveram o público originário da Jornada em projetos ou eventos.

Em comemoração ao cinqüentenário de *Grande Sertão: Veredas* em 2007, o projeto **O Sertão é o Mundo: desbravando Guimarães Rosa** promoveu uma série de leituras dramatizadas que, a partir de intensa pesquisa, valorizou a oralidade da obra de Guimarães Rosa enriquecida por composições musicais, atingindo públicos de diversos segmentos e idades, aproximando-os de uma literatura muitas vezes estigmatizada como "difícil". Uma exposição iconográfica apresentou a biografia do autor complementada por trechos do livro, com o objetivo de construir um diálogo vivo entre a obra "roseana" e o público, democratizando as informações não somente acerca de sua obra, mas de todo um universo sociocultural que supera o local (Sertão) e pode ser identificado em outros territórios (Mundo).

Com o objetivo de contribuir para a preservação e a valorização da arte de contar histórias, uma das mais antigas formas de constituição das identidades dos povos, o SESC Rio realiza há nove anos o **Simpósio Internacional de Contadores de Histórias**. Um encontro "de e para muitas vozes". Reconhecido como umas das mais importantes iniciativas nessa área, o Simpósio busca aproximar o debate entre a literatura e a oralidade por meio do intercâmbio de experiências nacionais e estrangeiras, e integra o circuito internacional de eventos sobre o tema. Com uma programação diversificada, formada por oficinas e seminários, além das contações – quando acontece a Maratona de 24 horas (sem parar!) de Contos – a cada ano são propostas inovações, como o lançamento de livros e o Mercado da Palavra, que homenageia um autor.

A partir deste breve relato, é importante destacar que, além do grande atendimento ao público – o que contribui para democratizar o acesso aos bens culturais –, o rendimento qualitativo dessas ações nos revela que a leitura, particularmente nestes tempos de forte questionamento ético e moral, possui

uma função sociocultural importante para a construção de novos valores e atitudes. Ao trabalhar questões como fantasia, imaginação, criação, sensibilidade e estética, como a expressão das realidades e como o reconhecimento, a leitura humaniza os diálogos, propõe a alteridade e equilibra os equívocos do contemporâneo.

Se por um lado, são explícitas as necessidades de nosso país em avançar em relação ao que chamamos de déficit de leitores, por outro os apelos e facilidades da nova estruturação da produção cultural podem levar a um caminho inocente. Para Amorim (2003), a literatura só exercerá plenamente todas as suas funções, se a ela for concedida a importância que lhe cabe, bem como um esforço de interpretação e compreensão de seu significado mais correto.[4] Esta interpretação e compreensão resultam de uma ação a qual estamos todos efetuando no dia-a-dia por meio das mais variadas formas de lermos o mundo.

As *vivências de leitura* propostas pelo SESC Rio desenvolvem um olhar atento para as questões que envolvem a difusão, promoção e democratização da leitura, procurando enriquecê-las em seus significados. Cuidado há que se ter, em todas as vivências, de não nublarmos o poder libertário da literatura.

NOTAS

[1] BARTHES, Roland. ***Aula***. São Paulo: Cultrix, 1978**.**

[2] DEBORD, GUY. ***A Sociedade do espetáculo*** . Rio de Janeiro: Contraponto, 1998**.**

[3] JAMESON, Frederic (1995) *apud* MORAES, Dênis de. ***Sociedade midiatizada.*** Rio de Janeiro: Mauad, 2006.

[4] AMORIM, Alan Ricardo de. *A literatura em busca de um conceito*. Maringá: UEM, 2001.

Maria José Gouvêa é pedagoga, arte-educadora, pós-graduada em Educação Infantil, mestranda em Bens Culturais e Projetos Sociais do Programa de Pós-graduação em História Política e Bens Culturais – PDOC/FGV-RJ, Coordenadora da Gerência Sócioeducativa do SESC RIO.

Vagner da Rosa Amaro é bibliotecário, jornalista, especialista em Gestão da Cultura pela Universidade Estácio de Sá, responsável pelo Programa de Leitura e Literatura do SESC Rio.

Como se fizesse um cavalo

Marina Colasanti

Recentemente, buscando material para organizar um curso, debrucei-me sobre biografias e depoimentos de escritores, de pessoas ligadas a leitura, ou apenas de grandes leitores. E o que mais me fascinou foi ver repetida em versões diversas a experiência do primeiro livro, do livro fundador que nunca mais se esquece, aquele que abriu as portas para todos os que viriam depois. É um encontro possível somente graças a uma série de conjunções internas e externas, quase mágico. É uma revelação.

Eu nunca fui miraculada. Não houve uma primeira voz impressa que me dissesse "sou teu abracadabra". O que havia era um coro de vozes, profusão de livros ao meu redor e ao meu dispor, me atraindo em várias direções. Quero dizer que não tenho, em minha vida, experiência de não leitura. Nunca houve um começo formal, um primeiro livro. Deslizar das histórias que me eram lidas, para minha própria leitura foi tão suavemente progressivo e natural, que não me dei conta. A impressão que me ficou é de sempre ter lido. E de sempre ter lido com encantamento.

Atualmente, quando em viagem, posso passar dias sem jornal. Mas não sem livros ou sem qualquer papel para escrever. É como se eu não soubesse pensar a vida sem a palavra escrita. Dito assim, parece apenas uma forma mansa de escravidão. Mas porque é tão mais do que isso, vou tentar dizê-lo através de um artifício.

Conta-se que certa vez perguntaram a Michelangelo - acho que foi a ele, e não vou verificar agora - como é que fazia para esculpir um cavalo. É simples, teria respondido o artista, pega-se um bloco de mármore bem grande, tira-se tudo o que não for cavalo, e o que sobra é ele, o eqüino. Seguindo o seu exemplo, vou desbastar do bloco da minha vida todas as leituras, tirar os livros

todos. O que sobrar será o que eu teria sido em eles, e me dará a justa medida do que fizeram por mim.

O primeiro golpe no meu bloco me obriga a eliminar a voz macia, da minha mãe ou da minha babá, mas feminina sempre, que à beira do sono me entregava os primeiros contos de fadas. Eu os incluo na categoria de leitura porque havia sempre um livro presente e, se não era eu própria que lia, o que eu ouvia não era oralidade, era a transmissão de uma narrativa escrita. Esses contos estão plantados onde tem início a minha memória. E se tento imaginar-me sem eles, percebo que a escuridão da noite e o seu silêncio teriam começado de chofre, sem remissão, com a temida ordem: "Hora de ir para a cama!". Retirada a presença daqueles cavaleiros e damas, dos aldeões, dos duendes, das velhinhas bondosas e das más, dos pastores e animais falantes que me davam a mão para entrar nos sonhos, eu não teria tido outra solução senão pular no sono de pés juntos, como quem cai dentro de um poço.

Nenhum lobo escondido entre troncos teria me ensinado a lidar com os outros lobos, bem mais famintos, que haveria de encontrar vida afora. Nenhuma Fera teria me mostrado a beleza da compaixão. O patinho feio que eu era não teria tido nenhum aceno convincente da possibilidade de transformação. E sem a princesa pálida como a neve deitada no seu esquife de cristal e devolvida à vida por um beijo, quem me diria da força vivificadora do amor?

A linguagem simbólica foi a primeira que recebi da literatura. Aquela na qual, até hoje, melhor me expresso. Apagados esses contos da minha vida, eu não saberia percorrer o caminho que leva ao nascedouro do maravilhoso. Nem teria, tanto tempo depois, escrito os meus próprios contos de fadas, para levar outras pessoas pela mão até os sonhos.

Já faltando um pedaço tão importante do meu bloco de mármore, teria que apagar um a um , os livros de aventuras. Demoraria um pouco, porque é claro, não resistiria e, durante a operação desmanche, leria um pouco aqui um pouco acolá. Mas, afinal, ao lixo os chapéus emplumados, as capas, as espadas. Quem eram mesmo os mosqueteiros? Gente que usa mosquetes? E por que só três? Com as capas e as espadas teria jogado fora um pedaço da história da França que aprendi em puro prazer, um cardeal cuja alma intrigante e perversa reencontraria tantos anos mais tarde nas pinturas de Francis Bacon, e o conceito de atração e enfrentamento que sempre esteve na base das relações França/Inglaterra - ou não é isso que nos conta o romance da rainha Ana de Áustria, esposa de Luis XIII, com Lord Buckingham?

Sem eles, minha vida se veria privada de uma bela lição de amizade e de um mote que utilizei mais de uma vez: "Um por todos! Todos por um!" E eu teria

tido que aprender sozinha que o mais importante para o jovem que chega à cidade grande vindo da província – ou para o jovem que vindo da infância chega à adolescência – é cercar-se de companhias boas e fiéis.

Ao lixo, também os piratas. Homem de perna de pau passaria a ser para mim apenas deficiente físico, gancho só serviria para pendurar carne no açougue, uma prancha suspensa sobre a água nada mais seria que um trampolim de piscina. Com isso, desapareceria um trecho do livro que recém entreguei ao editor, *Minha tia me contou*, em que uma bandeira pirata ondeja entre as páginas. E iria-se também um poema, *Nenhum como aqueles*, em que um fragmento de violência urbana é visto através da leitura de tantos romances do italiano Emilio Salgari, sobretudo os do *Corsário Negro* e os do *Ciclo de Sandokan*, o bucaneiro que luta contra os ingleses para vingar o assassinato da sua família: *Ao largo/ cravados sobre o mar do horizonte/ como torres de uma fortaleza/ navios cargueiros esperam/ fundeados./ Não entraram no porto./ O porto à noite / é reino de piratas./ Na minha infância os piratas/ tinham cor/ "Negro", "Vermelho"/ e barbas/ de preferência ruivas/ e papagaios/ e ganchos em lugar das mãos./ Na minha infância os piratas/ eram amigos do rei/ e se anunciavam com a bandeira negra/ e o brasão da caveira rindo ao vento./ Os piratas da ilha de Mompracém/ jovens Tigres de Sandokan/ abordavam minha infância/ no silêncio de seus* prahus./ *Hoje os piratas se escondem/ atrás da noite/ sem barba e sem rosto/ escuros como ratos do porão./ Nenhum navio fantasma/ nenhuma caravela singra no porto/ as águas poluídas./ Os predadores chegam em silêncio/ rêmoras encostadas rente ao casco/ desbotados piratas de blue jeans./ E os carros que passam distantes/ no alto da ponte/ anônimas luzes que correm/ não ouvem o canto cortante/ das metralhadoras.*

Lamento, meu pequeno Peter Pan, mas embora tangencial, você teria que ir na leva dos piratas. Sem Capitão Gancho na Ilha do Nunca acaba o conflito, desmorona o romance. Adeus, portanto, menino que vi trepado em uma árvore olhando pela janela a sua antiga cama ocupada por outro, enquanto do lado de cá do livro eu chorava descobrindo como pode ser doloroso recusar-se a crescer.

Apagar é como jogo de boliche, o controle só vai até certo ponto, os pinos que caem vão derrubando outros. Não dá para evitar. Se jogo fora os piratas, se me desfaço dos livros de aventuras, sou obrigada a liquidar as ilhas. E como fica meu imaginário se uma ilha for somente um pedaço de terra cercado de água por todos os lados, se uma ilha for acidente geográfico e não símbolo? "*Onde os oceanos se encontram, existe uma ilha pequena*", assim começa um conto meu, mas sem ter naufragado em tantas ilhas literárias, sem ter acompanhado passo a passo a sobrevivência de tantas personagens, sem ter aprendido que uma ilha é microcosmo, metáfora da própria vida, por que escolheria eu uma

ilha para ambientar uma história de amor e rivalidade entre irmãs? A frase "todo homem é uma ilha" perderia para mim metade da sua densidade.

Entre tantas ilhas que freqüentei, de três, sobretudo, me dói abrir mão: a *Ilha do tesouro*, *a Ilha misteriosa* e a de Robinson Crusoe. Pode não parecer, mas me pertencem. Com suas cabras, seus segredos, suas riquezas ocultas, seus mapas traçados num pergaminho, com o ecoar da música de órgão nas profundezas, com uma vela que surge no horizonte, são minhas. Eu as percorri tantas vezes, sobrevivendo cada vez como se fosse a primeira, aprendendo a estar só, a marcar com entalhes num tronco o passar do tempo, a construir uma cabana sem pregos e sem ferramentas, percebendo pouco a pouco que com inteligência e força de vontade pode-se reinventar a vida. Essas três ilhas fazem parte da minha experiência. E tenho que deixá-las ir. Mas foi para elaborar as perdas, que fizemos análise nos anos 60. Então, adeus ilhas.

Com Crusoe, sou obrigada a me privar de Gulliver, porque li esses dois na mesma época e com igual entusiasmo. *"No tempo d'eu menina/ os corredores eram longos/ as mesas altas/ as camas enormes. /A colher não cabia / na minha boca/ e a tigela de sopa/ era sempre mais funda/ do que a fome./ No tempo d'eu menina/ só gigantes moravam/ lá em casa. / Menos meu irmão e eu/ que éramos gente grande/ vinda de Lilliput*." Nunca teria escrito este poema se não tivesse estado com o herói de Swift naquela terra de gente pequena. A perda de um poema não seria grave. Grave teria sido não contar com a força do lilliputianos como exemplo, no tempo em que eu própria era uma liliputiana num mundo habitado por gigantes.

Já desbastei tanto, o que consegui até agora que se assemelhe a um cavalo? Ou estou longe, e só obtive qualquer coisa que deixou de ser bloco de mármore mas ainda não galopa?

Apago Tom Sawyer e Huckleberry Finn, me desfaço de toda a coleção de Julio Verne - o mundo que não posso percorrer em 80 dias não é mais tão redondo, e olhando a Lua só posso pensar que ninguém chegou lá antes de 1969 . Nunca minha estante abrigou os 11 - ou eram 12? - volumes do Tesouro da Juventude, que tanta companhia me fizeram quando cheguei ao Brasil. Aliás, nunca tive estantes, pois não teria tido serventia para elas. Jogo um pano preto sobre aquele cavaleiro magro montado no magro cavalo, e o seu escudeiro gordo montado no manso burrinho. Já não posso temperar o delírio do sonhador com a sabedoria pé no chão do seu acompanhante. Somem os dois com castelos e moinhos de vento, levando a tradução que fiz, faz pouco tempo, da sua história contada para crianças. E com o Cavaleiro de Triste Figura vai-se também o exemplo que Alexandre Dumas usou para construir aquele

mosqueteiro que também não está mais aqui. Sinto um estranho frio, como se tivessem me tirado a roupa, mas talvez seja apenas solidão.

E o desmonte nem saiu da infância. Mas agora, eu que ainda no ventre da minha mãe viajei da Itália para a Eritréia onde haveria de nascer na cidade de Asmara, e da Eritréia fui para Tripoli, e de Tripoli fui para Roma, e de Roma viajei Itália acima até vir para o Brasil onde não pararia de viajar, agora tenho que dizer adeus a dois semelhantes meus, a dois como eu viajantes, que acompanhei em países distantes, aprendendo com a deles a minha própria viagem. Tenho que me despedir de Ulisses e Marco Polo. Que ingratidão! "*Se Marco Polo descesse/ a Quinta Avenida/pensaria ter voltado / a Cambaluc/cidade das doze portas /onde mercantes viajantes transeuntes/misturavam-se aos homens de negócios/vindo buscar fortuna/na terra do Grande Khan. (...)*", assim escrevi em um poema, olhando a moderna Nova York, tão cheia de orientais e de riquezas, com os olhos de Marco, que tantos anos antes haviam me mostrado ambas as coisas. E minha dívida é ainda maior com Ulisses. *"Ah! quantas vezes/com cera algodão/ resina ou barro/barrei os ouvidos/para melhor ouvir/minhas sereias."* Esse poema eu não teria escrito, não por não querer ouvir sereias, mas por não saber que era delas a voz que me encantava. As sereias de Ulisses iriam fazer companhia à Sereiazinha de Andersen, sentada ao lado de Ondina, na escuridão. E com as duas ficaria aquela minha sereia de conto, pequena, capturada um dia em uma rede de pesca e criada na banheira de um apartamento, que o dono leva às vezes de carro para ver o mar, preso o pescoço na coleira para que não fuja.

Estou tentando esculpir um cavalo, e para isso terei que me desfazer de outro. Empurro sobre suas rodas, para fora da minha infância, o Cavalo de Tróia. Nunca mais cavalos serão tão importantes por dentro quanto por fora. Terei que aprender em outra parte o poder da astúcia, e o custo da boa fé. Quando, já adulta, lesse em Montale "*Não era tão fácil morar/ no cavalo de Tróia./ Estávamos tão apertados quanto / sardinha em lata (...)"*, nenhum eco me levaria de volta ao passado e àquele enorme cavalo de madeira entrando na cidade cobiçada, nenhuma lembrança antiga me diria do cheiro de suor e madeira úmida, do cheiro quase de navio que havia naquele ventre apinhado . Mas é provável que, não tendo lido na infância a adaptação da Ilíada, não tendo lido livro algum, jamais chegasse ao poema de Montale. E hoje, diante do ataque de uma mensagem Cavalo de Tróia ao meu computador, veria só o perigo de um vírus sem nenhuma grandeza.

De uma coisa mais tenho que me despir antes de entrar na adolescência; dos mitos gregos. Eu os recebi na infância, por etapas, inclusos em histórias, mas sobretudo através de um livro que os narrava e que me encheu, para

sempre, de maravilhamento. Deixo, com o *peplo*, muito mais que uma pele. Pois os mitos não são algo externo que aprendemos, são nossa realidade interior trazida à superfície. Foram eles que me guiaram nos encantos da metamorfose, hoje deus, amanhã chuva de ouro ou cisne ou touro branco saindo da água. Foram eles que encheram minhas fontes de ninfas, meus bosques de sátiros, meu céu de deuses, carruagens de fogo e cavalos alados. A mitologia me deu de presente outros níveis de realidade, bem mais fundos que os do cotidiano. E renegando-os terei que me contentar com aqueles mais rasteiros, que todos consomem no cotidiano como se os pastassem.

Pronto, eis que ignorante e quase cega como uma toupeira, saio de uma infância sem leitura. Devo ter me aborrecido um bocado, com tanto tempo livre e nenhuma boa história para preenchê-lo. E que solidão danada, em meio a tantas viagens e sem a farândola das personagens. Mas cresci, e cheguei à adolescência. Tentarei ser breve.

Atiro ao fogo os livros de M. Delly. Dizíamos Madame Delly, parecia casar tão bem com o conteúdo açucarado, não sabíamos que era pseudônimo de um casal de irmãos trabalhando a quatro mãos. Li todos ou quase. Suspirei muito com aquelas paixões cheias de entraves que nunca chegavam às vias de fato, aqueles heróis de olhos azuis que na hora da fúria tornavam-se cinzentos e frios como o aço. Me encharquei de amor romântico. Foi bom e útil. Porque pouco depois, buscando nos livros de Erich Fromm verdades mais cortantes ditadas pela preponderância do sexo sobre o amor, pude temperá-las com aquela reserva de perfume de rosas que havia acumulado.

Atiro ao fogo *Toi et Moi*, de Paul Géraldy. Não sofro nada, confesso, embora tivesse mais tarde, num curso de encadernação, encadernado eu mesma de pelica azul o meu exemplar. Não lembro mais um único poema, e é como se nunca o tivesse lido. Mas foi uma leitura preparatória, uma espécie de alongamento antes da ginástica que viria adiante. Se eu não o tivesse ganho do meu pai, não estaria pronta quando, poucos anos depois, ele mesmo me deu *Les fleurs du mal*, e *Le Quartine,* de Omar Khayyam, em duas edições esplendorosas, ilustradas, que guardei até agora, e que neste momento nefando me vejo obrigada a metaforicamente defenestrar.

Antes desses, porém, antes mesmo da pelica azul, entrego ao nada *Poésie* uma coletânea do italiano Aldo Palazzeschi, que li quando tinha uns 14 anos. De um surrealismo muito pessoal, entre toques da mais pura ironia põe em cena damas veladas, príncipes que velejam em mares de prata fundida, velhinhas ajoelhadas em igrejas escuras, muros altíssimos cobertos de hera. Sua imagética e musicalidade ficaram tão gravados em mim, que de forma absolu-

tamente involuntária os retomei recentemente, no conto *Entre Eles Água e Mágoa*. Posso fazer de conta que nunca li Palazzeschi, mas desse conto não abro mão de jeito nenhum.

Socorro! Quando eu ia chegando aos pesos pesados da poesia na minha vida, quando ia pedir perdão a Paul Éluard pela separação que se impõe, me atingiu como uma pedrada a percepção de que continuava acobertando no coração *As Aventuras de Pinóquio*. Devo ter feito de propósito, tentativa inconsciente de preservar o personagem mais querido e presente da minha infância, meu herói de madeira.

Quanto percebi, naquele tempo, da sua extrema pobreza, daquela falta de comida que junto com a curiosidade é o movente primeiro das suas aventuras? A lareira pintada na parede porque não há fogão, a inexistente panela pendente sobre o falso fogo com uma fumacinha saindo pelo canto da tampa para fingir que há comida, são imagens que criança nenhuma esquece. E as pêras, aquelas três pêras que seriam a refeição do pai e que este lhe dá, das quais Pinóquio descarta inicialmente as cascas, para comê-las depois porque a fome é maior que três pêras. Acho que, como todo pequeno leitor, eu também teria gostado de dar uma martelada no Grilo Falante, sábio presunçoso que com vaticínios de mau agouro tenta empatar os despreocupados planos de Pinóquio. Mas nunca, nunca mesmo teria gostado de virar burrinho.

Se eu apagar da minha vida esse livro, serei obrigada a doar o minúsculo exemplar que meu marido me deu de presente, as várias edições ilustradas que comprei ao longo da vida, os discos que conservo há mais de 60 anos, o boneco articulado que minha filha me trouxe de uma viagem, o outro que comprei na Itália. E desaparecerá meu nome de tradutora da capa da recente edição brasileira.

Volto a Éluard, de quem *Une Leçon de Morale* - também encadernado em pelica azul - me aqueceu durante anos. Este livro tão especial, em que cada poema tem duas versões, uma para o bem outra para o mal, me ensinou para sempre a possibilidade de dois olhares, a dialética de claro/escuro que habita todo poeta. Com ele vão Bandeira e Drummond, que descobri logo em seguida. Mas como posso apagar os dois grandes poetas, se os conheci pessoalmente, se fui a noites de autógrafos dos seus livros? Como fingir que não li Drummond de quem sabia tantos poemas de cor, e a quem atendia na redação do Caderno B? Tirar a leitura da minha vida adulta é bem mais complicado que desbastar bloco de mármore. São convivências diretas, mais íntimas, livros demais. Apagar Clarice? Nem pensar!

Eu poderia ir por etapas de vida. Os livros que li de parceria com meu pai depois que minha mãe morreu, quando ele precisava de companhia para ler.

Faço um caixote com os russos, primeiro. Acrescento um ou outro francês, um poeta italiano regional, mais Carducci e Leopardi. Depois ponho os americanos, empurro para dentro os touros do Hemingway e a cauda daquele grande peixe que não quer morrer, dou um jeito de fazer caber os habitantes da Yoknapatawpha de Faulkner, os da Nova Iorque de Dos Passos, os elegantes alienados de Fitzgerald. E sacrifico Steinbeck a um deus desconhecido. Nesse lote sou obrigada a incluir dois livros que correram por fora atropelando minhas emoções, Il Diavolo, de Papini, e dele também *Gog,* com a tradução que fiz tantos anos depois.

Que genocídio, meu deus! Ainda bem que papel não sangra. Ou melhor, ainda bem que o sangue dos livros é invisível. Sinto-me em pleno *Fahrenheit 451* , um livro que felizmente não tenho que jogar fora porque, de fato, nunca o li, mas onde - vi no filme - os livros são banidos e atirados nas fogueiras.

A enciclopédia de arte que meu pai me deu, estupenda, fica comigo, transferida da categoria de livro/leitura para a de totem. Dela, não há quem me separe. Idem para os outros livros de arte, os catálogos dos museus e os das grandes exposições.

Deveria botar na lista de extermínio os livros que li com o primeiro namoradinho, mas eis que de repente me lembro de Tarzan, lido muito antes, com meu irmão, com quem construí cabanas na selva doméstica do Parque Lage, e andei de cipó soltando o característico grito do homem macaco. Os sagüis que saltavam no bambuzal não reconheceram o apelo, mas sem aquelas leituras e aquele grito, que inóspita me pareceria a mata tropical quando aqui cheguei.

Depois do primeiro namoradinho, houve um segundo. E lemos juntos. E um terceiro, que já não era apenas namoradinho. E lemos juntos. Houve um no meio, e não lemos juntos porque ele não gostava de ler, dizia que o faria mais tarde, quando fosse velho e tivesse tempo sobrando, e eu achei mais prudente não esperar para verificar.

Arsène Lupin. Quero encerrar a lista e não consigo, a memória em geral meio emperrada parece ter saído da letargia e me entrega mais um livro, mais uma outra lembrança. É um reconhecimento por serviços prestados. Arsène Lupin saiu do mapa antes que eu o apagasse . Ninguém se lembra mais dele. E no entanto, como me divertiu. Que ladrão elegante. Lendo Arsène Lupin, quem diria, me preparei para ser apresentada a Bond, James Bond, o igualmente elegante agente 007.

Falo de ladrão, e Robin Hood aparece. Muito andei com seu bando na floresta de Sherwood, tirando dos ricos para dar aos pobres. Vestida com minhas bragas verdes, saltei das árvores sobre as carruagens, surgi de arco em

punho por trás dos troncos, desembainhei a espada e o punhal, sempre em defesa dos desamparados e contra os usurpadores. Nunca duvidei da volta de Ricardo. E Ricardo chegou todas as vezes que reli essa história. Com a identidade encoberta pela couraça, com o coração leonino batendo sob a cota de malha, Ricardo voltou da cruzada para enfrentar o irmão João Sem Terra e devolver o seu país à justiça. Há alguns anos, quando na França me vi diante da casa em que Ricardo Coração de Leão se recolheu ferido, quanta emoção! Era como se pisasse nas antigas pegadas de um parente.

Para completar minha tentativa de escultura, eu deveria avançar no tempo, recolher os livros todos que meu casamento me trouxe, leitura agora multiplicada por dois, eu lendo com meus próprios olhos e com os de Affonso. E os livros da profissão, os meus e os dos colegas. Teria que continuar indefinidamente, tirando livros e mais livros, desmontando prateleiras, apagando os passos todos que me levaram a bibliotecas e livrarias, obliterando as leituras tantas que fiz nos aeroportos, nos trens, nos aviões, nas salas de espera e nas filas, debaixo dos lençóis, nas casas e nos hotéis. Eu poderia tirar toda palavra escrita, e ainda assim não chegaria ao que a leitura fez por mim, porque aquilo que eu poderia ter sido sem a leitura nunca existiu. Chegaria, porém, àquilo que já sei, que a leitura me fez assim como sou. Interagindo com meu DNA, com as circunstâncias da vida, com os encontros e os desencontros, mas sempre presente, ajudando-me a elaborar isso tudo. Ou, mais do que isso, fundindo-se com a vida para dar-lhe um sentido mais amplo.

Marina Colasanti é escritora, jornalista e artista plástica. Ganhadora de diversos prêmios nacionais e internacionais como o Jabuti e o do Concurso Latinoamericano de Cuentos para Niños (FUNCEF/UNICEF).

Fernando Pessoa, meu caro Watson...

Marisa Lajolo

O texto que segue constitui anexo da Tese apresentada por Alexander Search *à University of Cape Town com o título* The construction of autorship in 20th century Portugal. *Uma nota de rodapé informa que o texto foi encontrado no espólio do Barão de Teive, arquivado na Fundação Gulbenkian, (proc. 10.646: 2v) e que portava o selo* Reservado

... Pois, meu rico senhor, sou , sim, Fátima Soares Caeiro, sua criada para o servir. Meu marido era o finado Alberto, de que me ficou o sobrenome Caeiro, que tomei quando o senhor vigário nos casou num meio dia de fim de primavera. Meu Alberto morreu em 1915. Morreu quebrando pedras nas terras do Barão de Teive para calçar a estrada do Solar. Sei, meu senhor, hoje me dizem que a estrada não é mais a mesma, nem mais bela, nem mais feia. Mas creio que por debaixo dela há ainda de haver as pedras que meu Alberto quebrava com marreta. Quebrava pedras e de tanto quebrá-las, quebrou-se-lhe algo por dentro.Toldou-se-lhe o juízo para sempre. Ficava a repetir que era guardador de rebanhos sem rebanhos. Que a trovoada caía pelas encostas do Céu como um pedregulho enorme e que não acreditava em Deus porque nunca O tinha visto. Este ofício de quebrar pedras foi a sua desgraça, meu senhor. Vivíamos na herdade do senhor Barão, meu Alberto lidando nas cocheiras e arando a terra e eu, quando calhava, cuidando das videiras e da vindima. Era

de ver-se a beleza da festa depois da colheita, antes de pisarem as uvas. Vinham elas num carro de bois a chiar, manhãzinha cedo pela estrada. Mas o menino do Senhor Barão veio com a idéia de calçar a estrada. Ele veio do estrangeiro, não sei bem de onde, sei apenas que não foi nem das colônias nem do Brasil. Desde miúdo vivia agarrado aos livros e noites havia – Cremilda, sua antiga ama o contava – que lia tanto, que pela manhã ainda lhe ardiam os olhos e tinham de fazer-lhe compressas de camomila. Veio cheio de novidades, e ficávamos todos aparvalhados ouvindo-o contar que havia casas empilhadas e carroças que se moviam a si mesmas. *Automóveis* chamava-as ele. E dizia que comprara um lá no estrangeiro, que havia de trazê-lo para a terra do pai e que não havia o automóvel de transitar pela lama e pela poeira da estrada, que a velha estrada prestava apenas para passagem de animal que fica lembrada no chão. Como eu lhe dizia meu senhor, meu Alberto não foi cavouqueiro a vida inteira, não senhor, que não foi pra isso que o trouxeram lá da terra dele. Como já lhe disse, eu cuidava das vinhas do senhor Barão, e muito boas eram elas. E pela fama delas vinham amigos do filho do Senhor Barão. Lembro-me de dois deles: o Senhor Álvaro, e outro rapaz, o Senhor Fernando. Moços distintos que ficavam a dar trela a meu Alberto. Mas isso foi depois... misturo os tempos nesta cabeça minha, meu Senhor ...parece que um vento muito leve passa e me desmancha as idéias. Meu Alberto vivia dizendo que nunca tinha guardado rebanhos, pois claro que não, pois que trabalhava era nas cocheiras e pisava o estrume que estercava as vinhas. Os moços vieram a ver as festas. Moços da cidade, diziam coisas que se não entendiam. E queriam nos fazer crer a nós, que eram um de nós. E que éramos como eles. Como se o fôssemos, como se o pudéssemos ser... Pois os rapazes tomaram-se de graça com o meu Alberto, que no entardecer dos dias de verão púnhamos sentadito debaixo da figueira, aquela mesma que – dizem-me os netos- até hoje lá está ao pé do outeiro. À noite, o luar através de seus altos ramos, punha sombras na relva. O meu Alberto gostava, e os rapazes pediam-lhe que contasse do tal rebanho que ele dizia ter guardado, das estrelas e das árvores. Umas vezes traziam papéis e tomavam notas enquanto meu Alberto desfiava suas histórias. Não, meu senhor, repare bem em mim, não tenho leitura nem escrita, que meu finado pai achava que estas coisas não eram para mulheres, então não sei o que os tais senhores escreviam nos papéis, só digo o que hoje me contam os filhos de minha Catarina, que me fazem a graça de pagar este convento onde vivo minha velhice, à espera de reunir-me com meu Alberto e com os filhos que a guerra nas colônias levou. Bons filhos eram eles e eles se foram. Bom homem era o Alberto e ele se foi. Mas meus netos, filhos de minha Catarina,

hoje aqui me trouxeram perante o senhor, senhor notário, para que eu lhe conte a história de meu Alberto que comigo viveu e morreu e de quem ouvi as sandices que hoje meus netos me contam – estão escritas em livro, onde também está escrito que elas vieram da cabeça dos amigos do filho do senhor Barão, aqueles rapazes, creio que um deles era um senhor engenheiro, que ficavam de graça com meu Alberto. Os meus netos me dizem, senhor notário, desculpe, senhor, no meu tempo era notário que se dizia não me parece justo que se diga que meu Alberto - que os inventou de sua própria cabeça - não existiu e passem, ele e seus dizeres, por invenção desse senhor Fernando, que ao lado do outro amigo do filho do senhor Barão, tiravam graça a meu Alberto, enquanto comiam figos e bebiam vinho. Sim, senhor notário, ouvi tantas vezes meu Alberto a delirar, que decorei muito do que dizia. Dizia e repetia que o sol era um grande borrão de fogo sujo, que as coisas não tinham nome e outras sandices que - meus netos me contam - estão em letra impressa nos livros do senhor Fernando. Posso jurar pelas chagas de Cristo que tudo o que neles me disseram lá estar escrito eu ouvi sair da boca de meu finado Alberto, que Deus o tenha em sua santa Glória, e se esses moços puseram em escrito o que meu Alberto dizia não é justo que digam que eles o inventaram, pois que isto não é verdade. Já é ruim roubarem-lhe as palavras, meu senhor, mas muito pior é roubarem-lhe a existência. Meu Alberto existiu, sim, mas nada tinha do que me dizem dizer o livro do senhor Fernando a respeito dele. Não, senhor notário, não se trata de dinheiro. Nada me falta aqui entre as bondosas irmãs redentoristas que agasalham meus anos avançados, sabe Deus que quase todos já cumpridos. É que não me parece justo saírem moços por aí a desfazer dos velhos. Menos ainda dos velhos enfermos como ficou meu Alberto depois que, ao levantar uma pedra de certo superior a sua força, quebrou alguma coisa dentro de si e deu-lhe de dizer coisas como ser sua aldeia tão grande como uma terra qualquer ou que seu olhar era azul como o céu. Olhar azul o dele, senhor notário... A mim me parecia que era por caridade que o senhor engenheiro, amigo do filho do Senhor Barão, trouxe o senhor Fernando, e que também por caridade ambos davam trela a meu Alberto, mas hoje meus netos me dizem que não era caridade. Que escreveram em livro tudo que meu Alberto engrolava em sua meia língua de cabeça lesada. E que inventaram a história de que eles é que tinham inventado tudo aquilo e também inventado o meu Alberto. Diz o senhor notário que eu deveria sentir-me honrada? Mas repare o senhor notário que a história só desfaz de meu pobre Alberto, como se fosse ele criatura criada no juízo alheio e não homem de carne e osso, como – com o perdão da palavra - Vossa mesma Excelência. Quero apenas justiça, senhor

notário. Que se saiba que meu Alberto foi homem verdadeiro. Que não era nem loiro nem pálido nem tinha os olhos azuis. Era negro. E sua cor, ainda que desbotada pelo sangue de seu pai, aparece na pele deste meu neto Bernardo que aqui me acompanha hoje para desenhar as letras de meu nome no papel em que aquele outro senhor está escrevendo tudo o que aqui digo em nome da verdade.

Marisa Lajolo é Doutora em Letras pela USP, com Pós-Doutorado na Brown University. Atualmente é professora da Universidade Presbiteriana Mackenzie e mantém vínculo como professor colaborador voluntário com a Universidade Estadual de Campinas. Suas atuais linhas de pesquisa recobrem interesse por Teoria Literária e Literatura Brasileira, atuando principalmente nas áreas de história da leitura, literatura infantil e/ou juvenil e Monteiro Lobato.

Making of de Fernando Pessoa, meu caro *Watson*

(ou os bastidores de um conto)

Marisa Lajolo

Quando lêem o conto com que me inscrevi no "Concurso de contos Unicamp Ano 40", amigos simpáticos me perguntam, gentis, pelo *outros contos* que devo ter na gaveta. Respondo-lhes – e é verdade - que eu não tenho outros contos. Nem na gaveta, nem na cabeça.

Fernando Pessoa, meu caro Watson o conto vencedor do concurso é filho único, escrito para a ocasião, com régua e compasso. Escrevi-o com o planejamento com que se produzem projetos de pesquisa ou anúncios de jornal. Ou seja, escrevi-o como um texto que pretende ter efeitos de sentido muito precisos: conseguir verba de pesquisa, no caso do projeto; vender um carro, no caso de um anúncio. Concorrer a um prêmio universitário de literatura, no caso do conto.

Assim, *Fernando Pessoa, meu caro Watson* foi cortado sob medida para o concurso da Unicamp: o leitor que ele previa era um júri letrado e culto, que pudesse, nas maltraçadas de Fátima Soares Caeiro, gratificar-se, ao reconhecer a herança ocidental da literatura com ele maiúsculo à qual o conto faz alusão e da qual se tece.

O prêmio que recebeu faz pensar que a receita deu certo.

Apresso-me, por isso, a contar a mágica. Professora de literatura por muitos e muitos anos, jurada de muitos e muitos concursos, desta vez mudei de lado. Mas levei para o lado *de cá* da mesa os óculos do lado *de lá da* mesma mesa. Óculos que encavalo no nariz e nas orelhas para escrever este *making of*, espécie de análise literária às avessas.

Começo por duas confissões.

A primeira é que a idéia de inventar viúvas para escritores célebres me persegue há tempos: cheguei, inclusive, a planejar uma coleção, "*Eles por elas*" na qual grandes autores da literatura em língua portuguesa seriam apresenta-

dos/comentados por suas respectivas musas e/ou amadas. Tomás Antonio Gonzaga por Marília, Machado de Assis por Carolina, por aí.

A segunda confissão é que dia 3 ou 4 de agosto do ano passado, num jantar da Abralic , com Maria da Glória Bordini e Regina Zilberman, no carioca e antológico La Fiorentina, entre *chopps*, camarões, massa e uma sobremesa de banana com queijo cujo título homenageava Frei Betto, rimos muito com a idéia de os heterônimos de Pessoa serem de carne e osso, terem família e criarem caso com direitos autorais.

Mas tudo ficou nas risadas. Voltamos para casa, para as aulas, para a vida real e os heterônimos de Pessoa continuaram sem receber direitos autorais.

Dias depois, já em São Paulo, prestando atenção aos eventos de celebração dos quarenta anos da Unicamp, me dei conta de que havia um concurso para ensaios e para contos. Decidi concorrer com um ensaio. Os muitos anos de janela em uma universidade pública me faziam acreditar que eu poderia contribuir com idéias para discutir universidades públicas, particularmente a área das humanas, mais particularmente ainda a área de Letras.

Mas, se eu tinha idéias, o gênero ensaio não me entusiasmava .

Foram muitos os começos, que não passavam dos primeiros e pífios parágrafos. Mas a idéia de concorrer continuava a me atrair. Se inscrever-se em um concurso já era novidade para quem, como eu, sempre foi júri e foi banca, por que não virar de vez a mesa e concorrer com um conto? Anonimato garantido, um polpudo prêmio de sete mil reais (quantia maior do que direitos autorais de qualquer obra acadêmica...), o que mais eu poderia querer?

Lembrei-me da conversa carioca com Glória e com Regina. E fui buscar os heterônimos que haviam ficado na praia carioca .

Há muitos anos não dou aulas de literatura portuguesa. Comecei o projeto trazendo para o lado do computador a surrada obra completa (que hoje, aliás, é incompleta) editada pela Aguilar, comprada com um dos primeiros salários de professora de cursinho . O livro de capa dura veio junto com o resto da cerveja: era domingo de noite, e a pizza familiar já tinha rolado.

Primeira tarefa: ler a (digamos) *biografia* de Alberto Caeiro. Curtinha e nada excitante. Mas me forneceu algumas datas para balizar a história. Os dados, em forma de tabela, inauguraram uma pasta chamada *Caeiro*. Segunda tarefa, ler todo o Caeiro. Todo, todinho, sem pular nada. Ler inclusive as notas de rodapé. E sofri com a leitura, como quem, visitando a casa em que morou na infância, descobre que ela era feia, pequena e suja. Aquela metafísica prosaica não me entusiasmava. Era um conjunto de clichês. Pessoanos, mas clichês.

Trechos que quando eu tinha vinte anos me tiravam o fôlego e me deixavam de olho fincado no infinito, naquele domingo de noite não funcionaram. Mudou o poeta ou mudei eu? se perguntaram meus incorrigíveis botões de professora habituada a citar a torto e a direito ...

Mas a hora não era de citações. Era, isso sim, hora de uma leitura pragmática, com o objetivo de pinçar, nos poemas, versos com verbos de ação, que pudessem dar corpo a um enredo .

Selecionei dezenas de versos. Copiei-os aplicadamente em outro arquivo da pasta que já continha a tábua cronológica que montei com os dados biográficos de *mestre* Caeiro. Pronto, a lição de casa estava começada. Faltava agora inventar a história. Achei que ia ser fácil, mas logo vi que apenas juntar os fragmentos selecionados não dava certo. Ficava muito sem pé nem cabeça.

Lembrei-me do jantar no Fiorentina e inventei que o defunto Caeiro tinha sido casado. Decidi que meu conto seria um texto em primeira pessoa, como se a viúva estivesse falando, identificando-se como viúva de Caeiro, logo na abertura. Eu precisava, então, de um nome feminino para batizá-la. Pensei em Regina, pensei em Maria, mas achei que Fátima tinha mais força (por que era proparoxítona? Por que era uma das denominações de Nossa Senhora? por que eu tive uma vizinha portuguesa chamada Fátima? vai saber ...) .Ficou Fátima. Sapequei um *Soares* como nome de solteira, e lá estava minha narradora em primeira pessoa, com nome e sobrenome. Se eu tivesse de descrevê-la, escreveria que ela era gorda, vestia roupa cor de vinho, tinha o rosto muito enrugado e uma mancha escura no queixo. De seu olho esquerdo, de vez em quando escorriam lágrimas que ela enxugava com um lencinho muito amassado.

Eu já tinha a personagem, já tinha um nome para ela, já tinha células narrativas. Mas eu tinha sobretudo problemas. Tinha muitos problemas, e de ordens variadas. A frase Chamo-me Fátima Soares Caeiro ficou empacada na tela e na minha cabeça. Nenhuma história deslanchava.

Como Fátima falaria? Que língua portuguesa soaria como português europeu falado por uma camponesa do início do século sem parecer paródia? Eu queria, a todo transe, evitar a paródia, a ironia. Fui dar uma espiada em Camilo Castelo Branco, leitura meio em diagonal para *sentir o tom*. Também dei uma espiada na Juliana, de Eça de Queirós. Achei que tinha encontrado minhas matrizes. E comecei a montar, pela boca de Fátima, um fragmento de história possível de ser construído a partir dos versos selecionados do livro de Pessoa.

A história começou a esboçar-se

A primeira imagem em que me detive foi a do carro de bois pela estrada. No original: *Quem me dera que a minha vida fosse um carro de bois/ Que vem a chiar,*

manhãzinha cedo, pela estrada. De onde vinha e para onde ia o tal carro? o que levava? Empaquei. Minha Fátima não guiava um carro de bois. Tampouco viajava nele. Mas ele fazia parte da história que ela contava. Contava a quem? a história que começava a esboçar-se precisava ser contada a alguém ... Claro que Guimarães Rosa deu a palavra a Riobaldo sem se preocupar muito em explicar de quem se tratava aquele indivíduo que com o caderno na mão ia ouvindo as histórias. Mas nem eu era Guimarães Rosa, nem a minha Fátima era mulher de falar ao léu. Eu precisava inventar um interlocutor para ela. E inventei um notário, torcendo para que nenhum jurado desclassificasse meu conto argumentando que não havia notários em Portugal. Afinal, um proto-notário (apostólico!) comparece ao *Dom Casmurro* num contexto totalmente diferente e eu não tinha tempo de ir atrás da questão. Mas gostava da palavra. Para me resguardar, pus na boca da Fátima uma frase que creditava à falta de cultura letrada dela a eventual impropriedade do termo. Continuo sem saber se notário é mesmo a designação do interlocutor face a quem a viúva prestou testemunho. Mas, ao menos para efeitos ficcionais, ficou sendo.

Decidir que Fátima era jejuna de cultura letrada e que se tratava de um depoimento também me pareceu resolver a estrutura do texto. Ele podia ficar meio descosido, sem nexos muito fortes entre um segmento e outro. Tratando-se de um texto puxado pela memória, achei que seria possível aproveitar grande número dos versos que tão aplicadamente eu havia copiado na leitura de Caeiro. Fátima seria protagonista de um *fluxo de consciência* (e eu, que quando analisava textos, nunca tinha pensado que *stream of counsciousness* podia ser muleta preciosa para escribas incapazes de amarrar um fato atrás do outro...!)

Outro problema era decidir o que teria levado Fátima a prestar depoimento. Ela foi chamada a depor, ou foi depor de livre espontânea vontade? Que antecedentes justificariam uma ou outra situação? Talvez levada por meu interesse em questões de direitos autorais e de profissionalização do escritor, pensei numa portuguesa muito brava, sem papas na língua, defendendo seus direitos. O perfil briguento da Juliana de Eça me assoprava coisas nos ouvidos. Fátima reclamava dinheiro? Caeiro teria sido um poeta de província plagiado por Pessoa?

Interessada academicamente em *modos* de construção de autoria e na história da profissionalização do escritor no mundo da língua portuguesa, a hipótese de uma briga por direitos autorais era sedutora. Muito sedutora, quase irresistível. Acalentei-a um bocado, e diverti-me deveras redigindo pseudo-contratos. Que pesquisador não gostaria de encontrar um documento que *provasse*, por exemplo, que foi Dona Carolina que escreveu *D. Casmurro*, e que a

capciosa questão do adultério de Capitu foi ardilosamente enxertada na narrativa por Machado de Assis numa quinzena em que, acamada, Carolina – *a querida ao pé do leito derradeiro* - pediu que o marido passasse a limpo os originais...? Entendi num relance as vantagens da ficção sobre a pesquisa: o que não se encontra, se inventa ...

Continuava gostando da idéia de uma Fátima brigando por seus direitos, mas acabei abandonando a idéia: interesses pecuniários são um deslustre no mundo das letras e eu queria que Fátima fosse uma personagem acima de qualquer suspeita. Afinal, eu precisava que o júri a considerasse, além de verossímil, envolvente. Creio que solidariedade com uma personagem é um bom começo para amarrar leitores; e jurados de concursos literários são, afinal de contas, leitores.

Fátima assumiu, então, perfil desinteressado. Sua fala serviria a uma causa nobre. E qual seria esta causa? Não seria nobre lutar pelo reconhecimento de Alberto Caeiro como pessoa física, e não *persona* pessoana? Diverti-me com este último trocadilho, através do qual dezenas de pesquisadores articulam o sobrenome do poeta à criação de seus heterônimos. Mas eu não queria trocadilhos.

Cheguei a planejar um neto universitário para Dona Fátima: ele seria autor de um trabalho de final de curso que apresentava Fernando Pessoa como plagiarista (palavra não dicionarizada, mas possível na língua; no dicionário, o termo é *plagiador*). Seu trabalho teria sido reprovado em Coimbra ou no Brasil (através de um programa de intercâmbio) e por isso ele convenceu a avó a prestar o depoimento que denunciaria o poeta. Iniciei a história. Mas ficou muito difícil conciliar a narração de uma vingança acadêmica com a narração despojada de um narrador-mulher-camponesa para a qual a vida não tinha complicações letradas. O texto ficou péssimo. Não consegui fazer a história sair da miudagem de um diz-que-diz-que universitário. Desisti do neto universitário. Além de tudo, mexer com a universidade era navegar muito próximo ao mundo do concurso. Bordejava a paródia, o que eu queria evitar a qualquer custo. O resultado foi o neto recuar para o fundo da cena, relegado à função de acompanhante da avó idosa nos lindes da burocracia .

Eu já tinha as grandes linhas do conto prontas. Mas faltavam as pequenas.E fui descobrindo que estas é que são as mais danadas.

Quase nunca os versos selecionados combinavam entre si. Nem todos tinham a mesma força. Nem a narrativa de Fátima estava conseguindo lhes dar sentido. Recomecei várias vezes. Não perdia de vista que o verso talvez mais emblemático de Caeiro é o que abre *O guardador de rebanhos* . No original, "*Eu nunca guardei rebanhos/ Mas é como se os guardasse*. Era, pois, a partir desta negati-

vidade (oh! os frankfurtianos...) que eu precisava construir um Caeiro através de Fátima. Tinha de transformar esta enigmática expressão em pedaço da história. Em que situação faria sentido alguém dizer isso? Mas, se não era Caeiro que falava na minha história, como trazer os rebanhos que ele *não* guardava para a boca da viúva? Havia mulheres pastoras? Eu nunca tinha lido sobre nenhuma depois das eventuais pastorinhas das cantigas trovadorescas, salvo a desenxabida Guida, de *As pupilas do senhor reitor*.

O verso ficava esquisito em terceira pessoa: *ele nunca guardou rebanhos, mas é (era?) como se os guardasse*. Não dava certo. Recapitulei meu plano: eu queria uma história que, fazendo o leitor erudito – por hipótese, meu júri - reconhecer os fragmentos pessoanos, construísse para o texto final um significado completamente inesperado. O resultado da leitura precisava atrair as simpatias do leitor para o casal Caeiro e, por tabela, para o texto que, inventando a mulher, reinventava o marido.

E que melhor ingrediente para atrair simpatias do que transformar Alberto Caeiro em vítima? Vítima de quê? ou de quem? De novo eu pisava em ovos. Tempos de neo-liberalismo, nada panfletário serviria. Afinal, o realismo socialista não mais floresce em currículos universitários. A não entender o pastoreio como forma metafísica de dizer alguma (outra) coisa, meu conto precisava dar a Caeiro uma profissão face à qual o pastoreio se lhe afigurasse como paradisíaco. Inventei a história de quebrar pedras, um pouco – talvez - lembrada daquele Jerônimo, imigrante português que, no romance *O cortiço*, quebra pedras na pedreira de João Romão. Transportei a cena para Portugal, mas, ao contrário do que sucedera com Piedade, nenhuma Rita Baiana poderia cruzar o caminho de Alberto: não fosse ele perder sua aura... e não fosse a minha Fátima perdê-lo!

A decisão de fazê-lo quebrar pedras foi boa. Tratava-se de uma tarefa pesada, bruta, que poderia fazer-lhe mal, deixá-lo meio de miolo mole. Adorei a idéia de apresentar toda a versalhada em que minha juventude tanto se comprazia, como sintoma de distúrbio mental. Uau! Mas, de novo, eu precisava ir devagarinho. Com sutileza e nas entrelinhas. Não fosse a irreverência assustar meus leitores. Afinal, Pessoa é um *ai-jesus* das letras lusófonas e a desconstrução talvez não seja um esporte muito apreciado para além dos rarefeitos ambientes da teoria literária pós-moderna.

Baixei a bola. E tomei uma decisão: o sólido senso-comum da viúva é que, por contraste, iluminaria o *non sense não intencional* de Caeiro.

Eu tinha a minha chave.

Fui, a partir daí, pondo palavras na boca de Fátima. Com todo o cuidado e com um bocado de trabalho braçal. Usei fontes de cores diferentes para não

confundir citações nem repetir fragmentos. Intercalei os versos com alguns vocativos, para meu leitor não se esquecer que se tratava de um depoimento. Não fosse minha Fátima pisar na bola e entornar o leite ...

Mas ela foi irrepreensível, dócil a tudo que eu a fazia dizer ...

Eu havia selecionado mais versos do que estava sendo capaz de aproveitar. Depois de ter um esqueleto de história, deletei-os para resistir à tentação. *Inutilia truncat* ensinavam os antigos, e sempre é bom levá-los a sério.

Voltei à obra completa para ler *sobre* Pessoa, pois ainda faltava patrocinar o encontro de Pessoa com Caeiro. A presença de um heterônimo nobre, o Barão de Teive ajudou a compor o contexto: sugeriu um ambiente aristocrático, e me deu a idéia de uma personagem mimada e tola, um filho do barão, meio no modelo daqueles intelectuais desocupados e desiludidos de Eça de Queirós. Ficaria verossímil? Achei que sim. Seria através deste filho do barão que Pessoa encontraria um Caeiro já doente, em encontros testemunhados pela Fátima. No mesmo volume da obra completa de Pessoa, aprendi as peças que Pessoa pregava aos amigos, inventando histórias que davam verossimilhança a seus heterônimos. Resolvi aplicar a ele o tratamento que ele dispensava aos outros. E o fiz beber vinho e comer figos enquanto anotava as sandices de Caeiro.

E tenho de dizer que o vinho e os figos foram um problema.

Eu queria que os visitantes de Caeiro comessem alguma coisa enquanto transcreviam o que o matusquela engrolava. Mas o que comeriam moços finos na casa de um humilde camponês? Pensei em pão, mas não conseguia imaginar a malta de peralvilhos escrevendo e mastigando pedaços de pão. E se fosse pão com azeite? Ou Fátima teria presunto em casa? Devia ter, mas presunto precisava de faca. Pensei em uvas, mas a cena, em minha cabeça começou a parecer bacanal romana. Deixei as uvas para o carro de bois.

Acabei servindo-lhes vinho com figos, embora tenha de confessar que não acho que seja a melhor combinação, gastronomicamente falando. Mas compunha uma cena portuguesa com certeza: sempre me fascinou a história que Teófilo Braga recolheu, que conta dos passarinhos que picavam os figos que a madrasta malvada mandava a pobre menininha olhar. E vinho, é claro, comparecia com propriedade, afinal Fátima trabalhava nas vindimas. Por um tempinho pensei em embebedar Caeiro: os rapazes lhe davam vinho e quanto mais vinho lhe davam, mais rebanhos lhe apareciam ao lado? Mas achei que um Caeiro bêbado teria menos cacife do que um Caeiro sóbrio porém aluado . Poderia também embebedar Pessoa, sendo o álcool um álibi para o roubo dos textos, afinal, não era ele que fazia a apologia do ópio? Mas fui incapaz de inscrever este dado na história, e decidi que era melhor que ninguém se embebedasse.

Eu já tinha a história quase pronta. Aí, de estalo, me ocorreu escurecer Caeiro. Pensei nisso, a propósito do verso *Meu olhar azul como o céu* .Um Caeiro preto, negro, vindo das colônias. Adorei a idéia ... Consultei a família. Foram contra. Acharam que era forçar a barra. Que em tempos de inclusão social e do politicamente correto, um heterônimo africano era pura apelação. Meditei com meus botões. Costumo levar a sério palpites alheios, sobretudo de estrangeiros ao mundo das letras como é a lajolândia, constituída por médicas e bioquímicos. Mas desta vez meus botões não estavam convencidos da pertinência do palpite . Para um poeta sabidamente desatento de questões políticas, como foi Fernando Pessoa, empurrar-lhe a negritude de Caeiro pela garganta abaixo era muito divertido.

Deixei a questão para resolver depois.

Eu ainda tinha outro problema, precisava de uma moldura para a história. A velha idéia do manuscrito encontrado em alfarrabistas sempre me seduziu, lição maior de Cervantes, Cid Hamete Benengeli, e Avellaneda. Ou as cartas que emolduram os romances de José de Alencar. Mas também me seduz um tipo de romance contemporâneo que faz da Academia - particularmente dos estudos literários - cenário de contos e romances. Anthony Byatt e David Lodge são os santos destes meus altares. Quem sabe era por aí? Substituí o alfarrabista tradicional pelo aluno de pós-graduação, transformando-se o depoimento de Fátima num anexo de tese de doutorado. A Fundação Gulbenkian, citada na vizinhança de uma *tese* dava verossimilhança à moldura, sofisticando a história. A internet me forneceu nomes de universidades da África do Sul, onde Fernando Pessoa havia morado na infância e entre seus heterônimos havia um Alexander Search, cujo sobrenome era sob medida. Faltava um título para a tese: *The construction of autorship in 20th century. Portugal, ou The building of authorship in 20th century Portugal*? O sensacional livro de Martha Woodmansee resolveu a questão, e o título da tese de Mr. Search, PhD ficou sendo uma brincadeira comigo mesma, e uma silenciosa homenagem às companheiras do jantar onde havia nascido a idéia de dar uma vida doméstica aos heterônimos pessoanos.

Faltava um título para o conto. Pensei em *Elementar, meu caro Watson* frase com que Sherlock deixa embasbacados seus leitores, à custa de seu elementaríssimo parceiro, mais leso que o meu Caeiro. Li o conto recém batizado para a família. O título foi vetado. *Elementar demais*, disse uma filha. *Nada a ver*, disse a outra. O consorte veio com a solução que batizou a versão final do conto. Parodiando o clichê do romance policial, pareceu-me que a presença do nome do poeta português lado a lado com o ajudante de Sherlock Holmes já *instruía* o leitor quanto ao sentido de leitura pretendida.

Deixei o texto dormir uns dois dias. Reli. E reli e mexi e reli e cortei e reescrevi. *Trabalha e teima e lima e sofre e sua*... era verdade o verso de Bilac! Mantive a negritude de Caeiro. Dei nome ao neto: Bernardo é um nome forte. Depois de mais leitura, decidi aumentar a família de Caeiro. Matei um filho de Fátima nas guerras coloniais e outro nas mãos da Pide. A família achou militância demais. Aí tirei a Pide de cena e matei os dois filhos nas guerras coloniais. E achei que estava pronto.

Revi digitação: meus alunos sempre disseram que costumo deixar muitos espaços entre as palavras quando digito, e que por isso eles sempre sabiam quando um texto era digitado por mim. Oooops ... precisava tomar cuidado com isso. Deletei espaços extra, formatei o texto seguindo as instruções do regimento do concurso. Inseri cabeçalho com o número das páginas, o nome do conto e o pseudônimo: não fossem as páginas se embaralharem e a fala de minha Fátima ficar ainda mais descosida ...

Escolha de pseudônimo, compra de envelope, ida ao correio ficam fora do *making of*. Mas fazem parte do *happy end* que, como em toda boa história tradicional, deixou a Fátima e a mim mesma (e talvez até ao notário...) felizes para sempre ! Felicidade, dizem, não tem história. Mas esta talvez venha a ter e seja narrada, qualquer dia destes, em um texto que talvez venha a chamar-se *The day after* de *Fernando Pessoa, meu caro Watson* (ou o respeitável público de um conto).

Marisa Lajolo é Doutora em Letras pela USP, com Pós-Doutorado na Brown University. Atualmente é professora da Universidade Presbiteriana Mackenzie e mantém vínculo como professor colaborador voluntário com a Universidade Estadual de Campinas. Suas atuais linhas de pesquisa recobrem interesse por Teoria Literária e Literatura Brasileira, atuando principalmente nas áreas de história da leitura, literatura infantil e/ou juvenil e Monteiro Lobato.

Relato com livros, histórias e alumbramentos

Marta Morais da Costa

Minha mãe achava estudo a coisa mais fina. Não é não.
A coisa mais fina é o sentimento.
Adélia Prado. *Encantamento*

Em cada vez que leio, ou ouço dizer, que favorecem a formação do leitor, uma casa com livros e uma família de leitores, lembro-me de que nada disso tive. Para compensar, recebi todo estímulo para estudar, como única herança que possivelmente teria de pais sem recursos e com muitos filhos. Guardo imagens motivadoras desse pensamento: a letra caprichada, personalíssima, invejável de meu pai, com 2º ano primário interrompido pela necessidade de trabalhar. Guardo a voz de minha mãe, de letra professoral, justificando o abandono da escola no 1º ano do curso Elementar (à época equivalente ao Ensino Médio) para casar, e manifestar aos filhos em tom de voz e olhos brilhantes, que o estudo "era a coisa mais fina".

Lembro-me do primeiro livro de literatura, que guardo com zelo e ciúme, presente de um tio, mais tarde advogado. No título, a sina: era *O jardim encantado,* de Francis Burnett. Para atingi-lo, foram necessários alguns anos e alguns quilômetros de terra e pedra, diariamente, em busca do conhecimento: o colégio distante da casa de muitas crianças, de trabalho pesado, sem água, nem gás, com muita natureza e com as ansiadas matinês de domingo no Cine Paroquial, com faroeste e seriados, musicais da Metro e Mazaroppi. Sem biblioteca, mas com

muito catecismo. Sem horizontes, mas com muita brincadeira, jogo de bola e figurinhas da bala Zequinha.

Livro mesmo, arrumado em parceria, capa e contracapa ombro a ombro, só no Colégio Estadual do Paraná, escola pública modelo, reflexo do Colégio D. Pedro II, objeto do mesmo orgulho, merecedor do mesmo respeito em hino e bandeira. Nele entrei pela porta do famigerado Exame de Admissão, depois de um assustador tropeço na prova da primeira época. Colégio de periferia distante significa muitas vezes a distância do saber nuclear e necessário. A segunda tentativa foi precedida de aulas particulares, custantes ao bolso, ao tempo, aos nervos. Se lograsse êxito, jurei jamais frustrar a herança que meus pais lutavam tanto para amealhar: a sobrevivência pelo conhecimento e pelo saber. O livro fez logo parte desse projeto. Não os livros didáticos, por certo. Mas aqueles volumes infinitos ao olhar extasiado, imensos para as dimensões de minha quase inexistente leitura, postados em estantes de pesada imbuia (alguns, de tão inacessíveis ao meu pouco saber, guardados atrás de portas de vidro), todos a desafiar e seduzir a adolescente de saia azul marinho, com pregas, e blusa branca de vistoso distintivo pregado ao peito. Colégio onde aprendi que o estudo pode retirar o pobre, o ignorante, o tímido, o sem futuro desses estados, e construir nele a expectativa de melhoria, acentuando o valor do trabalho intelectual, a persistência na busca de realização de um projeto decente de vida. Nos sete anos como aluna, nos quatro anos de quadro de giz como professora, fiz tudo o que pude nele usufruir: estudo, brincadeiras, esporte, música, teatro.

À distância no tempo e mergulhada neste escrito, a emoção sufoca e o presente ganha mais sentido. Entrei como esponja e saí como árvore. Das muitas lembranças, os livros e leituras são a "lembrança que dói mais". Não foram cultura, conhecimento, lazer ou tarefa. Foram superação, crença, fado escolhido e amado. O *fiat lux* da mulher profissional que hoje penso ser.

Voltei à biblioteca anos depois: as mudanças nem foram tão significativas. Significativos foram o silêncio respeitoso, as lágrimas contidas, as imagens recordadas da menina passeando entre fileiras de livros, como se visitasse a Terra da Promissão. Na atividade docente, a busca de hoje é encontrar em alguém, por mais tênue que seja o sinal, a imagem daquela menina entre livros nascida.

Ao lutar atualmente pelo renascimento da escola de qualidade, não importa se pública ou privada, é porque, humildemente, reconheço em mim o quanto ela pode realizar pelo humano, pela consciência, pela confiança, pelo alargamento das expectativas de vida melhor em seus alunos. E o quanto dói e frustra ver "o espelho/em que ficou perdida minha face" na escola *faz-de-conta* que cinicamente é aceita hoje.

O amor à leitura, o pendor para línguas, a atração pelo teatro e a curiosidade em conhecer os disfarces humanos me levou para o curso de Letras na Universidade. Hoje, parte de minha identidade. Até este momento, são 43 anos na Universidade Federal do Paraná. Em trabalho paralelo, mais 22 anos de Pontifícia Universidade Católica do Paraná. Creio que já fiz por merecer a herança de meus pais, as belezas da literatura, o respeito dos alunos e de meus pares. Daqui para frente, tudo será debitado na conta dos "vastos campos do céu", eu banzando como Macunaíma.

Se até aqui você me seguiu, paciente leitor, cumpro o honesto dever de informar que o texto irá se tornar burocrático e numeral demais. Se você continuar comigo, procurarei fazer com as informações a serem prestadas um itinerário o menos pedregoso possível. O que você quer, leitor? Este também é um texto para registro de feitos, os afetos ficarão para as entrelinhas.

No correr do tempo profissional já extenso, pude fazer " e fiz " o que pude pela leitura. A tal curiosidade pelos disfarces ali de cima me fez criar disciplinas, cursos, projetos e escritos. Comecei por criar, em 1976, uma disciplina obrigatória em Letras, voltada para os estudos sobre o teatro brasileiro, que me trouxe orientandos, projetos de pesquisa, livros, amigos do estudo e do teatro. Em 1982, criei a disciplina de Literatura infanto-juvenil na Universidade Federal do Paraná. Enchi minha casa e meu gabinete de livros coloridos de todos os tamanhos, causando não apenas o inchaço das estantes mas a visão da mais completa irregularidade, pois todos sabemos que, em busca da sedução para a compra, as editoras põem nos livros toda sorte de chamariz. Um deles é o tamanho diferenciado dos livros. Não há marceneiro que consiga prever um espaço minimamente adequado para tal disparidade. A professora que ficava cada vez mais velha, lia textos cada vez mais infantis. A disparidade do formato se transformava em disparidade entre titulação, idade e objeto de estudo. Mas muito me diverti com o reencontro da infância, muito me irritei com o volume crescente de ruindades livrescas. Em cursos de especialização na universidade, lá estava literatura-infantil. Quando nasceu o Mestrado em Literatura Brasileira na UFPR, em 1988, essa linha de pesquisa também se fez presente. Começava assim uma outra geração de pesquisadores e, alguns deles, aficionados defensores da leitura e da formação do leitor.

Enquanto batalhávamos pela literatura infantil e juvenil na UFPR, com a inclusão da disciplina, tornada obrigatória, também no curso de Educação Artística, o Brasil se preparava para a geração dos super-heróis do Proler – Programa Nacional de Incentivo à Leitura. Enquanto a caravana desse Programa não chegava a Curitiba, minhas alunas, Rosemeire Albano e Carmen Kassis publicaram, em 1986, pela Editora Memórias Futuras, *Diferente menina era uma vez uma*,

com o apoio decisivo do livreiro José Guignone. E eu traía o teatro " área em que já publicara à época alguns livros e artigos " me dedicando mais à literatura infantil, com solicitação para cursos e congressos no estado do Paraná. Não era, reconheço, um vasto campo na terra.

Em 1994, após várias reuniões em grupos de trabalho, foi criada a comissão estadual do Proler no Paraná. A presidente escolhida foi Solange Manzocchi que, na ocasião dirigia o comitê Paraná-Ohio, órgão do governo do estado. Da comissão do Proler faziam parte Elisa Dalabona, Marilene Milarch e Glória Kirinus. À última hora meu nome também foi incluído, como suplente. Como podem ser previstos, os caminhos insondáveis do que ainda está por vir?

Organizamos dois módulos do Proler em Curitiba, com sede na Universidade Federal do Paraná, em 1995 e 1996. Algumas imagens inesquecíveis: o auditório da Reitoria com 600 pessoas, ora atentas, ora rindo, algumas vezes lágrimas e lenços. Os participantes, professores na maioria, nunca tinham visto/assistido a uma festa da leitura de tanta intensidade, e uma alegria e congraçamento tão constantes. Descobriam (eu inclusive) o sabor agridoce do saber. A professora a me confessar, no segundo módulo, que havia mudado sua vida pessoal e profissional a partir do encontro do ano anterior, motivada pelo que ouvira, sentira e pensara. Monitores e membros do comitê a carregar materiais e aparelhos, cruzando arfantes o pátio da Reitoria. Francisco Gregório, mestre de cerimônias, incomparável, a motivar e dirigir os trabalhos durante o evento. O silêncio de cristal enquanto os contadores faziam seu trabalho de encantadores de ouvidos e imaginários.

Neste mesmo ano de 1995, fui convidada pelo Proler, por indicação de minha amiga e sempre mestra, Eliana Yunes a participar do Módulo 3 do Programa, em Vitória da Conquista, na Bahia. Fui. Com a mala grande e o coração pequeno. Voltei com a alegria imensa de um coração maior que o mundo. Da mala, nem lembro. Foi como se minha profissão tivesse se partido em dois tempos distintos: AP e DP. Cresci desmesuradamente para além dos limites regionais com Eliana, Nelly, Nanci (a bruxa madrinha que designou, entre sorrisos cúmplices, os avessos do mundo), Maria Luiza, Ângela, Gregório, as Marias Teresas...

Fizemos em Curitiba mais um módulo na Universidade Federal, em 1996, no mês exato da crise nacional, que desencadeou a substituição de toda a Comissão do Proler do Bem, no Rio de Janeiro. Quando da notícia aos participantes sobre a mudança (dolorosa para todos, sem remissão para mim), lembro de Eliana a contar, em metáforas e alusões, todo o calvário da morte de um sonho. Mal sabia ela, naquele momento, que a fada, até então silenciosa, haveria de vaticinar não a morte, mas um sono prolongado de 10 anos. Em 2006, nasceria a RELER – Rede Nacional de Pesquisadores em Leitura, e os velhos parceiros retomariam a caminhada, ao lado de novos e entusiasmados companheiros.

Os módulos do Proler eram uma trabalheira sem fim para o Comitê local e monitores: cabeças e braços cansados, mas o coração leve. Na fala final, em 1996, as palavras do poeta Drummond: *mas as coisas findas/ muito mais que lindas/ essas ficarão*. Ficaram. Enquanto memória, transformação e afetos. Como sementes na terra fértil, à espera da estação e do sol propícios.

Em 1995, aposentada na Universidade Federal do Paraná, fui convidada pela professora Maria Ignez Marins a re-integrar o corpo docente do curso de Letras da Pontifícia Universidade Católica do Paraná – PUCPR. Em 1997, a professora Clarice Martins, coordenadora do curso de Especialização em Língua Portuguesa, incluiu por sugestão minha, a disciplina de Leitura no curso e me convidou para lecioná-la. Nascia naquela turma e daquela iniciativa do curso um grupo de alunos interessados em continuar a ler e estudar, sem interesse em diplomas e certificados. Os componentes desse grupo foram mudando ao longo dos anos, mas em dez anos de atividade somente em um semestre não foram realizadas reuniões semanais. Tratamos de filosofia, história, teatro, língua portuguesa e sociologia com profissionais das áreas escolhidas. Nos últimos sete anos, sob minha desajeitada e exclusiva coordenação, somente lemos e falamos de literatura. Todas as semanas, sem preconceitos de gêneros, sem privilegiar autores ou nacionalidades " a não ser quando decidimos em alguns semestres realizar um estudo diacrônico de escritores e obras hispano-americanos, brasileiros ou franceses... Quem somos? Diria que, simplesmente, leitores. Integram o grupo dois psicanalistas, a esposa de um deles, uma *chef de cuisine,* uma professora de língua portuguesa, uma tradutora, uma professora de música, uma ruralista. Entre pessoas que vão e vêm, fotógrafa, engenheiro, pedagoga, estudantes de Especialização, professora universitária. O encontro semanal tem forma livre. O livro é o centro, mas, não raramente, é da vida mesmo que tratamos. E nos divertimos, entre seriedade e confissões. A leitura é uma festa fraterna.

Em 1996, assumi a Direção da área de Letras da PUCPR, gestão que durou até 2006. Nas reformulações de currículo, sempre aprovadas pelo Colegiado dos professores, a leitura integrou programas e direcionamentos da graduação e dos cursos de Especialização. São disciplinas obrigatórias, com enfoque exclusivo na recepção de textos por leitores de todos os níveis da escolarização e fora dela. Em 2000, criei o Curso de Especialização em Leitura de Múltiplas Linguagens, existente e com turma formada até esta data. Foram dezenas de monografias sobre os mais diferentes assuntos, sempre sobre as questões relativas à leitura de linguagens diversificadas. Nelas trabalharam professores orientadores de diferentes instituições e integrantes do corpo docente do curso, como Nanci Nóbrega (UFF), Eliana Yunes e Júlio Diniz (PUC-Rio), Edison Costa e Consuelo Schlichta (UFPR),

Clarice Martins, Maria Cristina Monteiro, Celina Alvetti, Mônica Fort, Haroldo Capote, Cátia Mendonça, José Carlos Fernandes e eu (PUCPR). Alguns títulos são definidores do trabalho realizado pelos professores e especialistas por si mesmos: "A indústria dos sons: leitura de 'Citi Moviment', balé de Wynton Marsalis", de André Consentino; "A ficcionalização do texto jornalístico na crônica de Moacyr Scliar", de Natália Nuñez; "Paratextos: os agregados da casa", de Rodney Caetano; "Tristeza, solidão e separação nas cantigas de roda", de Vivian Dias; "Teoria da superioridade no humor de *O amigo da onça*", de Hilton Castelo; "Capa - embalagem de revista", de Fernanda Ferreira; "Leitura da minissérie *Os Maias*, de Eça de Queiroz", de Luciane Pancione; "Pichações: uma leitura das inscrições urbanas em Curitiba", de Melissa Medroni; "Mitologia e publicidade: Apolo desce do Olimpo para os anúncios de revista", de Aline Leucz; "O distanciamento entre o leitor e o museu de arte contemporâneo", de Rafael Petry; "A figura da mulher como apelo na publicidade cervejeira", de Maria Paula Mader; "A boneca Barbie e sua influência", de Arabela Oliveira; "A semiótica da música publicitária", de Irídio Moura. Essas e dezenas de outras pesquisas motivaram alunos e professores ao longo desses sete anos. Algumas delas se transformaram em projetos, e mais tarde, dissertações de Mestrado. Muitas foram publicadas em formato de artigos. Mas o melhor resultado é mesmo a resposta dos alunos sobre a significação do curso em suas profissões e, principalmente, na alteração de sua visão de mundo. Considero que não dá para querer muito mais na educação.

Em 2002, criei e coordenei o primeiro SABERES – Congresso Paranaense de Leitura, que se tornou anual e, em 2005, acrescentou à sua denominação inicial a de Congresso Nacional de Leitura de Múltiplas Linguagens. Sempre foi realizado nas dependências da PUCPR para um público de 500 a 600 pessoas. O formato do evento reproduz os módulos do Proler do Bem, e tem como madrinha e mentora Eliana Yunes. É constituído por palestras, oficinas, cursos, mesas-redondas, momentos culturais e contações de histórias. Consolidou-se como evento de referência no estado do Paraná, com a participação de nomes e intelectuais de projeção nacional. Mais de uma centena de convidados, ao longo de cinco anos, trouxeram o público informado, reflexivo e, por muitas vezes, fascinado. Os temas foram "Redes de leitura", "A palavra e seus ambientes", "Leitura e cultura", "Leitura, história e memória". Da antropologia à filosofia, da história à literatura, do jornalismo à educação, da fotografia ao teatro, do cinema à informática, da música à antropologia, da arquitetura aos acervos, da sociologia à televisão, escritores, artistas e educadores, do ontem à atualidade mais recente, os cinco congressos procuraram tratar de tudo o que pudesse esclarecer e ilustrar os sujeitos leitores através do conhecimento das múltiplas linguagens que os cercam.

Enquanto diretora da área de Letras, coordenei em 1999 uma oficina de contação de histórias, e convidei para ministrá-la Francisco Gregório Filho e Eliana Yunes. Ao encerrar-se a oficina, nascia a idéia de um grupo de contadores na PUCPR. Criado no ano seguinte, hoje se denomina Grupo Saberes e está sob minha coordenação. Dos integrantes fundadores, Jumara Percegona e Noeli Fonseca permanecem até hoje. Muitos companheiros ficaram pela estrada, novos se agregaram, muito evoluímos, novas tarefas e ações surgiram. Hoje temos um currículo de atuações que cresce mês a mês. Espetáculos para públicos diferenciados, oficinas, palestras, muita leitura, discussão e treinamento compõem as atividades do grupo. Alguns integrantes do grupo se profissionalizaram, mas todos somos na verdade perenes amadores de histórias, incansáveis e persistentes. Cada um tem seu repertório, mas todos crescemos juntos no ouvir e contar e pesquisar e descobrir e trocar livros e narrativas. A prática de ler e ouvir nos dá a todos o mesmo prazer de contar. E nos irmana.

Em setembro de 2004, recebi um convite especial da pedagoga Célia Cunico: escrever um pequeno texto sobre leitura e cidadania para uma página especial sobre educação que seria publicada uma vez por semana no jornal diário e comercial *O Estado do Paraná*. A página se intitulou a princípio "Educação em pauta". Um ano depois, passou a chamar-se "O Estado educa", nome que mantém até hoje. O primeiro texto acabou por se converter em prazer de escrita semanal. À exceção de curtas ausências, meus textos têm se multiplicado em colaboração assídua e permanente. Alguns desses textos foram recolhidos em livro e originaram *Mapa do mundo: crônicas sobre leitura*, publicado em 2006 pela Editora Leitura. Entre todos os meus escritos e por mais de uma dezena de razões, o *Mapa* é o fruto mais doce e saboroso. São textos que tratam de assuntos afins: a formação de leitores, a educação brasileira, a formação de professores, a literatura, a contação de histórias, a crise social e continuada da leitura no Brasil, algumas incursões pela ficção e muito, muito diálogo entre textos e textos.

Em 2002, eu havia realizado uma oficina sobre literatura infantil para o programa "Leituras compartilhadas", da Petrobrás em Araucária (PR), quando conheci Paulo Penha, Andréia e Ivete Rocha. Voltei para nova participação em mesa-redonda em 2004, já no Projeto de Leitura Petrobrás/Repar, em parceria com a ONG Leia Brasil. O projeto beneficia escolas municipais, educadores e crianças dos municípios vizinhos da refinaria da Petrobrás em Araucária: Balsa Nova, Contenda, Fazenda Rio Grande, a própria cidade de Araucária e agora o bairro Tatuquara, em Curitiba. Tem sido sempre, e até hoje, uma experiência rica no diálogo e aprendizagem com artistas, criadores, escritores, pedagogos, professores e gestores da educação, além do conhecimento haurido na fala dos integrantes

de mesas e palestras e do convívio intelectualmente estimulante com Jason Prado, presidente do Leia Brasil.

No ano da graça de 2006, um projeto meu acalentado há mais de dez anos, já na quarta ou quinta versão " todas assumidas pelo entusiasmo, idealismo e competência de Renata Mele, na Fundação Cultural de Curitiba " ganhou forma, cores, alma: a Casa da Leitura de Curitiba. Novamente era o farol do Proler do Bem com sua luz direcionada para este horizonte curitibano. Na Casa, a oportunidade de um ambiente aconchegante para a leitura do acervo de uma pequena, mas atualizadíssima, biblioteca. Era antes um espaço cultural do município, em desuso. Foi toda reformada em parceria da empresa Cimentos Itambé e da Prefeitura de Curitiba. Tem um pequeno teatro, sala para rodas de leitura e oficinas, biblioteca, sala de leitura, cozinha, computadores para consulta livre. Mais um jardim com bancos, cadeiras e guarda-sóis, de frente para a exuberância vegetal verdejante do Parque Barigüi. Um luxo de cores e de esperança para pensar e manter muitos leitores.

Embora eu seja pesquisadora da história do teatro, sempre fui avessa a falar/escrever sobre minha própria história, que considero sem atrativos ou diferencial, semelhante a tantas outras histórias de leitores apaixonados pelo país afora. Se o fiz, não me tome, caro leitor, por pretensiosa ou arrogante. Atendi ao convite gentilíssimo " que muito me honrou " de Júlio Diniz e Jason Prado.

Meu relato é em tudo oposto ao de Riobaldo em *Grande sertão: Veredas*, porque não tem brilho, poesia ou metafísica. Não posso como ele escrever nestas linhas finais: *Aqui a estória se acabou./Aqui, a estória acabada./ Aqui a estória acaba*. A razão é simples: a vida continua, com ela a luta e o desejo de um país melhor, possível apenas se a educação deixar de ser um discurso vazio de sinceridade, e se tornar uma práxis de qualidade efetiva. E não haverá educação sem leitores no exercício da leitura enquanto prática dialética e criativa, insubordinada e propositiva.

Tenho vivido. E dito.

Curitiba, junho de 2007.

Marta Morais da Costa é Doutora em Literatura Brasileira pela Universidade de São Paulo. Atualmente é professor sênior da Universidade Federal do Paraná e professor titular da Pontifícia Universidade Católica do Paraná. Tem experiência e pesquisas na área de Letras, com ênfase em Literatura Brasileira e Leitura, atuando principalmente nos seguintes temas: formação do leitor, formação de professores, leitura de múltiplas linguagens, ficção contemporânea, dramaturgia e história do teatro brasileiro. É coordenadora do Saberes – Congresso Paranaense de Leitura.

A leitura & eu

PAULO CONDINI

Da porta da minha casa, olhando para a direita, o que se via, na rua estreita, eram dois quarteirões em declive acentuado que terminavam num vale não muito largo, em que mal cabia uma rua acanhada margeada por um pequeno riacho de águas claras, quase sempre habitadas por minúsculos peixinhos cinzentos e girinos. Além do córrego, após breve terreno plano onde nos reuníamos para jogar bola, se iniciava uma enorme elevação, em cujo topo imperava o único campo de futebol da cidade, um enorme quadrilátero delimitado por alta cerca de madeira mata-juntada, para que ninguém pudesse assistir ao jogo desde o lado de fora.

Olhando à esquerda havia uma avenida larga, pelo menos assim me parecia, e mais uns sete ou oito quarteirões, ao fim dos quais se erguia a estação ferroviária e, mais além, campos e bosques. E assim era também se olhássemos para frente ou para trás. Não existiam muitos quarteirões a serem contados, a tal ponto que, se andássemos com alguma pressa, em pouco mais de vinte minutos poderíamos atravessar a cidade de norte a sul.

Essa era Passo Fundo do meu tempo de menino. Um pequeno universo onde cabiam todas as ficções, todos os contos, todas as fantasias e todas as memórias que costumávamos ouvir à tardinha, sentados na calçada, direto das bocas dos mesmos narradores que nunca contavam as mesmas histórias da mesma maneira, num movimento ininterrupto de reescritura da oralidade, como um exercício aparentemente natural de improvisação narrativa.

Foi ali, já nos meus oito anos, nessa pequena cidade de pouco mais de dez mil habitantes, que começou a se fazer consciente o meu encantamento pelas palavras, pelas histórias contadas por minha mãe, antes de dormir; pelas histó-

rias inventadas nos livros que habitavam a minha casa; pelas aventuras seguidas diariamente nos programas de rádio...

Ah, o rádio!

Nele ouvíamos não só a música, mas também as aventuras mais emocionantes; as mais ternas histórias de amor; as mais deliciosas descrições de reinos distantes; de tiranos sanguinários; de reis generosos; de rainhas boas ou más e de lindas princesas, pelas quais sempre nos apaixonávamos, e por quem poderíamos morrer de amor...

Raramente havia fotos ou gravuras das nossas personagens mais queridas e, quando um jornal ou revista publicava alguma ilustração, constatávamos decepcionados que elas nunca correspondiam às imagens que povoavam nossas imaginações.

Havia ainda o cinema, a que assistíamos todos os domingos à tarde, e ali também fervilhavam histórias de todos os tipos, desde as que se resolviam numa única apresentação, até as que éramos obrigados a esperar, semana por semana, seu desenrolar.

Bem cedo entendi que, independentemente do meio e da forma com elas chegavam a mim, todas elas eram histórias, e cada vez mais, eu as amava.

Cresci com a fama, que até hoje me acompanha, de distraído. Mas o fato é que, desde muito pequeno, as histórias encontraram morada na minha cabeça, e passam o tempo todo em constante circunvolução, ocupando cada espaço da minha atenção. Basta eu me desconcentrar ligeiramente de qualquer outra atividade, e em seguida alguma delas, ainda não nascida, passa a me assombrar para o preparo do seu parto. E, se por acaso não tenho tempo para responder ao seu chamado, quer porque precise ganhar a vida, quer por que alguém a quem eu amo precisa de mim, emerge, cada vez mais forte, o conflito que tem me consumido por todos estes anos.

Mas isto é outra história...

Eu tinha dez anos quando fomos passar as férias na casa de minha prima mais querida, que morava numa pequena cidade próxima de Passo Fundo. Ela tinha quatro filhos e morava numa chácara encantadora com um terreno imenso delimitado pelos bosques quase intocados do planalto gaúcho.

Era uma tarde de sol, em pleno mês de julho, e eu estava sentado numa espécie de terraço envidraçado que dava para fundo da casa, no andar superior, lendo *Um Ianque na Corte do Rei Artur*, de Mark Twain, quando os gritos enlouquecidos de diversas crianças que subiam o terreno em direção à casa me chamaram ao mundo real.

Eram meus primos, meu irmão mais velho e diversas crianças da vizinhança, vestidos de pirata, com espadas de madeira, alguns com um lenço imitando um tapa-olho, perseguindo um menino loiro que corria como o vento.

Num ímpeto fechei o livro para entrar na brincadeira.

Durou pouco, entretanto, aquele impulso.

O desejo de continuar a leitura, justamente no momento em que os cavaleiros, em suas pesadas armaduras, defrontaram-se com aquele homem, vestindo roupas tão estranhas, jogando fumaça pela boca como um dragão, pesou mais do que o juntar-me ao bando. Então, ocorreu-me o pensamento de que eu era, com um livro nas mãos, o ser mais pleno do universo.

Naquele momento percebi que as histórias eram os pilares do meu mundo e, pela primeira vez, entendi que eu só poderia ser um escritor.

Daí para frente tudo o que fiz e pensei foi no sentido de trilhar o meu caminho. A estrada foi longa, os desvios numerosos e o tempo necessário muito grande. Desta forma, ao me aproximar, aos trinta e dois anos, de uma editora, dava o passo decisivo para cumprir o meu destino literário.

Bem, isso era o que eu pensava.

Estar numa editora tornou-se, para mim, poder partilhar com milhares de leitores as alegrias e emoções dos livros que ainda não existiam. O que eu ainda não sabia, entretanto, era que estar envolvido com a edição de livros tomava tanto tempo que, por mais de vinte anos muito pouco escrevi, dedicando todos os meus esforços às histórias dos outros.

Editei por vinte e cinco anos. Abri espaço para muitos autores novos. Dei minha contribuição para a vida literária do país e tenho imenso orgulho disso. Meus editados colecionaram prêmios por conta dos seus talentos e, se algum mérito tenho nisto, foi o de reconhecer, nos seus manuscritos quase sempre rejeitados pelos editores que os tiveram em mão antes de mim, a condição de obras de arte.

Assim foi com *A Cor do Azul,* de Jane Tutikian, *O Homem no Sótão,* de Ricardo Azevedo, *Zé Diferente,* de Lúcia Sampaio Góes, *Guita no Jardim,* de Rui de Oliveira, *Saguairu,* de Julio Emílio Brás, *A Morte na Selva,* de Mustafá Yazbek, *Você no País das Maravilhas,* de Luiz Maria Veiga e *As Muitas Mães de Ariel,* de Mirna Pinsky, sem falar das jóias que me caíram nas mãos como *Os Afuganchos*, de Stela Carr, *Um Avião Uma Viola*, de Ana Maria Machado e *O Menino Maluquinho*, do Ziraldo.

Também na ficção para adultos pude colaborar. Fui o primeiro a editar, no Brasil, em 1981, Philip Dick, pela Melhoramentos, e, como naquele tempo ainda não haviam produzido *O Caçador de Andróides, Minority Report, Total Recall*

e outros mais, houve quem me acusasse de estar editando autores menores, isso sem falar no gerente de marketing que impediu a edição de *O nome da Rosa* por ser "um livro muito grosso".

De abril de 1989 em diante, com o fim da área adulta da Editora Melhoramentos, afastei-me por cinco anos da vida editorial e pude, finalmente, dedicar-me exclusivamente a escrever, e o fiz por inteiro, até que nos primeiros meses de 1994, porque precisava ganhar a vida, aceitei o convite de dois amigos para criar uma nova editora, voltada prioritariamente para a edição de literatura nacional de qualidade, com ênfase em autores inéditos ou pouco divulgados.

Em maio de1995, com o fim das atividades da *Editora* Carthago & Forte, da qual fui diretor editorial, e ao aceitar o convite do Secretário Marcos Mendonça, titular da Pasta da Cultura do Governo do Estado de São Paulo, para ser o seu representante na Comissão de Literatura daquela Secretaria, encerrei definitivamente as minhas atividades editoriais.

Convivendo com professores, críticos, poetas e ficcionistas como Fábio Lucas, o saudoso Henrique Alves, Samuel Penido e Anna Maria Martins, entre outros, presidi, durante quatro anos a Comissão, discutindo e propondo caminhos possíveis para a construção de um programa de incentivo, suporte e desenvolvimento para a literatura no Estado, que só não foi levado a cabo pelo desinteresse oficial.

Concomitante à Secretaria de Cultura, em maio de 95 aceitei o convite do PROLER para participar do seu segundo módulo em Passo Fundo, como escritor convidado, evento que acabaria se tornando na confluência de interesses ligados à leitura de maior importância na minha vida.

O PROLER, para mim, foi a maior descoberta de como é possível mudar a percepção das pessoas sobre a importância da literatura com o partilhar da nossa paixão pela leitura. Acostumado a encontros ou congressos que se iniciam com quatrocentos e tantos participantes e chegam ao fim com menos da metade, pareceu-me um verdadeiro milagre o encontro em Passo Fundo começar com pouco mais de duzentas pessoas e terminar com mais de quatrocentas, profundamente entusiasmadas.

A tal ponto que, passados doze anos, ainda me lembro bem, palavra por palavra, do que, na avaliação final do encontro, ao chegar a minha vez, falei:

"Meus amigos, quando a Professora Terezinha, a articuladora deste segundo módulo, convidou-me para vir a Passo Fundo, e tentou explicar que o PROLER era um programa nacional de promoção de leitura, afoitamente lhe respondi dizendo: '– Eu sei!... Eu sei! '

"Gostaria de afirmar, em primeiro lugar, que eu não sabia de nada, e nem desconfiava o que fosse, realmente, um programa de promoção de leitura; em segundo lugar, que aqui, definitivamente, encontrei minha tribo, e, finalmente, que de hoje em diante estarei com vocês nesta tarefa."

Aquela experiência foi decisiva para redirecionar o meu posicionamento diante da literatura e da vida – difícil saber, para mim, onde acaba uma e a outra se inicia –, e transferi toda a minha capacidade de trabalho para o programa.

De igual qualidade, e correndo no âmbito das escolas públicas dos rincões mais carentes do País, o Leia Brasil, Programa de Leitura da Petrobras, era a outra ponta, naquele tempo, desta corrente transformadora que é o contato substantivo com os livros, como ponto de partida de um aprendizado maior, o da leitura do mundo, caminho seguro para a cidadania.

Para nós, que nos envolvemos na tarefa de ajudar a transformar os nossos professores, alunos e patrícios em leitores, foi deprimente assistir, sem que nossos esforços fossem levados em consideração, a transformação do PROLER *da mudança* em um Proler *burocrático*, divulgador de bibliografias, pela incúria do então Ministro da Cultura Francisco Weffort, levado de roldão pela disputas mesquinhas de editores e pretensas intelectuais comprometidas apenas com o exercício do poder.

Até o ano de 2000 estive ligado à Secretaria de Cultura como Diretor da Casa Mário de Andrade, e até hoje ao Leia Brasil, que também teve que enfrentar sérios problemas, mas soube sobreviver.

Da minha perspectiva, vivemos tempos sombrios. Não se trata, aqui, de remoer o passado nem de desqualificar propostas de atividades que vieram depois.

Apenas para não esquecer – um dos piores hábitos da nossa cultura –, lembrar do ano de 2001, quando o Leia Brasil foi reduzido em 30%, e teve seu início retardado de março para setembro, comprometendo os planejamentos das comunidades escolares que, com raras exceções, deixaram de reclamar.

No ano seguinte, 2002, a Petrobras, "preocupada com custos", decidiu aprovar o programa, mas sem a participação dos seus 16 caminhões baús – reais bibliotecas ambulantes, com mais de 15.000 exemplares de literatura em cada unidade –, responsáveis pela visita de mais de 30.000 alunos/dia, substituindo-os por "bibliotecas" – leia-se caixas de livros que não chegavam a 4%, no máximo, do número de obras normalmente oferecidas aos alunos pelo Leia Brasil –, o que representou notável empobrecimento, e retrocesso flagrante num programa que tinha a sua feição montada na enorme diversidade de obras oferecidas, e como fruto da criação coletiva de um número incontá-

vel de profissionais da leitura, autores, professores e alunos, em mais de dez anos acumulados, na ocasião, de trabalho necessário e vitorioso.

Assim foi, e assim ficou, mas o Leia reinventou-se.

Nestes últimos cinco anos tenho procurado ampliar minha ação. Estive por três anos viajando pelo país num trabalho de consultoria. Coordenei, ao mesmo tempo, por quase dois anos, as atividades culturais do Centro Educacional Unificado Pêra-Marmelo, em São Paulo, e até hoje atuo no Centro Cultural da Juventude, equipamento novo da Secretaria de Cultura da Prefeitura de São Paulo que, como o nome diz, desenvolve intenso trabalho para promover o acesso dos jovens às ações e atividades culturais da região e da cidade.

No entanto, quanto mais o tempo passa, mais claro fica para mim que, entre os grandes entraves para a ampliação dos benefícios possíveis das inúmeras e desarticuladas propostas de programas de leitura existentes em todo o território nacional, um dos mais relevantes é a fictícia impossibilidade de diálogo entre as distintas percepções do *quando*, do *como* e do *onde* desenvolver o trabalho.

Da mesma forma como em outras áreas do conhecimento, medra a postura fundamentalista de que os caminhos de cada um são os únicos verdadeiros, como se não fosse possível a construção conjunta de políticas públicas convergentes capazes de alavancar o crescimento de leitores no País, e isto seria bom para todos os atores envolvidos nessa tarefa urgente e necessária.

Se houvesse diálogo efetivo, a classe editorial seria o primeiro bastião de defesa de programas como o Leia Brasil e o PROLER, por exemplo, por entender que não há visão mais equivocada do que aquela que acusa estes programas de não estarem interessados na venda de livros.

Se programas de leitura cumprem eficientemente o seu papel, criam leitores.

Um mercado editorial, digno deste nome, só será possível se existirem leitores, e aí se resolve aquele velho dilema de que o livro é caro porque as tiragens são minúsculas. Além disso, com um real mercado, as editoras deixam de depender do seu único cliente, o Estado, e então encontram seu caminho natural.

Da minha perspectiva, só começaremos a mudar radicalmente esta nossa realidade quando nos dermos conta de que podemos dialogar e de que estamos no mesmo barco. Depois, é só aprender a remar na mesma direção.

Julho de 2007

Paulo Condini é escritor, jornalista, ator e produtor. Foi editor da Melhoramentos e Carthago & Forte.

Lições de três escritores

Regina Zilberman

Aula de Português
A linguagem na ponta da língua, tão fácil de falar e de entender.
A linguagem na superfície estrelada de letras, sabe lá o que ela quer dizer?
Professor Carlos Góis, ele é quem sabe, e vai desmatando o amazonas
de minha ignorância, Figuras de gramática, esquipáticas,
atropelam-me, aturdem-me, seqüestram-me.
Já esqueci a língua em que comia, em que pedia para
ir lá fora, em que levava e dava pontapé, a língua,
breve língua entrecortada do namoro com a prima.
O português são dois; o outro, mistério.

Carlos Drummond de Andrade

Abdias, protagonista do romance homônimo de Cyro dos Anjos (1906-1994), é professor, encarregado de dar aulas de literatura às jovens estudantes do Colégio das Ursulinas, escola de elite, "estabelecimento de luxo, fundado adrede para receber moças da alta burguesia",[1] conforme explica o narrador em primeira pessoa. Convidado para ministrar um curso de extensão para as moças que completavam seus estudos, enquanto aguardavam o casamento, a Abdias compete construir um programa em torno das literaturas em língua portuguesa. Explica o narrador nas primeiras páginas do romance:

Como lhe perguntasse a razão dessa iniciativa, *Mère* Blandine esclareceu que as moças se formavam cedo demais e com insuficiente preparo. Deixavam o Colégio com quinze ou dezesseis anos e, em geral, ficavam sem o que fazer em casa, até que arranjassem casamento. Com o novo curso, pretendiam as Ursulinas resolver, em parte, esse problema que as mães enfrentavam ao saírem as filhas dos ginásios. Era de dois anos, e proporcionava conhecimentos, mais especializados, de artes e letras. (...) Desejava dar-me a cadeira de literatura portuguesa e brasileira, uma vez que a literatura geral já havia sido confiada ao Professor Silveira.[2]

Abdias abre o programa com o cancioneiro medieval, confiando em que *o galante El-Rei D. Denis ainda hoje agrada ao belo sexo*.[3] Mas, sabedor que *as moças achar[i]am pouco interesse nos cancioneiros*, investe naquelas que aguçam a curiosidade das alunas. O episódio narrado constitui uma curiosa amostra de metodologia de ensino de literatura:

Algumas cantigas de amigo do velho trovador causaram tanto sucesso que, a um apelo unânime, tive de escrevê-las ao quadro-negro, para que pudessem ser copiadas.

Sinhazinha Fernandes pediu, de preferência, aquela em que a donzelinha apaixonada sai a interrogar as coisas, em torno, sobre o paradeiro do namorado.

Houve sorrisos maliciosos na sala, mas Sinhazinha, imperturbável, quis ainda copiar outra (...).

O riso tornou-se geral, quando, a pedido da irrequieta Vanda Lopes, escrevi no quadro um cantar de D. Afonso Sanches, bastardo do rei, no qual a dona que se supôs traída ajusta, com a amiga, um ardil para averiguar a fidelidade do amado.[4]

Elegendo a perspectiva histórica, Abdias dá continuidade ao programa, introduzindo a Renascença portuguesa a partir das figuras femininas:

O tema da aula de hoje foram as figuras femininas da Renascença portuguesa, acerca das quais li um bom estudo na História da Literatura Portuguesa, ilustrada.

(...) As alunas se interessaram muito pela matéria e instaram para que eu torne ao assunto na próxima aula.[5]

As aulas alcançam os *poetas e prosadores portugueses e brasileiros do século XIX*, [6] demorando-se, como afirma o narrador *em Machado e em Eça*, *havendo chegado, na parte de poesia, aos parnasianos e simbolistas*.[7] Sendo instado, por razões regimentais, a apressar o final do curso, Abdias acaba por *dar pelo menos uma noção sumária dos modernistas de após-guerra e das tendências da prosa e da poesia contemporâneas*.[8]

Publicado de 1945, *Abdias* centra-se na trajetória do professor que, ensinando literatura, encanta-se com o tema e, particularmente, com uma das alu-

nas, figura que passa a ocupar a trama romanesca até seu final. O autor, Cyro dos Anjos, foi, ele mesmo, professor, tendo lecionado, entre 1940 e 1946, Literatura Portuguesa na Faculdade de Filosofia de Minas Gerais. Pode-se cogitar que, em *Abdias*, ele tenha registrado sua prática docente ou, ao menos, suas aspirações no exercício do magistério.

Contudo, o local onde a ação se passa – o Colégio das Ursulinas – pode ter sido criado a partir da experiência escolar de Cyro dos Anjos. Em suas memórias, ele relembra a seguinte cena:

Volto, agora, ao Colégio, para anotar que ali já me encontrava em fins de 1910, aos quatro anos, segundo a data que se lê numa fotografia coletiva, tirada com as freiras. Mesclam-se imagens, em célere desfile: o casarão com o mirante; o pátio de árvores imensas, a cuja sombra a gente brincava durante o recreio; Soeur Blanche, pálida e esguia; Soeur Blandine, rechonchuda e risonha; a superiora de ares sobranceiros; o teatro em que fiz papel de borboleta, com enormes asas, a voltear em torno duma barrica...[9]

Mais adiante, ele refere-se mais uma vez às freiras que compartilham os nomes das personagens colocadas em *Abdias*:

Já não me achava na salinha do Colégio, onde, apinhados em torno de Soeur Blandine, os meninos aprendiam a soletrar e contar, ao passo que a freira, com uma talisca, lhes ia removendo o *luto* das unhas. Também não contava a meu lado com a sábia Eli, tão versada nas coisas que os livros ensinavam. Sozinho na carteira, teria de me arranjar comigo mesmo e, naturalmente, sentia-me desamparado e aflito.[10]

Pode-se perceber que, se o espaço é o mesmo, e algumas personagens compartilham os nomes, a situação difere: Abdias sente-se bem na escola onde leciona, enquanto que o menino Cyro dos Anjos recorda cenas opressivas e sua solidão. O contraponto sugere que a ação de Abdias não é apenas imaginária; ela aponta para um modo de ensinar literatura, provavelmente o que o escritor considerava melhor ou mais adequado.

Contemporâneas às de Cyro dos Anjos são as experiências escolares de Rubem Braga (1913-1990), que as relata em suas crônicas. Em "O Colégio de Tia Gracinha", contudo, ele refere-se a uma época provavelmente anterior àquela retratada pelo romancista mineiro, pois as moças, na maioria "filhas de fazendeiro" que freqüentam o Grupo Escola Graça Guardia, de Cachoeiro de Itapemirim, *recebiam instrução geral, uma espécie de curso primário reforçado, o mais eram prendas domésticas. Trabalhos caseiros e graças especiais: bordados, jardinagem, francês, piano*...[11]

O cronista expõe mais detalhadamente o que significava a "instrução geral":

A carreira de toda moça era casar, e no colégio de Tia Gracinha elas apren-

diam boas maneiras. Levavam depois, para as casas de seus pais e seus maridos, uma porção de noções úteis de higiene e de trabalhos domésticos, e muitas finuras que lhes davam certa superioridade sobre os homens de seu tempo. Pequenas etiquetas que elas iam impondo suavemente, e transmitiam às filhas. Muitas centenas de lares ganharam, graças ao colégio de Tia Gracinha, a melhoria burguesa desses costumes mais finos.[12]

Braga considera que essa aprendizagem era útil, pois *o colégio de Tia Gracinha dava às moças de então a educação de que elas precisavam para viver sua vida*.[13] E conclui:

Não apenas o essencial, mas muito do que, sendo supérfluo e superior ao ambiente, era, por isso mesmo, de certo modo, funcional – pois a função do colégio era uma certa elevação espiritual do meio a que servia. Tia Gracinha era bem o que se podia chamar uma educadora.[14]

Não é desse tempo a formação de Braga, relatada em outra crônica, "A minha glória literária". Estudante do Colégio Pedro Palácios, de Cachoeiro de Itapemirim, Espírito Santo, sua terra natal, o menino Rubem é motivado pelo "professor de português"[15] a escrever uma composição com o tema "A lágrima". O narrador confessa: "Não tive dúvidas: peguei a pena e me pus a dizer coisas sublimes. Ganhei 10, e ainda por cima a composição foi publicada no jornalzinho do colégio."[16] O sucesso repete-se na semana seguinte, quando o futuro cronista escreve, sob o comando do professor, sobre a bandeira nacional:

Ganhei novamente 10, e o professor fez questão de ler, ele mesmo, a minha obrinha para a classe estupefata. Essa composição não foi publicada porque *O Itapemirim* deixara de sair, mas duas meninas - glória suave! - tiraram cópias, porque acharam uma beleza.[17]

Na terceira oportunidade, que equivaleria a uma prova glorificante, o estudante lança-se entusiasticamente à tarefa:

Foi logo depois das férias de junho que o professor passou nova composição: "Amanhecer na fazenda." Ora, eu tinha passado uns quinze dias na Boa Esperança, fazenda de meu tio Cristóvão, e estava muito bem informado sobre os amanheceres desta. Peguei da pena e fui contando com a maior facilidade. Passarinhos, galinhas, patos, uma negra jogando milho para as galinhas e os patos, um menino tirando leite da vaca, vaca mugindo... e no fim achei que ficava bonito, para fazer *pendant* com essa vaca mugindo (assim como "consoladora como a esperança" combinara com "ardente como o desejo"), um "burro zurrando". Depois fiz parágrafo, e repeti o mesmo zurro com um advérbio de modo, para fecho de ouro:

"Um burro zurrando escandalosamente."

Foi minha desgraça. O professor disse que daquela vez o senhor Braga o havia decepcionado, não tinha levado a sério seu dever e não merecia uma nota maior do que 5; e para mostrar como era ruim minha composição leu aquele final: "um burro zurrando escandalosamente".

Foi uma gargalhada geral dos alunos, uma gargalhada que era uma grande vaia cruel. Sorri amarelo. Minha glória literária fora por água abaixo.[18]

As lembranças de Rubem Braga não afetam diretamente a aprendizagem da leitura e da literatura. Tia Gracinha, na crônica que protagoniza, propicia uma formação geral, de que faz parte o conhecimento da arte – representada sobretudo pelo piano, na agenda da professora capixaba – enquanto complemento de uma concepção de mulher educada. Por sua vez, as aulas de redação preparam o futuro escritor, porque o ajudam a fazer várias descobertas:

> – de que se pode escrever para agradar a si mesmo, dando vazão a um pensamento íntimo ou a uma emoção interior, sem a expectativa da recompensa; mas, quando essa aparece, a satisfação é maior;
> – de que também se pode escrever apenas para agradar os outros, preenchendo suas expectativas; mas esse é um jogo perigoso, pois o público é volúvel, instável, surpreendente e, às vezes, até ingrato e incapaz de compreender a riqueza de um texto.

Observe-se que, assim como Cyro dos Anjos, Braga não advoga um modo de ensinar, seja o de escrever ou o de ler. Nem oferece alternativas à formação de futuros escritores, ironizando, e até desconstruindo por intermédio do humor, de um lado, o projeto literário que, em muitos casos, fundamenta o ensino de língua portuguesa, de outro, a pretensão de seus usuários – professores e alunos, a saber: o de que o manejo adequado da escrita é o caminho seguro a tomar, para que brote o talento literário e apareça o artista da palavra. Calcados na experiência trazida da infância, retomada essa pela memória e reformulada pela ficção, os dois escritores propõem lições de literatura, em que o fazer e o conhecer literário supõem uma tomada de consciência que ultrapassa os acontecimentos decorridos na sala de aula.

Nascida no começo da década de 20 do século XX, Clarice Lispector conheceu a escola dos anos 30, em Recife e, depois, no Rio de Janeiro. Também ela teve seu professor de redação, retratado no conto "Os desastres de Sofia", título que antecipa um posicionamento sobre a literatura, ao reproduzir a designação de uma novela juvenil da Condessa de Ségur, em que a protagonista é uma menina desajeitada e problemática.

A narrativa, publicada em 1964, na coletânea *A legião estrangeira*, conta os percalços vividos pela protagonista, que se comporta mal na sala de aula, constantemente desafiando seu professor. Aluna do curso primário, a personagem conta pouco mais de nove anos, enquanto o professor, seu antagonista, chega à docência provavelmente por falta de outra alternativa profissional, conforme comenta a narradora, recordando, já adulta, esse período:

Qualquer que tivesse sido o seu trabalho anterior, ele o abandonara, mudara de profissão, e passara pesadamente a ensinar no curso primário: era tudo o que sabíamos dele.[19]

A menina apresenta-se desde logo como aluna que não se conduz adequadamente na classe, nem estuda como deveria, de um lado, por desenvolver outras atividades – a leitura de histórias de ficção, de outro, por ter outros problemas em mente:

Estudar eu não estudava, confiava na minha vadiação sempre bem sucedida e que também ela o professor tomava como mais uma provocação da menina odiosa. Nisso ele não tinha razão. A verdade é que não me sobrava tempo para estudar. As alegrias me ocupavam, ficar atenta me tomava dias e dias; havia os livros de história que eu lia roendo de paixão as unhas até o sabugo, nos meus primeiros êxtases de tristeza, refinamento que eu já descobrira; havia meninos que eu escolhera e que não me haviam escolhido, eu perdia horas de sofrimento porque eles eram inatingíveis (...).[20]

É a essa menina rebelde e à sua turma que o desajeitado professor passa a tarefa de escrever uma composição a partir de uma história narrada em aula. A aluna, com pressa de concluir o trabalho, porque a hora do recreio se aproxima, e nutrida também pelo *desejo de ser a primeira a atravessar a sala*,[21] entrega logo o caderno de atividades. Mesmo contrariada por força do antagonismo com que se medem suas relações com o mestre, ela produz um texto em que aparece o resultado de suas reflexões:

A história que eu transcrevera em minhas próprias palavras era igual à que ele contara. Só que naquela época eu estava começando a "tirar a moral das histórias", o que, se me santificava, mais tarde ameaçaria sufocar-me em rigidez. Com alguma faceirice, pois, havia acrescentado as frases finais. Frases que horas depois eu lia e relia para ver o que nelas haveria de tão poderoso a ponto de enfim ter provocado o homem de um modo como eu própria não conseguira até então. Provavelmente o que o professor quisera deixar implícito na sua história triste é que o trabalho árduo era o único modo de se chegar a ter fortuna. Mas levianamente eu concluíra pela moral oposta: alguma coisa sobre o tesouro que se disfarça, que está onde menos se espera, que é só descobrir,

acho que falei em sujos quintais com tesouros. Já não me lembro, não sei se foi exatamente isso. Não consigo imaginar com que palavras de criança teria eu exposto um sentimento simples mas que se torna pensamento complicado. Suponho que, arbitrariamente contrariando o sentido real da história, eu de algum modo já me prometia por escrito que o ócio, mais que o trabalho, me daria as grandes recompensas gratuitas, as únicas a que eu aspirava. É possível também que já então meu tema de vida fosse a irrazoável esperança, e que eu já tivesse iniciado a minha grande obstinação: eu daria tudo o que era meu por nada, mas queria que tudo me fosse dado por nada. Ao contrário do trabalhador da história, na composição eu sacudia dos ombros todos os deveres e dela saía livre e pobre, e com um tesouro na mão.[22]

A reação do professor à história da aluna surpreende-a tanto, quanto a composição causa admiração em seu primeiro leitor, o odiado e ao mesmo tempo amado mestre. Tendo apreciado o texto da menina, ele comunica o fato à autora, não na presença de todos, como procedera o professor do pequeno Rubem Braga, mas apenas para a aluna, quando essa retorna à sala. A reação inesperada coloca a estudante frente a si mesma, descobrindo não apenas suas potencialidades enquanto verbalizadora de narrativas, mas – e principalmente – as potencialidades da linguagem, que ela entende como forma de amor:

...E foi assim que no grande parque do colégio lentamente comecei a aprender a ser amada, suportando o sacrifício de não merecer, apenas para suavizar a dor de quem não ama. Não, esse foi somente um dos motivos. É que os outros fazem outras histórias. Em algumas foi de meu coração que outras garras cheias de duro amor arrancaram a flecha farpada, e sem nojo de meu grito.[23]

Em "As grandes punições", crônica de 4 de novembro de 1967, Clarice Lispector relembra seus anos de escola, confessando que, desde o Jardim de Infância, pertencia ao grupo dos "impossíveis da turma".[24] Como Cyro dos Anjos e Rubem Braga, a autora reelabora sua experiência escolar, após transfigurá-la pela memória, pela ficção e pela elaboração lingüística. O saldo é um texto sobre o poder da escrita e da linguagem, mesmo quando acionados em situações corriqueiras de aprendizagem, como a tarefa de redigir uma composição a partir de uma sugestão, nem sempre inspirada, do professor, como mostram os temas recordados pelo cronista capixaba.

O que está em jogo nesses três exemplos sugeridos por escritores brasileiros do século XX é o papel que a literatura e a escrita exercem na formação de seus usuários. Pode-se verificar que elas são eminentemente transfiguradoras, considerando pelo menos duas situações preliminares:

a) a literatura, ao traduzir em texto a experiência, faz com que essa perca seu teor de banalidade e rotina, mesmo quando representa a repetição do cotidiano; uma lição de literatura transportada para um texto literário pode tornar-se muito mais interessante que a aula em que ela é ensinada;

b) o mesmo vale para uma classe em que o professor leciona redação: quer na versão de Rubem Braga, em que predomina o humor, quer na versão de Clarice Lispector, em que predomina o patético e o catártico, verifica-se a dessacralização do processo de ensino e a ruptura das expectativas, instaurando o novo e o desafiador.

Os exemplos não almejam mostrar que a literatura dá aulas sobre seu próprio ensino, embora, de algum modo, ela expressa sua "utopia" de leitura – vale dizer, o melhor modo como pode ser compreendida e difundida, sendo a docência em sala de aula uma dessas possibilidades. Contudo, pode-se pensar que a melhor metodologia de ensino da literatura é a que acompanha as sugestões emanadas dos textos que a retratam. Nesse caso, aprende-se o risco do bordado pelo avesso, já que os modos de representação polemizam o bom comportamento e, seguidamente, advogam a transgressão.

Eis a via preferencial do formador de leitura, pois, se essa é transgressiva, ela se faz pelo trajeto que elege a violação da norma e a construção de novo mundo imaginário. Cada um à sua maneira, eis o que realizam Cyro dos Anjos, Rubem Braga e Clarice Lispector, que, se se tornaram grandes escritores, é também porque levaram a sério as lições aprendidas.

NOTAS

[1] ANJOS, Cyro dos. *Abdias* . 4. ed. Porto Alegre: Globo, 1965. p. 3.

[2] Id. p. 3-4.

[3] Id. p. 9.

[4] Id. p. 9-10.

[5] Id. p. 33.

[6] Id. p. 54.

[7] Id. p. 61.

[8] Id. ibid.

[9] ANJOS , Cyro dos. *A menina do sobrado* . 2. ed. Rio de Janeiro: José Olympio; Brasília: Instituto Nacional do Livro, 1979. p. 36.

[10] Id. p. p. 48 – 49.

[11] BRAGA, Rubem. O colégio de Tia Gracinha. In: __. *Casa dos Braga*. Memórias de infância. Rio de Janeiro: Record, 1997. p. 77.
[12] Id. p. 77-78.
[13] Id. p. 78.
[14] Id. ibid.
[15] BRAGA, Rubem. A minha glória literária. In: __. *Casa dos Braga*. Memórias de infância. Rio de Janeiro: Record, 1997. p. 69.
[16]. p. 69.
[17] Id. ibid.
[18] Id. p. 78.
[19] LISPECTOR, Clarice. Os desastres de Sofia. In: __. *A legião estrangeira*. Rio de Janeiro: Editora do Autor, 1964. p. 9.
[20] Id. p. 13.
[21] Id. p. 16.
[22] Id. p. 16-17.
[23] Id. p. p. 29.
[24] LISPECTOR, Clarice. *A descoberta do mundo*. Rio de Janeiro: Rocco, 1999. p. 40.

Regina Zilberman é Doutora em Romanística pela Universitat Heidelberg (Ruprecht-Karls), professora colaboradora do Instituto de Letras, da UFRGS, e professora-pesquisadora na Faculdade Porto-Alegrense de Educação, Ciências e Letras. Foi professora titular da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, autora de inúmeros livros e ensaios na área de leitura e literatura, e pesquisadora do CNPq.

Paixão não se explica: quem experimenta sabe

Sueli de Oliveira Rocha

Esse homem, ou mulher, está grávido de muita gente. Gente que sai por seus poros. Assim mostram, em figuras de barro, os índios do Novo México: o narrador, o que conta a memória coletiva, está todo brotado de pessoinhas.
GALEANO, E. A paixão de dizer/2. In:
O livro dos abraços. L&PM, 1995.

Esta história começa bem antes, escrita por muitas mãos. E como na memória vive o sagrado, o relógio deve voltar seus ponteiros, para que todos conheçam as vésperas e o dia seguinte. Que não se percam em cortes abruptos os fios da narrativa.

Horário de almoço: meu pai chegava trazendo o jornal. Almoçávamos – eu, meus pais e meus irmãos – conversando sobre o nosso dia. Depois, enquanto minha mãe se deslindava da louça na pia, meu pai descansava um pouco, lendo o jornal, sempre consultando o horário no relógio da parede. Quando chegava a hora, ele saía, de volta ao trabalho. Então minha mãe, já com a cozinha em ordem, pegava o jornal e lia, para ela e para nós. Nem tudo entendíamos, pedíamos a ela que nos deixasse olhar as letras e as fotos, que nos contasse mais sobre o que tinha lido. E assim, com essa leitura caseira e diária, comecei a decifrar as primeiras palavras, percorrendo as manchetes dos jornais. À noite e nos finais de semana, meu pai armava palavras cruzadas para algumas revistas especializadas nesse jogo. Consulta-

va dicionários com títulos estranhos, que nos chamavam a atenção: monossilábico inverso, dissilábico inverso, de adjuntos etc. Assim que aprendi a ler, comecei a gostar de procurar palavras em dicionários, que eram os livros que mais havia em nossa casa.

Minha mãe queria que crescêssemos católicos. Por isso, às seis da tarde, ela ligava o rádio para ouvirmos a "Hora do Angelus", com ensinamentos cristãos e histórias da Bíblia. Era uma programação para agradar a toda a família, por isso as crianças não eram esquecidas: na grade da emissora, depois da oração começava um programa com a narração de contos de fadas. Alguns mais longos eram contados em capítulos, como acontece hoje com as novelas. Para ouvir a continuação deles, no dia seguinte tínhamos que ouvir primeiro a "Ave Maria". Essas histórias puxavam outras contadas por minha mãe. E assim, os contos de fadas vieram pela voz de minha mãe e do rádio.

Um dia, "A menina do narizinho arrebitado", livro grande, de capa dura, me apresentou as personagens de Monteiro Lobato e os encantos do sítio do pica-pau amarelo. O príncipe Escamado e o Reino das Águas Claras povoaram minha imaginação. Daí a gostar dos contos populares e lendas foi um piscar de olhos: Iara, Saci, Curupira, Lobisomem, o Homem do Saco, a origem das estrelas, da vitória-régia e tantas mais, que se misturavam aos contos de fadas.

O gosto pelas histórias em quadrinhos veio depois. Primeiro foi um gostar de coisas proibidas. Lembro dos gibis lidos às escondidas, nos momentos em que fingia estudar, o caderno encobrindo a revista em quadrinhos. As lições da escola pareciam terrivelmente maçantes comparadas às aventuras vividas por heróis como Fantasma, Zorro e Mandrake, que pulavam dos quadrinhos convidando para um mundo vibrante de ação e emoções. Com eles vivi histórias incríveis. De forma simples e natural, sem que eu me desse conta, esses heróis da ficção me iniciaram na compreensão de alguns dos mistérios da vida real.

Das revistas em quadrinhos, passei aos romances água-com-açúcar, nos quais as heroínas, apesar dos tropeços e desventuras, no final eram felizes para sempre nos braços de seus amados. Essas histórias aguçavam minha curiosidade na infância. Já adolescente, estudei no então Instituto de Educação "Canadá", em Santos, escola com uma biblioteca maravilhosa, que ficava à disposição dos alunos quando algum professor faltava. Hoje penso no crime que representou para a minha turma o fato de não termos tido a graça de um professor que dinamizasse o acervo daquela biblioteca enorme, com suas altas e compridas paredes forradas de livros. Penso nos livros que não tive curiosi-

dade de ler, embora tenham estado ao meu alcance. Que histórias emocionantes não deveriam eles guardar, certamente à espera de um leitor ávido que os desbravasse como quem, facão em punho, corta galhos e cipós, abrindo caminhos floresta adentro! Naquela época, na ausência de um professor, tínhamos duas opções: a quadra de esportes ou a biblioteca. Tímida por natureza, magra e desajeitada, preferia o refúgio dos livros à exposição das minhas escassas qualidades esportivas. Assim, aproveitando as aulas vagas, eu e alguns colegas tão inaptos para o esporte quanto eu, corríamos à biblioteca e adentrávamonos, por conta própria, nos mistérios da literatura. Essa biblioteca com seus tesouros disponíveis para leitores voluntários e essa leitura sem cobranças foram decisivas na minha formação. Dos livros da biblioteca escolar aos que os amigos conseguiam em suas casas, líamos de tudo, numa viagem desordenada, sem qualquer roteiro ou orientação didática, guiados apenas pelo boca-a-boca: um indicava um livro de que tinha gostado muito, outro comentava sobre um autor, mais outro recitava um poema que tinha memorizado porque era lindo demais, e outro ainda falava de um livro que era preciso ler escondido. Assim, pulávamos de Dostoievski a Aluísio de Azevedo, de Lamartine e Vigny a Vinicius e Drummond, de Brecht a Gil Vicente, de Jorge Amado a Eça de Queiroz. Enquanto grande parte da classe brilhava nas quadras esportivas, nós navegávamos soltos por mares ora serenos ora revoltos, construindo sem saber um repertório de leitura que nascia livre, sem amarras. Aos poucos, no meio do caldeirão literário no qual mergulhávamos sem medo, íamos conhecendo autores, buscando mais uns do que outros, construindo e consolidando preferências.

Eu lia como quem olha pelo buraco da fechadura de porta alheia, procurando descobrir segredos inconfessáveis nas histórias das personagens, tentando antecipar suas ações. Num jogo de "quem procura acha", vivia procurando adivinhar as soluções que dariam aos problemas que o autor tinha arrumado para suas vidas fictícias. Foi assim com as personagens da trilogia *O tempo e o vento, de Érico Veríssimo: Ana Terra, Bibiana, o capitão Rodrigo e Maria Valéria me fascinavam.* Lembro que a história inteira estava em livros grossos, que passavam antes por minha tia, meu pai e minha mãe, para depois chegarem a mim. Eu era a quarta da fila. Como eu devorava as páginas, às vezes ficava por semanas inteiras, à espera de que eles terminassem de ler e me liberassem um volume. Lembro bem que quando percebi que a história estava chegando ao final, comecei a ler mais devagar, me despedindo dos personagens, já com muita saudade de cada um. Sabe aquele filme que a gente não quer que termine de tão bom que é? Pois foi assim. Então, comecei a reler

alguns trechos, lendo mais lentamente, saboreando cada página, aprendendo aqui uma construção nova, ali um jeito diferente de encarar a vida. Sabor e saber, a combinação perfeita. Definitivamente conquistada, fiquei com uma vontade louca de ler mais e mais. Dessa maneira percebi em mim, ainda adolescente, uma incurável paixão pela leitura e pela literatura. E paixão não se explica, não é mesmo? Quem experimenta sabe.

Atraída pela palavra, fiz Letras. Hoje sei que, se tivesse que recomeçar, faria o mesmo curso. De alguma forma, esse curso deu certa arrumação ao caos da minha incipiente formação literária desordenada. Assim, preenchi lacunas que me fizeram compreender questões como a importância da contextualização histórica, a especificidade do texto literário, as possibilidades de transgressão nas relações entre o sujeito e o mundo, os diferentes modos de apreensão e interpretação do real. Vem daí o gosto por Guimarães Rosa. As especializações que se seguiram me trouxeram a preocupação com as questões da leitura e com a formação de leitores. Não atinava como ou por que alguém poderia não gostar de ler. Leitora compulsiva, desde a época da Faculdade de Letras sou responsável por minha casa nunca parecer arrumada: livros, jornais e revistas espalham-se para além de estantes e mesas, à espera de um leitor curioso e atencioso.

Essa paixão entrou em sala de aula e cativou alunos, fazendo-os ver na biblioteca um lugar onde dormem histórias que entrelaçam ações e sentimentos como o amor, o ódio, a coragem, a tristeza, a covardia, o sonho. Aprendemos juntos a enxergar, na literatura, histórias de vida que nos davam referências para compreender melhor a própria vida.

Em 1994, recebi um irresistível convite para coordenar, junto com a professora Maria da Graça Negrão Villas Boas, projetos de leitura na Secretaria Municipal de Educação de Santos. Naquela ocasião, criamos o projeto "Ler para ser", por meio do qual, segundo um calendário que cobria todas as escolas da rede municipal de ensino, a cada noite íamos a uma classe e, nas duas primeiras aulas do período, realizávamos oficinas com os alunos, com o objetivo de incentivar o gosto pela leitura. Queríamos levar a eles a nossa paixão pela literatura. Ao final de cada encontro, as oficinas eram avaliadas pelos alunos como excelentes. Deveríamos vibrar com isso, mas duas coisas nos incomodavam profundamente. A primeira era que, embora convidados, muitos professores regentes das turmas não assistiam às oficinas e, assim, não acompanhavam a vibração, a alegria dos alunos com aquela aula diferente; pelo contrário, aproveitavam a nossa presença "tomando conta" da classe para, na sala dos professores, corrigir provas ou descansar. A segunda era que esses

encontros eram muito pontuais. A cada noite levávamos as oficinas a uma turma diferente. Não havia, portanto, como consolidar nos alunos o gosto que havíamos despertado. Isso só ocorreria se reformulássemos o projeto, levando as oficinas a um número menor de turmas, porém mais vezes em cada uma delas. Era o que pensávamos fazer no ano seguinte.

O ano de 1995, entretanto, começou com greve dos professores. Tudo parado, projetos adiados para quando a situação se normalizasse. Em meio a uma avalanche de problemas, um telefonema: a Petrobras, por intermédio da Assessoria de Comunicação (Ascom) da Refinaria Presidente Bernardes – Cubatão (RPBC), convidava a Secretaria Municipal de Educação de Santos para participar de um projeto que envolveria alunos e professores, visando promover o gosto pela leitura. Explicamos a situação: estávamos enfrentando uma greve, precisávamos de um prazo, tínhamos que esperar a volta à normalidade, pois não tínhamos como consultar as escolas naquele momento. A greve, entretanto, prolongou-se para além do prazo concedido. Em novo telefonema, ouvimos o espanto da Petrobras: – *Como vocês podem não querer um projeto de leitura que é totalmente gratuito?* Apressamo-nos a dizer que sim, que era evidente que queríamos, que a nossa indecisão não estava ligada ao fato de querer ou não, mas ao de, diante da situação de greve de professores, não podermos indicar ainda que escolas participariam.

Com a nossa aceitação, começaram a chegar os primeiros documentos do projeto. A Maria Helena Ribeiro, coordenadora dele, veio a Santos falar sobre a importância da sensibilização para a leitura, em que consistia o projeto e como funcionava um núcleo de leitura. Logo percebemos que o "projeto da Petrobras" possuía amplas vantagens sobre o "Ler para ser": uma biblioteca volante visitando escolas com um acervo de 15 mil livros, colocando à disposição de alunos, professores e funcionários quase quatro mil títulos diferentes, retornando daí a aproximadamente um mês para recolher os livros emprestados e fazer novos empréstimos – e mais, promovendo leitura entre professores – contemplava sobejamente o "Ler para ser". Para mim – que sentia a necessidade não apenas de uma ação mais freqüente com os alunos para que eles sentissem prazer em ler mas também de uma ação diferenciada com os professores, para despertar ou resgatar neles o gosto pela leitura – o que nos era oferecido ia além do sonho, "juntava a minha fome com a vontade de comer". Tive o privilégio de ser indicada para coordenar "o projeto da Petrobras" na Secretaria Municipal de Educação de Santos. E foi dessa forma que o Leia Brasil – Programa de Leitura da Petrobras entrou definitivamente na minha vida.

Com o Leia Brasil, 1995 e 1996 representaram um marco em minha vida de leitora. No mini-conto "A uva e o vinho" (*O livro dos abraços*. L&PM, 1995), Eduardo Galeano nos dá a saber que "*talvez a gente seja as palavras que contam o que a gente é*". Não posso, por isso, deixar de *recordar*, que é *passar novamente pelo coração,* alguns dos acontecimentos daqueles dois anos, embora sem a vivacidade das cores e emoções dos momentos vividos.

Terminada a greve dos professores, consultamos as escolas, pois queríamos delas uma participação voluntária. Fizemos, com os professores, uma reunião de sensibilização para a leitura, explicando também a dinâmica do Leia Brasil: as funções do "gerente" (designação do coordenador do Leia Brasil em cada escola); a organização do dia da visita do caminhão-biblioteca de forma que aquele dia se transformasse numa festa da leitura; a circulação, entre uma visita e outra, dos livros emprestados pelo Leia Brasil; os núcleos de leitura. Feita essa preparação, dentre as escolas que se candidataram a receber o Programa escolhemos cinco, pois essa era a cota que recebêramos da Petrobras. Entre os critérios que orientaram nossa escolha, constavam: a ausência de biblioteca escolar, a dificuldade de acesso a livros e a presença de educadores que aderiram à proposta do Leia Brasil quanto à formação de professores leitores.

Aprontamo-nos para receber a primeira visita da biblioteca volante em uma escola da zona noroeste de Santos, região carente de recursos, onde com certeza, a presença de um caminhão-baú cheinho de livros atrairia toda a comunidade. As crianças se prepararam com laços, bolas, fitas, músicas, danças e faixas de boas-vindas. Veio a imprensa, a Petrobras, a Secretária de Educação. A expectativa era enorme. Eu sonhava o sonho da leitura dos livros que eu não havia lido, dos autores que eu não conhecia.

De repente, contornando a esquina da escola, vi apontar um caminhãozinho que não condizia com o tamanho dos meus sonhos de adulto. Esperava um caminhão grande, do tamanho dos que circulam fazendo transporte de mudanças. Engoli a decepção para que as crianças nada percebessem. E, para elas, a novidade era tamanha que nada estragaria o dia. Após a festa da recepção à biblioteca volante, em alegre algazarra começaram a visitá-la. A felicidade delas em poder subir ao caminhão, mexer nos livros, escolher, folhear, ler, trocar, enfim decidir o que levar, deu à biblioteca volante um clima de magia que me fez esquecer o quanto ela era pequena, diferente do que havia imaginado. E em cada escola por onde o caminhão passava o mesmo ar de encantamento o envolvia.

Ainda assim, a Secretaria de Educação reclamou um caminhão maior. E, para a alegria de todos, já na segunda rodada de visitas, ele veio, imponente e

lindo. Com suas laterais coloridas reproduzindo crianças lendo, chamava a atenção por onde passava. Por falta de estacionamento interno, em algumas unidades ele estacionava junto às calçadas à frente das escolas. Quem passava pedia para entrar nele e, como os alunos, encantava-se com as estantes amarelas tão bem instaladas no interior do veículo, com a maneira como os livros estavam expostos, com as capas voltadas ao olhar do leitor atraindo-o como se houvesse ali uma voz mágica murmurando-lhe ao ouvido: *Abra-me e leia-me!*

A cada visita, a biblioteca volante trazia uma novidade: eram contadores de histórias, exposições itinerantes, como a do Museu do Índio, vídeos sobre saúde, cidadania, trânsito, regiões do Brasil etc. que atraíam a atenção para a leitura de diferentes linguagens.

Minha vida mudou: eu vivia no caminhão. Era a "*Sueli do caminhão*" ou a "*Sueli do Leia*", como sou chamada até hoje. Vasculhava as estantes, .indicava, aceitava indicações, lia e relia cada livro. Eduardo Galeano, Ângela Lago, Bartolomeu Campos Queirós, Roseana Murray, Ricardo Azevedo e as coleções "Quem tem medo" e "Bruxa Onilda", por exemplo, são dessa época.

No intervalo entre uma visita e outra, os livros circulavam entre os alunos, um cedendo ao outro o livro que havia retirado do Leia Brasil por empréstimo. Para exemplificar o resultado dessa ação, lembro que uma classe da EMPG "Docas de Santos", tendo recebido cinco livros, foi capaz de transformá-los em 170, tal a circulação deles entre os alunos. A leitura efetuada prolongava-se nas produções em torno das histórias lidas, como a reapresentação delas em outras linguagens (desenho, dramatizações, músicas, danças). Eram atividades que visavam sensibilizar, despertar ou resgatar o gosto para a leitura, por isso, tanto a leitura propriamente dita como as atividades em torno dela não eram cobradas dos alunos, na havia "trabalhos para nota", envolvendo leitura.

Não foi fácil chegar ao estágio de não cobrança em relação à leitura e ele não aconteceu por acaso. Para sua concretização, o Leia Brasil contava com uma prática renovada de leitura que se apresentava em três frentes de atuação. A primeira delas era a realização de encontros com especialistas em leitura, para o desenvolvimento da temática "Viagens e utopias": Eliana Yunes, Maria de Lourdes Soares, Vera Souza Lima trouxeram seu amor à literatura para o universo de professores das mais diferentes áreas do currículo escolar; a segunda era a implantação dos Núcleos Permanentes de Leitura, nos quais pontificava a leitura prazerosa, sensibilizando o coração dos mais resistentes. Nos encontros dos núcleos eram lidos, por exemplo, poemas e contos, acompanhados de música e de outras manifestações artísticas, que trabalhavam com a emoção, resgatando no professor o gosto pela leitura, valorizando-a e, assim,

criando um ambiente propício à sua promoção também entre os alunos. Ah, quantos textos belíssimos os professores escreveram, incentivados pelo clima criado nos Núcleos! Como esses encontros mudaram as práticas escolares em relação à leitura... E não bastassem os Núcleos, o Leia Brasil oferecia aos professores outro suporte fortíssimo para a renovação de suas práticas leitoras: o curso para a formação de contadores de histórias.

Participando como aluna e coordenadora do grupo, acompanhei bem de perto esse curso, por meio do qual pudemos conhecer um pouco da memória do mundo. Lúcia Fidalgo, do grupo de contadores de histórias Morandubetá, como uma fada de tipo bem brasileiro (quem disse que as fadas têm que ser loiras de olhos azuis?) transportava a nossa imaginação para outros tempos e outros espaços. Falava da importância de contar histórias, do conhecimento de si, do outro e do mundo. Ao mesmo tempo em que nos fazia buscar a memória afetiva, ativava-nos a imaginação. Mostrava-nos os tesouros que havia no acervo da biblioteca volante e dizia-nos da importância de termos um bom repertório de leitura, se queríamos contar histórias, com isso, incentivando a leitura e a pesquisa. Com ela rimos e choramos muitas vezes. Travessa como uma criança em férias à beira-mar, contava contos populares como "O macaco e a velha". Serena como a lua, com voz mágica nos seduzia com histórias românticas. Bastou contar uma vez "Onde os oceanos se encontram", para que a relação afetiva dos ouvintes com os contos de Marina Colasanti se estabelecesse para sempre. A partir dali, participantes atentos passaram a ser pesquisadores e leitores. Os livros de Marina não paravam no caminhão. Todos queriam achar, dentre as incontáveis da autora, a "sua" história, aquela com a qual cada um mais se identificava. Mas Lucinha Fidalgo, se bem que carinhosa, não passava a mão na cabeça de ninguém. Para concluir o curso de contador de histórias, era necessário ao participante estudar a "sua" história com o coração, trabalhar a imagem, a voz, o olhar e ... passar por uma prova de fogo: contar a história escolhida para um público que não mente, que não esconde suas reações, que logo diz se gostou ou não do que ouviu – as crianças. Assim, fomos a algumas escolas, onde contamos histórias, supervisionados pela nossa querida mestra. Os alunos nos aplaudiam a cada apresentação. Vimos que também ao adulto é possível ultrapassar os limites da razão e ingressar numa viagem de muita emoção e lembranças, quando nos entregamos ao prazer de uma boa história. Em nossa "prova", vimos como a magia do contador de histórias envolvia igualmente a adultos, jovens e crianças. Ninguém resistia a uma boa história, escolhida com o coração. "*Por isso*, nos alertava Lucinha Fidalgo, *o contador deve ser um pesquisador e um grande leitor, não só de livros, mas do mundo*". Em

seu primeiro ano na Secretaria Municipal de Educação de Santos, o Leia Brasil formou seis grupos de contadores de histórias, que passaram a receber convites para se apresentar em escolas e feiras de livros. E quando um contador se apresentava, narrando uma história contida num dos livros da biblioteca volante do Leia Brasil, ah, o livro sumia em três tempos, disputadíssimo entre os alunos. Assim, víamos, na prática, o quanto o ato de contar histórias estimulava a leitura.

Com custo praticamente zero para a Secretaria Municipal de Educação, com o Leia Brasil foi feito um enorme investimento na formação de professores leitores, capazes de estimular e promover a leitura entre os 3850 alunos favorecidos com essa iniciativa.

No ano seguinte, 1996, a Baixada Santista teve sua participação ampliada no Programa. Com duas bibliotecas volantes rodando pela região, puderam ser beneficiados alunos de escolas municipais e estaduais de Santos, São Vicente, Cubatão, Guarujá e Praia Grande. Na Secretaria Municipal de Educação de Santos, a cota de participação aumentou e pudemos agregar ao Leia Brasil mais três escolas municipais. Essa ampliação permitiu que os livros da biblioteca volante ficassem disponíveis para 6300 alunos de escolas municipais de Santos. A essa altura, eu contava, na coordenação do Programa, com a ajuda da professora Lúcia Helena Santos Silva. Acompanhávamos diariamente a rotina do caminhão: chegávamos antes dele à escola visitada e só íamos embora depois que ele também fosse. Colaborávamos com a organização do "dia diferente", de forma a transformá-lo numa real festa da leitura e ... contávamos histórias, de preferência a daqueles livros que possuíam uma bela história, mas cuja capa não atraía a atenção dos alunos. Para isso, ora íamos de classe em classe, ora ficávamos dentro da biblioteca volante, ora na biblioteca escolar, ou ainda, nos cantinhos especialmente organizados para esse fim, com o chão forrado de almofadas e tapetes onde os alunos se acomodavam confortavelmente. Contávamos e, depois, mostrávamos o livro, falávamos sobre quem o tinha escrito e dizíamos o nome da editora que o tinha publicado. Depois disso, eles iam escolher os livros no caminhão. Invariavelmente todos queriam os livros onde estavam guardadas as histórias que haviam ouvido.

A calorosa acolhida à biblioteca volante e o entusiasmo para com a proposta de formação de alunos e professores leitores fizeram de Santos uma referência quanto ao incentivo à leitura, na região. Em depoimento ao Diário Oficial, naquele ano um aluno declarou: "*O legal do caminhão é que aqui tem muitos livros pra gente escolher. Acho que depois que comecei a ler mais, melhorei bastante na aula de Língua Portuguesa*" (Programa 'Leia Brasil' recomeça atendendo novas esco-

las. Diário Oficial Urgente. 09 abril 1996, p.3). O sucesso do Leia Brasil transformou-se num mini-documentário, exibido nos intervalos do programa dominical "Fantástico", exibido pela TV Globo. E também nesse ano, a Prefeitura de Santos concedeu à Petrobras o prêmio Florestan Fernandes, em reconhecimento ao apoio que, com o Leia Brasil, a empresa prestava à área educacional da região. Por sua atuação nesse Programa, a EMPG "Docas de Santos" ganhou o mesmo prêmio. O jornal "A Tribuna", naquela ocasião, assim noticiava os ganhos dessa escola, na prática de uma nova relação com o livro e a leitura, propiciada pelo Programa:

"*Estudantes que não demonstravam qualquer interesse pela leitura hoje são freqüentadores assíduos da biblioteca; classes antes irrequietas e rebeldes vêm canalizando suas energias para atividades criativas, elaborando textos para serem encenados, participando das sessões de leitura de poesias, produzindo suas próprias versões de livros lidos em classe. Algumas dessas crianças, que até há pouco tempo não conseguiam sequer se expressar em aula, agora falam com desenvoltura, mantendo uma linha lógica de raciocínio, para a surpresa de seus colegas. Pode-se chamar isso de milagre, mas, neste caso, é melhor falar de resultado de um trabalho sistemático, persistente e criativo. (...)*" (Leia Brasil: Escola Docas de Santos recebe prêmio por atuação no programa. *A Tribuna*, 28 outubro 2006. Caderno A, p.6.)

Hoje, observando aqueles fatos sob a ótica do tempo decorrido, posso dizer que um dos fatores que contribuíram para o sucesso em Santos foi a forma como o município se planejou para o desenvolvimento do Leia Brasil: inscrição voluntária das escolas; realização de reuniões, à época do planejamento, com todos os integrantes das unidades inscritas; reunião com os gerentes, para explicar o funcionamento do Programa; liberação do ponto dos gerentes, para que pudessem acompanhar a visita do caminhão à escola e freqüentar as reuniões com os especialistas; pagamento, a esses gerentes, de horas adicionais à carga horária de trabalho para a preparação e a realização dos Núcleos de Leitura; colocação de professores substitutos para dar essas aulas dos gerentes no dia do caminhão e no das reuniões mensais, de modo que os alunos não fossem prejudicados; e o apoio das bibliotecárias da Secretaria de Educação nas iniciativas de promoção da leitura. Esse planejamento vinha na esteira de uma gestão político-administrativa que compreendia a importância da leitura para o pleno exercício da cidadania. Tínhamos um prefeito que constantemente freqüentava a biblioteca volante, que conversava sobre o valor da literatura, que comentava os livros, que era leitor e demonstrava isso a alunos e professores.

Também em outras regiões, o Leia Brasil se desenvolvia e era reconhecido por sua contribuição para a formação de leitores. A demanda pela ampliação do

número de escolas atendidas trouxe uma mudança em minha vida. Assim, em 1997, tive a honra de ser convidada por Jason Prado, diretor Argus, que idealizara e executava o Programa, para ser coordenadora do Leia Brasil no Estado de São Paulo. Passei da coordenação de um município, uma biblioteca volante e oito escolas para a de 19 municípios, cinco bibliotecas volantes e 139 escolas, entre unidades municipais e estaduais nas cidades de São José dos Campos, Guararema, Mogi das Cruzes, Suzano, Guarulhos, Arujá, São Sebastião, Campinas, Cosmópolis, Arthur Nogueira, Hortolândia, São Paulo, São Caetano do Sul, Mauá, Santos, Cubatão, São Vicente, Praia Grande e Guarujá. Eram 23 coordenadores locais, 263 gerentes, quase 150 mil alunos e cinco mil professores.

Eu viajava de ônibus, carro e trem, hospedava-me em hotéis ou ia e voltava no mesmo dia, com sol ou chuva, frio ou calor. Essa era a minha rotina em uma quinzena de cada mês. Era muito bom ir, mas voltar era sempre melhor, ´pois eu trazia comigo um novo texto, uma nova estratégia de leitura, um novo aprendizado. Quando à noite, de volta a Santos, na descida da serra ao avistar as luzes da praia, muitas vezes me pegava cantando baixinho: "*Estou de volta pro me aconchego, trazendo na mala bastante saudade...*", que eu substituía por "novidade". Os fatos pitorescos e os atropelos dessas viagens dariam uma boa história. Além disso, nessas viagens vi de perto o esforço de professores maravilhosos, que passavam por cima de precárias condições de trabalho e reinventavam a prática pedagógica, moldando-a à formação de alunos leitores. Conheci pessoas incríveis – de auxiliares de limpeza a diretores de escola, coordenadores locais e pais – que, sem perder a sensibilidade, empenhavam-se em criar condições para o desenvolvimento do Programa. Presenciei, em todos os municípios, a mesma acolhida festiva à biblioteca volante do Leia Brasil: o caminhão, grande, bonito e bem cuidado, e além disso, cheio de livros, despertava a curiosidade e o entusiasmo de alunos e professores. Também nesses municípios o dia da visita da biblioteca volante era uma festa: faziam-se dramatizações, alunos e professores contadores de histórias apresentavam-se nas classes; organizavam-se espaços para rodas de leitura, manifestações artísticas de diferentes naturezas e produção de livros, feitos conjuntamente por autores e ilustradores mirins. Os alunos, desde a Educação Infantil, entravam no caminhão escolhendo livros por gênero e por autor, já expressando suas preferências, de forma cada vez mais consciente.

As nossas reuniões mensais com os gerentes possibilitavam uma dinâmica diversificada. Assim, num mês, eram convidados especialistas que tratavam da temática do Leia Brasil para o ano, trazendo textos e livros que favoreciam a ampliação de nosso olhar de leitores. No mês seguinte, o coordenador local

(ou uma escola ou um grupo de escolas ou eu) apresentava uma prática leitora realizada nos núcleos de leitura, revelando o quão ricos e importantes eram esses encontros nas unidades. Os núcleos constituíam-se em momentos de sensibilização para a leitura, de valorização pessoal e profissional; propiciavam maior entrosamento entre os professores e sensível mudança na prática pedagógica da leitura. A descoberta da possibilidade de uma relação prazerosa com o livro, a ampliação dos repertórios de leitura e os relatos entusiasmados de uns sobre os resultados obtidos contagiavam outros, assim fortalecendo todos. Além disso, nesses encontros mensais, trocávamos experiências a respeito da biblioteca volante (as conquistas, as dificuldades, como melhorar), um buscando no outro as sugestões para incentivar o professor a ser em promotor de leitura, assim dando continuidade ao estímulo que, nesse sentido, o caminhão representava no imaginário dos alunos.

O seminário "Leitura, Escola e Cidadania", realizado em 1997 no Anhembi, em São Paulo sintetizou esses momentos, firmando o Leia Brasil como um programa de ação cultural e de transformação social, aprofundando as discussões sobre uma política de leitura que fosse capaz de diminuir o número de analfabetos funcionais no país.

Falando em números, em 1998, com a inclusão dos municípios de Diadema, São Bernardo do Campo, Ilhabela, Caraguatatuba, Bertioga e Sumaré, o Leia Brasil no Estado de São Paulo, com seis bibliotecas volantes, passou a atender 24 municípios, 200 escolas, quase 180 mil alunos e mais de 7 mil professores. Em 1999 e 2000, com a inclusão dos municípios de Santana de Parnaíba e Barueri, as bibliotecas volantes passaram a sete, para o atendimento a 211 escolas, quase 190 mil alunos e 7500 professores.

O Programa crescia sem perder a qualidade inicial. Para incrementar o "dia diferente" dedicado à leitura, atividades especiais acompanhavam o caminhão-biblioteca: eram as exposições itinerantes, os contadores de histórias, as visitas de autores, que conversavam com os alunos sobre seus livros, sobre o processo de criação, sobre as personagens... As Secretarias de Educação, compreendendo a importância do Leia Brasil para a transformação das práticas leitoras na escola, o apoiavam em todos os seus aspectos. A grandiosidade da exposição feita em São José dos Campos, no final de 1998, sob o tema "A imagem – uma viagem do homem através do olhar" foi uma prova disso. Para armar a estrutura que deu conta da temática do ano, além dos especialistas do Programa, os professores tiveram, por exemplo, oficinas adicionais com fotógrafos e diretores de teatro.

Os grupos de alunos contadores de histórias se multiplicavam. Alguns professores passaram a fazer núcleos de leitura também com os alunos. Como

resultado desse trabalho, em 1999, com o patrocínio da Petrobras de Guarulhos, alunos da EE. Professor "Mário Bombassei Filho" lançaram o livro "Nascendo escritores", que até hoje consta do acervo da biblioteca volante. Em Mauá, pela observação das atividades do Leia Brasil e reconhecendo a importância da leitura na formação de seus filhos, um grupo de mães mobilizou a comunidade para levantar, no corredor de uma escola que não possuía espaço para a construção de uma biblioteca, prateleiras onde se pudessem colocar livros de literatura. Outras experiências nesse sentido foram os "carrinhos de leitura" e as "caixas de leitura", iniciativas que ocorreram em municípios como Hortolândia, Santos e São Paulo. O reconhecimento público veio também pela via política: os prefeitos de Santana de Parnaíba, São Bernardo do Campo e São Sebastião ganharam, em 2000, o prêmio Prefeito Criança, pelo desenvolvimento de projetos relacionados à infância, entre eles o Leia Brasil.

Uma pedrinha jogada nas águas tranqüilas de um lago provoca a formação de círculos concêntricos que abalam sua superfície: em 2001, com a mudança gerencial da Petrobras, o Leia Brasil deixou de ser um programa corporativo da empresa e se transformou num programa de relacionamento comunitário de cada uma de suas unidades. Essa mudança administrativa primeiro retardou o funcionamento do Programa que, naquele ano, apesar de todo o sucesso alcançado em suas iniciativas de incentivo à leitura, no Estado de São Paulo só começou a funcionar no segundo semestre, e com menor dimensão. Ficaram apenas duas bibliotecas volantes que, transitando por 93 escolas de sete municípios (São Paulo, Mauá, Santos, São Vicente, Cubatão, Praia Grande e Guarujá), colocavam seu acervo à disposição dos quase cem mil alunos e quatro mil professores da rede pública dessas cidades. Vinte municípios saíam do Leia Brasil, sem que nada pudéssemos fazer.

Na biblioteca volante há um livro chamado "A última flor amarela" (L&PM), do artista plástico e cartunista Caulos, que conta, por meio de uma fábula, uma história de resistência da natureza: um homem zangado tenta aniquilar a natureza, mas ela renasce, resistente, não naquele lugar, mas do outro lado do mundo, na forma da última flor amarela que o homem havia se empenhado em destruir. Penso nessa história para lembrar dos leitores resistentes às intempéries que somos. Dizem mesmo que quando uma porta se fecha, as janelas se abrem do outro lado: assim, apesar dos tempos sombrios, um fato gratificante em 2001 foi, pois, a entrada do Leia Brasil no Estado do Paraná, acontecimento que tive a satisfação de acompanhar, como coordenadora regional na implantação do Programa.

No Estado de São Paulo, porém, o Leia Brasil só retornou em 2004, trazido pela Refinaria Presidente Bernardes – Cubatão (RPBC). Recebera novo

direcionamento e outro nome: Programa de Leitura da Petrobras. É preciso destacar que a RPBC, por intermédio de sua Assessoria de Comunicação (posteriormente Gerência de Comunicação), sempre acompanhou muito de perto as atividades da biblioteca volante, os cursos para a formação de contadores de história e as reuniões entre os especialistas e os gerentes do Leia Brasil. Pôde ver o brilho no olhar de cada professor, pôde sentir a alegria das crianças ao escolher um livro. Viu, sentiu e percebeu que um programa que incentiva a ler, num país cuja população escolar tem sérias deficiências na compreensão em leitura, como revelam as avaliações institucionais, não podia parar. Foi assim que, graças ao patrocínio da RPBC, a Baixada Santista retornou ao Programa, agora com novo nome. Dessa nova fase, no Estado de São Paulo apenas a Baixada Santista participa, com uma biblioteca volante que percorre 54 escolas dos municípios de Santos, São Vicente, Cubatão e Guarujá, envolvendo cerca de 50 mil alunos e dois mil professores.

A passagem do Leia Brasil para Programa de Leitura, entretanto, não se fez sem cortes e esses deixaram marcas: "(...) *as marcas, invisíveis, são mais rosto que o rosto visível. Pelas marcas conhecem você*" (E. Galeano, *As palavras andantes*. Porto Alegre: L&PM, 1994). Antes, cada município tinha reuniões próprias, em separado dos demais, envolvendo no máximo 35 participantes. Esse número pequeno e a constância das reuniões mensais favoreciam o envolvimento, criavam um clima de aconchego e cumplicidade que eram tecidos a cada encontro, puxados pelo fio das emoções afloradas no compartilhamento dos textos e que davam a cada participante o caráter identificador de pertencimento a um grupo. Havia também o encontro para as trocas de experiência e, além disso, os núcleos de leitura estavam em plena atividade. Na atual estrutura, são cinco encontros ao ano, reunindo num mesmo local professores dos quatro municípios, o que eleva a participação para um número variável entre de 120 a 180 pessoas, quantidade que, acrescida à impossibilidade de se garantir sempre a presença dos mesmos participantes, dificulta a existência de maior entrosamento entre eles.

O importante é que, apesar dessas marcas, somos resistentes. Além disso, temos na mente e no coração as marcas da memória afetiva e da relação amorosa com a literatura, que é animada pelos cursos proporcionados pelo Programa de Leitura e pela dinamização dos textos da revista Leituras Compartilhadas, feita pelos especialistas. Assim, para leitores ávidos de bons textos, os especialistas tornaram viva a leitura das revistas *Rios, Diferenças, Viagens*, *Amizade*, *Ciúme*, *Lixo*, *Cartas*, *Juventude e Violência*, *Escolhas*, *Meio Ambiente*, *Trabalho*, *Família*, *Identidade*, *Brasilidade* e *Narrativa Dramática*. Em cada uma, um texto prende o leitor, seja na consideração da leitura como manifestação da liberda-

de e prática social, seja na convivência prazerosa com a literatura. Em cada especialista, uma estratégia diferente aponta para possibilidades de uma prática leitora renovada. Em cada participante/ouvinte, um encantamento faz renascer a certeza do poder de transformação pela leitura.

Essa certeza se apóia também na leitura dos textos produzidos pelos alunos para os concursos promovidos pelo Programa de Leitura, respectivamente nos anos de 2004, 2005 e 2006: "*Se esta história fosse minha*", "*Carta ao meu personagem preferido*", "*Você precisa saber*". São produções prenhes dos livros lidos, revelando leitores incipientes cujo gosto, já despertado, é preciso cultivar. É esse o compromisso do Programa de Leitura com a educação pública brasileira.

É um compromisso que começou bem antes. A cerimônia de sua iniciação no Estado de São Paulo ocorreu há doze anos. O caminho que o Programa hoje percorre tem muito do barro amassado pelas rodas do Leia Brasil. Dizem que são necessários dez longos anos para se modificar um comportamento. Hoje, muitos reconhecem a importância pedagógica do Programa de Leitura, considerando-o um instrumento eficaz para a mudança da atitude do professor quanto à promoção da leitura. Esse reconhecimento, aqui na Baixada Santista, foi concretizado no Prêmio Berta Lutz, que recebi em 2006, do Clube Soroptimista Internacional - seção de Santos, pela "minha" atuação na área da Cultura. É evidente que esse prêmio não é meu, mas de todos os companheiros de jornada, que comigo percorreram longa estrada e continuam acreditando na premissa "professores leitores, alunos leitores". Então, esse prêmio tem marcas que vêm de longe no tempo e no espaço. Ele pertence à Adriane, de São Sebastião; à Gisele, de São José dos Campos; ao Valmir e à Marta, de Campinas; à Alda, de Mauá; à Mary Kawauchi e à Ana Maria Stuginski, de São Paulo; à Lúcia Helena, de Santos. Pertence também aos especialistas que souberam despertar em nós a paixão pelas diferentes formas de ler o mundo: Alfredina Nery, Ana Lúcia Silva Souza, Bartolomeu Campos Queirós, Benita Prieto, Celso Sisto, Chico dos Bonecos, Edson Florentino José, Eliana Yunes, Ezequiel Theodoro da Silva, José Mauro Brant, Lucinha Fidalgo, Maria de Lourdes Soares, Marina Colasanti ... Pertence à Petrobras, que investe na formação de leitores. E, especialmente, pertence a Jason Prado, diretor da ONG Leia Brasil, homem de visão que soube conceber um programa apaixonante, capaz de modificar o cotidiano escolar por intermédio da convivência prazerosa com a literatura e que nos faz caminhar em direção à utopia de, pela leitura, transformar para melhor esse país.

É, esta história começou bem antes. Contada por mim neste momento, mas elaborada por tantas mãos que – bem sei – o "eu" e o "nós", o passado e

o presente se emaranham na narrativa. Algumas dessas mãos são anônimas. Outras se perderam no tempo e na distância, mas contar a história do Leia Brasil/Programa de Leitura da Petrobras, no Estado de São Paulo é trazê-las de volta, na tentativa do vínculo único e permanente. Por isso, esta história está grávida de muita gente, que se destaca nas entrelinhas. E porque esta história continua, também os fios da narrativa do Programa de Leitura continuam se tecendo no dia-a-dia, coletivamente, com as diferentes cores que a iluminam e animam, guardando as marcas indeléveis de cada um que experimenta a paixão pela leitura.

Sueli de Oliveira Rocha é licenciada em Letras, com especialização em Literatura Comparada, Teoria da Literatura, Lingüística e Língua Francesa. É coordenadora, na Baixada Santista, do Programa de Leitura da Petrobras-RPBC pelo Leia Brasil, ONG de promoção da leitura. É também membro do conselho editorial dos jornais Bolando Aula, Bolando Aula de História e Subsídio e da equipe pedagógica do Gruhbas Projetos Educacionais e Culturais.

Entrelaçando minha história de vida com livros

Tania Mariza Kuchenbecker Rösing

"A literatura é uma área que se situa na inclusão de todas as dimensões humanas, de tudo o que é humano. Nada de humano lhe é estranho, estrangeiro."

Edgar Morin

Zaqueu, Rute e Noemi, Sansão e Dalila, o bom Samaritano, o Semeador, o Peregrino, Noé, Jesus Cristo são personagens das narrativas lidas para mim através da voz de minha mãe. Depois vieram os contos tradicionais: Chapeuzinho Vermelho, Cinderela, Branca de Neve e os sete anões. O gato de botas...

Nasci num lar cristão. Meus pais eram metodistas. Freqüentavam os cultos, participavam da Escola Dominical, liam a Bíblia, estudavam o seu conteúdo, manuseavam-na com destreza demonstrando intimidade com a mesma. Fomos criados meus três irmãos e eu a partir desses parâmetros.

Minha mãe era uma grande contadora de histórias. Conhecia muito bem os episódios bíblicos, especialmente aqueles que poderiam chamar minha atenção e, evidentemente, traziam embutidos um grande ensinamento. Minha mãe assumia um tom muito, muito suave em sua voz. Cantava hinos, corinhos aprendidos na Igreja. Assim, cantando e contando parábolas, por exemplo, D. Mercedes entoava canções que se relacionavam com aquela determinada história. Nesse ambiente eu começava a cantar, conseguia reproduzir partes dos episódios relatados... Fui embalada por canções suaves, verdadeiras narrativas cantadas. Comecei a conhecer mais sobre a Bíblia, encantada pela forma usada por minha mãe para contar histórias. Era uma mulher muito determinada,

muito talentosa, vocacionada para a tarefa de ensinar. Tudo tinha um tom pedagógico, moralista, felizmente. Era o melhor que sabia fazer para contribuir com a construção do meu interior. Desejava ardentemente que eu fosse uma pessoa correta, positiva em minhas ações, exemplar em minha conduta, que desenvolvesse liderança na Igreja, na escola.

Em nossa casa havia livros e revistas da Escola Dominical cujas lições eu precisava estudar antes de ir à Igreja a cada domingo. Minha mãe me ensinava a procurar os versículos na Bíblia. Assinávamos a Revista Bem-te-vi, produzida pela Igreja Metodista para crianças. Ao final de cada ano, todos os números dessa revista eram reunidos e encadernados a fim de que pudéssemos, muitas vezes, retomá-los e reler o seu conteúdo. Diariamente, era feita a leitura de O Cenáculo, uma revista com reflexões diárias sobre situações problemáticas de vida, culminando com uma leitura bíblica relacionada com essas situações e finalizando com uma oração já proposta a cada dia.

Nosso acervo não era grande, mas o que tínhamos era lido mesmo. Estudei somente numa escola – Instituto Educacional de Passo Fundo – da rede metodista de ensino, onde permaneci desde o Jardim de Infância até concluir o Curso Científico. Nesse ambiente, os prêmios oferecidos aos alunos eram livros. Costumava-se presentear os colegas com livros. Costumava-se freqüentar a velha biblioteca e retirar livros para ler em casa. Além dessas obras, lembro-me de ter lido O Pequeno Príncipe aos oito anos. Quando um colega de aula completou dez anos, seus pais presentearam-no com a obra completa do Monteiro Lobato. Como éramos muito amigos e ele sabia que eu cuidava dos livros, emprestou-me um a um para que entrasse no mundo encantado das histórias de Lobato.

Meu pai teve pouco tempo de escolaridade. Exercendo o ofício de alfaiate, era um homem de bom gosto, sensível à música erudita, um leitor da Bíblia e de jornais, especialmente do Correio do Povo. Propiciou o estudo de piano a seus quatro filhos os quais assim o fizeram, apesar das dificuldades financeiras que enfrentava. Não media esforços para comprar partituras, métodos de piano, coleções de grandes compositores. Por isso mesmo, entre os livros de nossa casa encontravam-se biografias de grandes compositores como Bach, Chopin, Schumann, Lizt entre tantos outros. De tudo que meu pai lia retirava uma lição de vida. Para cada acontecimento inesperado ou mesmo rotineiro ele sempre tinha um versículo específico da Bíblia para reforçar o que pensava a respeito. Não deixava de repetir os dez mandamentos. Por ser a caçula, tive a oportunidade de ficar em casa por muito tempo sozinha com meus pais. Seu Gustavo dizia: "Tania Mariza, tens uma missão a cumprir. Não podes deixar de fazer aquilo para o qual Deus te enviou ao mundo." Minha mãe me dizia a todo instante: "Lembra, Tania, somos pobres, teu pai não tem dinheiro para

pagar nenhuma sujeira...(ela se referia a questões de namoro, a inaceitável perda da virgindade, uma possível gravidez antes do casamento, fazendo-me tremer diante da aproximação de qualquer rapaz ainda na adolescência, mesmo amigo...pensava eu, em certos momentos, que espermatozóides penetravam até por um olhar mais malicioso...)

Minhas primeiras experiências de leitura estavam atreladas a esse compromisso com os ensinamentos bíblicos, com o desenvolvimento da retidão de caráter e de um comportamento exemplar. Quando eu tinha dez anos, minha mãe foi a um Congresso de Senhoras. Dessa viagem a Santa Maria trouxe-me dois livros de presente: Polyanna e Polyanna Moça. Li os dois livros muito rapidamente. Gostei muito daquela narrativa, assim como curti muito, alguns anos depois, assistir à série no cinema *Sissi*, *Sissi a Imperatriz, Sissi e seu destino* no âmbito da ingenuidade da adolescência da época e do romantismo que envolvia meus sonhos.

Meu gosto por textos literários foi se ampliando a partir das leituras dos clássicos indicados pelos professores do Curso Ginasial. A professora de Religião, Luíza Blanco Ferreira, era habilidosa na arte de contar histórias. Em suas aulas, estudávamos a biografia de grandes homens como David Livingstone, Albert Schweitzer. Contava pequenos episódios da vida desses homens ilustres e, ao final de cada aula, criava um suspense, aguçando nossa curiosidade para sabermos como seria a continuidade. Passei a me envolver com biografias.

Ao mesmo tempo que eu lia o que era pertinente à formação de uma leitora bem comportada, sentia vontade de ler revistas e livros proibidos. Retirava os últimos da biblioteca da escola e lia à noite, antes de dormir, colocando o livro proibido dentro de um outro para não ser flagrada por minha mãe. Assim foi com *Bom dia Tristeza,* de Françoise Sagan, *A carne*, de Júlio Ribeiro, por exemplo.

Nossos professores não nos perguntavam sobre preferências de leitura: indicavam os clássicos e pronto! Líamos por prazer ou por obrigação, mas líamos tudo. Passamos por Erico Veríssimo, José de Alencar, Manuel Antônio de Almeida, Rui Barbosa, Machado de Assis, Eça de Queirós, Camilo Castelo Branco, Gonçalves Dias, Castro Alves, chegando aos modernistas Manuel Bandeira, Mário de Andrade, Oswald de Andrade, Graciliano Ramos, Rachel de Queirós, Jorge Amado...

Ao ingressar no Curso de Letras, passei a ampliar as leituras, embora as exigências não fossem em quantidade, mas leituras indicadas pela qualidade dos textos para serem lidos em profundidade. Os textos de autores da época em que eu era universitária, autores vivos e contestadores, não eram referidos, especialmente porque vivíamos o período da ditadura. Era mais confortável e

seguro, na ótica de nossos professores, continuar com os clássicos e deixar a literatura de contestação de lado.

Conforme fui adquirindo autonomia com a idade, com a formação familiar, escolar e universitária, com o casamento, passei a ser mais curiosa, menos obediente, mais transgressora. Manifestei à professora de Literatura Brasileira o desejo de fazer minha monografia de final de curso, em 1968, sobre a obra de Plínio Marcos, o dramaturgo perseguido pelos abomináveis discípulos da ditadura. Fui a São Paulo para entrevistar três personalidades: Plínio Marcos e os críticos Anatol Rosenfeld e Sábato Magaldi. Não sabia bem da importância desses dois críticos, mas entrevistei-os. Li *Navalha na Carne* e *Dois perdidos numa noite suja* em polígrafos que me foram doados pelo próprio Plínio Marcos. Conversei algum tempo com ele. Foi muito receptivo, muito simpático e preocupou-se em me viabilizar a leitura de textos críticos sobre sua obra "proibida". Ao finalizar a monografia e entregar o trabalho para a professora responsável pela "orientação", disse-me ela que não poderia avaliar a monografia uma vez que não conhecia o autor. Depois de concluir um trabalho que não foi orientado, e receber uma declaração dessas, foi uma grande decepção com a falta de profissionalismo demonstrada.

Ao mesmo tempo em que estudava na Universidade, exercia o magistério no Instituto Educacional onde havia feito toda minha formação primária e secundária e, também, numa escola estadual. Sempre trabalhei com Literatura Portuguesa e Brasileira e procurei desenvolver entre os alunos um gosto pelos textos literários. Procurei fazer o inverso do que havia aprendido com meus professores: indicava obras de autores brasileiros vivos, obras recentes, interessantes, a partir de preferências dos alunos e da disponibilidade no mercado editorial. Essa trajetória paralela divergia dos conteúdos de História da Literatura constantes dos manuais didáticos e da ordem dos representantes dos diferentes movimentos literários.

Quando comecei a lecionar no Curso de Letras, trabalhei, inicialmente, com Literatura Portuguesa. Tinha a facilidade de comprar livros portugueses teóricos sobre História da Literatura Portuguesa, livros de ficção e poesia (meu cunhado era piloto da Varig, viajava para Lisboa). Não era tarefa fácil despertar o gosto dos universitários pela Literatura Portuguesa, mas organizava estratégias que despertassem interesse pelos textos clássicos portugueses. Após alguns anos, deixei a Literatura Portuguesa de lado para trabalhar com Literatura Brasileira. Doei a maioria dos meus livros portugueses para a Biblioteca Central da Universidade de Passo Fundo.

Além de concluir o Curso de Letras, realizei o Curso de Pedagogia – Supervisão Escolar. Após a conclusão do curso de especialização em Metodolo-

gia do Ensino Superior, comecei a ministrar aulas no Curso de Pedagogia - Séries Iniciais. Era o final dos anos 70. Começava no país o interesse pela literatura infanto-juvenil e as pesquisas sobre leitura. Verifiquei que os alunos da Pedagogia eram primeiros leitores dos contos maravilhosos, dos contos de fadas. Como iriam trabalhar com literatura nas séries iniciais se não conheciam os contos tradicionais? Como divulgariam os contos modernos?

No início da década de 80, após um desentendimento com a coordenadora do Curso de Pedagogia, fui interpelada pela mesma para que não trabalhasse a literatura infanto-juvenil com as alunas desse curso. Entendia a coordenadora que as crianças da periferia, em qualquer localidade brasileira, jamais teriam a oportunidade de ler contos de fadas, narrativas clássicas, poesia. Isto era perda de tempo. Agindo de acordo com meu modo de ser, uma vez proibida, aí é que dei ênfase à leitura de livros infanto-juvenis, transgredindo as determinações da "chefe". Consegui que o Diretor da Faculdade de Educação comprasse, gradativamente, livros de literatura infanto-juvenil os quais passaram a constituir um acervo volumoso e variado com verba dos cursos de férias. Aos sábados, colocava parte desse acervo infanto-juvenil da Universidade em meu carro e me dirigia a praças, pátio de escolas para oferecer livros aos meninos e meninas que por ali passavam.

O trabalho era muito gratificante. Meninos que vendiam pastéis, roscas, frutas deixavam suas bandejas suas cestas sobre a grama, interrompiam suas vendas e paravam para se envolver com os livros disponibilizados naquele recanto popular. Podiam ler sem nenhuma interferência. Eram muito procurados os livros da Coleção do Pinto, nome dado em função da primeira obra - *O menino e o pinto do menino* -, cujos títulos chamavam a atenção dos pré-adolescentes e cujos conteúdos eram polêmicos e, por isso mesmo, de seu interesse como *O Primeiro Canto do Galo* e *Rita está acesa*, falando da primeira ereção e da primeira menstruação.

Aumentava o interesse, paralelamente a essas ações, de alguns professores e dos alunos de Letras e de Pedagogia pelos livros infanto-juvenis, por textos teóricos sobre o novo conceito de leitura apresentado por Paulo Freire – *Importância do ato de ler* – pelo conteúdo da tese de doutoramento transformada na obra *O ato de ler: fundamentos para uma nova pedagogia da leitura*, de Ezequiel Theodoro da Silva, e pelo livro organizado por Regina Zilberman, intitulado *Leitura em Crise na Escola.*

Em 1981, tive um encontro casual com o jornalista e escritor Josué Guimarães, momento em que lhe falei do desejo de organizar um evento com escritores gaúchos, empregando uma metodologia diferenciada – ler antecipadamente ao encontro, a obra dos escritores convidados. Realizou-se a 1ª Jornada Sul-Rio-Grandense de Literatura, quando foram lidos por 250 professo-

res textos de autoria de Josué Guimarães, Armindo Trevisan, Cyro Martins, Antônio Carlos Resende, Carlos Nejar, Moacyr Scliar, Mário Quintana e de dois jovens escritores, Sérgio Cappareli e Deonísio da Silva. Propus aos possíveis participantes da 1ª Jornada uma leitura individual seguida de debates tanto entre alunos do Curso de Letras quanto entre professores estaduais de diferentes áreas do conhecimento, interessados nessa nova proposta. Dessa forma, aproximei-me ainda mais da literatura produzida no Rio Grande do Sul, partindo das obras dos autores vivos para, posteriormente, estimular alunos e professores a lerem outros títulos de autores já falecidos, cujas obras revelavam grande qualidade, algumas consideradas clássicas.

Após a avaliação da 1ª Jornada de Literatura Sul-Rio-Grandense, Josué sugeriu que o evento fosse bienal e nacional. A partir da 1ª Jornada Nacional de Literatura, realizada em 1983, com a presença de Millôr Fernandes, Otto Lara Rezende, Fernando Sabino, Luiz Fernando Veríssimo, Lya Luft, Luiz Antônio de Assis Brasil, Josué Guimarães na condição de coordenador dos debates, passei a desenvolver entre meus alunos um compromisso com a leitura de textos de qualidade de autores vivos para, posteriormente, chegar aos clássicos com maior entusiasmo.

Passados 26 anos de Jornadas Literárias, com a participação de 576 escritores e pesquisadores nessa trajetória, estando já em sua 12ª edição nacional, minha opção por conhecer e valorizar as obras atuais e estimular meus alunos a se envolverem com as mesmas foi uma opção correta, uma vez que me aproximou do que é produzido no momento, no Brasil e no mundo, a fim de envolver os alunos de diferentes níveis de escolaridade com "tribos" de novos autores, chegando, posteriormente, aos clássicos.

Paralelamente às Jornadas Literárias, fui convidada para participar do grupo de 10 especialistas em leitura para organizar as orientações a serem seguidas nas diferentes regiões brasileiras do Programa Salas de Leitura da Fundação de Apoio ao Estudante – FAE - mantida pelo Ministério da Educação, em 1984, orientando os professores de diferentes escolas a organizarem salas de leitura mais informais para estimularem a leitura. No âmbito desse projeto, foi criada uma sala de leitura no prédio do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade de Passo Fundo, onde os alunos de Letras, de Pedagogia podiam ler o acervo enviado pelo MEC, podiam retirar os livros por empréstimo. O projeto foi se alterando e, ao final de cinco anos, desapareceu a doação de livros pela FAE. Na região de abrangência da Universidade de Passo Fundo, criamos 1127 salas de leitura que permaneceram em pleno funcionamento até a chegada ao Governo Estadual de Alceu Collares, quando essas salas todas foram fechadas pela Secretaria de Educação. É mais fácil destruir do que cons-

truir .Exercer a função de bibliotecário, de dinamizador de acervos não era função de professor na ótica dos dirigentes desse período...

Nessa mesma época, havia um projeto patrocinado pela IBM Brasil desenvolvido somente em capitais brasileiras, intitulado Projeto Encontro Marcado, dirigido pelo jornalista Araken Távora. Anunciavam a vinda de um escritor cuja apresentação em determinada cidade era precedida de um vídeo com duração de vinte minutos com uma entrevista feita por Araken com esse escritor. Após a apresentação do vídeo, o autor em questão entrava no palco e falava ao vivo com os participantes. Considerando o trabalho que eu liderava em Passo Fundo sobre leitura, consegui incluir Passo Fundo entre as capitais que recebiam esses escritores. Tive o privilégio de trazer aos leitores de Passo Fundo Fernando Gabeira, Márcio Souza, Rubem Braga, Ignácio de Loyola Brandão, Thiago de Melo, Oswaldo França Júnior, Ferreira Gullar, estimulando cada um e todos a lerem as obras desses importantes escritores brasileiros. Infelizmente, tempos depois, esse programa foi desativado.

Transformei a sala de leitura do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas no Centro de Referência de Literatura e Multimeios, em funcionamento ao lado da Biblioteca Central, desde setembro de 1997. Esta ação pode ser entendida como o primeiro grande desdobramento das Jornadas Literárias de Passo Fundo. Em conjunto com um grupo interdisciplinar de monitores, a partir de um planejamento sério, contínuo, permanente, desenvolvem-se nesse espaço inovador práticas leitoras multimidiais de segunda a sexta nos três turnos e, aos sábados, pela manhã e à tarde. Passei a orientar o trabalho desse grupo na perspectiva de que a formação do leitor e a formação dos formadores de leitores devem abranger o texto apresentado em diferentes suportes, ao lado do entendimento e da valorização das linguagens peculiares às diversificadas linguagens de manifestações artístico-culturais. Ampliou-se o leque de minhas experiências de leitura que abrangem, com o mesmo grau de importância, textos literários, fílmicos, musicais, plásticos, fotográficos, arquitetônicos, só para citar alguns.

Para concluir o mestrado em Letras na PUCRS, sob orientação de Regina Zilberman, realizei um estudo investigativo comparando o comprometimento de alunos estagiários do Curso de Pedagogia:Séries Iniciais e o de estagiários do Curso de Letras em classes de 5ª a 8ª séries com atividades de leitura. Esse trabalho resultou na dissertação do mestrado e na publicação da obra *Ler na Escola: para ensinar Literatura no 1º, 2º e 3º Graus*. Estava preocupada em cotejar o envolvimento dos alunos de Pedagogia com os de Letras em relação à leitura, cujo resultado surpreendeu-me sobremaneira: os alunos de Pedagogia comprovaram estar mais comprometidos com atividades de leitura em suas ações docentes do que os de Letras.

Já no doutorado, na mesma instituição, defendi tese a partir de uma investigação realizada com onze professores de Prática de Ensino, sujeitos da pesquisa, atuando em quatorze cursos de Licenciatura. Procurei identificar o que entendiam por leitura em sentido amplo, sentido restrito, texto, distinção de gêneros textuais e aspectos abordados na interpretação de diferentes tipos de textos impressos com alunos das diferentes licenciaturas. Constatei o distanciamento/desconhecimento desses professores dos novos conceitos de leitura, de texto e a dificuldade de abordagem de textos peculiares a distintos gêneros textuais. O resultado desse trabalho gerou a publicação intitulada *A formação do professor e a questão da leitura*.

Com essa trajetória rumo à formação de leitores, atualmente, estou mais do que convicta de que o caminho que escolhi para minhas leituras e para a indicação de leituras aos meus alunos através das Jornadas Literárias, das práticas leitoras propugnadas e desenvolvidas entre distintos públicos leitores no Centro de Referência de Literatura e Multimeios, no Mestrado em Letras da Universidade de Passo Fundo, tem promovido resultados positivos. Optei por desenvolver minhas investigações na linha de pesquisa Leitura e formação do leitor. Considerando as inovações tecnológicas, a chegada da Internet e o envolvimento especialmente dos jovens com esse meio eletrônico, não se pode pensar que chegou o fim do livro. Pelo contrário, o envolvimento com a Internet, através do hipertexto, aguça a curiosidade de internautas em conhecer o livro em sua forma tradicional. Há um desejo de cotejar o conteúdo apresentado entre os diferentes suportes e a fidelidade entre os mesmos. Há uma grande autonomia na escolha dos textos a serem lidos, a partir das informações e do envolvimento com grupos de orkut em meio eletrônico, na visitação e participação em blogs...

Os problemas de leitura que enfrento hoje enquanto professora do ensino superior estão relacionadas à falta de comprometimento com a leitura nas famílias, nas escolas, nas bibliotecas, nos agentes culturais, nos dirigentes governamentais. Existe um pacto pelo faz de conta. Há que se transformar a leitura, o livro numa necessidade. Há que se demonstrar a necessária ampliação do conceito de leitura entre os leitores de distintas faixas etárias. Dessa forma, será possível estabelecer no país uma cultura de leitura. De nada adianta enviar livros, CDs, DVDs, computadores aos milhares de escolas existentes nos diferentes recantos deste Brasil sem que se desenvolva uma política de formação contínua dos formadores de leitores. Há que se mostrar o que ler, como ler, em que suportes ler, convencendo cada um e todos acerca da importância do envolvimento com a leitura na construção interior de cada pessoa e nos diferentes papéis que exerce em sociedade. A leitura se constitui num ato individual e numa prática social que pode contribuir para o desenvolvimento da cidadania.

Penso no infinito número de analfabetos existentes em nosso Brasil. Penso na inutilidade das campanhas que vislumbram apenas transformar analfabetos em alfabetizados. Abomino avaliações que se constituem apenas em diagnósticos e não propõem mudanças efetivas. Sonho com o processo de letramento dessas pessoas, ampliando-lhes as possibilidades de atuarem em diferentes grupos sociais, adquirindo autonomia, lutando por seus direitos, exigindo e realizando transformações. Sonho com a ampliação do contato desse povo com as manifestações da cultura letrada e com a valorização da cultura popular. Sonho e trabalho muito para que as pessoas sejam críticas dos produtos da indústria cultural. Trabalho continuamente pela formação de leitores críticos junto com um grupo de pessoas que almeja alcançar o mesmo objetivo. A leitura individual precisa ser compartilhada. O debate precisa ser desencadeado após diferentes leituras, respeitando-se a história de cada leitor.

Quem forma o leitor crítico, forma o eleitor crítico. Sem dúvida, essa possibilidade é uma ameaça aos detentores do poder.

BIBLIOGRAFIA

FREIRE, Paulo. *A importância do ato de ler*. São Paulo: Brasiliense, 1983.

PIROLLI, Wander. *O menino e o pinto do menino*. Coleção do Pinto. Belo Horizonte: Comunicação, 1986.

ALVARENGA, Terezinha. *Rita está acesa*. Coleção do Pinto. Belo Horizonte: Comunicação, 1979.

PELLEGRINI, Domingos. *O primeiro canto do galo*. Coleção do Pinto. Belo Horizonte: Comunicação, 1977.

ROSING, Tania M. K. *Ler na Escola*: para ensinar literatura no 1º, 2º e 3º Graus. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1988.

____. *A formação do professor e a questão da leitura*. 2ª ed. Passo Fundo: UPF Editora, 2001.

SILVA, Ezequiel Theodoro da. *O ato de ler:* fundamentos para uma nova pedagogia da leitura. São Paulo: Cortez, 1981.

ZILBERMAN, Regina (org.) *Leitura em crise na escola*: as alternativas do professor. Porto Alegre: Mercado Aberto,1982.

Tania Mariza Kuchenbecker Rösing é doutora em Letras pela PUC?RS, professora da Universidade de Passo Fundo/RS, coordenadora do Centro de Referência de Literatura e Multimeios, criadora e coordenadora das Jornadas Literárias de Passo Fundo.